

Introdução

A atracção física interpessoal tem sido estudada pontual e especificamente para detalhes físicos, no sentido de se perceber se um determinado aspecto físico tem ou não influência na atracção interpessoal.

Atracção física interpessoal é, no âmbito deste trabalho, a capacidade potencial que um sujeito tem de atrair fisicamente outro, para além da adequabilidade social e em função do desejo deste (Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

Assim, a nossa investigação destina-se a saber quais as expectativas dos dois sexos em relação ao que em cada um deles atrai o outro, o que realmente atrai fisicamente no outro sexo e verificar a consistência entre as primeiras e o segundo.

Berscheid e Walster (1974) atribuem a falta de interesse por este tema e conseqüentemente a falta de estudos científicos acerca dele, a dois aspectos. Um, o facto de os sociólogos não lhe darem a importância que tem e o outro devido à dificuldade de estudar as conseqüências da beleza, o que distribui o desinteresse pelas duas ciências, a sociologia e a psicologia.

Zimbardo, por sua vez, salienta que é curioso que, sendo as relações íntimas interpessoais fundamentais na vida dos humanos, estejam há tão pouco tempo a ser estudadas pela Psicologia Social (Miller, Perlman & Brehm, 2007).

Não foi preocupação nossa fazer uma formulação teórica de tipo dialéctico, apresentando posições antagónicas sobre os diversos temas abordados e discutindo-as, uma vez que para além de isto não se inclui nos objectivos do

presente trabalho, não se nos afigura produtivo, excepto se se tratasse de um trabalho de revisão bibliográfica, ou de discussão temática, o que não é o caso.

Além disso, é procedimento fortemente desencorajado pelo Publication Manual of the American Psychological Association (2003, pp. 16-17) onde se lê:

Controversial issues, when relevant, should be treated fairly. A simple statement that certain studies support one conclusion and others support another conclusion is better than an extensive and inconclusive discussion. Whatever your personal opinion, avoid animosity and ad hominem arguments in presenting the controversy.

Sabemos que estudos experimentais e/ou de outros tipos metodológicos apresentam resultados contraditórios entre si. É o caso de Winch que em 1958 provou que os casais são mais compatíveis quando as necessidades de um são preenchidas pelas do outro e Fishbein e Thelen, em 1981 puseram esta conclusão em causa (Neto, 2000). É também o caso do trabalho de Kulik e Harackiewicz, em 1979, que mostrara que as mulheres se sentiam mais atraídas por homens andróginos ou mesmo com personalidade mais feminina e o de Kimlicka, Wakefield e Goad, em 1982, que provou que as mulheres preferem para companheiros homens estereotipicamente masculinos (Desrochers, 1995).

Assim sendo e ainda mais quando as condições de observação, os instrumentos de avaliação, ou a estrutura do modelo de estudo não são exactamente iguais, ou há diferenças nas amostras os resultados de trabalhos feitos sobre um mesmo objecto de estudo e com os mesmos objectivos variam (Hakuta, 1986; Neto, 2000).

Decidimos construir um suporte teórico coerente, dando uma panorâmica alargada das perspectivas teóricas existentes, apoiado em fontes científicas que

procurámos que fossem recentes e que sustentam a linha de pensamento que propomos neste trabalho, sem prejuízo de sabermos que existem estudos que chegaram a conclusões diferentes dos que utilizámos e textos teóricos que apresentam argumentação e raciocínios diferentes daqueles em que nos baseámos e do que nós próprios construimos.

Entendemos expectativa como a representação mental da relação entre a acção do sujeito e o mundo exterior, isto é, o que ele espera que aconteça no contexto em sua volta (Richelle, 2001) e preferência como “Seleccção ou escolha de estímulos (...). Gostar de uma coisa mais do que de qualquer outra” (Chaplin, 1981, p. 436).

Para este estudo, baseámo-nos num trabalho de que, há cerca de duas dezenas de anos atrás, tomámos conhecimento, por acaso. Uma investigação feita por Paul Lavrakas, ligado então à Universidade de Loyola, nos Estados Unidos, publicada em revista que estávamos a folhear e de que conseguimos retirar a tabela de resultados, em que estudava as expectativas dos homens acerca do que neles atrairia as mulheres e a realidade que realmente as atraía.

Os resultados mostravam uma clara discrepância entre as expectativas masculinas, centradas basicamente em factores indicadores de masculinidade e de força física e as escolhas femininas que apontavam para factores mais atenuados.

Decidimos inicialmente fazer um estudo idêntico em Portugal, uma vez que se trata de um campo de investigação pouco trabalhado no nosso país e que, por dizer directamente respeito às relações interpessoais, é sempre actual. Torna-se ainda mais importante na medida em que, por força da pressão dos movimentos que lutam pela igualdade de direitos e oportunidades e não só, começa a haver indicações de alguma alteração da relação de equilíbrio tradicionalmente pendente

a favor do homem, (Lippa, 2007) o que deixa a mulher mais livre para poder escolher fisicamente, se assim o entender.

Atendendo a que na investigação de Lavrakas, não foram recolhidos elementos no sentido contrário (expectativas das mulheres e realidade das preferências dos homens) optámos por fazer uma pesquisa *ex post facto*, de levantamento (Rodrigues, 1986) de extensão deste estudo (Hill & Hill, 2002) e trabalhar o tema nos dois sentidos, expectativas do homem e realidade feminina, assim como expectativas femininas e realidade masculina.

O trabalho de Paul Lavrakas abriu-nos uma porta de investigação que entendemos ser extremamente interessante e motivadora, ao contrastar as expectativas com as realidades e pôr em destaque as distinções entre umas e outras, que salientam claramente algumas diferenças entre os géneros, pelo que decidimos avançar para a investigação agora relatada, de âmbito mais amplo.

Por outro lado interessa-nos saber se, com o tempo, se registam alterações em termos das expectativas e das preferências das pessoas, tanto mais que a teoria aponta, nalguns casos, para a aproximação entre homens e mulheres no que respeita a elementos físicos de atracção (Lippa, 2007).

Infelizmente, apesar de todos os esforços que enveredámos, não foi possível mais do que confirmar que Paul Lavrakas esteve ligado à Universidade de Loyola, mas sem conseguirmos obter uma pista que nos permitisse alcançar os dados completos do trabalho por ele realizado.

Por esta razão, sempre que fazemos comparações entre os resultados dos nossos estudos e os do trabalho de Paul Lavrakas, que acima referimos, não possuímos referência bibliográfica.

Utilizámos porém dados do mesmo investigador, de outra investigação (1975) sobre as preferências das mulheres em relação ao físico dos homens, que se encontram devidamente referenciados no texto.

Existem vários estudos sobre o que homens e mulheres acham mais atractivo nas mulheres e nos homens, mas de um ponto de vista mais abrangente, incluindo aspectos como religião, etnia, status social, etc. e não apenas sobre o que do ponto de vista físico especificamente, mais atrai.

Além disso, depois de todas as pesquisas efectuadas, as regras que regem a atracção entre os seres humanos estão ainda pouco claramente definidas (Carey, 2006) pelo que aprender os mecanismos que orientam as escolhas é avançar neste campo e contribuir para melhor se conhecer o contexto social em que vivemos possibilitando uma melhoria na maneira de lidar com ele, através da sua mais clara compreensão.

Entendemos por isso ser pertinente estudar este tema, uma vez que ele faz parte do quotidiano das pessoas e que, a partir da atracção/repulsão interpessoal, se constrói ou se evita construir toda uma rede de interacção social que passa pelo contexto laboral, pelo círculo de amigos e pelo envolvimento emocional/sexual.

Na presente investigação avançámos para além do trabalho pioneiro da Lavrakas, uma vez que trabalhámos nos dois sentidos, como atrás referido, mas procurámos também que os elementos da amostra construíssem um modelo pessoal de beleza física de ambos os sexos, assim como saber se as pessoas fazem as suas escolhas com uma base que percebem ser um modelo pessoal de beleza, ou um estereótipo e ainda se se incluem e incluem o(a) companheiro(a) nesses modelos, se o(a) tiverem na altura em que respondem.

Utilizámos questionários, o que Miller, Perlman e Brehm, (2007) apontam como frequente na investigação nesta área, que foram evoluindo ao longo do tempo, até ao Questionário de Atracção Física Interpessoal de Silva Pinto e UAL (QAFISPUAL) que foi usado no estudo 4, com estes objectivos mais amplos e diversificados.

A preferência pela utilização do método de inquérito é suportada pelo facto de este ser particularmente valioso no estudo das relações interpessoais (Miller, Perlman & Brehm, 2007).

Atendendo a que homens e mulheres são diferentes fisiologicamente, sociologicamente e psicologicamente, pensamos que as suas respostas em termos de expectativas e preferências podem apresentar inconsistências entre sexos, alicerçadas naturalmente nessas diferenças essenciais de base, podendo, principalmente no que se relaciona com a área de influência sociológica, registar-se alterações, ao longo do tempo e da própria mudança social.

Este trabalho divide-se em duas partes. A primeira aborda teoricamente o tema em estudo e divide-se em dois capítulos. No primeiro deles estuda-se as diferenças entre homens e mulheres. O segundo capítulo trata a atracção interpessoal, fundamentalmente do ponto de vista físico, abordando também a formação das impressões, o conceito de modelo de beleza que propomos e uma aproximação teórica à influência dos estereótipos de beleza difundidos socialmente.

A segunda parte expõe os estudos empíricos, começando com uma explicação sobre o trabalho de Lavrakas e abordando depois os quatro estudos que fizemos, na sua sequência lógica e cronológica.

Em cada um dos estudos seguimos o mesmo princípio de exposição, começando com os objectivos, população e amostra, instrumento, procedimento, resultados, discussão e conclusões.

Do conjunto das quatro investigações retirámos algumas conclusões gerais e o trabalho termina com considerações finais.

Procurámos seguir as 28 regras estabelecidas por Sternberg (2003a) para a escrita de trabalhos em psicologia, escrevendo (a) para o leitor, (b) cientificamente, (c) com clareza e precisão e (d) sem enaltecer a nossa investigação, seguindo assim as indicações da American Psychological Association (2003).

Todos os resultados, discussões e conclusões apresentadas são referentes às nossas amostras apenas, não contendo nenhuma generalização para além delas, por o não podermos fazer, dado tratar-se de amostras de conveniência, portanto não representativas da população portuguesa, ou mesmo da dos estudantes universitários em Portugal.

Atendendo a que alguns resultados muito interessantes não podem ser explicados através da metodologia quantitativa que utilizámos, decidimos fazer um estudo exploratório qualitativo, através de entrevistas, para obter algumas possíveis indicações explicativas para eles.

**ATRACÇÃO FÍSICA INTERPESSOAL NUMA
POPULAÇÃO DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DO
AJUSTAMENTO DAS EXPECTATIVAS À
REALIDADE**

Primeira Parte

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“O homem só pode ser senhor dos seus actos
no dia em que, como o pintor, aceitar reproduzir
com a máxima fidelidade, aquilo que um *écran*
apropriado lhe tiver sabido mostrar (...)”
(André Breton, *O amor louco*)

“A meu ver, o xador – essa vestimenta que encobre
o corpo e o rosto da mulher no Oriente – talvez seja
uma versão visível e exagerada de uma psicologia
igualmente presente nos ocidentais e orientais.”
(Shere Hite, *O orgulho de ser mulher*)

1. Homens e Mulheres. Iguais ou Diferentes?

“Até os homens e as mulheres se vão
assemelhando, encorajados pelos ‘media’”
(Miguel Esteves Cardoso, *A causa das coisas*)

“A cama é antes de mais uma encruzilhada.
Aí se cruzam o sono, o amor e a morte.”
(Daniel Roche, *Uma cama para dois*)

“É que não se pode ignorar a história de mais
de metade da população e, por isso, nunca é
demais “falar de mulheres”.
(João Esteves, *Falar de mulheres: Silêncios e memórias*)

Desde que há homens e mulheres sobre a Terra que as diferenças entre eles existem. Carrada e Jannini (s.d.) referem um gene do cromossoma Y, descoberto por cientistas ingleses em 1991, dizendo que ele é o responsável pela diferenciação do homem, a partir da mulher.

Ora a tradição proveniente dos textos bíblicos aponta para outra coisa bem diferente. “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu: e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela, que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher: e trouxe-a a Adão.” (Bíblia Sagrada, 1968: Génesis, 2, 21-22, p. 7).

Estudos recentes, como por exemplo os apresentados por Doreen Kimura (2004) apontam para a existência de diferenças inegáveis entre homens e mulheres que, ao longo dos séculos e do correr das civilizações, foram sendo aproveitadas para acentuar a demarcação dos dois campos, hoje chamados géneros.

Não serão tantas e tão marcadas as diferenças fisiológicas e de capacidades, que expliquem o, por vezes, quase abismo entre homens e mulheres, tanto mais que as que existem intra-sexos são notórias (Touraine, 2007) ou mesmo maiores do que

as que se verificam entre os dois sexos (Poeschl, Múrias & Ribeiro, 2003) mas existem indubitavelmente e podem explicar muitas divergências comportamentais.

Segundo Cyrulnik (2004) atingem o apogeu na adolescência, quando a rapariga se torna apta a ser mãe. Connell, Sheridan e Gardner (2003) salientam que em contraste com o pequeno número de competências específicas da maioria dos animais, os humanos apresentam elevada capacidade de representação abstracta, acrescida pela influência cultural sobre a inovação e o armazenamento do conhecimento o que facilita a diferença intra sexo e inter-sexo.

Por sua vez Mayer (2003) afirma que as diferenças de desempenho cognitivo entre as pessoas dependem das diferenças individuais em conhecimento especializado, que por sua vez estão sujeitas à diversidade das experiências da pessoa e que esta depende ainda das diferenças individuais quanto a capacidades, estabelecendo assim uma ligação entre o genético e o social.

Enquanto isso, Ackerman e Beier (2003) dizem que as diferenças de género detectadas em traços chave com influência em testes de conhecimentos de domínios específicos podem ser responsáveis por variações significativas nas diferenças de género globalmente encaradas. Baseiam-se na ideia de que, socialmente influenciados, homens e mulheres tendem a acumular quantidades diferentes de informação sobre diferentes assuntos, produzindo então resultados dissemelhantes.

Também Ceci, Barnett e Kanaya (2003) concluem, num trabalho de revisão, que é mais importante descobrir a especificidade que em cada criança servirá de catalisador do seu desenvolvimento, do que alterar directamente o meio em que ela vive, sem conhecer este elemento chave, o que estabelece uma vez mais uma ponte entre o inato e o contexto.

A inteligência emocional, que cada vez merece maior interesse dos psicólogos, e a que foi reconhecida uma posição de grande importância no êxito do ser humano na sua vida diária é, também ela, um misto de inato e aprendido (Goleman, Boyatzis e McKee, 2007).

Já em 1974 David Lazer da Universidade de Harvard (1980) dizia que as diferenças genéticas podem ter influências diversas no desenvolvimento de características pessoais e que as correlações entre genótipo e ambiente, que podem geralmente ser desprezadas em animais e plantas, são quase sempre importantes quando se trata de seres humanos

Poucos anos depois Jesuíno (1979) referindo-se a um processo adaptativo/evolutivo que é a selecção militar dizia que mais importante do que seleccionar para a entrada é seleccionar ao longo do tempo. Preconizava que se fizesse isso através dos diversos filtros institucionais que vão apurando gradativamente os indivíduos em função da sua evolução e adaptação à instituição e aos seus objectivos, ou seja, uma selecção que tem em conta não só o potencial trazido no momento do concurso, mas também o que a pessoa vai conseguindo aprender ao longo do tempo, por força da intervenção do grupo sobre si.

As relações entre o biológico e o aprendido são uma fonte de estudo inesgotável e Morin, já em 1978 punha o dedo na ferida ao questionar as tentativas de alguns de colocarem a biologia como uma redução dos fenómenos humanos à sociologia animal, à etologia.

Aquele pensador discordava das explicações encontradas para a agressividade dos jovens nos anos conturbados de 1968-1970 através do facto de os jovens macacos serem agressivos para os adultos, dizendo que era uma “(...) explicação

perfeitamente estúpida, pois porque é que em 1970 eles eram mais agressivos do que noutra época?” (Morin & Silva, 1978, p. 96).

Konrad Lorenz (1979) fala nisto procurando separar as guerras, enquanto invenções humanas destrutivas, da “luta pela vida” no sentido Darwiniano de selecção natural e, por isso de programação adaptável às circunstâncias, o que também não explica a questão colocada por Morin.

Se a agressividade a que se refere fosse adaptativa no sentido Darwiniano, isso significaria que as gerações humanas a partir do fim da década de sessenta seriam mais agressivas, o que não parece ter qualquer confirmação visível.

A agressividade porém, pode ser gerada por razões bem diferentes, como nos mostra Millet (s.d.).

Há mesmo quem defenda que a intimidade é anti-natural e que o que há a esperar é o individualismo e agressividade entre os sexos, sendo a relação de casal artificial e anormal (Gellman & Tordjman, 1989).

1.1 *Diferenças Genéticas*

“Mas é interiormente, através do jogo das hormonas
que se passa o essencial do desejo.
(Jean-Didier Vincent, *Biologia das Paixões*)

“O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.”
(Fernando Pessoa, *Poemas Escolhidos*)

“Se cada um de nós desenhasse o seu próprio corpo
segundo o ditado do seu olhar interior, obteríamos
uma bela galeria de monstros.”
(Catherine Millet, *A Vida Sexual de Catherine*)

Dizem Carrada e Jannini (s.d.) relativamente à referida tradição bíblica que o atrás citado gene se chama “Tdf” (Testis-determining factor) e que a costela é ele, o que Levay (1993) confirma e Kimura (2004) afirma acerca disso que a maioria

das diferenças entre os dois sexos é devida ao cromossoma Y, ainda que isto possa ocorrer de forma não directa.

As opiniões sobre a não verdade científica daquela formulação bíblica são cada vez mais numerosas e consistentes. “Podemos resumir o processo de diferenciação sexual dizendo que a forma ‘por ausência de especificação’ ou ‘básica’ dos mamíferos corresponde a um organismo do sexo feminino, sendo que o organismo do sexo masculino pode ser considerado uma variação daquele” (Kimura, 2004, p. 38).

Ora sabe-se que as diferenças relacionadas com o cérebro não são tão simples nem tão facilmente redutíveis a este tipo de esquematização (p.e. Kimura, 2004). Já o comportamento agressivo, por exemplo, é facilmente treinável, ainda que e uma vez mais, aspectos ligados à biologia e à fisiologia do sujeito possam ter uma palavra a dizer, quanto aos níveis de agressividade que se consegue fazer o treinado atingir.

Contudo também se concluiu que, mesmo em situação experimental de apresentação de filmes agressivos, os níveis mais elevados de agressividade a isso eventualmente imputáveis se verificaram em pessoas que antes da experiência apresentavam já comportamento mais agressivo, o que aponta para uma possível relação entre a estrutura biológica e a influência do meio (Monteiro, Vala, Saraiva & Costa, 1980). Para além disso, o homem deve grande parte da sua evolução à cultura, mas não estará completamente consciente deste facto sendo produtor de formas irracionais de comportamento dentro da racionalidade da biologia (Soczka & Vieira, 1981) confirmando assim a possível relação entre meio e constituição fisiológica.

Por outro lado, estudos acerca da agressão têm mostrado alguns dados surpreendentes em relação ao que o senso comum diz. Um exemplo disso é uma investigação feita no Canadá em 1986 que mostrava que aproximadamente um em cada cinco homens casados ou a viverem em união de facto, tinham no último ano exercido violência, pelo menos uma vez, contra a sua companheira. Apontava também para que as mulheres mostram disponibilidade para serem agressivas contra os homens com quem vivem, sejam maridos ou não, ainda que estudos efectuados nos Estados Unidos e na Escócia tenham mostrado que a violência feminina se desencadeia geralmente em auto-defesa e resulta em menos danos para as vítimas (Zeitlin & Brym, 1991).

Edley e Wetherell (1995) referem sumariamente um estudo feito em 1993 por Han Brunner sobre uma família holandesa em que os homens tinham historial de violência. Lembram Virginia Morel quando afirma que o que se pretende ter descoberto é que os homens violentos tinham um defeito genético particular em comum que influencia a produção de uma enzima que faz falhar uma série de neurotransmissores. Isto, por sua vez, permite que algumas substâncias químicas atinjam valores muito altos no cérebro, causando assim as respostas excessivas dos homens.

Esta explicação não é susceptível de se entender, excepto se se assumir que esse gene faz parte do cromossoma Y, uma vez que, se pertencer a qualquer outro, poderia ser transmitido igualmente às mulheres (Edley & Wetherell, 1995).

Os mesmos autores referem ainda o comentário feito por Gregory Carey que afirma que talvez este gene seja a causa de uma num milhão de agressões na população geral.

Kimura diz acerca da fuga à evidência da importância da biologia que:

O preconceito contra a explicação biológica parece ter origem nas ideologias igualitárias que confundem o conceito ocidental de tratamento igual perante a lei

(...) com a afirmação de que todas as pessoas são, de facto, iguais. As pessoas não nascem iguais em força, saúde, temperamento ou inteligência. Isto é pura e simplesmente um facto que nenhuma pessoa sensata pensará negar (2004, p. 18).

A constituição física do homem inculca-lhe uma consciência de si diferente da que a das mulheres lhes dá, sendo mais activa e agressiva (Bednarik, 1971) e, por outro lado, não se pode pretender obter desenvolvimento humano sem entrar em consideração com a estrutura da pessoa, a personalidade, que se desenvolve de maneira diferente de pessoa para pessoa (Tavares & Alarcão, 1992).

A partir de dissemelhanças bio-fisiológicas o ser humano desenvolve-se cognitivamente num sentido mais masculino ou feminino e, a partir destas distinções de base, é levado a encarar a vida do ponto de vista preponderantemente masculino ou feminino, sendo que segundo Sternberg (2000) a própria linguagem apresenta importantes diferenças de concepção estratégica.

O polimorfismo que é o nome dado à grande variação nos seres vivos devida à heterozigose permite diversidade evidente e elevada dentro do mesmo sexo (Skrzypczak, s.d.).

Mayer (2003) faz uma excelente síntese da relação entre as diferenças de ordem interna e de influência externa ao apresentar uma sequência que se inicia na inteligência fluida, encarada esta como processo para fazer alguma coisa, passa pela prática, cristaliza-se na competência, isto é, na inteligência como conhecimento ou sabedoria e termina no desempenho cognitivo.

Por seu lado Howe e Davidson (2003) não hesitam em afirmar que existem diferenças biológicas entre as pessoas que podem influenciar a sua carreira, os atributos físicos ou psicológicos, mas que não pensam que elas, no estado actual do conhecimento possam ser entendidas como um dom específico e altamente selectivo para uma dada capacidade.

Por exemplo, no que respeita à inteligência, não podemos esquecer que “with poor socialization, one’s intelligence is reduced” (Sternberg, 2003b, p. 253) o que apela para influência social na diferença.

E aqui sim, começa a entrar com grande influência o factor da pressão social, ou socialização, que não é neutro, nem equilibrado para os dois géneros, produzindo em conjunto com os outros factores de diferenciação as diferenças de género. Isto leva a afirmações como a de Klineberg (1972a, s.d., p. 299): “Frequentemente, observou-se, entretanto, que entre as pessoas portadoras de aptidão e realização excepcionais, denominadas por nós ‘gênios’ [*sic*], as mulheres são relativamente raras.”

Uma prova muito interessante de como as diferenças de base bio-fisiológica, isto é de sexo, podem ter consequências no desenvolvimento é salientada por Sternberg (2000) ao referir Deborah Tannen e os resultados das suas pesquisas sobre a linguagem em contexto social, publicados em 1986, 1990 e 1994. Estes estudos sugerem que as crianças de sexos diferentes aprendem a linguagem e a conversação em ambientes basicamente separados, interagindo principalmente com outras do mesmo sexo, pelo que umas entram num estilo de conversação e as outras noutro.

Com o crescimento continuam a manter esses estilos e assim se explica, segundo a autora, que em adultos homens e mulheres mantenham conversação

com estilos muito diferentes que podem levar a desentendimentos sérios, ou mesmo rupturas. As diferenças culturais em que são criadas e em que aprendem a conversação originam compreensão diferente dos objectivos dessa conversação.

A base bio-fisiológica determinará seguramente outras diferenças de aptidão e mesmo do ponto de vista emocional e umas e outras podem levar a uma melhor ou pior percepção e compreensão dos papéis de género, com a consequente maior ou menor adaptação a eles, ou seja, ao socialmente adequado ao sexo do sujeito e ao outro.

Daqui até entendermos que as diferenças são simplesmente de carácter social, vai um longo e intransponível caminho, para nós. As diferenças bio-fisiológicas entre homens e mulheres, cada vez mais e melhor se sabe, não se resumem a umas quantas especificações físicas exteriores que aliás, sendo a base e objectivo deste trabalho, podem não ser as mais importantes na diferenciação entre géneros.

1.2 A Socialização e as Diferenças Sócio-Culturais

“Onde o homem procura tranquilidade e solidão
a mulher busca companhia e vínculos”
(Doris Märtin & Karin Boeck,
O que é a inteligência emocional)

“O objectivo de quase todos os autores que
analisam ou buscam transformar a situação
das mulheres é fazer com que elas desapareçam
- e consequentemente as categorias de género.”
(Alain Touraine, *O mundo das mulheres*)

“A mulher encontra-se encurralada no
mesmo beco sem saída dos homens.”
(Pierre Daco, *Compreender as mulheres*)

A nossa posição é de que existem diferenças bio-fisiológicas, diferenças devidas ao desenvolvimento cognitivo e diferenças sócio-culturalmente inculcadas, não

nos parecendo correcto que a diferenciação de comportamento masculino-feminino seja redutível a factores de intervenção social e/ou cultural. Lígia Amâncio parece pensar de outra maneira quando diz que “isto significa que o sexo dos indivíduos não pode explicar as diferenças nos comportamentos de homens e mulheres, senão na medida em que lhe evoca modalidades diferentes de identidade social” (1994, p. 164).

Não se trata portanto, segundo Amâncio, de pertencer e perceber o sexo a que pertence, mas de evocar uma identidade social. Tudo se passaria como se seres iguais (homens e mulheres) acéfalos e portanto sem capacidade para perceberem os seus sexos e géneros e os papéis de sexo e de género, pensassem, sentissem e agissem em conformidade com o que a sociedade lhes incute. Sendo indefesos e simultaneamente amorfos nessa sociedade que, sendo também ela constituída por seres (humanos) como eles, não se sabe como teria competências para exercer tal influência.

Aliás a mesma autora e na mesma obra, socorrendo-se de uma revisão bibliográfica feita por Maccoby e Jacklin em 1974, sustenta que só são consistentes os resultados das investigações quanto à superioridade do sexo feminino em capacidades verbais e do masculino em capacidades visuo-espacial e matemática e no comportamento agressivo. Afirma a seguir que as diferenças encontradas só são consistentes a partir dos onze anos de idade e concluindo que isso “(...) torna possível rejeitar definitivamente uma explicação biológica, enquanto que o papel da socialização na estimulação ou inibição de certas capacidades consoante o sexo se torna evidente.” (1994, p. 23).

Contudo, a controvérsia sobre se a difusão de agressão nos meios de comunicação é ou não desencadeadora de agressão nas crianças e jovens mantém-

se e isto leva a ter de se admitir que o tema agressão é muito mais vasto e complicado do que a simples classificação das pessoas em “bons rapazes” e “maus rapazes” (Tate, 2008).

A Teoria dos papéis sociais de Eagly defende uma ideia semelhante (Vieira, 2006), mas já Touraine (2007) tem opinião diferente.

Mesmo sendo o papel da socialização realmente evidente, o da base bio-fisiológica não o é menos, manifestando-se desde tenra idade, como, por exemplo nos diz Nossintchouk (1998) em relação ao odor característico dos órgãos sexuais masculinos e femininos que afirma ser adquirido muito antes de atingida a puberdade.

Independentemente da afirmação atrás referida de Amâncio, parece claro que, devido à actuação das hormonas, cujo terceiro pico é precisamente na puberdade (Brizendine, 2006; Kimura, 2004), é a partir da idade indicada por aquela autora que os sexos se distinguem definitivamente.

Esta diferenciação definitiva acontece para além do seu muito anterior início, com a formação dos órgãos genitais e da ocorrência dos dois primeiros picos daquela hormona que se verificam entre as oito e as vinte e quatro semanas (Brizendine, 2006; Kimura, 2004) e desde o nascimento até aos cinco meses (Kimura). Em nosso entender, isto aponta exactamente para a evidência contrária, de que é o mecanismo hormonal (leia-se bio-fisiológico) que determina, em princípio, a diferenciação dos sexos.

Se de alguma maneira Albuquerque (2006, p. 62) confirma esta realidade quando, referindo-se à dramática e falhada tentativa de um psicólogo americano para adaptar ao género feminino um rapaz que sofrera perda do pénis, afirma que a experiência deste jovem foi “(...) exactamente oposta àquela a que Money

dogmaticamente o quis forçar, ou seja, claramente indicativa do papel decisivo dos genes e da biologia pré-natal na construção da identidade e do papel do género (masculino ou feminino).”

Resultados ainda piores terão tido dois outros casos de rapazes que, depois de acidentalmente terem perdido o pénis, foram criados um, como menina e o outro como rapaz, mas nenhum se terá adaptado à situação e ambos se suicidaram (Hipólito, comunicação pessoal, Julho 1, 2008) ⁽¹⁾.

Dados de um estudo feito por William Reiner, nos Estados Unidos, sobre 25 crianças que nasceram sem pénis, mas com testículos intactos e que foram submetidas a intervenções cirúrgicas para extracção dos testículos e reconstrução feminina, ainda na infância, parecem apontar no mesmo sentido. Elas continuaram a ter comportamento masculino e, quando conhecedoras do que se passara, optaram por viver como homens. Dois outros que não foram castrados mostraram adaptação muito melhor do que estes (Meninos castrados, 2008)

Não queremos contudo invalidar as influências que se relacionam, por um lado com o desenvolvimento cognitivo e consequente descoberta pela criança do seu género de pertença e, por outro com a sociedade e a cultura, sob a forma de socialização. É esta socialização que leva à interiorização desse mesmo sexo e à criação de predisposições como a que Ceitil (2003) menciona sobre a razão que faz de nós, por um lado indivíduos adultos, masculinos, brancos e racionais, portanto dominantes dentro da mesma óptica racional.

A autora interroga-se a seguir sobre se essa mesma razão terá ainda espaço e disponibilidade para receber crianças, mulheres, negros e pessoas irracionais, ressaltando entretanto as primeiras que considera reabilitadas pela psicanálise que

permitiu que se conviva com elas e com a criança que existe dentro de cada um de nós, em certa paz.

Em nosso entender Marques (2004, p. 14) resume esta conjugação de influências de maneira excelente: “(...) vamos tornar-nos homens ou mulheres, também por termos nascido com sexo diferente, construindo e internalizando os papéis adequados, conforme o quadro histórico-cultural vigente.”

Na nossa posição estão contidas as três abordagens explicativas das diferenças entre géneros muito bem resumidas por Edwards e Whiting (1980): o modelo biológico, que salienta os factores biológicos e fisiológicos; o modelo do desenvolvimento que coloca a tónica na descoberta e interiorização do género pelos rapazes e raparigas, o que conduz à escolha de diferentes tipos de comportamento; e o modelo da socialização que se centra nas inter-relações directas e indirectas dos agentes de socialização, colocando cada um deles a tónica da determinação do género do sujeito na influência dos respectivos factores.

Não é fácil compreender nem aceitar que um ser fisiologicamente igual a outro, passe a ter comportamentos, sentimentos e emoções diferentes apenas devido à pressão social; em primeiro lugar porque há homens e mulheres e são diferentes, pelo que já não partem da igualdade; e em segundo porque a permissividade do ser humano tem limites e o termo socialização não tem o sentido que assim se lhe daria de formatação, ou de uma *espécie de clonagem* generalizada de todo o ser humano, em que em relação a uns se decidia que fossem homens e agissem como tal e outros fossem mulheres.

Aliás estudos feitos sobre a interacção social por Waldrop e Halverson em 1973 mostraram que, embora sem qualquer espécie de pressão para tal, os meninos

tinham relações mais vastas e brincavam em grupos maiores já na média infância, enquanto as meninas da mesma idade se relacionavam preferencialmente com uma ou duas amigas muito próximas (Williams, 1983).

Zunich (1964) verificou que crianças de três e quatro anos perante um puzzle demasiado difícil reagiam de maneira muito diferente. Enquanto os meninos pediam ajuda, se desorganizavam e reagiam emotivamente, acabando por claudicar, as meninas perseveravam, pedindo informação, pedindo contacto com o experimentador e tentando resolver o problema sozinhas. Isto foi interpretado por uns como maior dependência das meninas e por outros como uma tentativa de coping e não uma fuga da ameaça.

Não parece razoável imputar diferenças deste tipo e nestas idades, apenas à influência da socialização, ainda que esta possa interferir, se se pensar que os meninos podem ter sido socializados desde o nascimento no sentido masculino de não falhar, pelo que desistem quando isto acontece; as meninas, mais dentro da ideia de que delas não se espera muitos e repetidos êxitos, poderiam ser levadas, uma vez perante a dificuldade, a serem mais persistentes.

Aliás Williams (1983) refere que alguns estudos apontam para que as mães tendem a proporcionar situações de separação, autonomia e exploração do meio preponderantemente aos filhos rapazes, mantendo com as filhas laços de maior proximidade.

Isto vem em auxílio da tese da socialização como responsável pelas diferenças, mas naturalmente como um contributo para o estabelecimento delas e só. Skynner e Cleese (s.d.) fornecem uma outra explicação que, ainda que fortemente mergulhada nas raízes psicanalíticas, é plausível e faz todo o sentido. Dizem eles que, quando, por volta dos três a quatro anos, num momento a que chamam

atravessar a ponte entre os dois lados de um rio imaginário que separa o papel masculino (do pai que se encontra numa das margens) do papel feminino (da mãe que está na outra, com as crianças) elas agem de maneira diferente, consoante o seu sexo.

Os meninos largam simbolicamente a mão da mãe e atravessam a ponte, correndo para o pai com quem vão fazer a sua identificação de género, enquanto as meninas irão brincar em cima dela, podendo mesmo atravessá-la quando quiserem, mas regressarão ao lado da mãe, identificando-se com ela em termos de papel de género.

Ora isto oferece uma visão diferente e que, uma vez mais, aponta a evolução bio-fisio-psico-afectiva como proporcionadora da diferenciação entre meninos e meninas. E ainda que a sua consequência facilite a aprendizagem dos respectivos papéis, desvanece-se a ideia de que é a socialização por si só que faz a diferença.

Além de tudo para que a ideia da socialização produtora única das diferenças pudesse ser aceite, era necessário que ela tivesse acontecido de uma forma única em todas as crianças, o que se sabe que é, no mínimo, altamente improvável.

Também é importante que não se perca de vista que as crianças de um mesmo sexo são diferentes entre si, o que leva a que a interiorização do género se faça também de modo diferente.

Além disso, as diferenças entre os sexos não são susceptíveis de ser apontadas generalizadamente, em termos de um ter determinada característica que o outro não tem e quando se fala de diferença de género estamos a falar da média dos desempenhos de um e do outro género numa determinada tarefa ou área de acção (Williams, 1983).

Parece muito oportuno salientar a respeito das diferenças de percepção, avaliação e comportamento que a sociedade mostra relativamente aos dois géneros e que resultam em parte destas diferenças agora focadas, o que dizem Phillips e Pugh (1998, p. 132) ao abordarem a questão:

Quando um doutorando sai para tomar uma bebida com o seu orientador, diz-se que ele é uma pessoa ambiciosa e sociável; porém, quando é uma mulher que está nessa situação, diz-se que está a tentar seduzir o orientador ou que até já tem um “caso” com ele.

Do mesmo modo se sabe que a atribuição de valores positivos ao papel masculino e negativos ao feminino (Marques, 2004; Veyne, 1989) faz parte de uma longa e distorcida construção social e cultural. Mas, isso não justifica a tentativa de esconder diferenças que claramente umas vezes jogam a favor da mulher e outras do homem, mas que são diferenças reais do ponto de vista biológico e fisiológico (Carrada & Jannini, s.d.; Kimura, 2004).

Marques contudo chama a atenção para que “O género antecedeu os sexos” (2004, p.18). Segundo esta autora, só no século XIX se começou a distinguir o sexo diferenciado das pessoas, uma vez que até aí elas eram tratadas de modo diferente, mas com base na cultura da época, na socialização e portanto no género. A mulher, em termos de sexo, era considerada como um masculino inferiorizado e incompleto, em que os próprios órgãos sexuais eram idênticos aos do homem, ainda que localizados diferentemente, sendo a vagina um pénis interior, o útero o escroto e os ovários os testículos também interiores (Marques, 2004).

É uma perspectiva inovadora que, procurando interpretar a evolução histórica da diferença inverte a sequência de utilização real dos conceitos, sexo e depois género, para género e depois sexo.

É sobre alguns testemunhos históricos que queremos começar por fazer uma rápida passagem, por forma a apoiarmos a nossa concepção de que, a partir das diferenças do foro bio-fisiológico, factores sociais, legais e consuetudinários criaram mantiveram e/ou ampliaram através dos tempos, muitas diferenças de sexo estendendo-as assim ao conceito e à diferenciação de género.

Do ponto de vista das percepções sociais e da influência que elas têm sobre os equilíbrios e desequilíbrios entre as pessoas individuais e entre as categorias sociais, nem tudo são diferenças entre homens e mulheres, naturalmente. Mas as que existem são suficientemente numerosas e importantes para mostrarem uma influência inegável na evolução do homem e da mulher. Essa influência, ajudou, pelo menos até determinada altura, a uma separação mais ou menos imposta e que, porque vigente, potenciava ainda mais aquelas diferenças já existentes (Carrada & Jannini, s.d.; Erikson, 1983; Kimura, 2004).

1.3 A Lei e os Usos

Basta simplesmente pôr em dúvida
a virtude das mulheres.
(Castan, *O público e o particular*)

“Os homens gostam da guerra porque ela lhes permite
parecerem sérios. Porque é a única coisa que faz as
mulheres pararem de se rirem deles.”
(John Fowler, *The Magus*, citado por
Kate Muir, *Arms and the woman*)

“Estas longas separações são perigosas,
o amor escorrega por areais incertos.”
(Isabel Allende, *Paula*)

Se se olhar para a história humana pode ver-se que a actual estrutura hierárquica entre homens e mulheres já foi mais fraca, ou mesmo terá não existido nalguns

períodos (Lee & Daly, 1987), mas a generalidade dessa história mostra outra coisa.

Uma breve passagem por dois livros sagrados, a Bíblia e o Alcorão, dá-nos desde logo algumas indicações de diferença de tratamento, ou, o que é mais importante, de regulamentação de tratamento.

Assim na primeira podemos ler que o homem era aconselhado a prestar atenção à mulher e a se lhe dedicar, pelo menos após o casamento. “Quando algum homem tomar uma mulher nova, não sairá à guerra, nem se lhe imporá carga alguma; por um ano inteiro ficará livre na sua casa e alegrará a sua mulher que tomou.” (Bíblia Sagrada, 1968: Deuteronomio, 24-5, p. 219). Mas estas sábias disposições ficam algo prejudicadas perante outras:

Quando um homem tomar uma mulher, e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá de sua casa (id. 24-1, p. 218),

desfazendo-se assim, com a maior simplicidade, a hierogamia entre o Céu e a Terra, a que Eliade (s.d.) se refere.

Não encontramos referências que equilibrem esta situação em sentido contrário, isto é, se a mulher encontrar coisa feia no olhar do marido não pode repudiá-lo, nem enviá-lo para a sua casa.

Porém, Ramos (2001) salienta que, embora no Antigo Testamento a maternidade seja a função essencial da mulher com a conseqüente influência decisiva no seu estatuto e na condição da mulher, no Novo Testamento existem relatos que a apresentam a trabalhar nas comunidades cristãs e não apenas em funções secundárias, mas igualmente como organizadoras.

E a Bíblia (1968) dá disso alguns testemunhos, por exemplo quando São Paulo recomenda Febe e exorta a que a recebam como convém aos santos (Epístola de São Paulo aos Romanos, 16-2); ou quando, nos versículos seguintes, lhes roga que saúdem outras mulheres de que enuncia os méritos que o levam a fazê-lo, como, entre outras, Priscila, Maria, Trifena, Trifosa e Júnica que recebe o título de Apóstola. Segundo Hipólito (comunicação pessoal, Junho 9, 2008) ⁽¹⁾ o título de *Diácona*, conserva-se até hoje na Igreja Anglicana, juntamente com o de *Bispa*, que é o das sucessoras dos Apóstolos e portanto o topo da hierarquia.

No Alcorão (1978, Capítulo IV-20, p. 76) o desequilíbrio mantém-se: “Se desejais trocar uma esposa por outra e haveis dado a uma delas um quintal, não tomeis nada dele no momento do divórcio,” o que, embora impedindo que ela seja desapossada do que recebera anteriormente, permite a troca da esposa não desejada.

Noutra passagem lê-se sobre o adultério: “Contra aquelas das vossas mulheres que pratiquem adultério, buscai quatro testemunhas de entre vós. Se confirmarem, mantei-as [*sic*] cativas nos aposentos até que as chame a morte ou Deus decida da sua sorte.” (1978, Capítulo IV-15, p. 76). Para além do difícil entendimento da expressão “se confirmarem”, que não deixa antever uma base sólida da confirmação, não se encontra qualquer equivalente que a mulher possa aplicar ao marido adúltero.

Um exemplo muito pouco frequente de tentativa de tratamento em igualdade vem da Grécia antiga relativamente ao comportamento sexual, quiçá a mais íntima das situações humanas e, por isso mesmo a destacar. Utilizava-se apenas uma posição para a relação sexual, em que os parceiros se deitavam de lado fazendo uma concha com o corpo, porque assim nenhum dos envolvidos dominava o outro

(Ginger, 2007). Mas mesmo aqui, Rodrigues (2001) chama a atenção para que se tratava de uma sociedade cujo centro vital se circunscrevia à guerra e à política, o que a tornava masculina e centrada no masculino.

Mas havia inúmeras diferenças entre homens e mulheres, incluindo do ponto de vista sexual e Goldhill (2006, p. 71) diz mesmo que esta é a área em que elas mais se manifestam. Aponta o *amor grego*, “(...) ou, com mais pragmatismo, a “homossexualidade grega” como uma forma aceita de relação sexual entre homens, sendo a mais prestigiada, que constituía o modelo de ligação erótica. Enquanto isso, em relação à mulher, a ideia da atracção por outra, embora familiar, era considerada e referida pelos escritores, sempre do sexo masculino, “(...) como algo de monstruoso.” (Goldhill, 2006, p. 98).

Já no Egipto, segundo Carreira (2001), as referências são contraditórias, mas a presença de mulheres na corte ultrapassava a função visual de alindamento ou a de preenchimento dos tempos de lazer dos homens. Por outro lado os funcionários tinham instruções para tratarem as mulheres de acordo com duas simples regras: consideração e respeito.

Se passarmos ao grande marco da civilização ocidental que foi o Império Romano, encontramos muitas e pesadas diferenças. Uma das mais penalizadoras para a mulher terá sido a situação das escravas que, porque o eram, as colocava já no fundo da escala social e dava ao dono a possibilidade de, uma vez farto delas, rentabilizar o investimento feito, prostituindo-as (Pinto, 1991).

No século I a.C. nem todos os homens procediam da mesma maneira com as suas mulheres. O princípio seguido era que o pai de família governava a casa, mas o que se referia à esposa variava de caso para caso (Veyne, 1989).

Assim, alguns maridos entregavam a *cura* (ou governo) da casa e a chave do cofre à esposa, (Veyne, 1989) e isto leva-nos a uma primeira interrogação: Porquê? O que levava uns a fazê-lo e outros não? Não se vê que fosse uma questão de discriminação da mulher na sociedade romana, visto que nem todos seguiam esse procedimento. Parece pois que se está simplesmente, neste caso, face a uma questão de verdadeira confiança. Independentemente do casamento, ou o homem confiava na mulher e entregava-lhe a responsabilidade e, provavelmente, a honra de governar a casa e zelar pelos bens da família, sendo guardião da chave do cofre, ou ele não confiava e ela era afastada desses deveres.

Alguns séculos mais tarde, o problema da actividade ou inactividade doméstica da esposa mantinha-se:

A partilha do governo da casa dava lugar a frequentes querelas, a acreditar nos “Padres da Igreja”, inimigos do casamento: casar é submeter-se à autoridade da esposa ou então ter de suportar as suas recriminações. Por seu lado, os médicos recomendavam a primeira solução, porque é higiénico que uma esposa tenha alguma actividade: “vigiar o escravo padeiro, vigiar o feitor e dar-lhe os géneros de que necessita, dar a volta à casa para verificar se tudo está em ordem”. (Veyne, 1989, p. 82)

Esta diferença de opiniões embora pelo que diz respeito à posição dos médicos se compreenda, pode levar a alguma perplexidade perante o facto de os padres serem contra o casamento, uma vez que o não casamento era entendido como fomentando a devassidão; mas esta posição fundamentava-se na esperança de que não casar levasse à vida devota e casta, senão mesmo monástica, o que a pode explicar (Veyne, 1989).

Por outro lado, a autoridade da esposa é referida sem ambiguidade, pelo menos nas situações atrás referidas em que o marido, por nela confiar, lhe entregava o governo da casa e as chaves do cofre. Presumivelmente os homens que não queriam submeter-se a esta autoridade eram os que não cediam neste campo.

Contudo as mulheres nobres em Roma possuíam frequentemente a sua própria fortuna que não passava para o marido e tinham os mesmos direitos que os homens em termos de herança podendo não aceitar a autoridade do marido se fossem mais nobres e ricas do que ele. Permitiam-se não raras vezes desempenhar papel político de algum relevo (Veyne, 1989) e podiam fazer testamento dos seus bens de família (Thomas, s.d.) o que leva Guerra (2001) a dizer que a legislação romana não deixava transparecer com clareza que a mulher ocupasse uma posição inferior.

Segundo Veyne (1989) são uma vez mais os padres que censuram a vida das órfãs e viúvas que, uma vez que o pai ou o marido morreu, são donas de si próprias e no segundo caso muitas vezes mães de família. As ligações que estas mulheres construirão depois são mantidas em segredo nuns casos e divulgadas noutros, dependendo disso principalmente de ser uma jovem virgem, ou tida como tal, ou pelo contrário uma viúva. Não se pode deixar de salientar porém que no caso da jovem e uma vez que o descrédito nas capacidades femininas era muito grande, a sociedade preferia acreditar que ela tinha como amante o escravo administrador, pois seria incapaz de gerir a sua própria vida sem ter um *amo e senhor*, mesmo que escravo (Veyne, 1989) a que permanecesse sozinha.

Esta alusão à incapacidade de se governar a si própria, é uma ideia que perdurou por muito tempo e marcou a diferença entre homem e mulher, no sentido da dependência desta.

A ignomínia da mulher em Roma iria manter-se no início do Império, em que era tratada como ser inferior, completamente incapaz e impedida de interferir na política ou mesmo na vida política do marido. Podia fazer o que entendesse, desde que se mantivesse afastada desta actividade que era considerada exclusivamente masculina.

Mas nos finais do século IV a situação é bem diferente e por força da utilização sábia da sua riqueza, as mulheres que a possuem conseguem um status elevado, atingido através da caridade e protecção dos pobres e doentes nos hospícios (Veyne, 1989). Ainda assim vêm-se numa situação algo desconfortável, uma vez que nos pobres que socorriam se incluíam os membros do clero, que os pagãos viam como seres dependentes da riqueza destas mulheres, pressionados pelas obrigações para com elas daí decorrentes. (Veyne, 1989).

O desenvolvimento da comunidade cristã teve também um papel importante devido à férrea disciplina sexual imposta (Alberoni, 2006) que levava ao casamento muito precoce, como forma de satisfação do desejo proibido de maneira aceitável, o que acarretava alguma tendência para futuro divórcio.

Contudo este não era bem visto e a razão que servia de base à sua rejeição é uma vez mais elucidativa, pois que se considerava que o divórcio era a admissão por parte do homem da sua incapacidade para governar a mulher (Veyne, 1989). O ser inferior precisava de ser governado e, em caso de divórcio, o ser superior que devia fazer essa governação mostrava e admitia que não a fazia devidamente, o que não favorecia a sua imagem nem o seu status, pelo que o divórcio era mal aceite.

Configura-se assim uma espécie de hierarquia moral em que o desejável acima de tudo é a virgindade. Para quem não consegue este desiderato há a continência a

guardar da melhor maneira possível (Goldhill, 2006). Se mesmo esta não for atingível, então surge o casamento, sem divórcio autorizado e com o segundo casamento dos viúvos e viúvas a ser visto com maus olhos, já que uma primeira queda nesse erro seria considerada tolerância suficiente (Veyne, 1989).

No Império Bizantino, certamente para tentar controlar a desbragada procura de marido, o comportamento das mulheres era rigidamente vigiado e as regras eram minuciosas, o que leva um juiz de então a citar como comportamentos reprováveis os banhos e festas em companhia de não familiares e as saídas para assistir às corridas de cavalos (Veyne, 1989).

A lei previa, entre outras, como razão para divórcio as relações sexuais fora do casamento por parte da mulher e dizia igualmente que num casal adúltero a mulher seria mandada para um convento, tendo o marido o prazo de dois anos para a ir buscar. Contudo e numa linha de conduta completamente diferente, conhecem-se relatos de mulheres que foram simplesmente mandadas para sua casa porque era útil que o seu marido contraísse outro matrimónio (Veyne, 1989). Muldworf (1975) generaliza dizendo que os antropólogos mostraram que em todas as sociedades, quer sejam matriarcais quer patriarcais, os homens fazem troca das mulheres sem contestação.

A disparidade de critérios socialmente aplicados a homens e mulheres apresenta-se tão evidente, que Evelyne Patlagean (1989) diz que para se ter dela uma ideia precisa, se torna necessário que a investigação seja conduzida género por género e tendo em atenção as intenções dos autores dos textos.

As diferenças deste tipo permanecem evidentes na Idade Média em que se continua a entender a mulher como a parte má da humanidade, reforçando-se o poder patriarcal para tentar controlar esse problema (Duby, 1990b). Uma vez

“responsável pela queda de Adão e pelo pecado original, a mulher é considerada como o instrumento de Satã na terra” (Nossintchouk, 1998, p. 53) ideia que vingou também na comunidade protestante dos Estados Unidos (Levi, 2003) e que se prolongou até finais do século XIX.

É por isto que o comentário de um reputado crítico de arte escrito em 1893, sobre *Circe*, pintada por Arthur Hacker merece de Bornay (1990, p. 173) o parecer de que certamente o crítico estabelece uma semelhança entre a depravação sexual do tema e a sociedade do seu tempo. Conclui que “(...) implicitamente este paralelismo inclui o Eterno Feminino, como causa da ruína dos homens” e Couto (2008, p. 58) diz que “O destino das mulheres é serem culpadas. A idade torna-as ainda mais donas de perigosos saberes. Não é preciso prova”.

Ainda na Idade Média, em que Silva (2001) considera que ela tinha uma real personalidade jurídica que lhe foi depois sendo tirada até ao Renascimento, nota-se uma alteração importante em relação a Roma, principalmente sob a influência da Igreja Católica, em que se assume o dever de castidade da mulher até ao casamento, instituição sagrada cujo objectivo é a procriação (Nossintchouk, 1998).

Mas mesmo nesta perspectiva, subsiste a diferença radical entre homem e mulher, o que leva este autor a citar Duby dizendo que a moral pregada pelos padres acerca do matrimónio era uma moral criada pelos homens e a eles destinada. Eram considerados os seres responsáveis, o que salienta uma vez mais a ideia de irresponsabilidade da mulher e a diferença de comportamento sexual exigido antes do casamento.

Ao casamento seguia-se, para ela, uma vida de internamento em casa, no cumprimento das obrigações caseiras (Opitz, s.d.) e Vicente (2001) confirma esta

afirmação ao dizer que as descrições feitas pelos religiosos retratam parte da realidade, mas opõem-se à dureza da vida da maioria das mulheres no meio rural. Essa dureza não se circunscrevia às circunstâncias da ruralidade estendendo-se, por exemplo, ao facto de a mulher ter sido desde tempos muito antigos uma espécie de troféu de guerra para o vencedor (Amnistia Internacional, 1995).

Vivendo mais ou menos enclausuradas no chamado quarto das damas, para evitar que pudessem dar largas ao perigo potencial que se considerava que continham em si próprias, local onde os homens não tinham entrada senão em situações específicas, eram mantidas ocupadas, porque se considerava que a ociosidade era perigosa para aqueles *seres frágeis* (Duby, 1990b).

Com a aproximação à modernidade, parece ocorrer uma sedimentação do pensamento comum dos homens acerca da mulher, principalmente encabeçado pelos pensadores eclesiásticos que eram os que sabiam ler e escrever, mantendo-se a evidência do mal que o sexo feminino alberga, esse depósito de desejo e luxúria, sendo por isso preciso procurar controlá-lo (Casagrande, 1990; Duby, 1990b).

Como cumprir essa tarefa ciclópica? Fechando as mulheres em locais bem seguros onde só recebam quem se entender por bem que seja recebido e quando se decidir que é oportuno. Isto vai naturalmente resultar num problema ainda maior, uma vez que se uma mulher é uma evidente potencial fonte de perigo e de devassidão, o que dizer de um grupo delas vivendo em conjunto nos aposentos das damas, onde criam as crianças, tratam dos doentes e feridos e fazem trabalhos de arte doméstica? (Duby, 1990b).

Coloca-se então a questão de se saber o que farão elas durante as vinte e quatro horas do dia, uma vez que mesmo a dormir são fonte de desgraça, ocupadas em

ter e dar prazer umas às outras. Assim, um texto do século XII que Duby (1990a, p.91) refere diz que a mulher jovem está permanentemente sujeita à ferroada do desejo "(...) satisfá-lo normalmente na homossexualidade, e esta opressiva suspeição é atizada pela prática geral de dormirem várias mulheres no mesmo leito."

Não se pode deixar de comentar esta postura social que considera as mulheres como poços de desejo sexual, por isso perigos permanentes, pelo que devem ser fechadas juntas em locais controláveis pelos homens, de maneira a garantir que não poderão dar largas à sua devassidão e espalhar o mal. Porém é ainda essa sociedade que critica a seguir as mesmas mulheres porque vivem em conjunto, potenciando assim o perigo numa conjunção de esforços maligna e tenebrosa e porque dormem na mesma cama.

O que ressalta é uma evidente tentativa de controlar a mulher e, principalmente a sua sexualidade procriadora, o que se mantém até aos nossos dias, como diz Perez (1995) ao salientar que a sociedade tem necessidade de controlar a sexualidade feminina, o que consegue ligando-a à procriação que deve ser, por sua vez, regulada pelo casamento.

Trata-se de uma encenação perversa, em que a honra do senhor da casa tinha de ser mantida a todo o custo e dependia do comportamento das mulheres, para o que se tinha todas as precauções que vimos antes. Mas, por outro lado, era importante mostrar essas mesmas mulheres, aos visitantes, sendo elas potenciais esposas e estando disponíveis para o amor cortês (Duby, 1990b) o que agravava os riscos que asimultaneamente se queria evitar.

Além disso, não era, de qualquer maneira suficiente para um controlo eficiente pois, muito ou pouco, as mulheres, uma ou outra vez, tinham de sair e então era necessário acompanhá-las para que ninguém as pudesse seduzir (Duby, 1990b).

Uma vez mais temos a mulher na posição de ser inferior, completamente incapaz de se conter, defender e recusar. O pressuposto era de que, uma vez facilitada a ocasião, algum homem tentaria seduzi-la e, uma vez feita a tentativa, a mulher-alvo cedia de imediato, fraca como era e sedenta de prazer como se sabia (Casagrande, 1990).

É oportuno salientar este tipo de raciocínio pois que, sendo a mulher a fonte de todos os males e o alfofre do desejo, o medo era que ela fosse seduzida por algum homem, não se percebendo de onde poderia vir esse perigo, uma vez que o homem era visto e considerado apenas um pobre ser mais ou menos indefeso a procurar fugir às garras da fêmea.

Eram frequentes os casamentos políticos em que a mulher era dada, sem que fosse para isso ouvida, o que aliás acontecia igualmente ao noivo, mas acabavam com alguma frequência em situações de extrema humilhação e até morte, havendo mesmo conventos destinados a acolher as que eram definitivamente abandonadas (Duby, 1990b). A diferença está em que nem as humilhações nem o convento eram situações por que os maridos passassem e o casamento de uma mulher como meio de transmissão e/ou ampliação de bens do marido era tradicionalmente aceite (Pacheco, 1998).

É clara a situação vigente de um mundo de homens, por eles construído e regulado, dificultar bastantes vezes a vida à mulher. As palavras de Dominique Barthélemy (1990, p. 146) são esclarecedoras: “A bem dizer nós só sabemos da

mulher o que nos dizem os homens, e os textos que a retratam como perigosa não são inocentes.”

Por outro lado Danielle Régnier-Bohler (1990), aproveita as palavras de um homem que salienta as dificuldades que as mulheres tinham para viverem adequadamente em sociedade, porque o seu comportamento tem de oscilar entre a simpatia que pode ser mal interpretada pelos homens e uma certa dose de frieza que pode acarretar-lhes a classificação de orgulhosas.

E sobre este problema da adaptação da mulher à sociedade construída por homens, para homens, Lígia Amâncio (1995) embora referindo-se aos movimentos feministas que viriam a surgir muito mais tarde, toma posição. Diz que as mulheres, através das ideias desses movimentos lutaram pela igualdade entre os sexos, mas partindo exactamente da separação entre homens e mulheres. Esta situação e uma vez emancipadas, colocou-as nesse mundo masculino, estereotipado pelos homens para si próprios, e as diferenças entre sexos estendem-se às interacções sociais e à estrutura social, portanto à vida diária (Amâncio, 1995).

Já no século XVIII verifica-se nalgumas sociedades europeias uma situação em que a mulher é uma mistura algo desequilibrada de senhora e súbdita. Com efeito ela é a senhora da casa, à qual está confinada sem apelo, mas é esperado que satisfaça todos os caprichos e exigências do marido, em prol dos interesses que este determina serem fundamentais e em que se incluem os casamentos de filhos e filhas:

O que se opõe na família à atmosfera de intimidade sobre a qual tardiamente se fundaram esperanças não é o relaxamento dos laços, nem o desprezo pelas crianças e pelas mulheres, nem a ausência de sensibilidade.

É antes a unidade de empreendimento, a autoridade inerente aos cargos de competência, o núcleo da responsabilidade concentrada no chefe de família.” (Castan, 1990a, p. 63).

Mesmo no que diz respeito à terrível instituição que era a tortura que, com o desenvolvimento do cristianismo se tinha afastado da ligação até então existente com o voyeurismo, verifica-se por esta altura uma confusão entre o castigo aplicado pelas entidades competentes e as torturas sexuais sendo que as mulheres mais uma vez virão a ser as principais vítimas (Nossintchouk, 1998).

Perante a quase total clausura em que se vêem obrigadas a viver, muitas vão aproveitando para criarem um pé-de-meia privado e desconhecido do marido, proveniente de pequenos serviços ou negócios ocultos. Muitas vezes nem a própria família de orientação tem conhecimento deles, preferindo as mulheres confiar este segredo a uma amiga ou vizinha, o que marca um início de abertura clandestina ao exterior (Castan, 1990b; Perrot, 1990c).

Em finais do século XVIII as mulheres solteiras trabalhavam com a dupla finalidade de não se tornarem pesadas à família e de procurarem amealhar um dote (Hufton, 1991). E é assim que lentamente elas se vão apossando do exterior da casa, partilhando algumas tarefas com as amigas na praça pública (Castan, 1990b) o que se apresenta como um sonho de longa data. Lissarrague (1990) refere este sonho ao dizer, referindo-se a Roma, que a fonte surge na vida das mulheres como a praça pública na dos homens.

Estas pequenas alterações vão arrastando outras, como por exemplo, alguma liberdade das raparigas, no intuito de lhes possibilitar mostrarem-se e defenderem as suas possibilidades de casarem, ainda que continuem a ter um tipo de vida

completamente diferente do dos rapazes que têm muito maior liberdade e mobilidade (Castan, 1990b).

Já mais perto do fim do século, uma nova mudança se mostra mais favorável ao equilíbrio em sociedade e a antiga separação entre homens e mulheres é então substituída por uma vivência mais em comum, de convívio mais próximo partilhada naturalmente na galanteria e também nos negócios, por vezes tratados em casa com os clientes ou em casa da amante. (Castan, 1990b).

Mesmo assim, continua patente o facto de a proximidade se dar a propósito de negócios e clientes, não sendo difícil perceber que o papel da mulher se manteria, pelo menos em grande parte, oscilando entre os atrás referidos papéis de senhora e servidora.

Em Inglaterra, já no século XV, tinha começado a existir um tipo particular de associação livre, os clubes, que acabaria por ser importado pela França onde, após várias vicissitudes e a passagem inexorável do tempo, viria a originar os *círculos* com carácter não político que através do tempo se foram estabelecendo.

Mas, uma vez mais, eram reservados exclusivamente, ou quase, a homens, tendo acontecido algumas incursões femininas neste campo, ainda que algo incipientes e sem destino credível. Nem nos círculos eram admitidas, sendo um exemplo limite, três séculos depois, o da criação de lojas maçónicas para mulheres, mas sempre em número muito reduzido e com impacto discreto (Castan, 1990b).

O mesmo autor explica esta diferença com base em vários factores: protecção dos bons costumes, a divisão das tarefas que empurra a mulher para o lar, a sujeição ao pai e depois ao marido, a desqualificação profissional que a afasta das associações de ofícios.

Ainda uma vez mais, a protecção dos bons costumes passa pelo impedimento de que a mulher possa circular de forma minimamente livre. A divisão das tarefas é feita de maneira a que ela fique confinada ao lar e a sujeição ao pai e a seguir, ao marido, atesta a necessidade de ter um *tutor/protector* que a oriente, a defenda, ou mais exactamente, evite que viva como ele próprio quer viver (Aymard, 1990). Assim a desqualificação profissional dificilmente poderia não ocorrer, dada a maneira como a mulher é vista e as circunstâncias como é controlada (Aymard, 1990).

A própria educação tem um papel importante na separação das crianças que, na Idade Média eram como seres desconhecidos, cuja importância começa a ser entendida a partir dos séculos XVI e XVII (Ferreira, 1988). É a educação que começa mesmo a demarcar o território social e de intervenção que a cada um dos sexos estará destinado, uma vez que é através dela que a transmissão da cultura se faz (Duverger, 1983).

Sendo todas educadas em conjunto pelas mulheres, vêm-se separadas cerca dos dez anos de idade, altura em que as raparigas permanecem no lar aprendendo o que se espera que venham a fazer no futuro, isto é, responsabilizarem-se pela casa. Sofrem desde logo a pressão de convenções ancestrais que as encaminhem para o futuro que as espera; “antes mesmo de aprender a ler, inculcaram-nos uma mentalidade de vítimas” (Brownmiller, 1975, p. 375).

Os rapazes são entregues aos homens, de quem se mantêm dependentes e com prerrogativas muito inferiores a eles, mas de que absorvem desde logo os procedimentos adequados à dominância social. Ainda aqui a mulher é considerada o elemento nocivo da sociedade, sempre segregado, embora, com a divisão social dos dois campos distintos, trabalho e lazer, que então vai ocorrendo, se pudesse

esperar uma aproximação, pelo menos no que respeita ao segundo, o que contudo não aconteceu (Aymard, 1990; Castan, 1990b).

Isto mantém-se até aos nossos dias, com o afastamento dos rapazes das bonecas de brincar e das meninas dos jogos de construção (Edley e Wetherell, 1995) e, mais tarde, com a discriminação sexual para os estudos, cuja intencional não tomada em consideração, se enquadra no que Bourdieu e Passeron (s.d.) chamam *multivariate fallacy*.

Green (1991) referindo-se ao caso das mulheres judias, vê nelas o principal elemento de ligação entre as comunidades judias alemã e russa e alerta para os sistemas educativos muito diferentes destas duas sociedades. A evolução que vieram a sentir ocorreu com a emigração para os Estados Unidos, em que, dadas as condições de vida, a mulher era tida em maior consideração, apesar da grande separação tradicional entre o homem e a mulher judeus.

Esta separação é de algum modo corroborada por Guardado da Silva (2001) ainda que saliente que o judaísmo pós-bíblico tomou medidas favoráveis à mulher, como a abolição da poligamia e do direito de divórcio sem consentimento da mulher.

Continuando a falar das associações de juventude (leia-se de rapazes) Castan (1990b) vai mais longe, dizendo que tinham a finalidade social de lhes ensinar o seu papel sexual e de lhes dar um status definido e, evidentemente, superior ao da mulher. No mesmo texto, atribui a este processo a aprendizagem, não apenas da diferença, mas também da agressividade que estes jovens alimentavam em relação às raparigas, o que, aqui sim, joga indubitavelmente a favor da socialização como responsável por essa agressividade.

Aymard (1990) apresenta uma explicação que, sendo exemplificadora do oportunismo do ponto de vista social, reinante na época, não deixa de ser lógica e de apoiar uma vez mais a caminhada social para a construção da diferença. Os rapazes não se preocupavam com o facto de os viúvos casarem segunda vez com uma solteira, porque um dos seus sonhos era precisamente casar com uma viúva de maiores posses do que eles; da mesma maneira que não se importavam com o adultério porque, do lado masculino este só os importunaria se fosse cometido com uma jovem solteira que se tornaria assim indisponível e, se ocorresse do lado feminino, era uma porta aberta para eles próprios; nem tampouco se sentiam incomodados com os casos de mulheres que batiam nos maridos, pois tê-los sob observação seria chamar a atenção para a situação em que aqueles homens se tinham deixado cair ou por demissão das suas funções e papel de género, ou por tirarem desse facto um prazer não valorizado, nem tolerado.

Este e outros tipos de manipulação da verdade e dos factos terão tido consequências devastadoras para o bom nome e portanto para a credibilidade feminina, como comprova o que disse um tenente da polícia de Paris, referindo-se à dificuldade de travar os boatos, mesmo quando lançados sobre mulheres acerca das quais não havia a menor suspeição quanto à virtude:

A difamação da virtude feminina é uma arma que pode servir vários alvos, seja o de atingir a própria mulher, seja o de atingir o homem ligado a essa mulher. Ela é mesmo muitas vezes utilizada para regular outros tipos de conflitos que não os afectivos ou conjugais: (...) (Farge, 1990, p. 595)

o que, se não perdermos de vista que a honra é um garante do equilíbrio social (Pitt-Rivers, 1988), nos aponta uma vez mais para a criação, por este meio, de assimetrias entre homens e mulheres, na estrutura social.

A revolução francesa parecia ir dar uma liberdade de expressão nunca vista às mulheres que agarraram a oportunidade firmemente, mas apesar de alguns desfiles a que tiveram direito, inclusivamente com armamento, rapidamente se viu que haveria limitações. As tentativas, por exemplo, de se obrigarem entre elas a vestir de determinada maneira foram de imediato cerceadas pela Convenção (Hunt, 1990).

A legislação sobre o divórcio, promulgada em França em 1792, era equilibrada em relação aos dois sexos, mas muito em breve os motivos que podiam dar-lhe origem, que eram inicialmente sete, foram reduzidos a três e os direitos da mulher drasticamente coarctados. Isto é visível, por exemplo, no que respeita ao adultério, que era motivo suficiente para que o marido pedisse o divórcio, sendo a mulher susceptível de punição com dois anos de prisão, mas que no caso dela, só o podia invocar se o marido tivesse mantido a amante na casa da família, mas não sendo ele em caso algum punido (Hunt, 1990).

A história do adultério é a história de uma demonstração de duplicidade de comportamento (Grieco, 1991) embora, neste caso, o castigo do amante pareça apontar para uma situação de protecção da família e não apenas de mais uma desigualdade clara entre homem e mulher, que aliás a jurisprudência da época vai atenuar, em favor desta (Corbin, 1990a).

No século XIX as coisas não tinham mudado muito e as diferenças entre sexos eram igualmente evidentes, em França. Muita gente fica solteira até tarde, mas com percepção diferenciada desse facto pela sociedade e também com consequências diversas.

Assim, o homem solteiro é bem visto e diverte-se para celebrar a juventude. A mulher solteira é considerada uma *sempre menina*, ou que *ficou para tia*, o que corresponde a uma desclassificação.

Esta diferença nota-se aliás nos números apresentados por Michelle Perrot (1990a) que apontam para que em 1851 havia mais de 51% de homens jovens solteiros, para 35% de mulheres; mas com trinta e cinco anos já havia apenas 18% de homens solteiros, enquanto que as mulheres eram 20%; e aos sessenta e cinco os homens solteiros são apenas 7% enquanto as mulheres mais de 10%, verificando-se assim que o homem continuava a ter o casamento como um alvo atingível, mas com a idade, a mulher diminuía essa possibilidade.

Estes dados são antecidos por outros facultados por Hufton (1991) que diz que entre 1550 e 1800 havia entre 5 e 25% de mulheres que morriam solteiras e que esta percentagem em França era de 14% no final do século XVIII; uma vez mais se vê que o homem solteiro era aceite e até mesmo considerado casadoiro, mesmo quando a idade já avançara, enquanto que a mulher era vista de outro modo, passando a ser um escolho social.

Acerca disto Michelle Perrot (1990a) diz que o celibato, quer provisório quer permanente, era vivido de maneira muito diferente por mulheres e por homens; enquanto que para estes era um tempo de aprendizagem e de liberdade, socialmente valorizado e que tendia a terminar mais tarde no casamento, para as mulheres não passava de um período de espera, mais ou menos ansiosa e tensa, pelo casamento que poderia chegar, ou não.

Uma romancista actual, exprime o seu sentir sobre este delicado problema dando voz a uma das suas personagens que diz que “Pensava sempre que a sociedade dera autorização total de envelhecimento aos homens, enquanto as

mulheres eram condenadas ao martírio de preservar, a todo o custo, a juventude eterna” (Becerra, 2007, p. 289).

Talvez devido à grande diferença de percepção social em relação ao homem e à mulher solteiros, ou para a compensar, a mulher casada ganha importância e o seu status familiar sobe atribuindo-lhe agora três funções importantes: dar filhos ao mundo, criá-los e ganhar algum dinheiro extra, geralmente em serviços como recados, lavagem de roupa ou pequenas vendas, para ajudar o orçamento caseiro. (Perrot, 1990c).

Rocha e Ferreira (2006) abordam aspectos relacionados com o trabalho, chamando a atenção para a valorização que no século XIX se fez das diferenças biológicas e fisiológicas entre homens e mulheres o que, com o apoio das ciências naturais e sociais leva a uma drástica divisão do trabalho.

A sociedade, segundo estas autoras, entrega ao homem a responsabilidade de produzir os meios de sustentação do lar, enquanto à mulher é dado o papel preferencial de dona de casa, esposa e mãe, dentro dos costumes socialmente valorizados, instituindo-a como uma espécie de *anjo do lar*.

Esta situação só vem a alterar-se muito mais tarde e para isso a mudança da estrutura da família, de extensa a nuclear, bem como das suas funções teve uma palavra importante a dizer (Barata, 1986; Rocher, 1989c).

Silvana Vecchio (1990) salienta o esforço que a mulher fazia já na Idade Média para merecer e manter este status que, ainda que limitado, lhe conferia alguma dignidade, enquanto Giorgio (1991) diz que a sociedade atribuía ao lar o condão de ser o lugar da felicidade feminina, sendo as mulheres que a ele se dedicavam, consideradas de grande força moral.

É importante realçar uma figura que, surgida em Inglaterra, se propagou em França ainda no século XIX no meio masculino e que ficou conhecida por *dandy*. Trata-se de um rapaz vaidoso, aperaltado, a dar-se com amigos rapazes, desprezando particularmente a mulher (Perrot, 1990b) e que manifestava igualmente desprezo pela maneira de sentir generalizada, o que o levava, no limite, a procurar uma forma de elegância diferente e excêntrica (Eco, 2004).

Uma vez que o dandismo acontecia enquanto a mulher ia conquistando algum espaço na família e na sociedade, intrometendo-se em áreas em que nunca fora aceite, Michelle Perrot (1990a) entende que ele é uma reacção contra este estado de coisas em que o homem não suportando ver a mulher ganhar-lhe algum terreno, opta por desprezá-la ainda mais às claras, dedicando cada vez mais do seu tempo e espaço aos amigos do mesmo sexo.

“Vale mais o amor dos rapazes. A sua homossexualidade (a palavra só aparece em 1891) acentua-se com o tempo (...). O surgimento da ‘nova mulher’ provocou em toda a Europa uma verdadeira crise de identidade masculina (...)” (Perrot, 1990a, p. 297).

Tal postura levou a esta reacção de transição, identificável ao período de neutralidade, ou fase liminal a que se refere van Gennep no processo do rito de passagem (Holme & Bowker, s.d.), podendo assim corresponder a uma iniciação à vida adulta plena. O jovem ensaia as suas capacidades para colocar a mulher uns lugares abaixo, na escala social, aproveitando-se de que o tempo joga a seu favor, na medida em que favorece a organização da percepção e das relações (Monello & Jacobson, 1976).

Uma figura algo semelhante parece ter resistido até aos nossos dias, como diz Hite (2004) referindo-se à situação em que homens jovens afirmam que

pretendem ser livres de vínculos que os liguem a qualquer mulher, o que a autora afirma ser um processo de perpetuar a ideologia contra as mulheres, vigente há dois mil anos. Parece ser de admitir que situação idêntica à atrás referida, com a mulher a tomar progressivamente conta de uma margem muito alargada de empregos e actividades profissionais e sociais, pode estar também agora na base desta reacção masculina.

Por outro lado, nalgumas regiões rurais, os rapazes solteiros com dificuldade em arranjar mulher para casar eram tacitamente autorizados a violar as raparigas recolhidas pela assistência pública, o que faziam em total impunidade, numa relação hierárquica claramente definida em que “a sexualidade celibatária exige aqui a submissão implícita de um proletariado feminino.” (Corbin, 1990a, p. 533).

As situações de violação de mulheres continuam a ser prática corrente, verdadeiramente “(...) uma arma de guerra” (Mulheres e direitos humanos, 1995, p. 27).

Noutro nível de análise, importante para o dandismo como referimos, o do vestuário, Sigurtá (1982) interroga-se sobre as razões que levariam o homem *do jaquetão cinzento* a temer não ser visto como um verdadeiro homem; um pouco à frente afirma que o medo da perda da virilidade foi sempre o maior entre todos os que perturbam a segurança masculina. Corbin (1990b) confirma-o, ao salientar que em todo o século XIX o medo do fracasso foi ocultado por detrás das imagens masculinas da sexualidade apresentando em seguida vários exemplos da maneira como a literatura da época profusamente ilustra isto mesmo.

Sigurtá (1982) prossegue com uma engenhosa argumentação em que considera que os psicólogos, ao demonstrarem que a mulher afinal não era uma mãe inata, a teriam feito voltar-se para outras áreas de afirmação pessoal, entrando em disputa

com o homem nalguns campos até então unicamente dele, como o da educação e do exercício de algumas profissões.

Isto teria sido sentido por ele como uma castração adicional que o teria levado a abandonar os adornos idênticos aos femininos, passando a vestir-se de modo completamente austero e diferenciado da mulher, para dela se distinguir totalmente e reagir contra aquele estado de coisas, salientando a masculinidade e desprezando a feminilidade, na tentativa de assim reconstruir o anterior poder em vias de se perder (Sigurtá, 1982).

Esta abordagem parece, à primeira vista, contraditória da de Perrot, mas não o é. De facto, o desprezo pela mulher é uma nota que ambas apontam e a posição de Perrot referindo-se ao homem como crescentemente homossexual, não é contraditória da de Sigurtá quando o indica a querer mostrar a sua masculinidade vestindo-se de maneira diferente das mulheres. Trata-se de uma divergência mais formal do que de conteúdo, mas apenas num pormenor, numa distinção visual conseguida através da vestimenta.

Poder-se-á então perguntar como, vivendo nesse mundo relacional exclusivamente masculino, o homem não se tornaria necessariamente homossexual, mas a resposta está mais além, pois a exclusão da mulher em termos de convívio, não a excluía necessariamente da prática de relações sexuais, mas apenas de qualquer ligação em plano de igualdade social, ou emocional.

A mulher continuava a ser procurada sexualmente, mas cada vez mais como ser inferior a quem, em muitos casos, se pagava para descarregar o desejo masculino e só (Corbin, 1990a; Perrot, 1990b).

Perrot não afirma que os homens estavam todos a tornar-se homossexuais, mas que este estado de coisas ajuda a explicar a crescente homossexualidade

masculina da época, a que Sigurtá (1982) de algum modo também alude indirectamente ao salientar a castração adicional provocada pela mulher.

Até filósofos e pensadores, ainda que não indo tão longe, não resistiam à onda da desigualdade, como salienta Fraisse (1991) ao dizer que Schopenhauer mudava o tom quando deixava de falar sobre o amor e passava a tratar das diferenças entre os sexos, altura em que a misoginia se tornava evidente.

Alguns outros ganhos são conseguidos para as mulheres que vêem já no fim do século XIX e início do século XX o adultério ser punido de forma igual para elas e para os homens e o divórcio entrar nos usos da sociedade (Perrot, 1990b).

Acompanhando esta mudança a sexualidade da família, numa pelo menos aparente tentativa de auto-defesa, altera-se e alarga os campos de acção (Corbin, 1990a) embora o incesto prolifere segundo Fourier, e se verifique ainda que é neste campo que a desigualdade entre homens e mulheres é mais clara (Perrot, 1990b). Introduzem-se timidamente alguns jogos eróticos até então reservados para as ligações ilegítimas começando a ouvir-se reivindicar o prazer sexual da mulher (Corbin, 1990c; Prost, 1991) ganhando grande destaque alguns pensadores que discorrem sobre temas sexuais, como Freud (Prost, 1991).

Estes dois factos provocam por sua vez novas mudanças. Mais agradados com a vida conjugal, muitos homens começam a achar o sexo pago oferecido pelas prostitutas pouco interessante, desprezando-as ainda mais, uma vez que tinham perdido o atractivo anterior de oferecerem, a troco de umas moedas, algumas variações sexuais até então raras; como resposta a isto, começam a aparecer formas mais sofisticadas de prostituição, oferecidas por exemplo por artistas de teatro ou de variedades (Perrot, 1990b), mostrando assim que diferentes situações

podem levar à prostituição (Diniz, 1989) e que esta se integra no contexto social de uma dada sociedade e época (Barbosa, 1989).

Estas mulheres, ainda que degradando-se, conquistam o agrado dos homens que vêem nelas a anterior possibilidade de variação, mas evitando a descida ao inferno da saciação carnal com a prostituta vulgar que contudo continua também a proliferar e, acompanhando a época, com cada vez maior diversificação das suas práticas e alterações progressivas profundas quanto à qualidade do bordel (Corbin, 1988; Corbin, 1990a; Perrot, 1990b).

Isto iria ao encontro do imaginário sexual do cliente que podia deixar de ver na mulher uma simples prostituta com quem efectuava uma transacção meramente carnal e socialmente vista como pouco respeitável. Deparava-se em vez disso com uma artista que se entregava, ainda que com uma compensação económica, enriquecendo assim a idealização da relação e eventualmente atenuando alguma culpa/vergonha pelo recurso à prostituição. A prostituição é um mercado com as suas leis de oferta e de procura (Fontinha, 1989).

Surgem outras novas situações, como uma espécie de casa de passagem, em que mulheres apresentadas por vezes como senhoras casadas (e algumas eram-no) o que aumenta o interesse do homem que se imagina conquistador da mulher de outro, aparecem por umas horas e desaparecem em seguida; por outra porta entra o cliente (Vincent, 1991) e “os fiacres e toda uma série de cabinas particulares ou de casas de passe proporcionam abraços furtivos.” (Corbin, 1990a, p. 555).

Operários e soldados em descanso, como os jovens solteiros, aproveitam uma outra variedade de oportunidades fornecidas por “(...) criadas, caixeiras, empregadas de tabernas, costureiras ao domicílio, governantas, professoras de

piano, professoras primárias, etc. (...)” (Vincent, 1991, p. 384) que se prostituem a meio tempo.

Isto parece ser uma evolução da velha prostituição que já no século XV em Veneza fora chamada a cumprir uma missão profiláctica e sanitária, quando o Doge obrigou as prostitutas a mostrarem os seios nus à janela, para assim, em sua ideia, atraírem mais clientes e acabarem com uma epidemia de sodomia que então grassava (Lebel, 1979).

As práticas descritas por Vincent e Corbin resolveriam um problema que se mantém até aos nossos dias que é o de, com a prática da prostituição, se conseguir obter e manter um estilo de vida de classe média, o que, tendo em conta o outro lado da moeda, o tempo limite que as raparigas têm para trabalhar rentavelmente, lhes abre a visão aterradora do dia em que a juventude as abandonar (Davidson, 1986).

Temos, uma vez mais, o ser superior a dominar o ser inferior, a mulher casada insaciável que, insatisfeita com o seu marido, vai ali na esperança de ser procurada pelo *verdadeiro homem*, aquele que lhe dará alguma coisa sonhada, mas nunca conseguida, porque o prazer ainda era reservado ao homem mantendo-se a ideia de que a mulher o não conseguia atingir. Isto merece um comentário pertinente e elucidativo de Gallop (1988) que realça que o maior mal das teorias tradicionais é que, com este estado de coisas, as mulheres acabam por ser levadas a sentir que as suas respostas sexuais têm alguma coisa de anormal.

Percebe-se aqui a bipolaridade feminina (Corbin, 1990a, p. 530), uma espécie de oscilação entre o amor romântico idealizado e a degradação: “ritmo cardíaco desta sexualidade que, como observa Jean Boriet, reduz inexoravelmente postulações seráficas e apaixonadas a explorações prostibulares”.

Por um lado impera o desempenho angelical que lhe é imposto e por outro o controlo do desejo sexual, também ainda mais ou menos abertamente tornado obrigatório. Isto leva-a a negar-se para que o parceiro a assalte com determinação suficiente que justifique a rendição da dama, o que a ilibada do estigma do desejo (Corbin, 1990a), ou como diz Kessel (1991) trata-se de um misto de virgens e de mães entre o céu das intenções e o inferno das aspirações.

A anteriormente referida novidade da entrada na prostituição de uma certa população de artistas parece enquadrar-se ou ter-se feito eco de alguma pintura anterior; por exemplo na pintura de Watteau que é mais sensual, terna e emotiva, a mulher raramente aparece nua e o pintor consegue um efeito de irrealidade ao disfarçar as suas mulheres de comediantes (Michel, 1976).

Esta irrealidade também sugere a confirmação do que atrás dissemos sobre o imaginário defensivo, para o cliente, da relação sexual nestas condições, por não apresentar declarada e abertamente a mulher com que ele se predispõe a ter uma relação como sendo uma prostituta tradicional. Surge antes como uma profissional das artes do palco, artes que eram aliás também aproveitadas, no século XVIII, em situações festivas, como casamentos, em que prostitutas actuavam pelo menos como bailarinas (Nicholson, 1991).

Por sua vez Valabrègue (1972) consolida a ideia da exteriorização destes ritmos e ritos sociais para a arte ao recordar um livro dedicado a uma adolescente do século XX, escrito em Itália por Luísa Guarnero; a autora adorna e romantiza as descrições que faz do sexo e do que com ele se relaciona, como por exemplo os órgãos por ele responsáveis e o desenvolvimento do embrião, dando-lhes um carácter sentimental e baseando-se em comparações com a botânica em que os rapazes produzem flores masculinas cujo pólen serve para constituir família.

Aliás Edley e Wetherell (1995) ressaltam a frequência com que os órgãos sexuais masculinos são simbolicamente representados como flores, referindo o caso de Constance Beeson que num filme acerca do amor entre homossexuais masculinos os representa através dos estames e de Jean Genet que escreve que a ereção é como uma flor a abrir. É mais um sinal da desumanização a que Gruen (1996) se refere.

Do ponto de vista económico a dependência da mulher mantém-se grande e em França, só na segunda metade da década de sessenta do século passado as leis passaram a permitir à mulher casada abrir uma conta bancária sem autorização escrita do marido (Perrot, 1990a).

Na Europa, no século XIX, a mulher tem dificuldades em aceder a um trabalho remunerado, porque isso a torna demasiado visível na sociedade, uma vez que a classificação sexual dos empregos influenciada pela separação trabalho/lar lhe dificulta a vida neste aspecto e porque há grande dificuldade de estabilização devida à falta de formação (Scott, 1991).

Por meados do século XX, contudo, o amor conjugal é glorificado e a ideia vigente é a de que, para legitimar as relações sexuais não basta o casamento, mas é também indispensável o amor (Prost, 1991) o que se ajusta à concepção do amor romântico e vem aliviar um pouco a pressão exercida sobre a mulher (Corbin, 1990a).

Parece contudo manter-se uma barreira entre esta nova concepção do amor e a antiquíssima reserva face ao prazer, uma vez que, apesar das mudanças dos anos 1960-1980, o descontrolo erótico do amor ainda não é permitido (Nossintchouk, 1998) ainda que agora a vigilância seja em relação aos dois sexos.

O enquadramento prático desse mesmo amor romântico é indubitavelmente posto em causa e os beijos e carícias que são considerados inocentes perdem esta categorização assim que são percebidos como tendo a finalidade de dar e/ou obter prazer, passando então a ser considerados como pecados mortais (Parrinder, 1999).

Mantem-se pois uma lógica reprodutiva das relações amorosas, com o conseqüente confinar do corpo a esta função principal, e única aceite, uma vez que se considera, por exemplo, que “(...) amamentar é, sem dúvida, a verdadeira função dos seios – um verdadeiro poder (...)” (Borin, 1991, p. 262).

Esta contradição entre o que é e o que se quer fazer parecer que é socialmente aceite, pode ter tido um papel importante na mudança que se deu entretanto nalgumas franjas sociais e que veio progressivamente a estender-se generalizadamente em forma de uma paradoxal coabitação entre o amor livre da revolução sexual, por exemplo dos hippies, e a procura da realidade e da verdade.

Por isso Weil (1976) disse que se está perante um neomisticismo em que o homem moderno se libertou do sentimento de pecado criado pelas religiões, mas passou a confrontar-se com a fonte de todas elas que é a busca da verdade e da percepção da realidade.

Porém e aparentemente cada vez mais, na actualidade as sociedades ditas civilizadas se confrontam com o crime sexual, que pode configurar a perda da ligação aos valores essenciais da vida e do respeito pelo próximo. Nalguns casos, isso acontece com conseqüências gravíssimas, como apontam Marshall e Barrett (1992) numa obra que tem como elucidativo sub-título: “A fine examination of a prison system wich makes rapists and child molesters worse. Essential reading in

a society increasingly intimidated by male rage.” Isto é aliás confirmado por um estudo actual feito em Portugal (Paulino, 2009).

Aliás Mayeur (1991) chama a atenção para que ainda no século XIX o modelo de educação laica, liderado pela Inglaterra, mas difundido um pouco por toda a Europa, preconizava o ensino de uma moral não religiosa nas escolas e a educação da rapariga para o lar, segregando-a assim uma vez mais.

Mas o século seguinte e principalmente a Segunda Guerra Mundial, finda a qual se contava só em França mais de um milhão de inválidos (Veil, 1968) abriu uma porta à alteração desta situação.

Em 1936 Terman e Milles apresentaram o *Teste de Atitudes e de Interesses* que visava obter uma descrição da mulher típica que foi feita apresentando-a em conformidade com a concepção vigente na altura, sobre a mulher, ainda que as críticas tenham surgido, principalmente devido a deficiências do instrumento que, entre outras, não permitia que se manifestasse a existência simultânea de características masculinas e femininas (Poeschl, Múrias & Ribeiro, 2003).

Nos Estados Unidos, os homens “(...) guardavam os desportos como reserva masculina desencorajando activamente as mulheres de participarem, “ (Kidd, 1987, p. 253). Mas o eclodir da segunda guerra mundial, esse “(...) mercado de 40.000 milhões de dólares” como lhe chama Moisy (1972, p. 83), de cuja preparação, nas civilizações modernas, uma quantidade enorme de pessoas retira os meios de sobrevivência (Bouthoul, 1963) fez com que a situação relativa a empregos se tornasse diferente.

A invasão do mercado de trabalho pela mulher, em áreas até então reservadas a homens, que estavam agora na guerra, levou a que a fronteira entre trabalho feminino e masculino se mostrasse muito ténue e obscura (Milkman, 1987).

Simultaneamente era evidente que se mantinha a segregação de um enorme número de mulheres integrantes da força de trabalho, ainda que então num contexto diferente uma vez que não se tratava já de as impedir de exercer determinados tipos de profissão, mas tão só de, por exemplo, lhes dificultar a vida (Milkman, 1987) e o status inferior da mulher mantém-se (Musgrave, 1984) fazendo “(...) delas cidadãs de segunda categoria.” (Hite, 2004, p. 17).

Situação idêntica verificava-se no Canadá (Zeitlin & Brym, 1991) em que uma mulher diz que o autoritarismo, a intimidação e a agressão não podem ser separadas do sexismo, porque são as armas básicas dele, com que foi fustigada no seu local de trabalho (Gray, 1987).

Esta situação agrava-se porque o que qualquer indivíduo faz é potencialmente um estorvo para os outros (Parsons, 1984) e o estorvo que neste caso era o trabalho dela era ainda estigmatizado pela diferença de sexo e por ter uma probabilidade acrescida de ser constituída como bode expiatório (Velho, 1985b).

Segundo Touraine (1982), não seria de esperar que os episódios de discriminação que se verificavam acompanhando a maior facilidade de acesso ao trabalho pelas mulheres fossem duradouros, porque a passagem das sociedades à abundância tende a pôr fim às relações de dominação.

Mas essa facilidade terá levado ao aumento da criminalidade feminina contra a propriedade, como resultado da relativa autonomia conseguida pela acção dos movimentos de mulheres, o que contribuiu para desacelerar a conquista dos objectivos desses movimentos, a procurada igualdade entre homens e mulheres (Miller, 1986).

Esta participação feminina tornou-se evidente até na formação de gangs, com as suas características únicas (Katz, 1988) quer mistos quer mesmo apenas femininos (Hagedorn, 1988).

O crime deve-se a razões de ordem social, relacionadas com estar contra a lei e não a razões biológicas (Gottfredson e Hirschi, 1990) e muitos dos estados mentais mais importantes para o ser humano têm origem na sociedade (Durkheim, 1975), por vezes por haver desequilíbrios entre os objectivos e os meios disponíveis (Velho, 1985a) mas não sempre, nem necessariamente só por esta razão.

Parece poder realmente atribuir-se aquele aumento a essa circunstância, uma vez que alguns estudos apontam para a diminuição da criminalidade quando o trabalho abunda (Manheim, 1984) possivelmente por ter passado a haver uma corrida aos empregos masculinos exagerada em relação à oferta.

A Europa sofreu igualmente a influência desta guerra, como no caso da Alemanha e França em que as mulheres também substituíram os homens nas fábricas e da Inglaterra em que, para além disso, formaram o WAAC (Women's Army Auxiliary Corps) que prestou serviços inestimáveis ao esforço de guerra. Nestes casos elas sentiram igualmente problemas com o regresso dos seus homens da frente, vendo-se compelidas a regressarem ao lar, o que umas acataram de bom grado mas outras não, tornando-se a divisão sexual do trabalho mais drástica a partir daí (Thébaud, 1991).

O homem saído das guerras do fim do século anterior e primeira metade do vigésimo, é diferente e preocupa-se em dar ênfase a novos valores como a juventude, virilidade, decisão e disciplina que procura dedicar a causas elevadas

simbolicamente significativas de controlo seguro das paixões (Mosse, 1994) criando assim condições para a abertura do trabalho à mulher.

A caracterização do trabalho feminino era feita com base na força física e curiosamente continha igualmente uma componente de *limpeza*, sendo aceite que as mulheres podiam desempenhar satisfatoriamente todos ou a maior parte dos trabalhos que os homens faziam, apenas com limitações relacionadas com a força e outros requisitos físicos, como se concluiu numa reunião da National Association of Manufacturers:

However... jobs of a particularly 'dirty' character, jobs that subject women to heat process or are of a 'wet' nature should not be filled by women... despite the fact that women could, if required, perform them (Milkman, 1987, p. 60).

Shere Hite (2004) também refere a desigualdade salarial, como marco da diferença que se mantém actualmente.

Estas questões eventualmente remeterão para uma outra a montante e que pode estar directamente relacionada com a diferenciação abusiva. O facto de, para operar determinado tipo de máquinas, ser fundamental ter em consideração prévia na selecção do operador ou na sua construção, determinados limites dos dados antropométricos de quem vai trabalhar com ela, sob pena de o rendimento poder descer drasticamente, ou a impossibilidade de operação vir mesmo a tornar-se evidente (Montmollin, 1990).

Daqui poderão advir algumas consequências perniciosas para as mulheres, se isto não for devidamente acautelado, uma vez que geralmente elas são significativamente mais baixas e têm braços e pernas mais pequenas do que os

homens, podendo por isso a manipulação de instrumentos de controlo das máquinas ser comprometida.

Como diz Gaussin (1982) a ideia de que reduzir os custos físicos, através da mecanização ou da robotização, resolve os problemas do trabalho deixa o observador perplexo. Esta evolução acarreta uma mudança de exigências em que se inclui indubitavelmente um aumento de trabalho mental, para além de alterações diversas que implicam portanto um estudo detalhado e consistente acerca das implicações que podem ter sobre homens e mulheres; trata-se de encarar a necessidade de estudar dimensões nem sempre directamente observáveis mas influentes na qualidade da vida do trabalhador (Marques, 1989).

Acresce que a dificuldade de as mulheres se fazerem ouvir para chamarem a atenção para estas limitações pode ser aumentada pela razão apontada por Garcia-Marques (1993) de que, como várias investigações provaram, o impacto da comunicação de um emissor (as mulheres) sobre um receptor (os homens) quando o emissor foi categorizado no grupo dos *outros* é muito diminuto, suscitando indiferença, ou podendo mesmo provocar afastamento.

Por outro lado, a força de trabalho deve ser incluída no planeamento das empresas, mesmo antes de elas começarem a produzir efectivamente, porque os interesses, objectivos, capacidades e limitações dos diferentes sub-grupos têm de ser previstos e sujeitos a treino e adaptação. Isto que não é susceptível de ser feito, ou de resultar eficazmente se, por exemplo, mulheres forem admitidas após todo o planeamento feito (Harrison, 1994; Leplat & Cuny, 1983) e como se de homens se tratasse, ou como último recurso não previsto.

Há algumas salvaguardas, uma vez que “a primeira missão, de um ponto de vista cronológico é aparentemente, fornecer à empresa o pessoal de que ela

precisa. Esta missão é realizada *efectivamente* quando cada posto é ocupado por *the right man* e só neste caso” (Aubert-Krier, 1977, p. 63): assim, antevê-se um fracasso ou sucesso limitado, se a inclusão das mulheres não for devidamente pensada e preparada, numa empresa desenhada para homens.

“Importa, pois, que o psicológico [*sic*] distinga, em matéria de análise do trabalho, uma abordagem centrada nas funções definidas pela organização (...) e uma análise centrada nos comportamentos individuais, ou seja no próprio exercício das funções pelo operador” (Leplat & Cuny, 1983, p. 83).

Na psicologia das organizações, uma instituição é encarada como um organismo com vida própria e com os seus sistemas orgânicos próprios, pelo que o entrosamento dos seus membros é determinante para a possibilidade de atingir os objectivos (Czarniawska-Joerges, 1992). É por isso fundamental manter esse organismo harmonicamente funcional, em conformidade com a mão-de-obra disponível, masculina e feminina, não sendo as mulheres consideradas peças soltas de emergência ou simplesmente pessoas que as circunstâncias obrigaram a recrutar.

As preocupações limitativas de acesso das mulheres ao emprego e a regulação com base nas condições de sujidade, humidade ou calor excessivo levam-nos a recordar o caso de uma profissão que pode, em certas circunstâncias, tornar-se particularmente suja e desagradável, as Forças Armadas. Até ao último vinténio do século passado mantinham-se como Instituições fechadas e machistas, com uma visão algo elitista do seu papel, impondo sérias restrições à entrada de mulheres para as Armas Combatentes.

A propósito disto, um General americano defendia esta ideia perante um Senado em que forças feministas lutavam pela total igualdade, perguntando se os

Congressistas imaginavam as suas filhas sem tomarem banho durante uma semana, transportando umas dezenas de quilos às costas, sentadas contra o tronco de uma palmeira a comerem o conteúdo de uma lata de conservas, quando um foguete inimigo acertasse na palmeira e fizesse cair em cima da mulher e do seu almoço todo o restolho da árvore esventrada.

Considerava-se então que o que estava em causa era uma luta por igualdade de oportunidades que perdia força, dadas as circunstâncias particularmente específicas das Forças Combatentes:

The case for assigning women to combat fails for the very basic reason that it is grounded principally in the concept of equal opportunity, which is an important value. When national security is at stake, however, the need to maintain a strong military must take precedence over concerns about equal opportunity. (The Presidential Commission on the Assignment of Women in the Armed Forces, 1993, p. 47).

Num e noutro caso parece ter havido intenção verdadeira de proteger a mulher do que de mais desagradável, duro e penoso as situações em apreço apresentam. Pelo que nos diz respeito e em relação à segunda, que conhecemos pessoalmente, não gostaríamos de ver mulheres naquela situação, não por as acharmos incapazes de suportá-la e de se saírem bem, mas porque a dureza do combate ultrapassa o que entendemos fisicamente adequado à mulher. Talvez isto possa ser considerado mau feminismo, mas é maduramente pensado e a experiência portuguesa provou sobejamente que as mulheres podem ser extremamente úteis na profissão militar, profissão que terá sido criada na Prússia em 1808 (Carrilho, 1985) e mesmo na guerra, sem estarem sujeitas ao combate directo, como o mostraram, por exemplo as enfermeiras pára-quadistas (Pinto, 1989).

Tal como os homens, depressa venceram a ideia de que a protecção não existe, quando se está envolvido nessa forma organizada e metódica de violência chamada guerra (Bouthoul, 1966) e lidavam com ela com tranquilidade; a mesma tranquilidade aliás da mulher que, durante os bombardeamentos alemães a Londres, recusando-se a ir para o abrigo anti-aéreo, dizia: "Dá-me a dignidade da minha própria cama para morrer, por favor" (Nicholson, 1995, p. 1).

Depois da experiência em combate que estas pioneiras portuguesas viveram, as primeiras mulheres a serem incorporadas nas Forças Armadas Portuguesas, foram-no em 1988, na Força Aérea, para o curso de pilotagem (Carreiras, 1997; Carrilho, 2007). Um inquérito feito pelo correio em 1990, com uma amostra de 1480 oficiais dos três Ramos, permitiu concluir duas coisas importantes: a primeira é que a percentagem de respostas ultrapassou em muito as habituais neste tipo de recolha de dados, o que não deixa de ser sintomático, embora possa reflectir de algum modo a disciplina característica dos militares; a segunda mostrou que 85,3% dos oficiais do Exército, 91,4% dos da Marinha e 95,0% dos da Força Aérea foram favoráveis à entrada de mulheres nas Forças Armadas, enquanto um estudo feito na mesma altura com a população portuguesa apontou igualmente opinião favorável, mas situada apenas em 57% (Carrilho, 1990).

1.4 *Algumas Diferenças em Portugal*

“(...) como se tudo já tivesse sido
sem nunca ter acontecido de facto.”
(Teresa Joaquim, *As causas das mulheres*)

“Pensar, todos pensam; filosofam
aqueles que pensam coerentemente.”
(Agostinho da Silva, in António de Sousa,
Diálogos com Agostinho da Silva.
O Império acabou. E agora?)

“(...) não há um destino de que as mulheres
estejam irremediavelmente prisioneiras, nem
um corpo a justificar a sua inferioridade. Há
sim corpos diferentemente sexados.”
(Alice Marques, *Mulheres de papel*)

Caeiro (2001) lembra que já D. Francisco Manuel de Melo na *Carta de Guia de Casados* reflecte sobre a vida difícil das mulheres numa sociedade masculina e dominadora enquanto Reis (2001) referindo-se aos séculos XVII e XVIII, lhes aponta um papel determinante na vida activa, como distribuidoras dos géneros alimentícios, nomeadamente o pão, o peixe e mesmo a carne e os próprios cereais, o que não seria suficiente para deixarem de ser consideradas como um fonte de perigo para os homens (Lopes, 1989).

Mas tomando como exemplo os últimos três séculos da vida no nosso país, facilmente se verifica que, como seria aliás de esperar, o panorama social da vida feminina não difere do atrás afluído, mostrando igualmente uma diferenciação social entre os sexos, com penalização frequente da mulher (Amâncio, 1994; Joaquim, 2006; Marques, 2004; Pinto, 2006; Vaquinhas, 2005).

Assim, no século XVIII são publicados os *Tratados de Educação Fysica dos Meninos para uso da Nação Portuguesa*, da autoria de Francisco de Mello Franco e Francisco José d’Almeida a que Teresa Joaquim (2006) se refere de modo elucidativo, ao dizer que esses tratados indicavam uma dupla via de educação que

devia ser dura para os rapazes e branda para as raparigas. Esta postura mostra uma clara distinção quanto à maneira como se devia lidar e educar as crianças, em função do seu sexo, antevendo-se que estes procedimentos diferenciados se iriam manter ao longo do percurso de vida, com todas as consequências que daí podem advir.

Não era pois de estranhar que as mulheres fossem profundamente desclassificadas por esta altura, indo esta realidade a tal ponto que o facto de a criminalidade feminina ser quantitativamente muito inferior à masculina, era interpretado como fruto da sua “(...) ‘fragilidade física’, ‘timidez moral’ e ‘dependência social’ “ (Vaquinhas, 2005, p. 16).

O facto de serem consideradas incapazes de aceder à razão, mas simultaneamente serem-lhes atribuída a responsabilidade de educar as crianças, enquanto eram qualificadas como “(...) indutoras, elas somente trabalham um campo, que é o corpo da criança, em particular o do rapaz, para a ‘abertura’ aos princípios, à razão “(Joaquim, 2006, p. 91) raia o absurdo. Parece perpetuar a dúvida indignada de Platão que não aceitava o paradoxo de as mulheres, que tinham pouco acesso à educação serem encarregadas de educar as crianças (Sissa, 1990).

Se olharmos o que se passava nos territórios de África e Índia, a situação é em tudo idêntica, senão pior. “A situação das mulheres nas colónias era sempre sujeita (e consequência) dos azares da providência: uma mulher podia partir rica e considerada de Lisboa e chegar a Goa pobre e sem abrigo. O que verdadeiramente condicionava a vida destas mulheres (em regra) era o desempenho/sorte dos seus cônjuges/prometidos.” (Pinto, 2006, p. 23).

E referindo-se ao século XVI, diz a autora que proliferavam em Goa instituições vocacionadas para abrigar homens, mas simultaneamente não existia um único destinado a mulheres, mesmo que religiosas (Pinto, 2006).

Relativamente ao escândalo público, os séculos XVIII e XIX produzem legislação muito punitiva, o que não terá impedido a prostituição de proliferar, mas sendo mantida longe das zonas residenciais (Cruz, 1984) e é a partir daqui que se definem “(...) dois estereótipos: a modesta e virtuosa *versus* desenvolta e namoradeira.” (Lopes, 1989, p. 117).

No século XIX o Código Civil de 1867 limitava seriamente os direitos civis e patrimoniais da mulher casada que apenas depois de ficar viúva recuperava alguma independência e autonomia. Do ponto de vista profissional a situação era igualmente degradante, ainda que não raras vezes camuflada sob a capa de um paternalismo protector que, embora aviltante, aparentava ser bem intencionado.

As profissões andavam muito à volta do trabalho doméstico e de auxílio ao chefe da família, com algumas incipientes incursões por outras, geralmente pouco valorizadas, mas que eram consideradas adequadas para elas. As mulheres que as exerciam eram enaltecidas por esse facto e apontadas como personificando a virtude e a saúde dos genes do povo português, outrora grande, mas contrastante com a decadência de então (Vaquinhas, 2005).

Contudo e algo paradoxalmente, quatro séculos antes lê-se nas Ordenações del-rei Dom Duarte que os castigos para os homens, nobres ou não, que abusassem sexualmente de mulheres eram muito rigorosos. Passam pela perda das pensões dadas pelo rei, no caso de serem nobres, ou pela obrigação de casar com a mulher ofendida se ela o aceitasse e ele fosse digno disso, indo até ao açoitamento público e expulsão definitiva da terra, se o não fosse (Ferreira, 2006).

Mais perto do fim do século há uma pequena mudança, com algumas profissões a alcançarem um estatuto particular, sendo designadas abreviadamente como *trabalho feminino* em que se contavam a enfermagem, o magistério primário e, já no início do século XX, a assistência social (Ferreira, 2006).

Esta autora na mesma obra salienta que simultaneamente estas profissões não eram mais procuradas pelos homens, ficando-se sem saber se eles as não queriam porque, uma vez desempenhadas por mulheres eram desqualificadas e mal remuneradas, ou se, por eles as não procurarem, elas passavam a ser consideradas desqualificadas e mal remuneradas e, por isso, a ser desempenhadas por mulheres.

Sobre isto Guinote (2003) lança alguma luz, avançando que aparentemente terá sido a primeira situação, de *feminização* de algumas profissões, que as teria desqualificado. De qualquer maneira, uma vez mais as mulheres responderam *presente* quando a sociedade, ainda que com certo oportunismo, se lembrou delas.

Ainda no século XIX a instrução superior da mulher é vista com maus olhos e firmemente desaconselhada, com base na ciência da época, podendo ler-se pareceres como o de que o *estudo em demasia* reduz a energia de que a mulher dispõe para os órgãos reprodutores, cansando-a, tornando-a menos fecunda ou, no mínimo, sem possibilidades de amamentar (Vaquinhas, 2005).

Estes obstáculos arrastam-se de longa data, como mostra Delumeau (2004) em relação à Europa no Renascimento e em Portugal as dificuldades ter-se-ão prolongado até ao século XX, quer em relação a homens quer a mulheres. Em 1910 havia 75% de analfabetos (Reis, 1988) ainda que já em 1759 tivesse sido criada a primeira Aula de Comércio, em Lisboa, que viria a ser integrada no Liceu de Lisboa em 1844 (Santana, 1988).

Em 1892 foi aprovada em Congresso a igualdade educativa para os dois sexos, mas sendo a mulher impedida de aceder a todas as carreiras profissionais e sendo fortemente defendido, inclusivamente por algumas mulheres como Alice Pestana, que os estudos femininos seriam intermédios e se destinariam a preparar a mulher para as funções do lar, mãe e educadora (Pinto, 2003).

Já no século XX começa a vislumbrar-se alguma abertura no campo da educação, como consequência de esforços anteriores. Era contudo ainda limitada, surgindo dificuldades levantadas até por homens que haviam defendido a instrução das mulheres no século XIX. Podia ler-se pareceres com conteúdos semelhantes ao atrás mencionado e é de destacar a caracterização das mulheres intelectuais que Oliveira Martins produziu em que as considerava “(...) ‘um virago de cabelo curto, e óculos, vestido pardo e sólidas botifarras, sobraçando rimas de livros’ (...)” (Vaquinhas, 2005, p. 73).

Contudo, em 1889 licenciara-se a primeira mulher em medicina e em 1913 foi a vez de se licenciar a primeira em direito (Portugal – Situação da mulheres, 1995) sendo a primeira formatura em medicina, da modernidade, datada de 1857, ano em que Elizabeth Blackwell se formou na Suíça, indo depois exercer nos Estados Unidos (Lewenhak, 1982).

Os tempos estavam em mudança e Belo (1989) resume a situação em poucas palavras, dizendo que o que acontece em finais do século XX é que as sociedades ocidentais não precisam já de enclausurar as mulheres e que, bem pelo contrário elas lhe fazem falta noutros lugares e, uma vez mais, a guerra veio de alguma maneira consolidar algumas mudanças (Oliveira, 1989).

Em 1912 uma mãe viúva fez o que seria impensável até então e, aproveitando o conceito de chefe de família que ela própria era, exerceu o direito de voto. Porém

as mulheres continuavam confinadas ao chamado espaço privado do lar e rejeitadas, ou impedidas no espaço público, no que se incluíam as associações mutualistas para cuja admissão precisavam de autorização escrita dos pais, tutores ou maridos. No campo da maternidade a lei permitia que ficassem em casa quatro semanas pós-parto, mas não havia qualquer compensação remuneratória. Este facto muitas vezes impedia-as de aproveitar este benefício ou levava-as a uma degradação económica igualmente impeditiva, sendo que só em 1927 se começou a dar alguns passos para alterar esta situação. (Vaquinhas, 2005).

Foi a partir do meio do século que a mulher se viu finalmente com acesso livre ao ensino superior. Não sendo criticada por isso e sem que lhe fosse colocada qualquer barreira de tipo sócio-cultural tendente a fazê-la seguir esta ou aquela carreira académica, que estranhos desígnios entendessem mais adequada ao pensar feminino, viu assim abertas as portas para o emprego. Também este agora era não discriminativo, do ponto de vista de opção da mulher, ainda que o continuasse e continue a ser muitas vezes em termos salariais (Silva, 2003; Vaquinhas, 2005) o que não a impede de se estabelecer nas três áreas de actividade (agricultura, indústria e serviços) com relevância crescente (Nogueira, Paúl & Amâncio, 1995).

Mantém-se contudo algo enraizada a ideia de que o lugar da mulher é no lar, na família (Paúl, 1995) no desempenho dessa profissão não profissionalizada, sem horário e altamente especializada (Leal, 1989) pelo que a sua invasão do mercado de trabalho deve ser encarada como uma outra actividade secundária, sem que deva ou possa prejudicar a sua missão principal, familiar e caseira. Acerca desta atribuição que tão empenhadamente a mulher portuguesa cumpriu, Eduardo

Lourenço diz que a sua geração beneficiou de mães a mais, “o que, em negativo, significa que tivemos pais a menos.” (1989, p. 25).

Contudo, não se pode deixar passar em claro que, como diz Kitzinger (s.d.) a antropologia não fornece respostas em quantidade nem em qualidade para a questão da maternidade, talvez por ser maioritariamente feita por homens que vêem a família numa perspectiva masculina indiscutível, em que as mães são consideradas como parte de um sistema que o homem controla.

Daqui a sobrecarga a que se vê geralmente submetida, quando trabalha fora de casa. Tem esse trabalho externo, tem o doméstico e tem o da família; a distinção entre os papéis sexuais exprime então uma separação entre o público e o privado que continuava para além do acesso da mulher ao mundo do trabalho remunerado (Amâncio, 1994). Mas esta entrada não levou a uma normalização funcional que descarregasse a sobrecarga que se viu obrigada a assumir a partir de então e tendo ficado o trabalho exterior remunerado como um aliciente colocado finalmente à sua disposição, mas sob condição de, em caso algum, descurar o dever fundamental, embora a remuneração pudesse ser inferior à dos homens.

A sobrepor-se à diferenciação salarial há ainda a de carreira, (Amâncio, 1994; Apfelbaum, 1995; Rojahn, Fischer & Willemsen, 1995) que se mantém até aos nossos dias. Amâncio foca-a procurando desmontar uma pretensão de proteger a mulher que parece antever-se e que uma vez mais ressalta do quotidiano social, dizendo que a discriminação inicial na indústria pesada, baseada na inferioridade física, afinal se mantém quando o posto de trabalho é automatizado mas permanece o salário inferior e a menor abertura à evolução de carreira (Amâncio, 1994).

O final do século trouxe uma maior abertura e a reformulação do que se entende serem os sexos masculino e feminino e começou a dar finalmente às mulheres um espaço vital seu, não subjugado pela sociedade (masculina) ou dependente do dos homens, permitindo-lhes o acesso mais aberto ao espaço público que lhes fugia desde sempre. As mulheres passam a ser, no final do século XX, parte do privado e simultaneamente do público, precisando de encontrar uma articulação entre estes dois mundos agora também seus (Joaquim, 2006).

Mas continuam a aperceber-se de que há uma enorme disparidade entre o contributo que dão para a evolução científica e tecnológica do país e para o desenvolvimento cultural e social e a participação a que são chamadas na decisão política (Tavares, 2003).

Edley e Wetherell (1995) chamam a atenção para que actualmente as mulheres não são impedidas de aceder ao público, mas sim discriminadas dentro dele, porque existem estratégias de resistência à mudança e portanto tendentes a manter a ordem pré estabelecida pela tradição (Marques, 2004).

É esta igualmente a percepção de Reskin e Padavic (1994) quando, ao falarem sobre o futuro da mulher como força de trabalho nos Estados Unidos, afirmam que no século XXI a segregação da mulher continuará.

Contudo, ainda que os lugares mais altos das hierarquias continuem a não ser preenchidos por mulheres, salvo em raras excepções, algumas alterações começam a ser visíveis (Portugal – Situação das mulheres, 1995).

Este novo desafio, só por si gigantesco, de criação de condições de sustentação entre duas vidas a que a vida não lhes dava acesso até há pouco, pode ser ainda aumentado pela evolução da sociedade, com a globalização, esse “(...) comboio de alta velocidade em movimento onde as pessoas são obrigadas a entrar mesmo

contra sua vontade e sem que disponham de saber ou poder para lhe alterar o percurso...” (Silva, 2003, p. 99).

E a hiper-comunicação, ou melhor dizendo, a possibilidade de comunicação ultra-rápida e envolvendo quantidades de informação de grandeza tal que se poderão a curto prazo tornar não processáveis (Almeida, 2004) pode ter também uma palavra a dizer. A investigação sobre a cognição social vem apontando para a falta de possibilidade de as pessoas processarem toda a informação que recebem, diminuindo assim a capacidade de inferirem correctamente (Caetano, s.d.), o que implicará toda uma “renovação” social começando pela própria legislação.

Temos vindo a apurar que todos aqueles que se preocupam e pensam esta nova sociedade em todas as suas vertentes (...) comungam da nossa opinião sobre o que aqui tem sido explanado a respeito da necessidade de um enquadramento jurídico-normativo codificado tendo como objecto as relações, liberdades, acções, deveres, direitos e obrigações decorrentes do uso das novas tecnologias (Almeida, 2004, p. 172).

É o conjunto das auto-regulações de que fala Soczka (1993), só possíveis devido ao grande desenvolvimento cerebral da espécie humana, mas que, principalmente nas grandes cidades, devido à hiper estimulação contínua a que os habitantes estão sujeitos, resulta na necessidade de recorrer a um processo complexo de habituação e anestesia emocional. Eventualmente este processo pode conduzir ao que Laplantine designou por *estupor catatónico* da esquizofrenização das grandes urbes (Soczka, 1993), conduzindo assim a um processo de ruptura que parece cada vez mais iminente.

Isto aponta um caminho de ponderação, moderação e bom senso que cada vez mais se afigura inevitável e urgente trilhar e que procure ordenar a abertura

informativa que, se descontrolada, pode ter consequências dramáticas (Almeida, 2004) ainda que ofereça uma oportunidade talvez única para finalmente se estabelecer uma ordem social em que homens e mulheres vivam em igualdade de status, oportunidades e direitos.

1.5 Resiliência. Feminismos e Resistências

“(...) a melhor medida de coragem
é vencer o medo.”

(Norman F, Dixon, *A psicologia
da incompetência dos militares*)

“É preciso haver quem faça o que
os outros não têm coragem de fazer”

(Marguerite Yourcenar, *Testemunho do sonho*)

“(...) quanto menos caso dela faziam,
mais caso fazia ela.”

(Eugenia Rico, *Só a água me espera*)

Como terá a mulher podido sobreviver numa sociedade agreste para ela, muitas vezes pronta a dificultar-lhe a vida e a colocar barreiras no seu caminho? Esta resiliência pode apoiar-se na importante proposta de Amâncio (1995, p. 36) de que “(...) the apparent dependence displayed by women in gendered contexts also hides the social origin of feminine identity behind a ‘natural’ collective identity”. A mulher escorar-se-á assim na sua própria origem para desenvolver os mecanismos necessários à salvaguarda do mínimo de condições para suportar as circunstâncias adversas, o que sugere a importância do envolvimento do “eu” em ideias colectivas.

Ao contrário Lorenzi-Cioldi (citado por Amâncio, 1995, p. 36) disse em 1988 acerca do homem, quanto à, pelo menos aparente, independência por este mostrada relativamente a aspectos específicos do contexto que, ele “(...) hides the

collective origin of masculine identity behind the expression of an individual identity”, o que favorecerá a aparência de desenvoltura e desligamento em relação ao grupal, em favor da sua própria avaliação e/ou comportamento.

Carla Augusto (2001) parece confirmar a formulação de Amâncio quando, ao referir-se à participação das mulheres nos movimentos estudantis da década de sessenta do século passado na Universidade de Coimbra, diz que a continuação da luta sobre a legitimidade da presença de mulheres nas actividades académicas se deve à identificação delas com o corpo de estudantes. Terá sido isso que terá permitido, por um lado, acabar com as referências ao género das intervenientes e, por outro, recusar o estabelecimento da habitual ponte de ligação da acção da mulher ao seu status categorial geralmente diminuído, com a consequente redução das motivações para participar e dos resultados da participação ao patamar da respeitabilidade que lhes seja outorgada na situação de momento.

Porém Hearn (1987) afirma que o homem age como uma classe de género agrupada sob a bandeira dos mesmos interesses, obrigada a lutar contra a classe antagónica, a das mulheres, o que parece indiciar uma situação de recurso, em que a percepção de pertença a essa categoria social de homem surgirá se necessário, quando ele se encontrar face a outras percepções em comparação, como a do status da mulher e a do seu desempenho e, principalmente, perante a ameaça que possam representar para ele.

Por outro lado as pessoas enquanto seres sociais definem-se pela interacção mais ou menos tensa com o meio e com o trabalho (Dubet, 1994) e vários investigadores concluíram que elas desempenham melhor uma tarefa quando os seus “eu” estão postos em causa (Murray, 1968). Isto pode também ajudar a explicar a capacidade de resistir à contra-corrente social, uma vez que o “eu” de

todas as mulheres e o de cada uma delas está a ser posto em causa a cada dia que passa, o que as pode levar a empenharem-se mais para poderem sobreviver no mundo desfavorável em que se encontram.

É a vontade de se libertarem e de *se criarem* que as faz resistir e que constitui, segundo Touraine (2007) a força da realidade actual a contrapor-se às ideias deterministas e estagnadoras de que o domínio masculino tem de ser invertido mais para compensar séculos de pressão do que para criar uma sociedade equilibrada.

Isto está aliás de acordo com o comentário à interpretação da pesquisa que Zunich apresentou em 1964, que comentámos no capítulo 1, em relação às reacções das crianças frente às dificuldades e ao fracasso e é o aspecto mais importante e mais ignorado, sobre as mulheres, a sua capacidade de luta (Touraine, 2007).

Ainda Murray (1968) lembra o modelo homeostático que postula que um desequilíbrio desencadeia um impulso que será desactivado com o re-equilíbrio, funcionando esta condição de re-equilíbrio como recompensa para o sujeito. Assim, teremos a mulher a sentir-se reforçada de cada vez que consegue, por algum modo, resistir à hostilidade do contexto, fortalecendo deste modo as suas defesas e os seus meios de reajustamento às oscilações sociais antagónicas. Isto permanece verdade mesmo nas situações em que o reforço não satisfaça qualquer necessidade fisiológica, uma vez que deste ponto de vista a satisfação necessária é muito mais psicológica.

Contudo não é de desprezar que as dificuldades para se livrar da pressão histórica são grandes (Hite, 2004).

O efeito muito negativo que pode ter na mulher a continuada sujeição a avaliações depreciativas e a comportamentos de inferiorização por parte da sociedade, levou Goldberg e Huxley (1996) a dizerem acerca disto que aquilo a que chamam sistema de resiliência pode entrar em colapso devido à produção excessiva de cortisol, ou talvez devido à estimulação crónica e/ou intensa dos receptores da aversão e do medo.

Por outro lado, embora a ideia de superioridade/inferioridade entre homens e mulheres seja desprovida de sentido, existe um número enorme de casos de mulheres que se assumem como inferiores, porque confundem o que verdadeiramente sentem ser com as expectativas sociais acerca delas (Daco, s.d./s.d.).

Isto pode significar que, em situações como as que se deparam tradicional e repetidamente às mulheres, a resiliência pode falhar, devido ao desenvolvimento de stresse.

E para que ele surja o factor determinante é a maneira como cada pessoa avalia e percebe o stressor e consegue depois, perante as suas vulnerabilidades e recursos pessoais, utilizar ou não uma estratégia de coping adequada para se adaptar (Chambel, 2005; Gonçalves, 2005; Jesus, 2005; Kabat-Zinn, 1991; Labrador, 1992; Lima, 2005; Oliveira, Pedrosa & Canavarro, 2005; Pereira & Monteiro-Ferreira, 2003; Pinto & Marques, 2006; Ramires & Almeida, 2005; Relvas, 2005; Ribeiro & Surrador, 2005; Serebro, 1996; Serra, 2002, 2003, 2005).

Os movimentos feministas foram uma tentativa de inversão do estado de coisas e dos valores tradicionais (Collin, 1991) que não levaram a um equilíbrio na sociedade, porque na verdade só muito recentemente é que se começou a batalhar pela causa fundamental que é a igualdade de direitos e de oportunidades entre

homens e mulheres, em vez de se procurar mostrar a superioridade de um ou do outro sexo (Badinter, 2005).

A propósito Hite (2004) diz que para combater a tradição penalizadora, as mulheres passaram a agir de modo dominador, não conseguindo com isso nada, a não ser inverter essa tradição sem a superarem.

Contudo, a sua acção na década de sessenta foi decisiva para abrir a porta à história das mulheres, com a criação de disciplinas universitárias sobre elas e de revistas específicas (Augusto, 2001). Repercutiu-se igualmente um pouco por todo o mundo, causando mesmo algumas alterações políticas (Ergas, 1991). Algumas obras chamam a atenção para desvios anteriores, causados muitas vezes pela repressão a que a mulher era sujeita (Smith, 1988).

Mas a luta entre feministas e não feministas está longe de acabar e pode até nem ter realmente começado, se não perdermos de vista a questão levantada por Varda Burstyn numa conferência sobre profissões ligadas ao negócio do sexo e direitos das profissionais, que levou à discussão sobre “(...) who is a good girl, who is a bad girl, and who decides who’s who” (Bell, 1987, p151).

Como diz Doris Lessing (2007, p. 212), a revoada anti-homem alastrou rapidamente e “de um extremo do mundo ao outro, as mulheres armavam-se em juízes dos homens (...)”

Carla Augusto (2001) toca na ferida do excesso de alguns movimentos feministas e confirma a tendência acima mencionada para inverter a situação e não para a equilibrar quando, ao abordar o impacto que a criação desta nova área de estudo teve, diz que eles consideravam que mais do que preencher o vazio gritante da mulher na história geral se exigia uma visão nova da história. O que ficava em causa era a própria metodologia para a fazer, a consideração dos

documentos, ritmos e tempos da mulher e termina com a afirmação de que aqueles movimentos sugeriam uma “(...) inversão das hierarquias entre o que é historicamente *relevante* ou *não relevante*,” (p. 194) insinuando portanto que, para eles, era relevante o que tratava da mulher e irrelevante o que a ela não se referia.

Jane Gallop (1988) chama a atenção para que um certo tipo de feminismo moderno poderá ter substituído a anterior ideia de mulher ideal por outra. A autora alerta para que se a primeira levou muitas mulheres a sentirem-se excluídas, fora dos padrões e a ficarem zangadas com isso, a nova pode ter um efeito igual, ainda que para outro tipo de mulheres, o que pode ganhar dimensão importante se se provar ser verdade, como diz Passerini (1991) que existe uma ligação com certa força entre a cultura de massas e o feminino ocidental.

A má orientação de alguns movimentos feministas, a que Kimura (2004) chama *filosofias igualitárias* levou, segundo esta investigadora, a que conjuntamente com a corrida aos empregos nas fábricas, por ocasião das duas revoluções industriais e da Primeira Grande Guerra, as mulheres tivessem provado a si próprias e aos outros que eram capazes de desempenhar tarefas geralmente destinadas aos homens e não se sentissem mais interessadas em se manterem em casa a costurar.

Este acréscimo e mistura de papéis levou a que a opinião relativa à origem fisiológica das diferenças de agressividade, assertividade, autoridade, energia e estratégias de raciocínio entre homens e mulheres

(...) se deslocasse para o extremo oposto: o de que não existem diferenças intelectuais ou de personalidade entre homens e mulheres que não possam ser

explicadas através da diferença de práticas e percursos educativos, ou seja, através dos processos de socialização. (Kimura, 2004, p. 28)

Nalguns aspectos as diferenças resultaram mais agudizadas, pela força da acção e da reacção contrária a estes movimentos e pela politização excessiva, ou eventualmente aqui ou ali total (Kimura, 2004). Assim pode ter-se dado um forte golpe no trabalho que era urgente que se fizesse, o de caminhar para a rápida aceitação da existência de dois sexos diferentes e que, se cooperantes, podem complementar-se com grandes vantagens para ambos. Como diz Jane Gallop (1988) o caminho do feminismo foi uma politização do que não era político.

Mas entre os defensores da separação total entre os sexos e os da ideia de que o tempo actual é de uma sociedade unissexo como Philippe Ariès, há um leque bem alargado de possibilidades que a humanidade terá de escolher para viver no futuro (Vincent, 1991).

Vincent (1991) diz que este último investigador considera que a originalidade dos tempos presentes é o aparecimento de uma sociedade unissexo, acrescentando que, segundo ele, quer os papéis de pai e de mãe quer os dos parceiros sexuais são intermutáveis e que o modelo único é viril. As jovens terão perdido as formas arredondadas que as caracterizavam, para darem lugar a uma figura idêntica à do rapaz (Vincent, 1991) o que parece poder ser confirmado, se compararmos os corpos que as passerelles mostram actualmente, com a tradição de que “(...) as formas redondas são o emblema do feminino” (Pierson, 1999, p. 45).

Mas Touraine (2007) fala de outra linha feminina de pensamento que se opõe ao modelo tradicional de mulher, mas não se opõe aos homens, entendendo que estes, como as mulheres, fazendo um caminho de libertação e construção de si deixam que o outro penetre em si aumentando assim a parte feminina dos homens

e a masculina das mulheres, o que em nada contemporiza com a ideia de unissexo que rejeita em absoluto.

Como diz Bouthoul (1976, p. 67) “(...) a política é dirigida por determinados homens, executada por outros e, enfim, aprovada, tolerada, aguentada ou ignorada pela maioria.”; talvez a hegemonia do homem sobre a mulher se mantenha nos dias de hoje por ser mais um dilema provocado pela *crise dos últimos tempos* (Morin, 1970). Pode, por isso, ser necessário alterar o rumo das relações entre os sexos de modo a que os factores irracionais e afectivos predominantes na formação da opinião pública (Augras, s.d./1980) possam ser neutralizados e a harmonia possa finalmente instalar-se e equilibrar a vida quotidiana da mulher (Badinter, 2005).

Essa vida tem, como se viu, sido regida por verdadeiros “(...) planos de navegação: artes de viver e de morrer” (Joaquim, 2006, p. 26), pelo que Easlea (1987, p. 212) apela à acção sob a bandeira de “(...) ‘um futuro verdadeiramente humano para toda a gente’”. Assim se poderá atingir um mundo livre em que todas as pessoas possam sentir-se auto-preenchidas (Fitting, 1987), não perdendo de vista que, nos tempos que correm, não se pode resolver um problema, sem os resolver todos (Sanguinetti, 1981).

Segundo Touraine (2007) as mulheres estão preparadas para isso, uma vez que são diferentes do que a maioria dos estudos sobre elas, ou que falam por elas, apontam e têm projectos de futuro positivos que não passam pela perda da identidade feminina nem se baseiam na vitimização ou em sentimentos de injustiça, mesmo quando são injustiçadas.

Porém, este objectivo só pode ser alcançado através da evolução, uma mudança que altera a relação das pessoas e da espécie com o meio e que, através da

hereditariedade, se instala como uma aquisição para as gerações seguintes. Assim se distingue de mudança, que é entendida como toda a variação que o ser humano está permanentemente a sofrer e que, no limite, é afinal a própria vida, enquanto sequência de mudanças (Bourricaud, 1977). Isto leva tempo e exige empenho e continuidade.

Alterações de fundo começam a ser propostas, por vezes aparentemente baseadas no feminismo radical, embora não fugindo irreversivelmente à realidade cristã em que o homem é livre de decidir amar ou não amar (Dias, 1988). Parecem apontar para o fim da família como mecanismo de libertação da mulher, eliminando três das quatro funções da família propostas por Murdock (Lima, 1987) isto é, a reprodutora, a económica e a educativa e conservando apenas a sexual.

Estas propostas são feitas por vezes de forma algo ambígua, como no caso de Lins (1999) que se fundamenta em vinte e cinco anos de trabalho como psicóloga e terapeuta para fazer afirmações como “o masculino é uma tragédia colectiva” (p. 107) e “uma das coisas mais desagradáveis que existem é conviver com um casal que está junto há alguns anos.” (p. 213).

Outras vezes são feitas de maneira pouco consistente e fundamentada, ou até contraditória, como a ideia de que viver sem compromissos e sem ligações afectivas é o ideal, livrando-se assim as pessoas do “(...) vício do amor romântico” (Lins, 1999, p. 94).

A autora contradiz o que afirmara antes, “ela acredita [a mulher] que, se ceder, ele vai desvalorizá-la e não se vai dispor a dar uma continuidade à relação. (...) E o pior é que muitos homens somem-se mesmo” (Lins, 1999, p. 43). Fica-se assim sem perceber como é que, sendo o amor um vício a perder, o facto de um homem

fazer sexo e seguir para outra aventura e portanto não se envolver amorosamente com a parceira, é classificado como “o pior” que pode acontecer à mulher.

De qualquer maneira, a ideia de que se deve ter relações sexuais sem compromisso como base de vida, parece apelar para uma forma de amnésia selectiva oposta à que Leyton (1987) sugere em relação a quem trabalha com assassinos em série. Segundo este autor, uma pessoa nessa situação tende a envolver-se emocionalmente com tão grande intensidade que acaba por se esquecer dos crimes que essas pessoas cometeram; parte-se pois de uma situação neutra para um envolvimento conducente à amnésia do que de mau o objecto do envolvimento fez antes. Aqui passar-se-á algo oposto, pois que após o envolvimento intenso do acto sexual e/ou amoroso, esquecer-se-á o parceiro com quem se esteve de tal modo envolvido, partindo portanto do grande envolvimento para o nada. Uma vez mais não se percebe bem como se atingirá esse desiderato, excepto se se estiver desde o princípio com a intenção deliberada e objectivo único de ter uma aventura sexual e só, o que pode reduzir muito ou anular o envolvimento emocional referido.

Estes pontos de vista são emotivos e demonstrativos de uma filosofia de vida que parece não estar ainda instalada, mesmo que muitas diferenças existam já em relação à aceitação da perda da virgindade antes do casamento e à ideia de que o sexo pode ser agradável sem fins de procriação, dentro desse mesmo casamento (Rogers, 1987). Como diz Piaton (1979) são afirmações em que a razão, os afectos e a ideologia se confundem.

Mas são contrariadas, por exemplo, por Carey (2006) quando se refere a que Helen Fisher afirma que o amor romântico é a experiência humana de maior poder, claramente acima do sexo. Townsend (1995) diz que as mulheres, mesmo

quando envolvidas em relações sexuais de pequeno investimento, se sentem emocionalmente vulneráveis e procuram desenvolver técnicas que lhes permitam testar os parceiros em termos de disposição e motivação para investirem na relação, limitando-a ou acabando-a quando os sinais são negativos.

Por outro lado, sendo a família a base da sociedade, a sua destruição pode vir a ter consequências graves para a estrutura social se, a este desmantelar da célula base, se não contrapuser uma outra estrutura capaz de dar forma e alicerçar a sociedade, dando-lhe a continuidade indispensável ao estado de equilíbrio (Lakatos, 1987; Michel, 1983).

Para se conseguir atingir o objectivo de desarticular a sociedade destruindo a família e os pressupostos das inter-relações amorosas, aparentemente objectivo de uma incipiente corrente emergente, só se pode antever uma acção de socialização assente em padrões totalmente novos. E então sim, poder-se-ia assistir a uma alteração da maneira de pensar e de sentir a relação inter-sexos porque, como diz Touraine (2007) o reconhecimento da influência social no género não deve levar à negação da diferença entre sexos.

Mas um facto é construído num determinado contexto institucional e reflecte esse mesmo contexto (Smith, 1990), o que significa que cabe à sociedade actual, no contexto actual, construir os novos factos de uma nova vivência entre os dois sexos/géneros, que é desejável e razoável esperar que seja mais equilibrada.

Sendo indiscutível que as alterações que se processem numa das categorias, masculina ou feminina, repercutir-se-ão irremediavelmente na outra, se esse re-equilíbrio não ocorrer, pode prolongar indefinidamente as assimetrias anteriores ou outras eventualmente inversas que venham a instalar-se (Edley & Wetherell, 1995).

Attali (2007) por exemplo, na abordagem à história evolutiva dos primatas/humanos, apresentando a sua visão da existência, continuada ao longo dos tempos, de três poderes, religioso, militar e mercantil, salienta a existência de um quarto. Inferior a estes, nunca até hoje dominante, mas acompanhando sempre todos os outros e, segundo ele, susceptível de um dia vir a sobrepor-se-lhes; trata-se do poder feminino, que “(...) domina a reprodução das gerações e a transmissão do saber.” (p. 24).

1.6 *Sexo e Género*

“Há mulheres felizes; são as que
não fazem falta a ninguém.”
(Agustina Bessa-Luís, *Aforismos*)

“Obviamente uma grande parte da agressão dos homens
e da submissão das mulheres deve vir da cultura, da
socialização num estádio inicial entre rosa e azul,
bonecos e camiões, inglês e matemática.”
(Kate Muir, *Arms and the woman*)

“(...) as meninas palram e sorriem mais cedo do
que os rapazes e quando numa creche um bebé chora
e um outro se volta para ele, sabe-se que em 90 por
cento dos casos este último é uma menina.”
(Marie-Louise Pierson, *A inteligência relacional*)

Sexos diferentes, parece-nos ser pacífico que os há, enquanto ocorrência natural (Héritier, 1996). Diferenças a que Alferes (1997) alude, que podem ser *derivadas*, directamente ligadas à genética e impossíveis de alterar, *associadas* que podem ser influenciadas pela cultura, isto é, pela socialização e *arbitrárias* que se ligam directamente aos padrões e normas culturais e são a charneira da passagem do sexo ao género.

As diferenças entre mulheres e homens têm sido mais ou menos potenciadas de acordo com a época, com os costumes e com as leis que cada sociedade produz e

segue, ainda que nem sempre os estudos sobre elas levem a conclusões claras e decisivas (Lips, 2008).

Elas próprias, as leis, são afinal um produto do sentir de determinada época e cultura e, por isso, resultado dessa mesma cultura e reflexo desse mesmo tempo.

Se as evidentes diferenças de aspecto físico que a maioria dos seres humanos apresenta em função do seu sexo e em relação ao outro justificariam só por si a constatação da diferenciação, não é menos verdade que muitas outras desigualdades, directa ou não directamente delas dependentes, têm sido apontadas e, umas vezes mais outras menos, seguidas como factores dessa diferenciação entre homens e mulheres.

Aliás Burn (1996) salienta este facto, quando diz que geralmente os psicólogos preferem a palavra “género” uma vez que ela considera grande parte das diferenças entre homens e mulheres como originadas pela cultura, enquanto que a palavra sexo as reporta às diferenças biológicas.

1.6.1 O sexo

“São os indivíduos que retiram das relações com uma mulher o sentimento de vitória que é terem-na salpicado de lama (...)
(D.H. Lawrence, *Pornografia e obscenidade*)

“(...) Meia mulher é uma mulher e um homem é meio homem.
Em meia casa vivem
E em meia cama dormem.”
(Pablo Neruda, *Odes elementares*)

“As mulheres estão em vias de instaurar um modelo de sociedade cuja novidade principal reside precisamente no fato [sic] delas terem passado de uma função de consumidoras para uma função de produtoras de uma organização social (...)
(Alain Touraine, *O mundo das mulheres*)

Há homens e mulheres, com corpos diferentes e, em casos pouco frequentes, hermafroditas ou intersexo. Quer entre os homens, quer entre as mulheres, alguns apresentam características próprias do seu sexo menos marcadamente do que outros (Mead, 1996) mas existem dois sexos (Touraine, 2007).

Cada vez existe maior comprovação científica sobre a existência de diferenças entre homens e mulheres, tão vasta que Deaux e Lafrance (1998) consideraram impossível inventariar todas as investigações feitas sobre o tema e que confirmam essas diferenças, embora não necessariamente em desfavor da mulher e nem sempre de significado notório.

Por exemplo, Doreen Kimura (2004) em *Sexo e cognição*, mostra que as diferenças não residem apenas na configuração dos órgãos sexuais externos, aquilo que mais chama a atenção, ou na frequente maior estatura dos homens, na sua maior pilosidade e noutros pormenores mais ou menos importantes.

Elas vão muito para além disso, não só no desenvolvimento do dimorfismo sexual e identidade sexual (Ruas, 1987) como por se manifestarem ao nível

cognitivo, o que introduz diferenças de aptidão, de avaliação e de capacidades entre os dois sexos, que não podem ser desprezadas (Carrada e Jannini, s.d.; Goleman, 1995; Kimura, 2004; Martin & Boeck, 2002).

Há diferenças mesmo quanto aos odores, como mostra Nossintchouk (1998, p. 263) ao dizer que “a diferenciação sexual exerce-se, porém, sem ambiguidade. Reagrupa os odores masculinos ‘almiscarados’ (...) e os seus homólogos femininos ‘açucarados’(...)” ainda que, em nosso entender não sirvam como base para qualquer espécie de discriminação de um ou do outro sexo, sendo, pelo contrário, uma base de atracção física importante (Herz, 2008).

Miller, Perlman e Brehm (2007) citam um estudo de Thorhill e colaboradores, realizado em 2003 em que concluíram que as pessoas atractivas e simétricas cheiram melhor do que as assimétricas e menos atractivas.

Brudereck (2008) afirma que as mulheres, quando beijam, dão maior importância ao odor do corpo do homem do que eles em relação ao do delas.

É importante não perder de vista que as diferenças existem dentro do mesmo sexo (Amâncio, 2004; Burton, Kimbal & Wing, 1970; Dryden & Gordon, 1993; Klatzky, 1975; Lewis, Amini & Lannon, 2002; Pinto, 1991; Santos, 1992; Sternberg, 2002) e são tão significativas intra-sexos como inter-sexos pelo que enveredar pela via da standardização seria um erro uma vez que as categorias masculina e feminina não são homogéneas (Touraine, 2007). Sobre isto, Miller, Perlman e Brehm (2007, p. 39) dizem que “the range of variation among members of a given sex is always large compared to the average difference between the sexes”.

Nalguns casos, são até maiores dentro do mesmo sexo do que entre eles, como salienta Amâncio (1994) referindo-se à comparação das medidas da inteligência o

que dá conta da grande variabilidade que cada uma das categorias sexuais apresenta naturalmente dentro de si.

Há homens muito mais fortes fisicamente do que a maioria das mulheres, mas há mulheres muito mais fortes do que muitos homens.

Brizendine (2006) inicia o livro *Como as mulheres pensam* afirmando que mais de 99% dos códigos genéticos dos dois sexos são rigorosamente iguais, mas apresenta provas de muitas diferenças de processamento entre o cérebro dos homens e o das mulheres.

A mesma autora (2007) em *O cérebro feminino* afirma, também logo no início, que qualquer observador atento vê que os cérebros dos homens e das mulheres são diferentes, referindo que os daqueles são 9% maiores, mesmo tendo em consideração a diferença de estatura entre os dois sexos. Esclarece porém logo a seguir que isso não se deve a maior capacidade mental nem é consequência dela, como se pensava no século XIX, mas acontece porque as células cerebrais, que são em número igual nos dois sexos, na mulher se encontram mais compactadas.

Kimura (2004) por sua vez, aponta por exemplo a grande diferença que existe em tarefas de pontaria e precisão, em que os homens se mostram claramente melhores, assim como na interceptação de uma bola de pingue-pongue lançada por uma máquina, mas a diferença já se torna muito menos significativa em tarefas espaciais de papel e lápis.

Estudando a história desportiva dos homens e das mulheres que participaram no estudo, a investigadora verificou que a prática de desportos que exigem pontaria só poderia ser considerada como responsável pela diferença encontrada entre homens e mulheres numa parte mínima, pelo que concluiu que essa diferença não é apenas devida à experiência de vida (Kimura, 2004).

Ao contrário, no que respeita a várias tarefas motoras minuciosas as mulheres são melhores. É o exemplo do Purdue Pegboard, em que a nossa experiência pessoal⁽²⁾ mostra que obtêm geralmente resultados muito melhores do que os que os homens conseguem alcançar, quer trabalhando com uma mão de cada vez, quer com ambas as mãos em simultâneo.

Kimura (2004) obteve resultados idênticos. É interessante verificar que alguns estudos feitos com este instrumento apontavam como causa desta vantagem das mulheres o facto de terem os dedos mais finos, o que lhes facilitaria a destreza de agarrar as pequenas peças (pinos metálicos de reduzida dimensão que devem ser colocados nos encaixes existentes num tabuleiro e anilhas igualmente metálicas para colocar em volta dos pinos). Contudo, a mesma autora afirma que os seus próprios estudos não confirmaram esta proposta e avança mesmo, com base noutros testes levados a cabo no seu laboratório, que eles apontam a possibilidade de as mulheres controlarem melhor a musculatura mais afastada do corpo, musculatura distal, como a dos dedos das mãos.

Por outro lado, a mesma investigadora verificou que nos homens, o nível de testosterona está relacionado com os resultados em testes espaciais e de raciocínio matemático, sendo que os que apresentam níveis mais baixos daquela hormona, têm resultados melhores nestes testes.

Nas mulheres não foi encontrada qualquer relação entre os níveis de testosterona e os resultados nos testes de rapidez perceptiva e de raciocínio matemático, apresentando contudo as mulheres melhores resultados nos primeiros do que os homens. (Kimura, 2004).

Na puberdade as raparigas começam a interessar-se por rapazes mais cedo do que estes por elas (Williams, 1983). Uma vez mais estamos perante a influência

decisiva da testosterona, aqui no seu terceiro pico que vai ocorrer nos rapazes por esta altura, mas as meninas nesta idade estão mais desenvolvidas do que os rapazes e, por isso, apresentam comportamentos de relacionamento com o outro sexo mais precocemente do que eles (Kimura, 2004).

A acção das hormonas que se dá nesta altura vai potenciar o desenvolvimento no rapaz de algumas das características que ele irá exhibir no futuro, no já aludido processo de diferenciação do masculino a partir do feminino. Nele se incluem aprendizagens específicas como por exemplo a aprendizagem social do desempenho do papel de caçador (neste caso de membro activo no processo de atracção interpessoal) e a maior exteriorização de disponibilidade sexual (Williams, 1983).

Isto poderá ter conduzido à desvalorização da mulher sob este último ponto de vista, levando a uma conceptualização distorcida em que ela desempenha um papel secundário de complementaridade inferiorizada, como membro de uma categoria quase assexuada, ou de um sexo inferior (Marques, 2004).

Há uma estabilidade estatística universal quanto à superioridade do homem, que aparece ligada ao facto de o prazer sexual ser um direito masculino (Héritier, 1996).

Damásio (1994) avança com uma proposta de reformulação dos objectivos da neurociência actual, baseada na necessidade de se estudar o que está por detrás das diferenças que homens e mulheres apresentam em relação aos processos de adaptação. Esclarece que o objectivo que vê para a neurobiologia actual é descobrir como é que as regulações adaptativas são sustentadas (Damásio, 1994).

Acrescenta mesmo que a sua intenção é debater a ligação entre os fenómenos biológicos e os sociais e não reduzir estes àqueles o que não deixa dúvidas sobre a

sua clara convicção de que as diferenças existem, para além dos processos adaptativos e da socialização (Damásio, 1994).

As diferenças biológicas, leia-se sexos diferentes, existem pois para lá dos aspectos meramente físicos e visíveis exteriormente e manifestam-se, umas vezes a favor dos homens e outras a favor das mulheres. Por isso, em nosso entender, negá-las não faz sentido podendo ser mesmo prejudicial para a causa das mulheres, porque, como diz Gallop (1988, p. 113) “Women have historically been associated with sexual difference, have been sexually differentiated from the generic so-called mankind. The wish to escape sexual difference might be but another mode of denying women”.

O problema está em se transformar as diferenças em desigualdades, sendo isto mais penalizador porque a própria sociedade funciona em bases que se fundamentam nessas mesmas desigualdades (Schifellite, 1987) levando mesmo, como mostrou Taft, a que a mulher se sinta quase como a viver em duas culturas (Carrigan, Connell & Lee, 1987).

1.6.2 O género

“Meu Deus, uma vez compreendida a maneira como as mulheres funcionam, é-se forçado a concluir que se trata de um mecanismo completamente asinino”
(Henry Miller, *Opus pistorum*)

“Porque não são os inimigos, mas os amigos que condenam o homem à solidão.”
(Milan Kundera, *A brincadeira*)

“Ela suspirava e queria ser dele, mas ele nunca poderia pensar que ela era uma mulher fácil.
(Colleen McCullough, *Uma obsessão indecente*)

Marques (1988) aponta dois caminhos na categorização social: um que a encara como um esforço de organização social e o outro que a vê como uma adaptação à quantidade e complexidade de estimulação que atinge as pessoas, ultrapassando a sua capacidade de percepção. Por qualquer dos caminhos que se entre, percebe-se a distinção entre homens e mulheres como uma categorização básica e, por isso mesmo aceitável, não sendo, com ponto de partida nela, espectável que uma das categorias se sobreponha à outra e muito menos que a procure esmagar.

Contudo, a valorização estereotipada do homem dá “(...) ao grupo cuja identidade é social e contextualmente valorizada, neste caso, os homens (...)” (Amâncio, 1988, p. 317) uma diferenciação que exprime comportamentalmente o que as crenças sociais apontam.

O problema não está, quanto a nós na categorização diferenciada, mas na ocasional distorção das suas bases e no aproveitamento que dela se pode fazer, eventualmente facilitada pelo facto de as categorias, como diz Cornaton (1979) permitirem uma classificação sistemática das atitudes.

Teresa Joaquim (2006) de algum modo corrobora a opinião de Gallop, quando sublinha que Luce Irigaray questiona a psicanálise devido à maneira como ela

analisa e ignora a sexualidade feminina remetendo-a para uma espécie de negativo da masculina ou simplesmente uma sexualidade não masculina, ou não sexo, esmagando-a e comparando por exemplo o clitórix a um pênis diminuto. A subordinação da sexualidade feminina ao desejo do pênis de que fala Tordjman (1988).

Gagnon (1988, p. 85) também salienta este aspecto dizendo que “em pornografia, como na psicanálise, o órgão sexual feminino é visto como algo em falta”, enquanto Dallayrac (1976) diz, acerca disto, que a sexualidade feminina, como outros bens de consumo corrente, foi empurrada pelos homens para uma situação de valor comercial.

As menores disponibilidade e ostentação de apetência sexual da mulher, referidas no capítulo anterior, podem ter tido grande importância ao longo dos tempos, para o menosprezo a que ela é votada e para o subestimar da sua sexualidade, uma vez que em média as mulheres, em todas as culturas muito ou pouco abertas, são menos disponíveis sexualmente do que os homens o que prova que se trata de uma diferença de algum modo hereditária (Carrada & Jannini, s.d.).

Mas, como se viu antes, do ponto de vista da socialização, a sexualidade da mulher tem sido reprimida, ao contrário da do homem que é valorizado por dela fazer uso frequente.

Ora se equacionarmos estas realidades com a tendência habitual do ser humano para valorizar a actividade, a disponibilidade, a determinação e a iniciativa facilmente se percebe a facilidade de cair na tentação da desvalorização da mulher, apoiada na ideia de que é um ser passivo e recipiente, enquanto o homem

é activo, determinado e dador. Isto pode levar à criação de hostilidade e à sua generalização, que são as bases da formação do preconceito (Monteiro, 1993).

Klineberg (1972b, p. 526) fala num preconceito *natural* que, de acordo com ele, se explicava

(...) segundo a natureza do homem, ou de certos aspectos inevitáveis da sociedade humana. De acordo com esta teoria o preconceito não pode ser evitado quando dois grupos entram em contacto; infere-se claramente que num mundo heterogéneo, o preconceito estará sempre presente, posição algo simplista e perigosa que remete o preconceito para causas naturais e próprias da espécie humana, logo não evitáveis.

Mas Karen Horney (1981) reforçou a ideia de que aquilo a que chamou *equações fundamentais ‘feminino-passivo’ e ‘masculino-activo’* atravessa todas as culturas e raças, em diferentes graus e formas, o que Héri-tier (1996) no seu magnífico trabalho expõe com profusão de exemplos e prova inequivocamente ser uma realidade.

Não é porém razão para justificar a existência do preconceito contra a mulher.

A confusão entre as “virtudes” da actividade e a indignidade ou, no mínimo, irrelevância obscura da passividade está patente noutros campos do quotidiano, como por exemplo no da leitura.

Em relação à desvalorização dos actos de ler e de ouvir, que são vistos como passivos e negativos em relação aos de escrever e falar, que são considerados positivos, activos e, por isso susceptíveis de conferir prestígio, Grummit (s.d., p.12-13) diz que “por isso tendemos a dizer: ‘Estava apenas a ler. Só isso.’ A leitura é encarada como uma actividade passiva: o leitor olha apenas para a

página, e o autor já fez todo o trabalho. Nada disto é verdade”, mas é assim que é entendido, pelo menos, pelo senso comum.

Platão também pensava que as mulheres eram abertas sem resistência à verdade, carentes e com vocação sexual de recebedoras.

Homero e Galeno viam-nas como passivas e inferiores ao homem, Aristóteles como inferiores em tudo e aliás os grandes pensadores e sábios dedicaram à mulher ideias não só falsas, como desdenhosas (Sissa, 1990). Isto pode ter originado que os traços activos que são geralmente ligados à competência e associados aos homens, sejam mais valorizados do que os que se relacionam com as mulheres, como a empatia e a expressividade, pelo que as diferenças entre homens e mulheres são distorcidas favorecendo os homens (Feldman, 2001).

Aristóteles, não só as considerava seres frios que perdiam sangue não transformado em esperma e que eram consequência de uma relação de baixa potência, como disse mesmo que, como produto de uma concepção, nascer uma mulher em vez de um homem era a primeira monstruosidade (Héritier, 1996).

Walkovitz (s.d.) parece apontar uma rebelião surda contra esta distorção atribuindo a passividade sexual da mulher a duas fontes: a oposição à sexualidade masculina activa e a demarcação de práticas sexuais de algumas mulheres, que eram socialmente consideradas masculinas ou degradadas.

Também Ceitil (2003) se refere à questão da passividade, que classifica da maior importância, salientando a sua dimensão no império dos sentidos e propondo que para se atingir o fascínio e o verdadeiro encanto é preciso deixar de procurar estar em posição de controlo e atingir a passividade. Considera em última análise que conseguir chegar a este patamar sensorial é afinal um

movimento dialéctico entre a passividade e a actividade, em que aquela em nada será subalterna desta (Ceitil, 2003).

Não se pode contudo perder de vista que a mulher tem conquistado postos de trabalho e posições sociais que contrariam esta ideia da passividade, instalada como característica do feminino. É o exemplo dado por Rajewski acerca da entrada de mulheres para bordo de um navio da armada holandesa, numa experiência pioneira naquele país, em que se esperava que daí resultasse uma maior competição entre os marinheiros (Guns, 1985).

Para além disso, as expectativas apontavam também, naturalmente e de acordo com a hipótese do contacto (Pereira, 2002) para uma revisão das atitudes e opiniões acerca das mulheres.

A existência de mulheres nas forças Armadas parece ser de grande importância para ajudar a desmistificar alguns preconceitos, como os da passividade e da fraqueza e Carreiras (1997) faz um resumo da participação delas nas Forças Armadas dos vários países que, pertencendo à NATO, as incluem nas suas fileiras e, nalguns deles, os números atingiam já expressão significativa.

Isto porém não tem sido pacífico e, desta vez, pelo menos aparentemente por boas razões, uma vez que as estruturas militares opuseram resistência à entrada de mulheres pelo que a guerra significa e tem de duro, brutal e devastador. Nalguns casos, como nos Estados Unidos, foi defendida vigorosamente a precaução em relação à sua inclusão nas fileiras em situações de combate como já mencionámos atrás (The Presidential Commission on the Assignment of Women in the Armed Forces, 1993).

Detalhes aparentemente pequenos, como o sorriso, são também diferentemente tratados e têm influência desigual em homens e mulheres. Frances constatou em

1979 que relativamente ao sorriso e ao riso, os homens que costumavam apresentar estes comportamentos se descreviam como sociáveis e amáveis; enquanto isso, as mulheres que o faziam descreviam-se como retraídas, conformistas para com os desejos dos outros e desconfortáveis em contextos sociais (Freitas-Magalhães, 2006).

Isto pode relacionar-se com o fortalecimento da auto-estima dos homens e aprendizagem da inferioridade pelas mulheres, ou com uma operacionalização diferenciada do sorriso e do riso que pelos homens sejam interiorizados como factores de sociabilidade e afabilidade e pelas mulheres como cedência e contemporização para evitar conflitos, portanto vistos exteriormente como sinais de fraqueza.

Também Tannen (1990) concluiu que a comunicação nos homens é vista como um contributo para a sua hierarquização favorável no mundo e nas mulheres como um instrumento de apoio e estabelecimento de consenso.

Estamos então a falar de uma das muitas pontes entre o inato, genético, feminino/masculino de base e o construído, aprendido, imitado por via da socialização que, em conjunto com o inato, constitui a real diferença entre homens e mulheres e que assenta no corpo que “(...) apresenta um traço notável e certamente escandaloso, que é a diferença sexuada e o diferente papel dos sexos na reprodução” (Héritier, 1996).

É portanto uma porta de passagem do sexo biológico para o género mas, referindo-se às representações de género que perduram até aos tempos actuais, Lígia Amâncio (1995) alerta para que elas são assimétricas e dão uma posição dominante à masculinidade em relação à feminilidade, o que é corroborado por outros investigadores (Hurtig & Pichevin, 1995; Nogueira, 1995; Turner, 1989).

Por isso Hurtig e Pichevin (1995) dizem que o processo de categorização aplicado às mulheres apela de imediato ao rótulo de *feminino*, o que nos dá a perspectiva de que o novo conceito de género pode continuar a ser prejudicial à mulher, uma vez que vem por vezes já viciado a partir dos pressupostos antigos.

Isso mesmo nos confirma Delvigne (1995) quando procura mostrar que o género não é um produto do sexo, mas de uma construção histórica e social que, ao contrário do sexo que se refere aos aspectos biológicos, é concebida como uma produção sócio-cognitiva presa a ideologias masculinas e femininas que actuam em termos de manter uma determinada ordem social.

É o que pretendemos apontar como uma das mais indesejáveis utilizações possíveis para o conceito de género.

Realmente, tem a possibilidade de servir uma causa científica inovadora e equilibradora ao caracterizar as diferenças bio-fisio-sócio-cognitivas entre masculinos e femininos, independentemente de preconceitos e do acúmulo histórico tradicional. Contudo parece estar a ser desviado exactamente para uma solução de continuidade entre o passado distante, o passado próximo e o presente/futuro, inculcando, uma vez mais, os estigmas inerentes à categorização inferior da mulher em relação ao homem.

Esta situação é tanto mais perigosa e indesejável quanto não podemos perder de vista que a vida é uma negociação permanente entre o que é herança cultural, as circunstâncias contextuais e a estratégia pessoal, sendo esta gestão moderada pelo que a sociedade considera na altura adequado (Almeida, 1995).

Por exemplo, o critério de adequabilidade quanto aos *scripts sexuais*, obedece a três parâmetros: obrigatoriedade, se a sociedade espera que ocorra certo

desempenho; permissividade se, embora considerado pouco desejável, o desempenho é aceitável; e proibição se ele é inaceitável (Alferes, 1997).

Com a fonte dos antecedentes históricos e culturais a enformá-lo, o conceito de género corre o perigo de não passar muito de uma categoria linguística (Vieira, 2006). Pode também tornar-se mais um conceito vazio, de categorização do já ancestralmente categorizado, ou seja, inútil se não prejudicial, por manter e poder mesmo sistematizar a tradição social de permissividade em relação ao homem e da proibição e/ou da obrigatoriedade em relação à mulher.

A menina continua o seu desenvolvimento de mulher, matriz da espécie humana, não tendo pois de receber descargas adicionais de grandes quantidades de testosterona para terminar a sua diferenciação sexual (Brizandine, 2006; Kimura, 2004). Por isso, a aprendizagem do papel de género tem influência, pois que a rapariga é socializada para, no que respeita à sedução, ser contida, discreta, algo recatada, para ficar à espera e manobrar depois, no momento oportuno, sinalizando ou não o seu interesse se e quando o rapaz tomar a iniciativa.

Este aprende a ser activo, a desencadear a acção e a procurar por todos os meios levar o seu alvo a ceder aos seus intentos, o que leva Vernon (1973) a dizer, acerca da variação cultural da frequência do coito entre os dois sexos, que essas diferenças parecem ser determinadas pela sociedade imputando-lhe portanto esta variação para que não encontra facilmente explicação com base fisiológica.

Na tentativa de atingir os objectivos até a violência é válida, para além de ao desencadeá-la o rapaz cumprir um ritual pacificamente aceite da masculinidade (Barbosa, 2004).

Como se tem vindo a explicar a formação do género? A psicologia explica-a através de diversas teorias que Vieira (2006) apresenta de modo compreensível e abrangente.

Esta autora sistematiza as teorias da formação do género em oito tipos, que vamos abordar em síntese.

(1) As *teorias da identificação* englobam: (a) a *abordagem psicanalítica* centrada no pensamento de Freud, que atribui a formação do género a acontecimentos ocorridos na infância, baseados nas diferenças anatómicas e nas consequências que tem o facto de se possuir ou não possuir um pénis. (b) Uma revisão feminista feita por Chodorow, centra a formação do género na base de relacionamento da criança com a mãe e da sua quebra. A rapariga mantém a proximidade com ela durante mais tempo e de maneira mais próxima, desenvolvendo por isso características de feminilidade como a sensibilidade, compreensão e relação em continuidade, enquanto o rapaz corta bruscamente essa ligação rejeitando-a e formando a noção de masculinidade baseada no evitamento do que é feminino. (c) Para as *teorias da identificação positiva* o processo de identificação não é traumático, mas, como o nome indica, positivo, desempenhando uma função protectora através do amor. A maturação vai permitir à criança reconhecer a existência de dois sexos diferentes fisiologicamente e incluir-se num deles, identificando-se depois com o progenitor do seu sexo, isto é, com o que tem as mesmas características físicas que ela.

(2) A *aprendizagem social* entende a formação do género como fruto de aprendizagens que as crianças vão fazendo por observação em que os comportamentos das pessoas do mesmo género, com quem interagem, são copiados.

De acordo com essas aprendizagens, vão depois imitar os comportamentos que aprenderam e são reforçadas ou punidas pela sociedade. Assim se o comportamento é adequado ao seu género, elas são reforçadas por isso, do mesmo modo que são punidas se ele for inapropriado.

(3) Para a teoria *cognitivo-desenvolvimentista* o género é formado por influências internas da maturação e externas do ambiente. Esta abordagem põe em destaque as capacidades cognitivas da criança. O fundamental é formar os conceitos de masculinidade e feminilidade e compreender a adequação dos comportamentos a eles, passando portanto estes a ser secundários. Existem três abordagens: (a) A de Kohlberg que postula que a criança cerca dos três anos designa correctamente o seu género e que o que é importante é o desenvolvimento da identidade de género que ela é capaz de compreender e não só de imitar em termos comportamentais. (b) Para Block a masculinidade e a feminilidade são apenas componentes da personalidade que são geralmente designados por “agencidade” (*agency*), isto é a tendência para satisfazer os seus interesses, para ser competitivo e assertivo e por “comunhão” (*communion*), ou seja a tendência para a compreensão, carinho e procura da harmonia. Numa primeira fase as crianças funcionam através da agencidade começando, na segunda a separar-se os papéis de género, com as raparigas a serem motivadas para a comunhão e os rapazes para a agencidade. Na terceira fase rapazes e raparigas integram as características masculinas e femininas na personalidade, o que se prolonga na vida adulta. (c) A *teoria dos esquemas de género* aceita que a criança adquire alguns dados do género através da aprendizagem social, mas processa-os de acordo com o seu desenvolvimento cognitivo, através dos esquemas, ou princípios organizadores do pensamento.

(4) *As teorias da categorização social* colocam a tónica no facto de cada pessoa pertencer a uma dada categoria social específica, homens ou mulheres e de, a partir daqui, comparar aquela a que pertence com a outra, retirando daí a medida do valor que detém, em função da sua pertença ao grupo.

(5) *As abordagens ligadas aos contextos sócio-psicológicos* assentam nos papéis que as pessoas desempenham e nos contextos em que o fazem. É portanto crucial a maneira como o género é definido, desenvolvido e mantido, sob a influência dos agentes sociais, assim como as expectativas que estes e o próprio têm acerca do desempenho daqueles papéis. Incluem-se duas abordagens: (a) Para a *teoria dos papéis sociais* de Eagly os papéis que os adultos desempenham permitem prever as diferenças sexuais entre eles, colocando-se entre as abordagens estrutural e cultural. A primeira salienta o facto de as pessoas de um grupo serem pressionadas pelas mesmas limitações e permissões e tenderem a ocupar posições sociais semelhantes nas estruturas sociais. A segunda enfatiza o facto de as pessoas de um grupo adquirirem as mesmas crenças e valores, devido à socialização no grupo. (b) O *modelo interaccionista de Deaux e Major* concebe o género como resultado da negociação permanente entre os intervenientes das relações interpessoais e os comportamentos de género caracterizados por serem flexíveis, fluidos e variáveis. Para as investigadoras o maior ou menor grau de exibição de comportamentos característicos de género varia nas pessoas de acordo com três aspectos: As expectativas de quem observa, os esquemas e objectivos de quem exhibe o comportamento e os factores da situação que dão maior ou menos importância ao género.

(6) A *perspectiva evolucionista* encara o género como um processo evolutivo e, por isso, adaptativo, pelo que os homens e as mulheres, por enfrentarem situações

adaptativas diferenciadas, exibem também comportamentos diferenciados (Miller, Perlman & Brehm, 2007). Para esta abordagem, a não existência de diferença mostra que homens e mulheres se confrontam com situações, problemas e desafios iguais.

Ainda segundo a autora que temos vindo a seguir (Vieira, 2006) para Buss, um defensor desta teoria, a selecção sexual é feita através de dois degraus: Um primeiro em que se faz a escolha de um parceiro sexual e o segundo em que é preciso competir por esse parceiro contra os elementos do mesmo sexo.

(7) O *construcionismo social* entende que o género é uma construção em permanente edificação a partir das interacções sociais, sendo portanto uma característica fluida das pessoas. Esta formulação assenta basicamente nos pressupostos de que as pessoas se podem manifestar de diferentes maneiras, cujos significados são constituídos através de um discurso social e, por isso, não há uma verdade única.

Para os defensores desta abordagem a palavra “género” é uma categoria linguística e, enquanto tal, serve para organizar a vida, o que segundo Vieira (2006, p. 86) leva alguns autores a dizerem que as pessoas não têm um género, mas “fazem o género”

(8) Finalmente a *teoria sócio-cognitiva do desenvolvimento e diferenciação do género* de Bussey e Bandura entende que o desenvolvimento e portanto a formação do género é feita ao longo da vida e através da influência de factores de natureza cognitiva, afectiva, social e de motivação. As pessoas seleccionam e constroem o meio à sua volta, influenciando desta maneira as acções que ocorrem entre factores de ordem pessoal, comportamental e ambiental e que, por sua vez,

porque são interdependentes com as pessoas, vão influenciar os padrões e as normas de adequação a eles.

A passagem do conceito de sexo biológico para o de gênero é recente (Amâncio, 1994), mas a categorização baseada no gênero é das que mais influência tem na vida social do ser humano (Edley & Wetherell, 1995), porque se apoia na oposição ancestral de valores duais contrastados, como seco/húmido, quente/frio, ou superior/inferior (Héritier, 1996).

Por isso e pela vontade e/ou necessidade sentida, de controlar a reprodução, por quem o não pode realmente fazer, os homens, se verifica que sexos com características físicas e anatómicas diferentes, são uma realidade natural mas existe uma *valência diferencial dos sexos* que os coloca em pratos de balança também diferentes, mas decorrendo daí uma distinção superlativa para um e de inferioridade para o outro (Héritier, 1996).

O Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo (1945) e o Dicionário da Língua Portuguesa (Costa & Melo, 1975) consideram a palavra *gênero* nas suas diversas denotações, mas não nesta e nem o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de 2003 a contempla neste sentido, apesar da palavra preencher toda uma coluna de página, para a tratar nas suas diferentes denotações.

Mesmo o Dicionário da Língua Portuguesa, da Porto Editora, edição de 2009 não refere especificamente a palavra gênero com a denotação que aqui se pretende, dizendo que ela significa: “1 conceito geral que abarca todas as cara(c)terísticas [*sic*] comuns de um determinado grupo, classe, etc; 2 conjunto de seres com a mesma origem ou que apresentam cara(c)terísticas [*sic*] comuns; espécie, família; raça” (p. 795).

Em dicionários especializados verifica-se que *O Dicionário Geral das Ciências Humanas* (Thines e Lempereur, 1984) não contempla esta entrada, acontecendo o mesmo com *La Psicología Moderna de la A a la Z*, de 1971. *O Dicionário de Psicología* de Chaplin (1981) considera a palavra género apenas no seu sentido biológico de subdivisão ou categoria inclusa de uma família, enquanto o *Dicionário de Psicossociologia* (Barus-Michel, Enriquez & Lévy, 2005) a ignora totalmente.

É no *Collins Dictionary of Sociology* (Jary & Jary, 1995) que ela se encontra finalmente com a denotação que aqui nos interessa, dizendo-se que ela significa “1. (common usage) the distinction between males and females according to anatomical sex” (p. 259), acrescentando em seguida “2. (sociological usage) a social division frequently based on, but not necessarily coincidental with, anatomical sex” (p. 260).

Neste dicionário, é na entrada *Diferenciação de género* que por fim se dá a denotação que a palavra toma no nosso trabalho “ the process in wich biological differences between males and females are assigned social significance and are used as a means of social classification,” (Jary & Jary, 1995, p. 260) e na entrada *identidade de género* lê-se “the sense of self associated with cultural definitions of masculinity and femininity (see gender)” (id.).

O *Dicionário de Sociologia* (Boudon, Besnard, Cherkaoui & Lécuyer, 1990, p. 113) diz que

a palavra ‘género’ está em vias de entrar no vocabulário da sociologia francófona – *gender* [em inglês no original] já está em uso desde há mais de dez anos na sociologia anglo-saxónica – para designar o que tem a ver com a diferenciação social entre os dois sexos. Tem a vantagem, sobre a palavra

‘sexo’, de sublinhar a necessidade de separar as diferenças sociais das diferenças biológicas.

Porém e apesar deste uso mais antigo em língua inglesa, nem o *Webster’s New World Dictionary of the American Language*, de 1979, nem o *BBC English Dictionary*, de 1992 consideram a denotação da palavra *gender* neste sentido, mas apenas como sexo das pessoas ou género das palavras.

Estranhamente, o *Dicionário de Psicologia* de Doron e Parot (2001) não inclui sequer esta entrada.

Do ponto de vista de Amâncio foi a exiguidade e pouca clareza da psicologia diferencial dos sexos que levou ao aparecimento da palavra *género*, nos anos setenta, “(...) conceito que define a subjectivização do sexo biológico e se baseia no processo de categorização” (1994, p. 26).

Uma vez mais não concordamos por não encontrarmos razão válida para se entender o sexo biológico como subjectivo, nem vemos qualquer subjectivização acerca dele, excepto quando se procura deliberadamente criá-la, uma vez que o sexo pode ser masculino ou feminino e, só em casos pouco frequentes, surge o hermafroditismo.

Esta última condição corresponde a um erro no processo de formação do ser físico (Nodin, 2002) e pode suscitar alguma reacção social (Gomes, 2006), até por ser rara e por isso mesmo é tão susceptível de originar uma categorização diferencial como qualquer outra malformação física.

Quanto aos masculinos e aos femininos, afinal a maioria da humanidade, eles são diferentes fisicamente, anatomicamente, biologicamente e daí que o sejam também psicológica e socialmente. Germaine Greer, assumindo que pode ser acusada de mau feminismo, advoga que as mulheres são diferentes, que o seu

corpo é diferente e que o seu sexo também o é (Marques, 2004). Pensamos da mesma maneira.

Existem diferenças biológicas entre as raparigas e os rapazes (Carmo, s.d.) como os casos pouco frequentes de hermafroditismo confirmam ao fazerem sobressair, pela sobreposição ainda que parcial, a diferença entre os dois sexos. O facto de alguns humanos serem homossexuais, ou transexuais não invalida que sejam fisicamente homens ou mulheres, podendo ter alguma perturbação de identidade de género (Nunes, 2003).

O próprio conceito de homossexualidade implica a aceitação da diferença, uma vez que significa que um sujeito de um sexo (e portanto não do outro e diferente dele) escolhe e/ou prefere sexualmente outro sujeito do mesmo sexo (Nodin, 2002).

Ora se fôssemos unissexuados (ou todos iguais) seria necessário e inevitável que escolhêssemos sexualmente outros como nós, igualmente unissexuados e então sim, iguais a nós. Mas não somos e, por isso, somos supostos fazer escolhas heterossexuais ou homossexuais e, como as próprias palavras claramente indicam, isso significa que escolhemos outros sexualmente diferentes de nós, no primeiro caso, ou sexualmente iguais a nós, no segundo.

Isto prova uma vez mais que, para além das diferenças intra-sexo que são por demais evidentes e superiores às que existem entre sexos (Poeschl, Múrias & Ribeiro, 2003), elas existem também entre sexos. Isto é uma evidência, a menos que caiamos no exagero de dizermos que as próprias palavras estão elas também já viciadas pela socialização e que, sendo homens e mulheres iguais, não há por isso razão para a utilização dos termos hetero e homo, aplicados à sexualidade.

Não queremos porém retirar a importância da interiorização do gênero, que pode ser feita em concordância com o sexo ou em discordância dele e que desempenha um papel de grande relevo na vida do sujeito (Carrada & Jannini, s.d.; Gomes, 1987; Gomes, 2006; Nodin, 2002; Pereira, 2006; Vernon, 1973). Isto aliás reveste-se cada vez mais de relevância até no tratamento de intersexuais (Maciel-Guerra & Guerra-Júnior, 2005; Santos & Araújo, 2004).

A vinculação às figuras parentais no período de infância, juntamente com o apagamento dos traços do outro sexo, tem um papel determinante (Kaufman, 1987). Ou seja, a consciencialização de que se pertence a um determinado sexo conduz a que a sociedade espere que nos comportemos de certa maneira, levando-nos então a aprender as normas de comportamento que se adequem a esse modelo estereotipado de funcionamento.

Segundo o modelo interaccionista (Deaux, 1984) é o facto de se aprender essas mesmas normas que faz com que os desempenhos de homens e mulheres sejam diferentes nalgumas situações. Esta situação, como referimos insistentemente atrás, serviu algumas vezes para fundamentar exploração sexual e económica em que, principalmente a mulher, foi discriminada.

Contudo o próprio homem é prejudicado pelo machismo cego ao ser-lhe imposto um comportamento sexual mecânico e vazio, funcional, mas não sentimental (Restrepo, 2004) e vê-se obrigado a abdicar de parte de si mesmo (Laranjeira, 2004) confrontando-se por vezes com grande dificuldade em lidar com a masculinidade (Barbosa, 2004). Não raras vezes sente-se profundamente inferior, dadas algumas transformações que o tempo ditou em relação aos pressupostos dessa mesma masculinidade (Daco, s.d.).

De facto e apesar de toda a vantagem que lhe tem sido dada ao longo da história, o homem não tem sido particularmente feliz, de acordo com vários autores que consideram que a socialização imposta aos jovens masculinos é opressiva e os leva, enquanto homens, a desempenharem um papel sexual limitado, inibidor e constrangedor (David & Brannon, 1976; Farrell, 1974; Fasteau, 1974; Jourard, 1971; Pacheco, 1998).

Algumas feministas liberais concordam, elas também, dizendo mesmo que os homens, tal como as mulheres, têm sido oprimidos e prejudicados com o sexismo, razão pela qual advogam que a mudança desta situação será benéfica para ambos, do que muitos homens empenhados em movimentos ligados aos problemas de género fazem eco (Edley & Wetherell, 1995).

As alterações, poucas e lentas, que se vêm registando fazem-se muitas vezes com base nas comparações entre gerações, o que pode levar a conclusões mais ilusórias do que reais, como Amâncio (1995) ressalta referindo um trabalho de Crosby e Jaskar, de 1993. Acerca dele diz que essas comparações têm levado a concluir que os homens vivem satisfeitos por verificarem que possuem atitudes e comportamentos muito diferentes dos dos seus pais e as mulheres sentem-se culpadas por se aperceberem de que fazem um menor investimento na família, do que as suas mães tinham feito, em favor da carreira profissional (Amâncio, 1995).

Assim, a evolução positiva que se vai desenhando pode tender a criar ainda mais diferença, uma vez que o homem se sente muito melhor porque a sua postura em relação à família, por exemplo, é mais cooperativa do que a que o seu pai tinha mostrado. Enquanto isso a mulher sente-se pior, porque as suas novas atribuições em carreiras remuneradas lhe dão a sensação de não poder cuidar da família (papel ancestral) como a sua mãe o fez.

Em suma, existem pois diferenças de sexo e diferenças de género, estas fruto daquelas e principalmente da pressão social, ou socialização, proporcionada por sua vez pela capacidade cognitiva das pessoas para perceberem e interiorizarem o seu sexo, o seu género e o comportamento que, a partir daí, se espera delas. Perceberem portanto, os papéis sexuais e de género que se espera que desempenhem, mas como diz Restrepo (2004, p. 49) “a reciprocidade sexual e amorosa passa necessariamente pelo reconhecimento das diferenças de género.”

E o que é então o género de uma pessoa? A definição de Stoller que Marques (2004, p. 31) cita dizendo que é um conceito que designa “(...) os comportamentos, sentimentos, pensamentos e fantasias, relacionados com os sexos, mas não necessariamente associados ao sexo biológico (...)” parece-nos incompleta. Falta-lhe um aspecto, quanto a nós fundamental, que é a percepção que o sujeito tem do seu sexo e das normas e comportamentos que a sociedade entende como adequados.

A construção do género, para ser realmente social como os investigadores apontam, não pode ser remetida unicamente para os comportamentos e produções cognitivas do sujeito como sentimentos, pensamentos e fantasias, ou confundir-se-ia com o seu mundo pessoal interior, só dele, construído por ele e com ou sem referência social. O que dá ao género o seu carácter social é a influência da sociedade que naquela definição está ausente.

Assim, consideramos género como as atitudes, comportamento, pensamentos, sentimentos e fantasias, em referência ao sexo biológico, ainda que não necessariamente em correspondência com ele, resultantes da influência da socialização que estabelece os critérios de adequabilidade e em função da maneira como esta e o sexo biológico são percebidos.

A identidade de gênero implica a identificação do sujeito com um gênero (Antunes, 2007).

Por isso, uma grande parte da discriminação contra a mulher que indicámos antes, assim como da que não mencionámos mas tem existido e continua a existir, é contra o gênero feminino mais do que contra o sexo feminino.

Não se discrimina a mulher por ter seios salientes e vagina em vez de um pénis saliente e seios rasos, mas porque, a partir destas diferenças e de outras como por exemplo menor força, menor resistência física, menor velocidade, menor aparente disponibilidade sexual, maior passividade e busca de consenso, etc., a sociedade ao longo dos séculos a foi estigmatizando imputando-lhe incapacidades que não tem e poderes maléficos que também não possui.

O que sempre prejudicou a mulher não é o seu sexo biológico, que esse o homem não repudia geralmente, mas sim o que a partir dele, ou da sua diferença em relação ao masculino, foi sendo progressivamente assumido como fraqueza, inaptidão ou incapacidade e poder maléfico inesgotável. Aquele ser fraco, instável, inseguro, só pode fazer-se valer se usar de armas secretas e invisíveis, malévolas e poderosas que a sociedade lhe atribuiu, mesmo sem nunca as ter visto realmente.

Há contudo raras exceções quanto à determinação do sexo social, como acontece com os sambia que assumem que a mulher existe enquanto mulher desde que nasce e vai crescendo e cumprindo os rituais adequados (Héritier, 1996). Enquanto isso, o homem vai-se construindo, inicialmente pela ingestão do esperma dos mais velhos e depois, quando considerado verdadeiro homem, pela poupança do seu próprio, uma vez que é o esperma que determina a masculinidade, pelo que se o esgotar, deixa de ser homem (Héritier, 1996).

A construção da identidade masculina não pode ser separada da da identidade feminina nas raparigas (Prazeres, 2004) uma vez que é feita em função de um referente, o masculino, e por oposição ao outro, o feminino.

Isto e o simbolismo indicado por Hérítier (2004), acima referido, apoia a conclusão de Lígia Amâncio (2004) quando diz que ser homem é viver um processo de permanente construção dessa condição.

Entendemos pois que a ideia de género nem sempre se apresenta em auxílio da verdade, nem da mulher, mas, pelo contrário, veio *oficializar* aquilo que há séculos se fazia sem uma base minimamente científica, como diz Touraine (2007) apontando para a dominação masculina. A base científica pode estar agora a sedimentar-se com a divulgação do conceito científico de género que facilmente pode ser aproveitado para teorizar acerca das diferenças que existem entre homens e mulheres, por inculcação social e só.

Isto poderá tender a imputar (e como vimos, nalguns casos isso já acontece) a factores sociais e/ou meramente controlados pela sociedade, a criação de um género diferente do do homem, mantendo-se assim a discriminação de meia humanidade, por ser apontada como incapaz de ser homem, então considerado o referencial superior cientificamente comprovado.

Os autores que entendem que existem diferenças entre os sexos apontam este estado de controvérsia ao feminismo moderno da década de 70 do século passado (Poeschl, Múrias e Ribeiro, 2003).

É um caminho errado e perigoso, com base na quase imposição da ideia de que somos todos iguais e de que, as diferenças que existem se devem exclusivamente à influência e à categorização sociais, pelo que homens e mulheres poderão passar a médio prazo a ser conceitos ultrapassados, tudo se reduzindo a seres humanos

unissexuados, bissexuais, reproduzindo-se tecnologicamente de acordo com as possibilidades que a ciência for criando para o efeito.

As diferenças de sexo existem e são evidentes. Elas geram diferentes maneiras de ver o mundo, de a ele reagir e de nele viver, quer por força do desenvolvimento cognitivo diferenciado, quer pela da socialização.

Assim se cria géneros diferentes, mas a evidência destes não é uma boa bandeira para mais cruzadas pela diferença, mas antes pela complementaridade e pela cooperação, porque “a igualdade de facto entre mulheres e homens pressupõe, tanto para umas como para outros, autonomia individual, consciência e vivência da cidadania” (Rêgo, 2003, p. 120). É necessário substituir, como diz Lorenzi-Cioldi (2003, p. 101), “(...) a inferioridade pela ‘alteridade’ e a hierarquia pela justaposição” como base para uma entrelaçada dos sexos (Touraine, 2007).

Teresa Joaquim (2006, p. 52) cita Luce Irigaray que disse um dia que “(...) a diferença talvez mais subversiva mas a mais anulada, porque ela é a mais imediatamente próxima, é a diferença entre homens e mulheres.”.

Por nós dizemos que ela, essa diferença que existiu, existe e sempre existirá, é a mais anulada, porque nunca se soube como lidar com ela, tentando assumi-la como incontornável factor de divisão. Ou, ao contrário, porque se procura esbatê-la, apagá-la mesmo, ou imputá-la a factores sócio-culturais, em vez de reconhecer que ela começa por ser biológica e que, expandida pelo amadurecimento cognitivo e fortemente marcada pela influência da socialização, está dentro de nós.

Encontra-se tão *imediatamente próxima* que está realmente dentro de cada um de nós, homens e mulheres e por isso nos incomoda, tanto mais quanto menos aptos temos sido para a aproveitar positivamente.

Somos diferentes o que é excelente. Difícil seria imaginar um mundo de *clones* moldados uns pelos outros e sem qualquer originalidade a quebrar a insuportável monotonia.

Como diz Reyes (2008, p. 263),

a natureza não só não se enganou como fez uma autêntica obra de arte. Se os homens e as mulheres se parecessem mais, reagissem de forma semelhante e sentissem as mesmas emoções, a relação perder-se-ia na rotina, na falta de novidade, na ausência de contribuições e na carência de complementaridade.

1.6.3 *Desequilíbrios equilibrados*

“Creio que podia regressar e viver com os animais,
são tão plácidos e autónomos (...)
(Walt Whitman, *Canto de mim mesmo*)

“Nunca, nunca, ele nunca há-de amar-me.”
(Simone de Beauvoir, *O sangue dos outros*)

“Os meus sentimentos empalideceram, como a pele das
pessoas daqui, e os meus sorrisos são apenas sorrisos de circunstância
(Kim Edwards, *Um brilho no escuro*)

A *luta desigual* que no capítulo anterior abordámos poderia parecer desmotivadora para um e para o outro género, mas as coisas realmente equilibram-se através de mecanismos, uma vez mais, mistos de genética e aprendizagem. Realmente para a mulher estar remetida a um papel expectante sem possibilidade de intervir parece muito frustrante e para o homem ter de ser sempre o iniciador do processo de atracção, sujeito por isso mesmo a ser recusado, parece-o igualmente.

Estamos a falar das estratégias de sedução que se pode adequadamente utilizar, ou não e que se podem classificar como defensivas, quando funcionam através da contenção e da flexibilização prudente e não ostentatória e como assertivas quando actuam no sentido de ostentar e procurar impor uma imagem favorável e desejável (Mónico, 2005).

Contudo, tal como o homem, ela possui um código de sinalética com que pode dar indicações acerca do seu interesse, ou falta dele, perante as investidas do homem e este, por sua vez, se se mantiver atento a esses sinais e os descodificar convenientemente, poderá arriscar o mínimo, conseguindo recompensadores resultados.

Sabe-se que a comunicação simbólica é susceptível de dar vantagens a quem a utiliza (Deacon, 1998) e que dá nas vistas, se o receptor tiver alguma sensibilidade (McMahon & McMahon, 1986) ainda que a sua descodificação dependa dos pressupostos de cada um (Josipovici, 1996).

Aqui a atenção pode desempenhar um papel decisivo, por permitir focar os estímulos novos que um e outro vão enviando (Bickerton, 1996), melhorando, deste modo, as possibilidades do receptor.

A programação hereditária é assim como que aperfeiçoada ou, talvez mais correctamente, protegida pela aprendizagem dessas artes de transmitir e receber sinais que orientam a navegação no mar, nem sempre pacífico, da atracção interpessoal. (Carrada & Jannini, s.d.; Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

Para além disto e, cada vez mais nos tempos modernos, a mulher começa a usar técnicas mais directas, semelhantes às que tradicionalmente eram usadas pelo homem (Evans e Zarate, 2005).

Homens e mulheres procuram assim controlar o meio humano e dominar o contexto físico em que vivem inseridos para reduzir ao mínimo a probabilidade de eventuais barreiras lhes limitarem as possibilidades de atingirem os objectivos que têm em mente, o que aliás as crianças já fazem demonstrando durante o seu desenvolvimento e à custa dos seus próprios esforços, uma crescente competência para dominarem o meio físico que as rodeia (Vernon, 1973).

Poderia pensar-se, numa análise descuidada, que as mulheres uma vez mais estavam a ser postas em segundo plano, uma vez que se veriam obrigadas a limitar-se a aguardar a aproximação do homem, para depois darem a sua resposta simbólica, mas isto não corresponde inteiramente à realidade.

Tal como na maior parte da vida animal, em que as fêmeas são muito mais selectivas do que os machos quanto à escolha de um parceiro, a mulher também o é mais do que o homem (Carrada & Jannini, s.d.). De facto a disponibilidade atrás mencionada do homem leva-o a aceitar, em princípio, qualquer parceira desde que seja mulher e se enquadre dentro de certos limites que são bastante largos, enquanto a mulher, com a sua menor exteriorização de apetência, escolhe mais criteriosa e cuidadosamente o parceiro (Carrada & Jannini, s.d.).

E como o faz, se está confinada àqueles que se lhe dirijam, sempre prontos a utilizarem em seu proveito as estratégias de auto-apresentação (Sousa, E., 1993) na tentativa natural de colherem aceitação a aprovação (Rodrigues, 1986)?

Modernamente pode não se deixar confinar a esta situação, procedendo activamente, com estratégias semelhantes às dos homens (Evans & Zarate, 2005) a partir do que se torna necessário não perder de vista que, quando as relações entre papéis são alteradas, os padrões de actuação também se modificam (Robinson, 1977).

Mas tradicional e mais conservadoramente, ela sinaliza, através das diversas estratégias de sedução, antes, durante e depois da iniciativa masculina e consegue assim, com razoável facilidade e eficácia assinalável, *escrever o seu próprio destino*, isto é, preparar a apetência do homem, levando-o a reparar como ela é atractiva e como parece poder vir a interessar-se por ele, se ele lhe parecer ser um sujeito capaz de lhe garantir o que ela pretende (Carrada & Jannini, s.d.; Michner, DeLamater & Myers, 2005).

Um toque oportuno na saia, um inclinar do pescoço, ou uma ligeira carícia são elementos decisivos neste jogo de sugestão (Nahoum-Grappe, s.d.), ou “(...) os movimentos graciosos e meneantes, onde cada gesto é um convite.” (Abreu, 2007, p.42). Em relação aos que não são seleccionados, ela procede de modo inverso, mostrando o mais cedo possível e com a insistência que entender necessária, que não está nem estará interessada, aconselhando-o pois indirecta, mas muito convincentemente, a mudar de alvo (Carrada & Jannini, s.d.). Isto leva a que muitos homens sejam levados a ter de admitir que muitas vezes sentem que a mulher é quem detém o poder (Segal, 1990).

Sabe-se que a apresentação de sinais positivos, como o sorriso, feita por uma mulher a um homem, pode influenciar o receptor, tendendo a levá-lo a ser mais competente no seu desempenho (Freitas-Magalhães, 2006). Esta resposta, por sua vez, dá à mulher a possibilidade de a tentar decifrar utilizando a sua melhor capacidade para detectar os sinais pessoais através da expressão facial (Rosenthal, 1979).

A importância deste processo é grande já que uma primeira impressão favorável pode levar ao efeito de halo, criando a percepção de características consistentes

com ela (Caetano, 1993) e que se sabe que o que mais influencia a primeira impressão é a aparência física (Myers, 2005).

Também, por razões conjuntas de genética e aprendizagem de papel, o homem dá maior atenção ao aspecto físico da mulher do que esta ao dele, o que, uma vez mais, reequilibra a aparente desvantagem da mulher, uma vez que é o seu aspecto físico que atrai inicialmente o homem, pelo que ela não necessita de se manifestar directamente de princípio.

Tal como a flor atrai a abelha, a mulher atrai os homens... depois selecciona-os a seu contento, o que diversos investigadores confirmam, como por exemplo Carrada e Jannini (s.d.), que se referem aos mecanismos da sedução dizendo que o físico feminino é mais importante do que qualquer outro mecanismo na primeira abordagem.

Estes mesmos autores, sobre a repercussão social de um homem se fazer acompanhar por uma mulher bonita, acrescentam:

Quando a um grupo de pessoas é apresentado [*sic*] uma foto de um homem feio ao lado de uma mulher feia, ele será considerado, geralmente, como um Zezinho. Se, ao contrário, o mesmo homem tem ao seu lado uma mulher linda, será considerado como um homem de sucesso (Carrada & Jannini, s.d., p. 51).

2. Atracção Interpessoal

“Ficou embaçado a olhá-la. Aquele cabelo castanho-escuro, longo e lustroso (...) aqueles olhos grandes de pestanas opulentas, a curva perfeita daqueles lábios... desenhada a *bâton* castanho!”
(Tom Wolfe, *A fogueira das vaidades*)

“(...) belo, jovem, bronzeado e musculoso, olhar abrasador, empreendedor, mas não grosseiro.”
(Marie de la Forest, Dany Duran e André Corman, *Fantasma com que sonham as mulheres*)

“(...) e que exale sempre o impossível perfume;
e destile sempre o embriagante mel;
e cante sempre o inaudível canto (...)
(Vinicius de Moraes, *O operário em construção e outros poemas*)

O homem é um animal social (Miller, Perlman e Brehm, 2007; Rodrigues, Assman & Jablonski, 2002).

Leyens (2004) vai mais longe dizendo que um ser humano que não conhecesse os seus congéneres não seria um ser humano, o que quer dizer que a condição de se ser humano implica a inter-relação com outros, pelo que “todo o ser humano normal vive em sociedade. (...) Aristóteles comentou que quem não necessitar de sociedade é um animal ou um deus. Insistiu ele que o homem é, por natureza, um animal social” (Anderson & Parker, 1971, p. 19).

Por isso todos os indivíduos vivem em grupos, colhendo deles as vantagens que oferecem, em que se incluem as bases da própria estrutura social e os traços culturais em que se inserem e são partilhados por esses grupos (Javeau, 1986).

Por sua vez, os conjuntos humanos inter-relacionam-se, misturam-se ou fundem-se para atingirem os seus objectivos, pelo que “a exclusiva fatalidade, a única tara que pode afligir um grupo humano e impedi-lo de realizar plenamente a sua natureza, é estar só.” (Lévi-Strauss, 1980, p. 84).

Isto quer dizer que a relação interpessoal é a base da sociedade e de todos os fenómenos sociais, podendo ter várias formas, por exemplo dentro do leque que vai da amizade ao ódio ou, de outro ponto de vista, variar das relações profissionais às sexuais (Virton, 1979) acontecendo que não se sabe com exactidão porque se deseja determinada pessoa e não outra (Hite, 2004).

Mas para haver interacção é necessário que se reúnam condições que pressupõem a existência de atracção prévia, os factores individuais e de relação, que permitem que esta se instale e que alguma coisa se inicie (Alferes, 1993).

É então preciso começar por distinguir entre *afiliação*, o desejo ou motivação que, independentemente de se gostar de alguém, nos impele a estar com outras pessoas, e *atracção* que é a atitude ou emoção positiva que se sente em relação a alguém e que, por isso, nos impele a procurar estar com essa pessoa (Neto, 2000).

O comportamento afiliativo pode trazer ao sujeito alguns benefícios em que se incluem: a possibilidade de obter segurança e conforto, sentimento denominado *vinculação* (Neto, 2000); a oportunidade de fazer o que Festinger denomina *comparação social* e que consiste em dar resposta a uma necessidade que o ser humano sente de avaliar as suas opiniões e atitudes (Rodrigues, 1986); um pouco em consequência de comparações positivas pode surgir a possibilidade de integração social e o reconfortante apoio dos que consideram que essas opiniões e atitudes são estimáveis e socialmente valorizadas; e, de uma maneira mais pragmática, o sentimento de que se pode obter ajuda se dela se necessitar, que pode ir até à obtenção de encaminhamento para apoio técnico (Neto, 2000).

Verifica-se porém que existem diferenças estratégicas entre homens e mulheres no que respeita à afiliação. Ambos a utilizam para conseguirem parceiros

românticos potenciais, mas eles usam-na também para obterem sexo e as mulheres para conseguirem protecção (Bleske-Recheck & Buss, 2001).

E no que respeita à atracção, o que se passa? Porque são as pessoas atraídas por uns e não por outros? Porque, como dizia um cliente há alguns anos, se sentia sempre atraído por alguém que, tarde ou cedo, o faria sofrer, situação que, dado que praticava mergulho, denominava atracção pelo abismo?

Como diz Papadopoulos (2009) uma vez que os homens e as mulheres são valorizados por razões distintas, procuram estratégias também diferentes para atrair o outro sexo.

As regras que regem a atracção não são ainda conhecidas com clareza (Carey, 2006), mas existem muitos estudos sobre o assunto.

Alberoni (2006) embora dando à atracção um sentido mais emocional, próximo do enamoramento e com a intenção exactamente de a distinguir dele, refere cinco tipos.

A *atracção por vontade de domínio* é caracterizada por ser um desejo de posse, enquanto a *atracção causada pela perda* se resume a um sentimento de carência quando alguém deixa de estar com a pessoa e que se apaga quando e se ela voltar a estar.

A *atracção competitiva* que é um exacerbamento do interesse sobre alguém, devido à percepção de que existe um rival.

Atracção pelo divo, sendo que o termo divo se aplica a uma pessoa que personifica um modelo altamente desejável para muita gente, isto é uma espécie de ídolo. Esta atracção desaparece quando o divo deixa de estar em estado de graça, perdendo então todo o interesse.

Finalmente a *atração erótica*, que se fundamenta numa base de prazer e que, por isso, se distingue do enamoramento porque cessa quando o alvo deixa de dar prazer porque foi desagradável no seu tratamento ou por qualquer outra razão, como ter desaparecido com o fluir da vida.

Na realidade a atração de que estamos a tratar é mais imediata (ainda que possa permanecer por muito tempo) no sentido em que nos podemos sentir atraídos pelos olhos, pelo rosto, pelas pernas, pelos seios, pela constituição física, pela voz, ou mesmo pelo odor de alguém por quem passamos numa rua.

Se seguirmos como ponto de partida a sistematização de Michener, DeLamater e Meyers (2005) que nos parece clara e bem organizada, podemos começar por dividir os factores influentes na atração interpessoal em dois grupos: *disponibilidade e desejabilidade*.

Miller, Perlman e Brehm (2007, p.93) criaram uma fórmula para a desejabilidade, dizendo que “Desirability = Physical Attractiveness x Probability of Acceptance.” Pensamos que a desejabilidade compreende mais componentes.

Disponibilidade e desejabilidade são fruto da influência de elementos que podem relacionar-se com a *estrutura social* em que as pessoas vivem inseridas e que pode facilitar o encontro de uns e dificultar o de outros, através do que oferece e do que limita; ou com as *características individuais* das pessoas, que as encaminham para áreas de interesse específicas que as aproximam de uns e afastam de outros, as tornam atractivas para uns e não para outros (Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

Contudo, a partir daqui, encontramos grande dispersão de ideias e a organização dos conceitos muito diferente de autor para autor. Por exemplo, Michener, DeLamater e Meyers (2005) colocam a *beleza física* nos factores da

desejabilidade, Alferes (1993) e Neto (2000) nos determinantes da atracção interpessoal, Rodrigues (1986) não a considera na sua formulação e Baron e Kalsher (2005) inserem-na juntamente com a similaridade, a proximidade e os estados afectivos na natureza e causas da atracção interpessoal.

Parece-nos pois oportuno arrumar estes conceitos de maneira simples e clara, o que tentaremos fazer de seguida. O quadro 1 apresenta a sistematização que propomos e que se fundamenta na influência dos diversos factores de ordem social ou pessoal na disponibilidade e na desejabilidade.

Relativamente à disponibilidade, verificamos que de todas as pessoas que se encontram, apenas algumas vão entrar no círculo de relações de cada um. Isso é determinado pela influência dos factores indicados no quadro 1, que vamos analisar de seguida.

Temos factores criados pela estrutura social, como as *actividades de rotina* (Michener, DeLamater & Meyers, 2005), a *familiaridade* (Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000) e a *proximidade* ou *propinquidade* (Baron & Kalsher, 2005; Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000; Rodrigues, 1986).

As *actividades de rotina*, quando partilhadas, fornecem naturalmente ocasiões de aproximação.

O facto de diferentes pessoas terem interesses comuns em determinadas actividades proporciona-lhes oportunidade de se conhecerem e, com a continuação, de iniciarem alguma forma de interacção e verifica-se mesmo que “a maior parte dos relacionamentos começa no contexto das actividades [sic] rotineiras” (Michener, Delamater & Meyers, 2005, p. 361).

Quanto à *familiaridade*, Zajonc demonstrou em 1968 o que se chama *efeito de mera exposição*, em que se verificou que a exposição frequente a uma pessoa é susceptível de aumentar o gosto por essa pessoa (Neto, 2000) o que Moreland e Beach vieram a comprovar mais tarde (Baron & Kalsher, 2005).

O que era novidade, com a exposição repetida torna-se familiar e aumenta o agrado (Michener, DeLamater e Meyers, 2005) e tem influência na própria expectativa de interacção, uma vez que também se demonstrou que, quando há perspectiva de ter futuros contactos com outros, a apreciação avaliativa deles melhora (Neto, 2000).

F a c t o r e s	S o c i a l	Disponibilidade	Desejabilidade
		Actividade rotineira	Normas sociais
		Familiaridade	Processos de troca
I n f l u e n c i a d o r e s	P e s s o a l	Proximidade	
		Opções pessoais	Sentimentos e disposiçã o positivos
		Interesses	Valores e atitudes semelhantes
		Situação actual	Complementaridade
			Reciprocidade
			Qualidades positivas
	Atracção física		

Quadro 1- Elementos da disponibilidade e da desejabilidade

Há contudo dois limites ao efeito de mera exposição que dizem respeito à situação em que a avaliação inicial é muito negativa e quando o avaliador tem sérios conflitos de interesses ou de personalidade com o avaliado (Neto, 2000).

Relativamente à *proximidade geográfica*, diversos estudos apontaram para que ela interfere com a criação de relações e Girard mostrou em 1974 que a interferência se mantém mesmo quando a mobilidade levou as pessoas deslocarem-se da sua região de origem (Fischer, s.d.; Neto, 2000). As pessoas

procuram encontrar maneira de amar os que se movem por perto de si e com quem, por isso, podem encontrar-se (Lee, Loewenstein, Ariely, Hong & Young, 2008).

O efeito de proximidade pode ser atribuído a dois factores: facilidade de interacção com quem está próximo e retribuição social por as pessoas, em situações de proximidade, se conhecerem melhor e se esforçarem mais por cumprirem as normas de convívio, sem o que os custos da relação podem aumentar (Michener, DeLamater e Meyers, 2005; Rodrigues, 1986), tanto mais que se sabe que o aumento da comunicação aumenta também a cooperação (Fischer, s.d.).

Rodrigues (1986) alarga estas razões indicando, para além delas, mais duas: a *familiaridade*, que considera consequência da proximidade e que se cria mais facilmente quando o contacto é facilitado por ela e a *oportunidade de interacção* que facilita a diluição de eventual hostilidade inicial e desempenha um papel semelhante às actividades rotineiras que acima referimos.

Uma vez encontradas as pessoas disponíveis, de acordo com aquilo que a estrutura social permite ou facilita, entramos no campo das características pessoais que têm uma importante palavra a dizer.

Michener, DeLamater e Meyers (2005) indicam dois elementos nesta categoria que são o *interesse* do sujeito em alguma coisa que lhe pode trazer aproximação ao alvo e a sua *opção*, ou decisão de procurar alcançá-la. Pode tratar-se de um desporto, de uma arte, de uma profissão ou de qualquer outro interesse que, por ser comum, tende a criar situações de proximidade, se ambos os sujeitos optarem por o explorar.

Pensamos que é indispensável considerar mais um factor, pois não parece que se possa estudar a atracção interpessoal sem ter em conta um elemento preponderante que é a *situação actual* da vida do sujeito. É ela que o leva a decidir se se aproxima ou não de um alvo especialmente atractivo, que determina, em grande parte, se ele vai tomar ou não a opção de satisfazer o interesse que tem em alguma coisa, se vai ou não aproveitar a oportunidade de interacção com alguém que mostra interesse nele, ou que apresenta valores e atitudes semelhantes.

De facto, a situação actual de uma pessoa terá sempre um papel importante, pois ela é livre de procurar aproximação ao alvo, ou de não o fazer, de acordo com aquilo que no momento específico da sua vida entende como mais vantajoso e gratificante para si.

É razoável pensar que uma pessoa que ama o(a) companheiro(a), mas que sabe que ele(ela) é muito ciumento(a) não se decida pela aproximação a alguém disponível mesmo que muito atractivo, por antecipar que essa aproximação poderia fazer perigar irremediavelmente a situação estável que tem. Não se pode perder de vista que se provou que os ciúmes nas mulheres são influenciados pela atractividade física da rival, enquanto nos homens o são pela dominância do potencial rival (Dijkstra & Buunk, 1998).

Provou-se igualmente que a exposição a pessoas atractivas faz diminuir a avaliação sobre a relação do sujeito nessa altura, com os homens a baixarem a sua avaliação da companheira após terem sido expostos a mulheres fisicamente atraentes e estas a avaliarem menos favoravelmente os companheiros após exposição a homens com alta dominância (Kenrick, Neuberg, Zlerk & Krones, 1994).

Albuquerque e Soares (1989) encontraram um número considerável de casos em que o sentimento de inferioridade estava presente, na amostra com que trabalharam sobre o ciúme patológico não delirante a que chamaram ciúme obsessivo, o que de alguma maneira contribui para confirmar que o momento actual que alguém atravessa pode influenciar a relação com o outro e portanto a atracção.

Para além disso, como diz Dichter (s.d.) antes de tomar uma decisão é necessário equacionar as suas consequências decorridos dois, cinco e até dez anos, não se ciscunscrevendo por isso os eventuais prejuízos ao aqui e agora.

Embora as mulheres sejam menos afectadas do que os homens pelos modelos de grande beleza, nas avaliações que fazem de outras pessoas, elas, como os homens tendem a subestimar a atractividade dos outros quando o padrão de comparação é de grande atractividade (Miller, Pearlman & Brehm, 2007).

Alberoni (2006) estabelece uma diferença interessante entre homens e mulheres, com aqueles a considerarem a namorada como a mais bela mulher do mundo e as mulheres a manterem, mesmo em situação de paixão, a noção dos defeitos do amado e a poderem sentir-se atraídas por um ídolo, embora não coloquem a possibilidade de trocarem um pelo outro.

Além disso sabe-se que amar alguém romanticamente dificulta a percepção da atracção de terceiros (Anitei, s.d.; Rodrigues & Garcia-Marques, 2005), .

Assim sendo, a situação actual do sujeito parece-nos um factor determinante na atracção interpessoal.

No que diz respeito à deseabilidade, a sistematização que sugerimos integra, de maneira ordenada e coerente, elementos propostos por diferentes autores e assenta

na mesma base de categorização em factores relacionados com a estrutura social e com as características pessoais.

No primeiro grupo temos as *normas sociais* que fornecem os critérios de adequação dos parceiros e que funcionam através de três passos: o primeiro respeita à auto-monitorização que cada um faz quanto à adequação do alvo que tem em vista, procurando limitar-se aos que são socialmente aceites; se este primeiro passo falhar, o próprio alvo se encarrega de não corresponder ou de tornar clara a não adequação; em último lugar, se mesmo assim a situação se mantiver, alguém se encarregará de reforçar as normas que não aceitam o relacionamento (Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

As normas sociais indicam ainda os *scripts*, isto é, a sequência de acontecimentos que uma pessoa pode esperar de uma determinada inter-relação, que a envolve quer como participante, quer como observador (Leyens, 1985), ou *roteiros* possíveis e aceitáveis que o sujeito pode seguir numa dada relação (Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

O segundo factor de desejabilidade deste grupo de influências inerentes à sociedade é constituído pelos *processos de troca*, que se baseiam na relação custo-recompensa de qualquer interacção potencial (Michener, DeLamater e Meyers, 2005). De acordo com a teoria da troca, isto significa que as pessoas procuram tirar das suas relações o máximo de proveito e prazer, com o mínimo custo (Fischer, s.d.) através do princípio da maximização-minimização (Alferes, 1993).

Para isso é preciso calcular o benefício que se espera obter de uma relação, subtraí-lo dos seus custos igualmente antecipados e comparar o resultado, para o que se dispõe de dois possíveis padrões: o *nível de comparação* que é o resultado médio dos relacionamentos anteriores dessa pessoa e o *nível de comparação das*

alternativas que é o resultado mais baixo que a pessoa aceita em função das alternativas de que dispõe em dada altura (Michener, DeLamater e Meyers, 2005).

O nível de comparação varia pois de acordo com os resultados melhores ou piores que o sujeito obteve na sua vida e o nível de comparação das alternativas varia com as expectativas que tem em relação às alternativas de interacção de que dispõe no momento.

O início ou não de uma relação depende dos dois níveis de comparação (Michener, DeLamater e Meyers, 2005).

Para a troca, dois factores se impõem como fundamentais, a interacção como troca de recursos e as estratégias da troca (Fischer, s.d.), em que os recursos foram classificados em seis categorias: amor, status, informação, dinheiro, bens e serviços (Brinberg & Castell, 1982).

Encontraram-se três estratégias de troca: a de *cooperação* em que se espera que, por cooperar, os outros cooperem igualmente; a de *resistência* em que não se fazem concessões, o que pode levar a uma diminuição das vantagens pretendidas pelos outros e que apresenta uma variante conhecida como *estratégia do pecador arrependido*, em que se começa duramente e se passa depois à cooperação; e finalmente a do *reforço* que consiste no emparelhamento de estratégias, isto é, se os outros cooperam, o sujeito coopera, se exploram ele explora também (Fischer, s.d.).

Contudo, as trocas podem fazer-se de acordo com a *teoria da equidade* que assenta no pressuposto de que o que regula a troca é o equilíbrio entre o que cada interveniente dá e recebe, havendo portanto uma certa reciprocidade nela, verificando-se que as regras são estabelecidas socialmente e que, também deste

ponto de vista, é a sociedade que normaliza as trocas (Fischer, s.d.; Regan & Sprecher, 1995).

As *características pessoais* são importantes para que o sujeito se torne desejável para alguém (Alferes, 1993; Baron & Kalsher, 2005; Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000) e, neste campo é preciso ter em conta os *sentimentos e disposição positivos* (Baron & Kalsher, 2005), a *semelhança, similaridade*, ou *identidade de valores e atitudes* (Baron & Kalsher, 2005; Fischer, s.d.; Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000; Rodrigues, 1986), a *complementaridade* (Fischer, s.d./1996; Neto, 2000), a *reciprocidade* e as *qualidades positivas* (Neto, 2000) e a *atração física* (Alferes, 1993; Baron & Kalsher, 2005; Fischer, s.d.; Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000).

Os *sentimentos e disposições* influenciam porque a avaliação que se faz de outro tende a ser mais favorável, quando se está com boa disposição, quer ela tenha sido causada pelo avaliado, quer não (Baron & Kalsher, 2005) e o meio parece mais inofensivo e facilitador de confiança (Chartrand, Baaren & Bargh, 2006).

A *semelhança de valores ou atitudes*, de *traços de personalidade* ou de *hábitos e preferências* atrai (Neto, 2000) e “(...) wins hands down” numa competição contra a ideia contrária de que não tem influência (Baron & Kalsher, 2005, p. 452) e faz-se sentir até em áreas como a sócio-demografia ou o estatuto social (Neto, 2000).

Esta atração mútua derivada da *similaridade* (Michener, DeLamater & Meyers, 2005) pode, no sentido inverso de não similaridade causar repulsa (Tan, 1995) e pode ser explicada de várias maneiras. A *semelhança* tende a diminuir a polémica e, por isso, a facilitar a relação, reduzindo os seus custos; facilita o encontro de uma realidade social a partir da comunicação social informal e da comparação

social, uma vez que depararmos com quem concorda conosco ajuda a criar essa realidade que procuramos; facilita este processo de comparação social uma vez que os alvos da comparação têm alguma semelhança conosco; e a concordância dos outros exerce sobre nós um papel reforçador através da validação consensual (Rodrigues, 1986).

Quanto à *complementaridade*, não existem resultados sólidos sobre a sua influência na atracção, uma vez que alguns estudos a confirmam e outros negam (Neto, 2000) mas Miller, Pearlman e Brehm (2007) apresentam alguns exemplos de situações em que ela acontece, como o caso da relação com dominação-submissão e Fischer (1996) considera que intervém em qualquer relação.

O papel da *reciprocidade* parece ser duplo, uma vez que tendemos a gostar de quem achamos que gosta de nós e a achar que as pessoas de quem gostamos também gostam de nós, embora possa haver excepções no que respeita à auto-estima, uma vez que as pessoas com auto-estima baixa não gostam de quem pensam que gosta delas, porque não gostam de si próprias (Neto, 2000).

As *qualidades positivas* apontadas por Neto (2000) parecem fornecer evidência de que são preferidas em termos de atracção interpessoal.

O estudo de Anderson, de 1968, em que encontrou uma lista de adjectivos caracterizadores dos seres humanos que uma amostra classificou como muito agradáveis, neutros e muito desagradáveis, dentro de um leque muito consensual (Neto, 2000) foi confirmado por Dumas, Johnson e Lynch (2002) tendo-se verificado que as pessoas gostavam mais de quem possuía as qualidades muito agradáveis.

Quer um quer o outro estudo incluíam nos itens cotados como muito agradáveis o *calor pessoal* e a *competência*; o primeiro é tomado como característica de

quem gosta das pessoas e das coisas e manifesta o seu agrado por isso; a segunda é a capacidade de conversar e interagir sem se tornar aborrecido e de não ser excessivamente sério, lento e passivo; os resultados apontaram claramente para que estas características são de grande importância (Neto, 2000) e o primeiro daqueles estudos foi diversas vezes confirmado (Leary, Rogers, Canfield & Coe, 1986; Oguchi & Kikuchi, 1997).

Contudo, a competência não é tão linearmente influente na atracção, uma vez que depende também do grau em que se verifica no sujeito. Verifica-se que as pessoas que são muito competentes e cometem um erro se tornam mais atractivas, porque mostrando-se mais humanas, são também mais abordáveis (Neto, 2000) ao mesmo tempo que se constatou que pode haver variações em função do grupo étnico (Blanchard, Weigel & Cook, 1975).

Finalmente a *atracção física* que, juntamente com o agrado social ou pessoal e a orientação para a tarefa, é uma das dimensões da atracção interpessoal encontradas por McCroskey e McCain (2008) e que pode basear-se nas roupas ou nos atributos físicos.

A atracção física será abordada num dos capítulos seguintes.

Porém e ainda antes de a abordarmos, importa salientar que a atracção interpessoal se desencadeia através de vários estímulos que não necessariamente físicos, como alguns que se viu atrás, verificando-se por exemplo que homens e mulheres, do ponto de vista das escolhas que fazem, atribuem importância diferente a particularidades físicas diferentes (Miller, Perlman & Brehm, 2007).

Os homens têm revelado, em inúmeros estudos experimentais, maior preferência pelos aspectos físicos do que as mulheres (Buss & Barnes, 1986; Feingold, 1990; Lee, et al., 2008; Miller, Perlman e Brehm, 2007; Regan & Berscheid, 1997) e

estas dão maior importância, mais vezes do que os homens, a condições de sustentabilidade de vida e status social (Buss & Barnes, 1986; Miller, Perlman e Brehm, 2007; Sheldon, 2007; Sprecher, Regan, McKinney, Maxwell e Wazienski, 1997) ainda que na vida real, as diferenças se esbatam (Eastwick & Finkel, 2008).

Neste aspecto é interessante verificar que Alberoni (2006) indica um trabalho feito por um sexólogo amigo que fala em uma centena de mulheres que tinham grandes dificuldades do ponto de vista sentimental e nenhuma do ponto de vista sexual. Apoiava assim a sua afirmação de que muitas mulheres têm relações sem qualquer envolvimento emocional e que nalguns casos, por pequenos períodos, parecem mesmo procurar a promiscuidade como forma de exploração das potencialidades dos seus corpos.

2.1 – Explicações teóricas da atracção interpessoal

“Embora a maioria dos cientistas as utilize, as teorias são classificadas com termos pejorativos.”
(Schultz & Schultz, *Teorias da personalidade*)

“Ce sont là des problèmes de psychologie théorique, mais ils sont si intimement liés à la application (...) qu'on ne peut s'abstenir de les envisager comme introduction aux applications elles mêmes.”
(Henri Piéron, *La psychologie différentielle*)

“Méthodes et théories dans leurs implications réciproques concourent à l'édification d'une science psychologique qui va vers l'unité.”
(Paul Fraise, *Manuel pratique de psychologie expérimentale*)

Para além dos factores de atracção que acabámos de analisar e que, como vimos são apontados como possíveis causas da atracção interpessoal, existem diversas tentativas de explicação teórica para o fenómeno da atracção, como a da troca social (Cerclé & Somat, s.d.; Fischer, s.d.; Michener, DeLamater & Meyers, 2005;

Neto, 2000), as evolucionistas (Geary, Vigil, Byrd-Craven, 2004; Lippa, 2007; Miller, Perlman & Brehm, 2007; Neto, 2000; Volland, 1993), a do reforço (Alferes, 1993; Neto, 2000) e a hipótese da combinação ou da correspondência (Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000), a da estrutura social (Lippa, 2007), a da comparação social (Cerclé & Somat, s.d.) e a da equidade (Cerclé & Somat, s.d.; *Close Relationships and Interpersonal Attraction*, s.d.; Fisher, s.d.; Neto, 2000).

A *Teoria da Troca Social* (Cerclé & Somat, s.d.; Fischer, s.d.; Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000) interessa-se mais pela relação e seu desenvolvimento do que propriamente pelo seu início, uma vez que se baseia na comparação entre os custos que uma relação exige e os benefícios que traz à pessoa.

Os níveis de comparação (Cerclé & Somat, s.d.; Michener, DeLamater & Meyers, 2005) e as estratégias de troca (Fischer, s.d.) foram abordadas no capítulo respeitante à atracção interpessoal.

As *Teorias Evolucionistas* (Geary, Vigil, Byrd-Craven, 2004; Lippa, 2007; Miller, Perlman & Brehm, 2007; Neto, 2000; Volland, 1993) baseiam-se no facto de haver diferenças de base quanto à reprodução humana. A mulher, sobrecarregada com a gravidez e limitada em tempo, pela mesma razão, investe fortemente na reprodução e na criação dos filhos, enquanto o homem, podendo ter filhos de várias mulheres, investe na quantidade. Temos então toda uma estratégia de escolha e conquista, do lado feminino, de homens que pareçam ser saudáveis para se reproduzirem e criarem os filhos em boas condições e que dêem sinais de estarem dispostos a fazê-lo partilhando recursos; enquanto isso, do lado masculino, há a procura de mulheres atractivas, que aparentem saúde para

poderem gerar filhos com sucesso e que dêem sinais de não disponibilidade para os terem de outro homem.

A *Teoria do Reforço* (Alferes, 1993; Neto, 2000) postula que, através da relação estímulo - associação com a consequência, procuramos quem nos recompensa o que produz sentimentos positivos e atracção; ao contrário, a recepção de estímulos punidores desencadeia sentimentos negativos e repulsão.

Aronson (s.d.) de alguma maneira põe em causa que as coisas se passem sempre desta maneira, apresentando situações em que uma crítica, por exemplo, pode ser tão benéfica como um elogio e, por isso, desencadear sentimento positivo e atracção como aquele, ou até preferencialmente a ele. Mas na realidade não nos parece que isto seja um ponto fraco da teoria, uma vez que, se a crítica for considerada positiva e puder contribuir para uma melhoria do sujeito, está de acordo com a teoria que ela seja recebida favoravelmente, até mais do que um elogio que possa ser entendido como exagerado e/ou injusto, sendo reforçadora e podendo por isso causar o sentimento positivo e a atracção que a teoria prevê.

A *Hipótese da Combinação* ou da *Correspondência* (Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Neto, 2000) prediz que as pessoas escolhem outras cuja beleza é semelhante à sua, mas alguns estudos têm mostrado o contrário (Michener, DeLamater & Meyers, 2005). Esta hipótese tem sido contestada porque a amostra com que foi comprovada era de estudantes que não representam a população humana.

Parece contudo que, segundo Shanteau e Nagy concluíram em 1979, se em situações abstractas preferimos pessoas mais atractivas, noutras de maior realidade as escolhas recaem mais vezes em quem esteja mais próximo de nós

nesse aspecto, porque combinamos a avaliação da atractividade com a da probabilidade de sermos aceites pelo alvo (Neto, 2000).

Contudo, Lee, Lowenstein, Ariely, Hong e Young (2008) verificaram que as pessoas procuram estar com outras com beleza física idêntica, que os homens são mais susceptíveis do que as mulheres à atracção do parceiro e menos do que elas em relação à sua própria atractividade e ainda que a beleza pessoal não afecta a apreciação da dos outros.

A *Teoria da Estrutura Social* (Lippa, 2007) tem procurado explicar as diferenças entre sexos quanto aos traços preferidos nos parceiros, para o que Buss e Barnes propuseram a hipótese da fraqueza estrutural [*structural powerlessness*] segundo a qual a possibilidade principal de a mulher alcançar recursos materiais, em muitas sociedades, passa pelo casamento, pelo que a escolha do homem é feita tendo como base os recursos do homem.

Como corolário desta hipótese percebe-se que à medida que os papéis sociais da mulher lhe vão permitindo obter recursos próprios, sem precisar de procurar um bom casamento para os ter, ela pode começar a focar-se menos neste aspecto e mais noutros mais ligados ao prazer, como à meiguice, honestidade e sentido de humor, sendo previsto que com a continuação da evolução social neste sentido, penderá inclusivamente mais para os factores de atracção física (Lippa, 2007).

A *Teoria da Comparação Social* (Cerclé & Somat, s.d.; Suls, Martin & Wheeler, 2002) foi enunciada inicialmente por Leon Festinger e postula que temos necessidade de comparar as nossas atitudes e capacidades, para assim as avaliarmos. Na comparação social actuam variáveis como a semelhança entre os sujeitos, o grau de perícia do sujeito com quem a comparação é feita e o nível de concordância demonstrada. A teoria prevê que as pessoas se aproximam de quem

apresenta níveis satisfatórios e gratificantes nestes aspectos porque assim validam as suas próprias atitudes e capacidades.

A *Teoria da Equidade* (Cerclé & Somat, s.d.; Close Relationships and Interpersonal Attraction, s.d.; Fisher, s.d.; Neto, 2000) diz que existe uma norma de reciprocidade percebida por cada um, numa relação, que fornece um sentimento de satisfação ou de insatisfação com a troca em causa.

Por esta razão, Deaux considera que esta teoria não é mais do que uma versão modificada da teoria da troca social (Cerclé & Somat, s.d.).

De facto, nesta procura-se obter um saldo positivo entre o que se dá e o que se recebe numa relação (Cerclé & Somat, s.d.; Michener, DeLamater & Meyers, 2005) enquanto na da equidade se busca o equilíbrio entre os investimentos e os benefícios, ou seja entre o que se investe numa relação e o que se recebe dela. Assim, a diferença surge apenas no nível de exigência, ou de egoísmo, que é maior na teoria da troca social e mais equilibrado na da equidade, o que justifica plenamente o nome desta.

2.2 – Atracção física: Expectativas e realidades

“Por outras palavras, o instinto chega-nos para fazer filhos, mas não para fazer amor.”
(Forest, Duran e Corman, *Fantasma com que sonham as mulheres*)

“Seja como for, pelo menos sabemos, as diferenças entre homens e mulheres concentram-se sobretudo à volta do comportamento sexual, da escolha de um companheiro para a vida do casal, passando pelo namoro.”
(Giovanni Carrada e Emmanuele Jannini, *A ciência do amor*)

“Cada um vê somente o que pode e, em breve, o que *deve* ser-lhe dado;”
(Catherine Bensaid e Jean-Yves Leloup, *O essencial no amor*)

Baron e Kalsher (2005) dizem com oportunidade e alguma graça que se um extra terrestre viesse visitar o nosso planeta, o que mais frequentemente veria era imagens publicitárias relacionadas com sexo o que nos faz pensar em que apenas há algumas (poucas) dezenas de anos, esse mesmo sexo era escondido e preservado, o que aponta para uma evidente alteração de costumes das populações.

Ao longo dos tempos o nu foi usado em variadas circunstâncias e com diferentes fins e, por isso mesmo, o que há algumas dezenas de anos era ciosamente ocultado é agora cada vez mais mostrado sendo um dos objectivos actuais atrair a atenção para a publicidade (Duerr, 2002; Ussel, 1975).

Insinuando-se permanentemente na nossa imaginação, nos sonhos e na própria identidade, a publicidade instituiu-se como uma força cultural de importância superior (Wernick, 1987), tornando-se “(...) um fenómeno compacto de alienação e sub-reptício motor e orientação de massas, levando a que alguém decida por nós, mas através da nossa mão, o que não deixa de ser exemplar,” (Almeida, 2004, p. 150) massificando gostos, consumos e comportamentos (Almeida, 2004)

mesmo nos casos em que o que apresenta e desencadeia é susceptível de ser atribuído a idade mental de seis anos (Daco, s.d.).

Bigio (s.d.) comenta este fenómeno, colocando a sua origem um pouco a montante, na perda de referências de alguma credibilidade. Segundo ele, leva as pessoas a uma prontidão total para seguirem caminhos que qualquer guru que se afirma conhecedor da “verdade” e das respostas aos muitos porquês da vida lhes aponta, criando-se assim uma permeabilidade muito grande às novidades, sejam elas de que origem e com a finalidade que forem.

A importância da moderna tecnologia cresce, dado que permite criar imagens virtuais que, embora sendo por vezes devassadoras da privacidade de pessoas reais, despertam a curiosidade e atraem a atenção. O progresso técnico cria gosto pela inovação, levando as gerações mais novas a identificar-se “(...) com os métodos, com os usos e com a moral emergente e a promover a sua propagação, porque encontra aí um meio de se fazer notar e de adquirir poder” (Coleman & Husén, s.d.).

A influência da imagem é cada vez maior e Michaud (s.d.) diz mesmo que ela é uma força que ultrapassa as ideologias e leva a mulher a tornar-se imaginária e um verdadeiro ídolo que fascina este século.

Num estudo para a tese de doutoramento Pirouz Eftekhari (1978) diz que o grafismo tem uma importância fundamental, que uma observação superficial não mostra e que a difusão da cultura pode ser feita apenas através dele.

A primeira coisa que vemos quando encontramos alguém é a sua aparência, (Miller, Pearlman e Brehm, 2007) embora esta seja subjectivamente avaliada, dado encontrar-se “(...) in the eye of the beholder ” (p. 82).

A este respeito é oportuno referir a abordagem de Umberto Eco (2004) ao chamar a atenção para aquilo que designa como beleza do consumo. Essa que espantaria o tal visitante extra terrestre, por não conseguir encontrar nela um verdadeiro padrão, mas muitas vezes apenas algo de *incompreensível*, desde o que veria em exposição até à maneira como os apreciadores dessa exposição estariam vestidos e arranjados “(...) segundo o modelo de beleza proposto pelas revistas impressas em papel *couché*,⁽³⁾ pelo cinema, pela televisão, isto é, pelos *mass media*.⁽⁴⁾ Seguem os ideais de Beleza propostos pelo mundo do consumo comercial (...)” (Eco, 2004, p. 418) sejam eles quais forem, o que significa que a publicidade influencia actualmente as pessoas em grande medida, podendo mesmo, por vezes, criar uma espécie de ritualização do vestir (Cazeneuve, s.d.).

O uso cada vez mais vasto do corpo das mulheres, com frequência transformadas em objectos sexuais e modernamente do dos homens, actua como estimulante para a aquisição (Touraine, 2007).

Mas não é só neste sentido que a beleza é importante. Um estudo levado a cabo nos Estados Unidos em 1981 (Frieze, Olson & Russell, citados por Miller, Pearlman & Brehm, 2007) mostrou que as pessoas com MBA na Universidade de Pittsburgh, classificadas segundo a atractividade física numa escala de 1 a 5, apresentavam, por cada ponto a mais nesta classificação, uma subida de US\$2600 anuais nos homens e US\$2150 nas mulheres.

Referindo-se ao impacto que as revistas masculinas para homens terão nos homens e ao que as que se destinam a mulheres terão nelas, Frederick, Fessler e Haselton (2005, p.81) dizem que “the resulting competitive escalation creates a disconnect between the preferences of one gender and the personal aspirations of the other”.

Se é certo que algumas culturas continuam a tapar o corpo e, por vezes, até mesmo o rosto, não é menos certo que, pelo menos nas ocidentais, os costumes abrandaram muito. A preservação da intimidade corporal e a abertura à aceitação e valorização do corpo são muito diferentes do que eram há apenas quarenta ou cinquenta anos, com a grande e rápida difusão da informação a permitir que, por exemplo, os concursos de beleza, incentivem um tipo ideal de mulher (Thébaud, s.d.).

Este género de mudanças relaciona-se com alterações sociais mais globais e que determinam formas de *ver* a vida e mesmo de *estar* na vida que acarretam não raras vezes transformações da maneira de pensar e de sentir o mundo à volta; parece-nos oportuno utilizar o conceito de *mudança social*, que Anderson e Parker (1971) apontam, indicando como elemento característico determinante o facto de haver alteração ou substituição de alguma estrutura que provoca a modificação de toda uma actividade, referindo que a saudação e o aperto de mão são alguns dos múltiplos exemplos a citar.

O velho aperto de mão, hoje substituído no cumprimento entre os dois sexos, pelos beijos na face ou, em casos específicos de maior proximidade afectiva, nos lábios, não é mais do que um reflexo do muito que as sociedades ocidentais se alteraram nas últimas décadas. Um fenómeno para cuja rápida difusão contribuíram não só os meios de comunicação modernos, como a urbanização que, segundo os mesmos autores, tem um papel importante na facilitação da uniformização cultural das sociedades (Anderson & Parker, 1971).

Trata-se de criar uma força colectiva, a que Gurvitch (1977a) chama *atitudes colectivas*, que caracteriza como configurações sociais que, sendo mais virtuais do que reais, englobam uma determinada mentalidade, com forte carga emocional,

uma predisposição para a reacção colectiva e uma tendência dos conjuntos humanos e dos seus membros para assumirem determinadas funções sociais específicas.

Cerclé e Somat (s.d.) referem-se a este fenómeno como *conformidade*, definindo-o como uma alteração do comportamento, baseada ou não na mudança de atitude, no sentido da uniformização com o comportamento e/ou atitude de um grupo, para que o sujeito se sinta harmonicamente inserido nele, o que Freedman, Carlsmith e Sears (1977) referem como sendo fortemente adaptativo.

Por isso, a mulher é esculpida entre vinte e quatro a vinte mil anos antes de Cristo em toda a opulência da carne, como a Vénus de Willendorf, mas Koré, do século VI antes de Cristo, nos é mostrada num tipo de beleza esguia (Janson, 1998).

As mulheres no final do século XV, rompendo com o que acontecera na Idade Média, são pintadas com formas arredondadas, como no *Concerto Campestre* de Giorgione (Grieco, s.d.) e mantêm as características físicas roliças como nos mostram por exemplo, *A Tentação de Adão* de Miguel Ângelo, *A Tempestade* de Giorgione, *Bacanal* de Ticiano, todos do século XVI, ou *O Jardim do Amor* de Rubens, do século XVII (Janson, 1998).

No século XIX temos exemplos como a *Maja Nua* de Goya, *Só Deus* de Francisco Metrass em que neste último se adivinham, mais do que vêem, as formas maciças e redondas de uma mãe desesperada afogando-se numa torrente e tentando salvar o filho pequeno, o *Nascimento de Vénus*, de Cabanel e mesmo *Olímpia*, de Monet (França, 1987).

No último quartel do século Félicien Rops pintou *Pornócrates*, uma mulher de formas opulentas, de grande sensualidade, exibindo alguns adornos que eram

representados pela primeira vez na pintura e que valeram ao autor o epíteto de inventor desses adereços perversos e a esta obra a classificação de representação da *mulher fatal sem qualquer espécie de ambiguidade* (Bornay, 1990).

Mas já no século XX, as formas adelgaçam-se e, por exemplo John de Andrea dá-nos em *O Artista e o seu Modelo* (Janson, 1998) uma mulher delgada que expressa a tendência que se instalou a partir da segunda metade daquele século e que se mantém actualmente, ainda que algo exagerada.

Neste século ressurgiu a figura feminina esguia, usando vestidos lisos e soltos que lhe encobriam as discretas formas (Knibiehler, s.d.) o que veio a acentuar-se com o aparecimento de mulheres muito magras, com seios pequenos e ossos salientes, como modelos de passerelle.

Esta realidade originou a alteração do padrão, anteriormente por diversas vezes instalado, de beleza robusta feminina, o que parece ter finalmente acordado a própria indústria da moda para o assunto (Tvnet, 2007).

Alguns países tomaram medidas tendentes a limitar a insistência da exibição deste tipo perigosamente esguio de corpos, através do controlo da contratação dos modelos de passerelle, mas a evidência de uma moda da magreza não é, quanto a nós, refutável.

A obesidade é considerada feia, mas nem sempre foi assim (Tawil, 2005) e, embora entre a obesidade e a magreza extrema agora em moda haja um grande espaço para a beleza, num estudo com 2422 raparigas de Lisboa e Vale do Tejo verificou-se que 38% desejavam ser mais magras, 49% sentiam que tinham alguma parte do corpo que era gorda e 51,5% tinham horror de serem mais pesadas (European Eating Disorders Review, 1996).

De acordo com Miller, Pearlman e Brehm (2007) a noção de beleza, relativamente à gordura ou magreza depende das dificuldades sócio-económicas da época em que se vive, porque a magreza é mais apreciada em épocas de abundância e a gordura em tempos de crise, como no Renascimento, o que Dulong (1991) confirma.

As representações artísticas do homem são menos variadas, mantendo frequentemente formas delgadas, ainda que apareçam algumas, como a de Henrique VIII, que são manifestamente gordas. Principalmente quando se trata de eternizar os guerreiros, eles podem ser representados como hercúleos.

Há uma figuração da força física que se mantém ao longo do tempo, mas como se vê aliás em *História da Beleza* (Eco, 2004), o belo é geralmente expresso através do corpo e do rosto femininos, pelo que as imagens masculinas são em menor número. Nesta obra, excluindo as religiosas e mistas, são-nos dadas cento e trinta e quatro figuras só com mulheres ou só com homens, como exemplos de beleza, sendo que 88 delas são femininas, correspondendo a 66% e 46 são masculinas, correspondendo a 34%.

A cada vez maior exposição do corpo e, principalmente do corpo feminino na publicidade, leva-nos a lembrar que já há cinquenta anos Durandin (1956, p. 1171) dizia que não há diferença fundamental entre a finalidade da propaganda e a da publicidade. Alertava para que o propagandista procura “(...) nous faire prendre position et il commence pour cela par nous faire classer l’humanité en deux clans, les bons et les mauvais, les amis et les ennemis,” ou seja, os *pares* que como nós aderem ao que nos querem *vender*, ou os *outros* que são os que ficam de fora deste grupo alinhado com a moda.

E a moda, porque imposta pela comunicação e por quem a pode influenciar torna-se um estilo de vida que urge seguir, para mostrar que se está integrado nessa maneira de viver (Almeida, 2004) e “os homens sentem-se atraídos eroticamente pelas mulheres cuja beleza corresponde aos cânones estéticos da altura: portanto altas ou baixas, gordas ou magras conforme as épocas e as modas.” (Alberoni, 2006, p. 72).

Cury (2007) diz acerca disto que a beleza feminina tem sido manipulada por diferentes indústrias o que inclui a do tabaco, a das bebidas e a da moda, para além de outras e que actualmente o corpo da mulher vende qualquer produto, excepto auto-estima às mulheres. Ou seja, os meios de comunicação, as indústrias ligadas à beleza e a publicidade, através da difusão do modelo feminino, têm responsabilidade acrescida na situação de muitas mulheres que correm desesperadamente atrás do que não poderão nunca alcançar e simultaneamente impulsionam ao consumo (Almeida, 2004; Cott, s.d.) de qualquer dos produtos que se ponha a mulher a publicitar.

Percebe-se pois, em primeiro lugar, que ao longo do tempo os ideais de beleza de mulher roliça e mulher magra se vão alternando conforme o gosto da época, que por vezes pode ser consequência de alguma necessidade situacional (Dulong, 1991; Miller, Pearlman e Brehm, 2007). Esta variação faz com que as valorizações de atractividade mudem com o tempo, além de se alterarem por influência de factores biológicos, culturais e de interacção, segundo o modelo BCI da atracção física (Osborn, 2006).

E em segundo lugar, que no fim do século passado se assistiu à imposição de um modelo feminino magríssimo,“(...) cuja cintura se agarra com uma mão (...)” (Almeida, 2004) levada a cabo principalmente pelos meios de comunicação de

massa. Comunicação essa cujo impacto devastador, tanto mais aceite quanto for tido como credível (Cerclé & Somat, s.d.) e tanto mais devastador quanto maior for a inundação de informação, pode levar à exaustão e ao colapso total (Parry, 1976), passando a mensagem de que o que é sensual e atractivo é o que eles mostram (Hite, 2004)

Esta realidade foi facilitada pela dificuldade que o comum das pessoas tem em se manifestar contrariamente à visão dominante, aquilo que se denomina *espiral de silêncio* (Noelle-Neumann, 1974) e em que a televisão tem uma fatia de responsabilidade de grande vulto, uma vez que se apresenta como uma espécie de porta voz dos gostos, escolhas e pontos de vista da maioria da população. (Vala, 1993).

Nos tempos que correm os meios de comunicação e principalmente as emissoras de televisão, são como que substitutos dos órgãos dos sentidos e, pior do que isso, do raciocínio e da capacidade de decisão das pessoas, erigindo-se quase como religiões por detrás das quais está a “(...) divindade consumista que indica repetitivamente o que procurar, comprar (...)” (Abreu, 2007, p. 99-100) e naturalmente imitar.

Segundo Elisabeth Noelle-Neumann (1974) as pessoas que têm opiniões não concordantes com as da maioria, tendem a manter-se em silêncio com medo das consequências, se o não fizerem, o que pode dar às massas populacionais a ideia errada de que o que a televisão mostra é o que é bonito, bom, aceitável, correcto, já que não aparecem opiniões discordantes.

Confirmamos que assim é se repararmos na cada vez pior dicção dos apresentadores de televisão que assim vão passando ao público indiscriminado a ideia de que, repetindo o que ouve, fala bem português, enquanto que se a

credibilidade do meio de comunicação fosse posta em causa e portanto o seu estatuto fosse pouco importante, seria de esperar um aumento da invalidação ou descredibilização da mensagem (Doise & Mugny, s.d.).

As mudanças de aparente preferência física parecem realmente depender de uma moda de época, como dificilmente se porá em dúvida se se analisarem as figuras apresentadas por Umberto Eco (2004) em *História da Beleza*. Aí mostra a beleza ao longo dos séculos, em títulos como *Vénus Nua*, *Adónis Nu*, *Vénus Vestida*, *Adónis Vestido* e *Rosto e Penteado de Vénus* e *Rosto e Penteado de Adónis* e em que a variação de volume das formas das pessoas retratadas ou esculpidas nos remete para a inevitabilidade de assumir que a moda tem um papel preponderante no gosto individual.

Parece contudo do mais elementar bom senso manter uma reserva de excepção para aqueles, muitos (?) que se limitam a calar e deixar passar o tempo, porque outro tempo poderá ser mais agradável e compensador no futuro, deste ponto de vista.

Independentemente de todas as pessoas gostarem verdadeiramente, ou apenas fingirem gostar destes padrões para não destoarem, assiste-se actualmente à apresentação, ou exibição mesmo, de uma repetitiva magreza que acaba por se intrometer no gosto individual influenciando naturalmente a vida de todos e a própria arte.

“Ora, a submissão inicial espontânea à geração anterior está prenhe de consequências, positivas e negativas” (Piaget, 1977, p. 318) o que de alguma maneira garante a transmissão das criações geracionais às vindouras, independentemente das suas previsíveis consequências benéficas ou não.

Para além disto permite perspectivar para o médio prazo a possível manutenção da modelo feminina esquelética, até porque, a transmissão social do que não é benéfico faz-se por condicionamento, como diz Coon (2006) e este é evidente no reforço social dado a quem se submete à moda.

Talvez alguma falta de capacidade de análise e de crítica facilite este processo, uma vez que se trata de aceitar passivamente o que é mostrado, sem avaliar a beleza real e procurando apenas imitar o modelo, não se podendo, para além disto, desprezar o facto de que “certos aspectos patológicos da existência urbana só se desenvolvem a partir de um certo número de habitantes,” (Chevalier, 1977, p. 415) o que é facilitado pela crescente aglomeração populacional.

Esta realidade penaliza ainda mais as grandes cidades, já de si sujeitas a fenómenos de descaracterização individual, anomia e carência de partilha de emoções (Soczka, 1993), fenómeno a que Peyrefitte (1977) se refere como *sociedade frenética*. Esta sociedade está longe de oferecer ao ser humano as condições de que ele carece em termos de harmonia e tranquilidade, o que pode tornar-se problemático, se se tiver em conta a resistência que algumas pessoas têm em regressar à aldeia ou a uma vila de província (Marques, 1988).

A atitude passiva de aceitação, tendo um efeito multiplicador enorme principalmente para as camadas jovens, já que torna desejável o que é redundantemente oferecido, facilita a coerência do comportamento com ela. Esta realidade pode ser potenciada pelo facto de se saber que quando o envolvimento do sujeito é grande em relação ao objecto há influência na relação atitude-comportamento respeitante a esse mesmo objecto (Lima, 1993) e que os problemas de informação estão indissociavelmente ligados aos das atitudes que ajudam a formar (Gilly, 1980).

Não será certamente por acaso que a anorexia se está a tornar um problema preocupante, principalmente nas camadas adolescentes de raparigas (Cury, 2007; Sampaio, Bouça, Carmo & Jorge, 1999) e se sabe que pode ter consequências familiares sérias (Santos, Oliveira, Moscheta, Ribeiro e Santos, 2004). Sobre isto, Miller, Perlman e Brehm (2007) dizem mesmo que a média das Playmates é de tal maneira magra que está dentro dos critérios de peso para ser considerada como tendo uma perturbação da alimentação.

Não será também por acaso que Cury (2007) diz que apenas 2% das mulheres no mundo se acham belas e refere uma investigação que mostrou que 21% das mulheres rejeitam os seios ou os cabelos, 14% fazem o mesmo em relação às coxas ou ao rabo e, noutras percentagens um pouco inferiores, algumas outras não apreciam o nariz, as ancas e os dentes.

Murray (1986) ao falar da motivação refere o conceito de *canalização* no sentido que Murphy lhe deu, de haver uma força associada à satisfação gratificante, que cria não só gostos alimentares, como gostos estéticos e parece que também pode levar as pessoas a seguirem mais ou menos cegamente os gostos estéticos que lhes são apresentados com insistência.

E ainda que, como Francastel (1977), não nos arroguemos o direito de identificar a arte com os valores vigentes numa sociedade e menos ainda com o seu pensamento, não podemos deixar de salientar a importância que ela tem, como sinal dos tempos e simultaneamente como motor de influência desses mesmos tempos, uma vez que “(...) é, ao mesmo tempo, um modo de compreensão e um modo de acção que informam a totalidade da experiência” do ser humano (Francastel, 1977, p. 394).

Não pode também ser descurada a importância das cidades, detentoras da maior importação, produção e exposição de moda nas suas diferentes formas, em que se inclui portanto o visual do corpo humano, nu ou vestido. Quanto mais depressa se desenvolvem, maiores são os tentáculos de influência que criam (George, 1977), não esquecendo que a sobredensidade populacional frequente nos meios urbanos pode originar comportamentos específicos (Soczka, 1988) e aumentar esta influência.

Isto significa que as importações e/ou produções de moda da cidade rapidamente se propagam ao meio em redor que, juntamente com ela, forma a *grande civilização* a que se refere Rocher (1989b).

Por sua vez, esse meio que rodeia as cidades abre-se cada vez mais às novas recém-chegadas ideias, gostos e comportamentos globais, uma vez que tomou consciência do seu atraso cultural (Mendras, 1977) procurando por isso reduzi-lo, tornando cada vez maior o já perceptível desvanecimento das diferenças entre a cidade e a ruralidade (Manheim, 1985).

Por outro lado, o migrado da aldeia para a cidade possui frequentemente um sentimento de superioridade relativamente ao aldeão. Viveu a experiência da grande cidade que entende ter-lhe dado uma outra dimensão que o coloca acima dos outros aldeões não só devida ao maior poder económico, mas principalmente pelo que julga que este lhe permite (Peristiany, 1988) o que, a ser aceite na aldeia, pode ajudar ainda mais a difundir a moda vinda da cidade.

A difusão das modas em todos os estratos sociais é assegurada pelas condições de trabalho modernas que levam à incessante procura de sensações novas e estimulantes de lazer, conduzindo às mais variadas experiências, por vezes extremas, em que se inclui uma dialéctica entre aquelas situações de trabalho e os

valores ligados ao consumo, podendo criar uma pressão para as compras (Friedman & Tréanton, 1977).

Estas englobam naturalmente também aquilo que se usa vestir em dada altura e que, se não se ajusta ao corpo que se possui, pode levar à tentativa de alterar esse corpo, de maneira a que o que é moda possa ser usado com menos dificuldade.

Estes autores questionam-se sobre as razões que levam os operários de Detroit a utilizarem os seus tempos livres em actividades destrutivas, em vez de, como dizem que seria natural, os usarem para se aperfeiçoarem como seres humanos, que é a função que pensam ser própria do lazer (Friedman e Tréanton, 1977).

Afirmam que esta função é entravada pelo divertimento, por sua vez influenciado pela pressão do meio, através de sugestões e incitamentos e que esse divertimento conduz a atitudes mais relacionadas com a dispersão e a fuga do que com a reflexão. Explicam assim, de alguma maneira, esta facilidade de aceitação de qualquer coisa, mesmo que feia ou deselegante, desde que esteja de acordo com o que a moda indica, portanto em consonância com a pressão do meio. Esta pressão, por sua vez é facilitada pela postura acrítica do alheamento social, face aos convites, sugestões e alusões que faz de forma cada vez menos velada, incitando repetidamente à adesão a essa mesma moda.

Contudo, não se pode perder de vista que Blount-Nuss, Cate e Lattimer (2006) concluíram que *o hábito não faz o monge* ou seja, que não era possível concluir no seu estudo que as roupas tornavam o ser humano mais atractivo, o que pode indiciar que a atracção física é mesmo exercida pelos aspectos físicos e não pelas roupas que se veste, ainda que estas possam ter algum papel na chamada de atenção sobre a pessoa.

Vemos então que a atractividade física é um aspecto com importância em tudo o que respeita às relações interpessoais (Singh, s.d.), até porque a classificação que se dá a muitos objectos sociais é fortemente influenciada pela sua relevância (Tajfel, 1982). O aspecto físico tem-na indubitavelmente no que se refere às relações interpessoais, incluindo as amorosas (Mónico, 2005) e é preferido, em detrimento da personalidade, por homens e mulheres em certas situações de encontro (Tubre, 2000).

Para além disso, sabemos que o corpo, os olhares, mímica e posturas corporais têm influência na sociabilidade das pessoas (Tap, s.d.) e que temos pouco controlo sobre a atracção física (Atkinson, Atkinson, Smith, Bem & Nolen-Hoeksema, s.d.) o que aumenta a importância dela.

Num inquérito feito nos Estados Unidos, 36% das mulheres afirmaram que a sua aparência física afecta a possibilidade de terem uma sexualidade harmoniosa (Forest et al., 2004).

Sabe-se que os efeitos da beleza sobre a atracção atravessam todas as idades, os dois sexos (Alferes, 1993; Baron & Kalsher, 2005) e as várias categorias sócio-económicas (Alferes, 1993) sendo mesmo a fonte de atracção mais evidente (Baron & Kalsher, 2005; Neto, 2000). É isso que leva Houel (2001) a dizer que o interesse que uma pessoa mostra por outra, do ponto de vista físico, leva a que o corpo desta se transforme, deixando de ser um todo para passar a ser um conjunto de partes mais ou menos sexualizadas.

Tubre (s.d.) concluiu experimentalmente que homens e mulheres dão grande importância à atracção física, na perspectiva de terem um encontro com alguém, ao verificar que os sujeitos experimentais recusavam encontro com sujeitos alvo

que eram descritos como possuidores de personalidade agradável, mas não atractivos fisicamente.

Verifica-se que as crianças reagem aos adultos de maneira diferente em função da atractividade destes (Baron & Kalsher, 2005; Langlois, Roggman, Casey & Ritter, 1987; Langlois, Roggman, Rieser-Danner, 1990; Langlois, Ritter, Roggman & Vaughn, 1991; Rieser-Danner, Roggman & Langlois, 1987) assim como as mães lidam de maneira diferente com os seus filhos de acordo com a atractividade destes (Langlois, Ritter, Casey, & Sawin, 1995; Ritter, Casey, & Langlois, 1991; Stephan, & Langlois, 1984;).

Diversos estudos vêm mostrando que a atracção física influencia não só a atracção interpessoal, como o desejo de poder ter um encontro com outra pessoa (Bersheid & Walster, 1974; Simpson & Gangestad, 1992) e que o desejo de ter, ou repetir, um encontro com alguém tem como elemento decisivo a atractividade física, independentemente de as personalidades e as inteligências não permitirem prever compatibilidade no casal (Walster, Aronson, Abrahams & Rottman, 1966).

Pode no entanto, neste aspecto, haver alguma diferença quanto à sócio-sexualidade, uma vez que as mulheres sócio-sexualmente menos restritivas mostraram maior atracção pelo rosto dos homens e por corpos musculados, do que as que tinham sócio-sexualidade mais restrita (Provost, Kormos, Kosakoski & Quinsey, 2006); enquanto isso, com os homens verificou-se que os sócio-sexualmente mais restritivos se mostravam menos dispostos a abordar mulheres fisicamente mais atractivas do que eles, em relação aos que eram sócio-sexualmente menos restritivos (Brase & Walker, 2004).

Também o objectivo que se tem em vista atingir pode alterar a atracção sentida, como provaram Kruger e Fisher (2005) quando mostraram que as mulheres

preferem homens sensatos e protectores (*dad*, no original) para ligações estáveis e homens mais toscos (*cad*, no original) para ligações de curta duração.

Aquilo que se entende por fisicamente atraente pode ultrapassar a aparência física propriamente dita, como acontece com o riso que tem importância comprovada (Guegen & De Gail, 2003; Mueser, Graub, Sussman & Rosen, 1984; Neto, 2000), com a voz (Brudereck, 2008) e até com a simples troca de olhares que é um aspecto de grande importância na comunicação não verbal humana (Caetano, 1978), ainda que Restrepo (2004) considere o corpo como a base desta comunicação.

As palavras têm tanta importância como as carícias (Houel, 2001) e o odor, também ele um factor físico, que leva Herz (2008, p. 258) a dizer que “o nosso sentido do olfacto é verdadeiramente o nosso sentido do desejo,” tem sido cada vez mais estudado configurando-se como um elemento decisivo na atractividade; consubstancia o que se denomina por vezes a *química* da atracção, que é determinante quer para relações com finalidade procriativa quer para a não procriação (Herz).

Por outro lado, Mueser e colaboradores mostraram em 1984 que, em relação a sujeitos femininos que foram apreciados por 21 masculinos, as faces tinham maior importância do que os corpos, enquanto Krumhuber, e colaboradores (2007) verificavam que a dinâmica expressiva do rosto influenciava os outros quanto a confiarem e cooperarem e Berry (1991) concluiu que a infantilidade do rosto leva à expectativa de honestidade e calor.

Relativamente aos homens, estudos vários indicaram que o aumento da masculinidade do rosto fazia com que a pessoa fosse percebida mais negativamente e a feminização podia fazer aumentar a atractividade, por suavizar

os traços negativos de personalidade (Freitas-Magalhães, 2006), mas Perrett (2008) concluiu que as mulheres preferem rostos masculinos mais viris durante o período fértil do ciclo menstrual.

A importância do primeiro nome das pessoas, na atracção física, foi também comprovada (Garwood, Cox, Kaplan, Wasserman & Sulzer, 1980) tendo-se concluído que as raparigas com primeiros nomes interessantes eram avaliadas mais favoravelmente do que as que tinham nomes indesejáveis e que as que tinham nomes mais pequenos eram classificadas como mais calorosas e excitantes [*warmth*, no original] (Mehrabian & Piercy, 1993).

2.3 – *O que atrai quem*

“Olho-lhe para as mãos, que ajustam as flores na jarra.”
(Alberto Morávia, *Contos eróticos*)

“A cara dele! Os seus olhos”
(Colleen McCullough, *A casa dos anjos*)

“(...) o bigode aparado como um sedutor
dos anos trinta. A boca era carnuda.”
(Lídia Jorge, *A última dona*)

As diferenças atrás apresentadas entre preferências de homens e de mulheres relacionam-se com o tipo de factores designados por eles e por elas, como os que mais influência têm na atracção por outras pessoas, mas incluem, como vimos factores físicos e não físicos específicos de cada pessoa.

Nesta secção iremos tratar do que alguns estudos mostram que é preferido pelas pessoas, dentro dos elementos físicos, excluindo portanto os outros que não se incluem nesta categoria.

Verificou-se que as mulheres discriminam mais com base na raça, manifestando uma clara preferência por homens da mesma raça (Fisman, Iyengar, Kamenica & Simonson, 2006).

De uma maneira geral, entre estudantes caucasianas e asiáticas, partes do corpo volumosas tendem a ser consideradas como imagem negativa (Horvath, 1979; Koff & Benavage, s.d.), embora se possa abrir uma exceção para os seios, cujo tamanho apreciado tem vindo a aumentar (Koff & Benavage, s.d.) sendo a magreza considerada atractiva nas mulheres e os ombros largos e tronco cónico nos homens (Horvath, 1979).

Existem diferenças de cultura para cultura (Cunningham, Roberts, Barbee, Druen & Wu, 1995) e as variações culturais levam Carrada e Janini (s.d./s.d.) a perguntarem-se o que estará por detrás do facto de nos países industrializados as mulheres preferirem homens com caras menos másculas.

Verifica-se que nos Estados Unidos, embora de uma maneira geral se aprecie a figura feminina esguia, as mulheres perguntadas acerca disso, num estudo referido por Ramos (2001) e feito por David Buss em 1994, indicaram expectativas de que os homens prefeririam mulheres de grande magreza, tendo os resultados mostrado que elas exageravam esta preferência, uma vez que as escolhas caíam sobre estruturas médias.

Por outro lado concluiu-se que os homens sobrestimam a importância que esperam que as mulheres dêem aos músculos (Frederick, Fessler & Haselton, 2005) e podem mesmo ser os responsáveis pela continuação do estereótipo do homem músculo (Lavrakas, 1975) enquanto elas avaliam por cima a que julgam que os homens dão à magreza feminina (Frederick, Fessler & Haselton, 2005).

As mulheres valorizam pouco o físico do homem, se ele não se afastar excessivamente do que consideram atractivo (Lavrakas, 1975) e são geralmente mais apreciadas por terem figura de ampulheta e os homens por apresentarem o tronco em forma de “V” (Johnson, Lurye & Freeman, 2008).

A relação cintura-anca (RCA, WHR – waist-to-hip ratio) é um indicador presente em diferentes estudos transculturais e o intervalo entre 0.67 e 0.80 é considerado adequado em mulheres antes da menopausa e saudáveis, assim como o intervalo entre 0.85 e 0.95 é adequado para homens saudáveis (Singh, s.d).

Johnson, Lurye e Freeman (2008) num interessante estudo sobre dois super-heróis da banda desenhada, Mr. Incredible e a Elastigirl, concluíram que o comum das pessoas apresenta em média os índices seguintes, em WHR e CWR (chest-to-waist ratio, RPC – relação peito-cintura):

Mulheres: WHR = 0.84, CWR = 0.97.

Homens: WHR = 0.91, CWR = 1.19.

Contudo, os super-heróis apresentam índices bem diferentes, o que, segundo os autores, significa que são desenhados como caricaturas normativas do género que, por essa razão, tendem a ser percebidas como bastante atractivas.

Assim, Mr. Incredible tem uma WHR de 1.13 o que os autores atribuem à intenção de o representar gordo, depois de uma temporada de vida sem aventuras e uma CWR de 1.51.

A Elastigirl apresenta uma WHR de 0.42, embora isto seja inatingível, segundo os autores, dado que a menor WHR encontrada no grupo de comparação (recrutas do Exército) foi de 0.69.

A CWR desta heroína é de 1.70.

Estes dois índices são muito exagerados. Isto é interpretado pelos investigadores não como a masculinização da figura da Elastigirl (no caso da CWR) mas como o acentuar da forma de ampulheta e, por conseguinte, o exacerbar da sua figura feminina.

As diferenças entre urbe e ruralidade referidas no capítulo anterior mostram-se também claramente existentes. Na apreciação da atracção física masculina verificou-se que nos meios urbanos há uma preferência pela relação entre peito e cintura (RPC, CWR) seguida do índice de massa corporal (IMC, BMI – Body mass index) e com a relação cintura-ancas (RCA, WHR) a não ter significado. Entretanto nos meios rurais os dados apontaram para uma preferência pelo IMC, seguida da RPC e com a RCA a não ter expressão. Vê-se portanto a cidade a privilegiar a estética do triângulo invertido e depois o índice de massa corporal, enquanto o meio rural se orienta para a robustez expressa pelo índice de massa corporal e depois para o triângulo invertido (Swami & Tovée, 2005).

2.4 Formação das impressões

“Pequenas coisas inquietantes que não são ninharias.”
(Catherine Bensaid e Jean-Yves Leloup, *O essencial no amor*)

“E nada é mais variado do que a forma como diversas culturas e indivíduos expressam as suas procuras sexuais.”
(Luis Carlos Restrepo, *Ética do amor*)

“A maioria dos homens não tem a mínima noção de que as mulheres têm um sistema de classificação por pontos do desempenho global do parceiro no relacionamento.”
(Allan Pease e Barbara Pease, *Porque é que os homens mentem e as mulheres choram*)

Fischer (s.d.) distingue *relação* que considera uma dimensão inerente aos seres humanos enquanto seres sociais, de *interacção* que é o processo através do qual esses mesmos seres humanos exprimem as suas relações.

Para criar uma relação, é importante a formação da impressão sobre o outro, como mostram Leyens e Yzerbyt (2004) quando se referem ao *modelo do contínuum*.

Por sua vez, as impressões sobre os outros podem ser formadas de imediato, naquilo que Rocher (1989a, p. 19) classifica como “(...) o fenómeno social concreto mais elementar”, no caso das primeiras impressões, ou serem mais profundas e recorrerem a processamento cognitivo (Barata, 1974; Caetano, 1993).

As primeiras impressões são formadas muito rapidamente e Bar, Neta e Linz (2006) mostraram que as pessoas baseiam a sua primeira impressão sobre os outros na informação que tiverem disponível nos primeiros 39 ms.

Qualquer relação humana pressupõe dois tipos de factores: os cognitivos, em que se incluem as percepções da situação e do outro e o significado que o sujeito dá a essa relação e os factores emocionais, que são os sentimentos e reacções afectivas que fazem parte da relação (Fischer, s.d.).

As percepções nem sempre porém são ajustadas ao objecto sendo a sua “irracionalidade”, por vezes, devida a limitações do sistema informação-processamento do cérebro humano (Block & Block, 1980).

São influenciadas por diversos elementos, como os afectos, os objectivos e até aspectos sócio-demográficos, como a idade e os papéis sociais (Caetano, 1993), para além de, como vimos antes, o serem também pelo sexo (p.e. Fisman, Iyengar, Kamenica & Simonson, 2006; Frederick, et al., 2005; Swami & Tovée, 2005).

Mesmo tendo em conta estas influências que as podem fazer variar, são fundamentais para a formação da impressão sobre alguém (Freedman, Carlsmith & Sears, 1977) para o que se torna necessário obter informação prévia e processá-la através dos mecanismos cognitivos da percepção, a que Rodrigues (1986) sugere que, neste caso, se chame cognição social.

A percepção de pessoas difere da percepção de objectos (Caetano, 1993; Freedman, Carlsmith & Sears, 1977) porque estes podem ser entendidos com um certo grau de incoerência e as pessoas não (Freedman, Carlsmith e Sears). Para além disso há que contar com a influência do *efeito de halo* (Caetano, 1993; Freedman, Carlsmith & Sears; Michener, DeLamater & Myers, 2005), dos *efeitos de ordem* (Caetano, 1993; Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Sternberg, 2000), do *erro lógico* (Freedman, Carlsmith e Sears), do *estereótipo da atractividade física* (Neto, 2000) e das *distorções de positividade e de negatividade* (Caetano).

E modernamente até do ponto de vista da neurofisiologia começam a aparecer comprovações de que existem diferenças de processamento entre a formação de impressões sobre pessoas e sobre objectos inanimados (Mitchell, Macrae & Banaji, 2004).

O *efeito de halo* é a tendência para que, com base numa impressão geral favorável ou não sobre alguém, as nossas apreciações e expectativas sobre essa pessoa sejam alteradas no sentido daquela impressão inicial, através da percepção de outras características que se ajustem coerentemente a ela (Aronson, s.d.; Caetano, 1993; Freedman, Carlsmith & Sears, 1977; Michener, DeLamater & Myers, 2005).

Os *efeitos de ordem* são dois: *Efeito de primazia* ou de *precedência* (Caetano, 1993; Michener, DeLamater & Meyers, 2005; Sternberg, 2000) que diz respeito ao facto de se ter em consideração os elementos conhecidos em primeiro lugar, que tendem a fazer os seguintes ajustarem-se coerentemente a eles; e o *efeito de recência* ou de *recentidade* (Caetano, 1993; Sternberg, 2000) que aponta para que em dadas condições são os últimos elementos que influenciam a impressão geral. E as condições ocorrem principalmente se os primeiros elementos conhecidos forem avaliativamente neutros, se o que sugerem for ambíguo, ou se as pessoas quando tomam conhecimento deles não tiverem a intenção de formar uma impressão que só lhes é pedida posteriormente.

A importância dos efeitos de primazia e de recentidade foi confirmada por Hastie e Kumar (2004).

Contudo, baseando-se numa experiência, Lee concluiu que embora os resultados apontassem numa direcção não contraditória da que Asch indicou quando iniciou os trabalhos sobre o tema, o contrariavam quando existiam palavras fortemente negativas na lista que se apresentava aos sujeitos experimentais para dizerem a impressão que, com base nela, formavam de um indivíduo hipotético, o que confirma a distorção de negatividade de que falaremos a seguir.

O *erro lógico* (Freedman, Carlsmith & Sears, 1977) consiste no facto de as pessoas associarem determinados traços de carácter a outros, de forma indissociável, o que as leva a assumirem que, se um sujeito possui um deles, tem de possuir igualmente aqueles que lhe associaram.

O *estereótipo de atractividade física* que, segundo Neto (2000, p. 176) terá nascido com fundamento em palavras de Safo, ao dizer que “o que é belo é bom”, depois confirmadas por Schiller que afirmou que “a beleza física é sinal de uma beleza interior, moral e espiritual”, consiste no entendimento de que à beleza física corresponderá um conjunto de boas qualidades.

A *distorção de positividade* deve-se ao facto de as pessoas terem maior predisposição para formar impressões positivas e também é conhecida por *efeito de brandura* ou *efeito de Pollyanna*.

A *distorção de negatividade* ocorre quando num processo de formação de impressões se conhecem características negativas do sujeito alvo e, principalmente, quando elas estão relacionadas com valores morais ou avaliações afectivas. Nestas condições a informação negativa pode tornar-se mais importante do que a positiva.

Podemos esquematizar a formação das impressões em três passos sequenciais e interdependentes: Primeiro, a *recolha da informação*, segundo o *processamento cognitivo* de construção da percepção da pessoa e terceiro, a *formação de uma impressão* sobre ela.

A informação chega de várias maneiras, em diferentes momentos e locais e sendo diversa em conteúdo e, com base em Michener, DeLamater e Meyers (2005), podemos estudar a sua captação segundo quatro elementos: Como, o quê, quando e onde ela é recebida.

Como pode ser obtida a informação? Pode ser captada directamente, através de ver, ouvir, ou sentir directamente a pessoa objecto, ou indirectamente através de leitura, de audição de relatos, da contemplação de fotografias ou de filmes; mas as impressões que se formam por observação directa da pessoa ou do que ela diz são diferentes das que se formam a partir do relato de terceiros (Brandt & Brandt, 1972).

O tipo de informação pode relacionar-se com muitos aspectos, entre os quais a aparência física do sujeito, a sua apresentação em termos de vestuário, a maneira de se exprimir, as características pessoais que deixa transparecer, as intenções que demonstra, a sua história pessoal (Michener, DeLamater e Meyers, 2005).

O momento em que a informação é obtida, pode ser considerado em dois aspectos: o tempo do sujeito objecto e o do próprio. Quanto ao primeiro, trata-se de a recolher tendo como fonte a pessoa sobre que se vai formar a impressão, podendo ser recolhida no momento da interacção com ela, ou em vez disso, posteriormente, através das técnicas indirectas atrás referidas.

Relativamente ao tempo do próprio, relaciona-se principalmente com o seu estado emocional, que pode ser variável e que tem grande influência na formação das impressões (Caetano, 1993) assim como nas avaliações de situações (Kalat & Shiota, 2007).

Finalmente em relação ao local em que a informação é recebida, podemos considerar o território do sujeito objecto, o do próprio ou um qualquer neutro, sendo que estas três possibilidades podem ser agradáveis, neutras ou desagradáveis, o que remete para as emoções que podem desencadear.

Seja qual for o processo de obtenção, o conteúdo, o momento e o local em que a informação é recolhida, para a formação da impressão sobre alguém, alguma dela

(Hamilton, Katz & Leirer, 2004) vai ser seleccionada e processada cognitivamente pelo receptor da informação, naquilo que constitui o segundo passo para a formação das impressões sobre alguém.

Rodrigues (1986) apresenta um desenho esquemático fácil e claro para explicar a percepção de pessoas, que é composto por duas fases. Uma pré-psicológica que parte do sujeito emissor, que é o estímulo inicial e sobre o qual o receptor vai formar a impressão; começa pela selectividade perceptiva que explica o facto de, perante a quantidade de informação de vários tipos que nos atinge a cada momento, prestarmos atenção apenas a alguns estímulos, geralmente ligados ao nosso interesse nesse momento, abandonando os restantes (Rodrigues, 1986; Sternberg, 2000). A outra, psicológica, em que ocorre o processamento cognitivo da informação, se processa a sua percepção e se forma a impressão (Rodrigues, 1986).

Em termos de relações sociais pode haver influência da distorção cognitiva por exemplo quando nos apercebemos apenas das qualidades dos amigos e dos defeitos daqueles de que não gostamos, mas, para além disto, a selectividade tem o seu papel importante, na medida em que realmente a pessoa selecciona o que lhe interessa. (Rodrigues, 1986).

É a partir desta capacidade de seleccionar o que é relevante em dado contexto e momento, que vamos prestar atenção e captar aquilo que realmente tem importância nesse momento e contexto, isto é, no caso que estamos a estudar, o *estímulo distal* (ou *distante*).

Este estímulo é como que filtrado por um conjunto de condições a que Rodrigues (1986) chama mediadoras, tais como aquilo que no contexto físico

melhora ou piora as possibilidades de nitidez da comunicação, as expressões corporais, faciais e verbais do alvo, etc.

Por força destas interferências colaterais, o estímulo distal transforma-se em *estímulo proximal* (ou *próximo*).

Passa-se então à fase psicológica do processo perceptivo que inclui toda a panóplia de sentimentos, atitudes, valores, necessidades, interesses, estereótipos e outras interferências pessoais do sujeito receptor.

Após esta segunda filtragem, interna e em função destes aspectos, o sujeito confronta-se com o *percepto*, ou seja, o estímulo distal tal como é percebido pelo receptor e que vai dar origem à impressão sobre ele.

Hamilton, Katz e Leirer (2004) sugerem que, a partir da recepção da informação, existem quatro momentos no seu processamento cognitivo: A *organização da informação* em que entra aquilo a que chamam a “estrutura esquemática” do receptor da informação, em que ele vai entrar com as experiências anteriores com essa pessoa ou com outras e vai categorizá-la de acordo com esses esquemas; os *processos de inferência* através dos quais o receptor usa os seus esquemas para preencher as lacunas de conhecimento acerca do sujeito-alvo, para formar uma representação cognitiva que tenderá a ser a base das referências que venha a fazer sobre o alvo; a *imagem mental* que, ainda que não estudada até ao momento, consideram potencialmente importante na formação das impressões e a cujo recurso o sujeito que forma a impressão recorre de modo que sugerem ser quase automático; e finalmente a *avaliação* que apresenta ainda lacunas de conhecimento, principalmente no que diz respeito ao modo como é incorporada na representação da pessoa avaliada, como se relaciona com os aspectos mais ligados à descrição dela e como influencia o futuro

processamento da informação sobre a pessoa, mas consideram importante em todo o processo de formação da impressão.

Para a formação da impressão propriamente dita, vários aspectos devem ser tomados em consideração.

Antes de mais, não se pode perder de vista que muitos objectos sociais são classificados em função do seu valor ou da relevância que em determinado momento e/ou contexto têm para o avaliador e que esse valor ou essa relevância “(...) não podem deixar de influenciar os juízos quantitativos em função de uma agudização das diferenças objectivamente existentes entre os estímulos.” (Tajfel, 1982, p. 80).

Outro aspecto basilar é o facto de a impressão ser formada, como vimos, a partir da percepção da pessoa, portanto, com base em diversos traços que se encontram no percepto captado pelo receptor (Rodrigues, 1986).

Deste ponto de vista, pode considerar-se um primeiro período do estudo da formação das impressões a partir dos trabalhos pioneiros de Asch (Hamilton, Katz & Leirer, 2004) numa abordagem que assume que a impressão sobre uma pessoa resulta de uma combinação entre traços e que essa combinação é diferente da soma deles (abordagem holística); sugere que existem traços com peso maior do que outros, isto é, traços centrais e traços periféricos (Asch, 2004; Caetano, 1993; Leyens & Yzerbyt; 2004; Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

Um traço é de alta centralidade quando as informações que nele se baseiam têm influência grande na impressão geral que se forma sobre alguém (Hamilton, Katz & Leirer, 2004; Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

O valor dos traços não é fixo, variando com o contexto, mudando de significado conforme a importância que dada situação lhes confere e em função das relações

que mantêm com outros traços (Caetano, 1993; Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

Uma abordagem alternativa (Anderson, 2004; Caetano, 1993; Hamilton, Katz & Leirer, 2004; Leyens & Yzerbyt, 2004; Michener, DeLamater & Meyers, 2005), que Hamilton, Katz e Leirer (2004) consideram o início do segundo período de estudo da formação das impressões, baseia-se na positividade ou negatividade dos traços e não na sua relação categorial, assumindo que eles se combinam segundo regras aritméticas. Para estes investigadores, cada traço tem uma influência específica no sentido positivo ou negativo da impressão que se vai formar, podendo contudo variar, de acordo com o contexto. Isto é, um traço pode ter um determinado peso num contexto e outro maior ou menor noutra situação.

Esta perspectiva é conhecida como *informação individualizante* (Leyens e Yzerbyt, 2004) ou como *integração da informação* (Caetano, 1993) em oposição à de Asch denominada *categorial* (Leyens e Yzerbyt) ou *configuracional* (Caetano).

Duas outras explicações fundamentadas na memória das pessoas merecem referência, uma vez que para formar uma impressão é preciso reter em memória a informação que se refere à pessoa em causa.

A primeira deve-se a Brewer (Caetano, 1993) e é um *modelo dual*, na medida em que entende a formação das impressões como consequência de um processamento da informação com base em categorias (*top-down*) e noutro com base nos dados (*bottom-up*).

Para esta perspectiva, a observação de um indivíduo alvo desencadeia processos automáticos de classificação baseados em categorias bem definidas cognitivamente pelo classificador, como a idade, raça, sexo, religião, etc. e que

constituem a *fase de identificação inicial*, incluída no primeiro tipo de processamento (*top-down*).

Se o processo terminar aqui, a impressão é formada com base nesta primeira categorização estereotipada.

Se isto não acontecer e o avaliador for impelido a continuar a formação da impressão, o processo passa a ser mais controlado e pode seguir dois caminhos diferentes, subordinados à motivação do classificador.

Se a pessoa a ser apreciada não é relevante para o classificador ele tenderá a processar a informação, a partir daí, pelo modo categorial, isto é, através da *categorização/tipificação* do sujeito, procurando uma outra categoria que seja apropriada e em que possa incluí-lo.

Se não existir uma categoria que se mostre adequada ao sujeito, passa-se à terceira fase, de *individualização*, em que se procura criar sub-categorias ou categorias em que ele possa ser incluído.

No caso de o sujeito alvo ser relevante para o avaliador, este passa directamente da primeira fase de identificação inicial para a de *personalização*, em que a impressão é formada a partir dos dados específicos do sujeito a classificar (*data driven* ou *bottom-up*).

Fiske e Neuberg (Caetano, 1993; Leyens & Yzerbyt, 2004) propuseram uma outra explicação conhecida por *modelo do continuum*, em que são primordiais três factores determinantes: a motivação do observador, a atenção de que pode dispor e a informação que é capaz de captar.

Também aqui o processo, em princípio, pode restringir-se a uma impressão categorial, ou, se a motivação influir preponderantemente, passar a uma classificação específica, começando o classificador, perante um sujeito estímulo,

por categorizá-lo de imediato e quase automaticamente de acordo com as categorias pré definidas que possui em memória (Leyens & Yzerbyt, 2004).

Nesta primeira fase, *categorização inicial*, intervêm com importância o *efeito solo*, isto é, o facto de alguma característica particular do sujeito alvo levar a que ele seja mais frequentemente apreciado em função dela, do que de qualquer outra; o *objectivo* que se tem no momento, uma vez que um alvo que o preencha pode ser categorizado preferencialmente por isso e não por outra característica; e a *acessibilidade temporária ou crónica, dos conceitos* na medida em que alguma informação recém obtida (caso da acessibilidade temporária) ou aquela que está fortemente arraigada nas crenças ou atitudes do classificador (caso da acessibilidade crónica) podem interferir com a classificação que se vai fazer (Leyens & Yzerbyt, 2004).

Se o alvo for indiferente para quem o observa, a formação da impressão pode acabar sem mais processamento de informação, mas se a pessoa em apreciação tiver relevância para o classificador este passa a prestar-lhe *atenção*, para procurar *confirmar a categorização inicial* (Caetano, 1993).

Nesta altura, ou a categorização confirmativa foi bem sucedida e o classificador passa a agir em conformidade com ela (Leyens & Yzerbyt, 2004) ou não foi e o avaliador vai procurar outra categoria ou sub-categoria em que a pessoa alvo possa ser incluída satisfatoriamente (Caetano, 1993).

Uma vez mais pode ocorrer o êxito e o classificador passa a agir em conformidade com a categoria em que incluiu o sujeito alvo, ou não houve sucesso e passa-se a uma avaliação específica peça a peça em que são apreciadas individualmente todas as facetas apresentadas pelo sujeito alvo (Caetano, 1993; Leyens & Yzerbyt, 2004).

Se as reacções correspondentes a esta última impressão necessitarem de confirmação, o processo retrocede para a fase da atenção e repete-se (Leyens & Yzerbyt, 2004).

Como se viu, na formação das impressões, quer resultantes da abordagem inicial quer decorrentes de processamento cognitivo mais elaborado, um dos elementos que participa é o aspecto físico, até porque “o corpo vincula-nos ou isola-nos, integra-nos ou bloqueia-nos” (Restrepo, 2004, p. 36) e a face é uma das primeiras coisas de que damos conta quando alguém se aproxima ou nos aproximamos de outro (LaFrance, 2007).

2.5 Modelos

“Os homens bonitos para a forca,
as mulheres bonitas para o bordel”
(Brantôme, citado por Nahoum-
Grappe, *A mulher bela*)

“Os povos viram sempre com uma mistura
de fascinação e de terror as representações
do corpo humano.”
(Octávio Paz, *A chama dupla*)

“O belo bem que poderia ser uma outra
forma de dizer o inatingível”
(Isabel Leal, *Guia de sentimentos prováveis*)

“Uma análise histórica provavelmente demonstraria que o papel do modelo na investigação aumenta com o desenvolvimento da ciência” (Rossi, s.d., p. 303) e esta demonstração é um sinal inequívoco da proliferação de definições acerca do conceito de modelo, geralmente utilizado para facilitar a compreensão e/ou representação de alguma coisa.

A partir da dialéctica proposta por Morin (2003) entre sistemas abertos e fechados, aponta este autor uma consequência dos primeiros, que é o facto de a

sua compreensibilidade decorrer não apenas de si próprios, mas também das suas relações com o meio, que são, por sua vez, elas próprias constitutivas do sistema.

Diz o autor que a realidade está tanto na ligação entre o sistema e o meio, como na distinção entre ambos e mais à frente defende que ela é complexa e não pode ser simplificada nem atomizada. As categorias são apresentadas no texto como criações das universidades, interpenetradas por outras categorias, como por exemplo as necessidades e desejos do homem. Temos então diferentes níveis que se completam e podem sobrepor-se.

Morin (2003) desenvolvendo o tema, apresenta os conceitos de trivialidade e não trivialidade. É trivial aquilo que, uma vez conhecida a situação inicial, leva a que se conheça a situação final, isto é, em que o funcionamento é programado, como acontece com os automatismos humanos. É não trivial o que não pode ser previsto e exige portanto estratégia criativa.

Na sequência do procedimento trivial, a sociedade organiza e simplifica o conhecimento através dos estereótipos, como veremos no capítulo seguinte, mas, de acordo com a formulação de Morin atrás referida, entendemos que se pode dizer que o esquema *sociedade* → *homem* → *estereótipo* não é único e que pode haver dois caminhos diferenciados, conforme se continue na trivialidade (estereótipo) ou se saia dele para a não trivialidade (modelo).

O processamento externo influenciado pela pressão social, leva ao automatismo e ao estereótipo. “(...) *a realidade que incide sobre uma pessoa exercerá pressões na direcção do estabelecimento de correspondência entre os elementos cognitivos apropriados e essa realidade,*” [itálico no original] (Festinger, 1975, p. 19).

A sociedade, ao criar e difundir o estereótipo, pressiona o indivíduo a seguir o processamento previsível, trivial, adoptando o estereótipo que passará a ser

também seu, agindo em conformidade com ele e integrando-se nesse grupo. Estamos a falar do que Pereira (2002) chama modelos abstractos, baseados em esquemas e protótipos.

O processamento interno, pessoal e influenciado pela experiência individual e pela personalidade do próprio, conduz à necessidade de utilização de uma estratégia que crie, consolide e, de alguma maneira, proteja o sujeito dos eventuais efeitos negativos da criação e adopção de um modelo.

Quando diverge do estereótipo criando o seu modelo pessoal, o sujeito afasta-se da conformidade, utiliza o seu poder criativo para elaborar uma ideia sua e recorre a uma estratégia que lhe permita consolidar o seu modelo.

Ao fazer isto, protege-se contra a dissonância que o facto de ser diferente pode acarretar, um vez que, sendo a dissonância cognitiva a existência simultânea de dois elementos cognitivos caracterizados pelo facto de o inverso de um ser coerente com o outro (Festinger, 1975), verificamos que querer integrar-se numa sociedade e simultaneamente criar o seu próprio modelo, que reduz a integração, é dissonante.

Quando o indivíduo tem necessidade de estar integrado socialmente, mas em simultâneo apresenta um modelo pessoal que é diferente do estereótipo socialmente aceite, ocorrem simultaneamente dois elementos cognitivos em que um, por se opor ao outro, sendo dissonante dele, preenche a condição proposta por Festinger (1975), para se desenvolver dissonância.

Ao falarmos de modelo, estamos pois a atribuir o carácter de individualidade, uma vez que, no sentido que lhe damos, os modelos são pessoais e não sociais.

A proposta de Tap⁽⁵⁾ (comunicação pessoal, Março 13, 2008) da existência de três tipos de modelo: científico, sociológico e psicológico, permite-nos então

indicar a diferença fundamental entre o modelo, na denotação com que aqui o apresentamos e estereótipo, modelo científico, modelo psicológico e modelo sociológico.

Num nível mais abrangente encontra-se o modelo científico, que abordaremos de seguida, enquanto (a) arquétipo de conexão lógica entre conceitos, (b) explicação de alguma coisa, ou (c) objecto tido como alvo de imitação ou de identificação.

Rossi (s.d.) dedica um capítulo à categorização dos modelos em psicologia e ao estudo do papel que este conceito tem desempenhado na ciência psicológica, sempre dentro da concepção de que se trata de representações manipuláveis, aproximações que se podem aperfeiçoar e servir de ponto de partida para o estabelecimento de hipóteses.

O conceito de modelo ocupa na psicologia um espaço largamente difundido e referido a um demasiado grande número de significados. Richelle (2001a, p. 503) refere-se a esta proliferação de significados na ciência como “(...) um laxismo semântico favorável às confusões”.

Na sua apresentação, fala em três interpretações básicas de modelo, que se enquadram no contexto científico atrás abordado. Uma que respeita ao comportamento de um alvo que se torna objecto de imitação ou de tentativa de imitação e a segunda que se refere a alguém com quem outra pessoa se identifica, correspondendo ambas ao conceito de modelo científico acima sintetizado. A terceira, igualmente incluída no conceito de modelo científico anterior, é mais confusa e nela baseia a sua crítica anteriormente referida, apontando oito significados para o termo (Richelle, 2001):

- Dispositivo que se utiliza para, através da analogia funcional permitir compreender o funcionamento de algo natural, como o computador, no caso do processamento cerebral.

- Representação porventura simplificada de algo, com a finalidade de facilitar o seu estudo, à semelhança das maquetas de engenharia ou arquitectura. Uma vez que este processo é frequentemente utilizado pelos psicólogos experimentais, o termo passou a ser usado também referindo-se a qualquer situação experimental.

- Objecto de estudo que, devido à sua simplicidade permite que se estude nele as bases de outros objectos mais complexos.

- Representação através de esquema geralmente gráfico que procura descrever e/ou explicar um processo, como o apresentado por Sternberg (2000) para as Teorias do Gargalo da Garrafa, podendo assumir semelhança com hipóteses a verificar ou com meras formulações teóricas de cariz mais especulativo e não verificáveis.

- A quinta significação é apresentada pelo autor como um abuso ou um foco de imprecisão da comunicação científica e consiste numa extensão da anterior dando à palavra modelo o significado de hipótese, ou teoria explicativa.

- Modelo animal, com um significado derivado do segundo e terceiro anteriormente expostos, de descrição ou explicação de comportamentos animais que se entende serem semelhantes aos humanos e que, por razões de facilidade de acesso é preferível estudar naqueles, ou que por razões de natureza deontológica se não podem estudar directamente nos seres humanos.

- Formulação de base matemática que procura descrever, explicar ou prever dados de natureza empírica.

- Modelo simulado, geralmente em computador e que consiste na representação teórica da recolha empírica.

Como se vê, a concepção do modelo como teorização ou construção explicativa, ou como uma abordagem específica cujos parâmetros a distinguem de outras, parece ser cada vez mais difundida na literatura psicológica (Alferes, 1997; Bachrach, 1972; Fontaine, 1987; Hawton, Salkovskis, Kirk, & Clark, 1997; Leal, 2005; Moreira, Gonçalves, & Beutler, 2005; Sternberg, 2000; Wells & Matthews, 2001).

É assim que, por exemplo, se fala do modelo psicanalítico como explicativo da patologia através da concepção de que esta tem a sua base num conjunto de traumas ou conflitos da infância precoce e nas correspondentes defesas e como proponente de que o tratamento deve assentar nos princípios da psicanálise (Gleitman, 1993).

Mas por outro lado fala-se também do modelo ecológico da percepção, (Gibson, 1979) ou percepção adaptativa (Jimenez, s.d.) para explicar a percepção visual apenas através da necessidade dos estímulos, portanto sem recurso imediato à inteligência, ou à experiência anterior. Ou seja uma explicação directa, ascendente, *bottom-up* ou *data driven*, em oposição à percepção construtiva, descendente, *top-down* ou *theory driven* que salienta e aponta como fundamentais os papéis da inteligência, da experiência prévia e do processamento cognitivo (Sternberg, 2000).

Ou ainda, dentro da mesma perspectiva, que se estuda a explicação para as operações de alto nível através do processamento mental (Costermans, 2001) ou as perspectivas estruturalista e processual para a compreensão da memória (Albuquerque, 2001).

A imprecisão apontada por Richelle quanto ao segundo significado acima referido, tem alguma confirmação no texto de Bronckart & Jalley (2001, p. 558) quando dizem que paradigma é em psicologia “(...) um procedimento metodológico que constitui um modelo de referência para a concepção de investigações experimentais”. Dão assim o seu aval à aplicação da palavra modelo no sentido de construção metodológica experimental e portanto como possível teorização para verificação de hipóteses.

Na modelagem, processo de aprendizagem também chamada social, por imitação, por observação ou vicariante e que consiste afinal na aquisição ou alteração de comportamentos de forma duradoura, através da observação de outro ou outros indivíduos (Fontaine, 2001), “(...) sem se solidarizar com ele (...)” (Durkheim, 1987, p. 101) e sem que a imitação leve a qualquer solidarização (Durkheim), o modelo é um exemplo do primeiro significado acima referido e dado por Richelle (2001).

Independentemente de implicar apenas observação de outra pessoa, de haver intenção de imitar o seu comportamento e das eventuais consequências benéficas antecipadas como resultantes da imitação do comportamento observado, este processo implica sempre e nunca dispensa a existência de um modelo (Fontaine, 2001).

Quando falamos em identificação, o sujeito vai não apenas copiar comportamentos, como na imitação, mas interiorizar algo do modelo, do que resulta que este se constitui como objecto cognitivamente processado e adoptado, que passa assim a ser um guia de natureza mais profunda, podendo fazer parte das crenças e valores do sujeito.

A identificação implica sempre a existência do objecto modelo que sai da caracterização que pretendemos dar-lhe neste trabalho. Isto verifica-se (1) quer no sentido psicanalítico do termo, como processo através do qual se dá a assimilação de uma característica ou atributo do outro, transformando-se de alguma maneira em função do modelo (Gleitman, 1993; Laplanche, & Pontalis, 1976) ou vendo e entendendo o mundo através dos olhos e do cérebro dele (Bettelheim, 1985); (2) quer no sentido mais lato geralmente dado de reconhecimento da identidade de alguma coisa (Bronckart, 2001).

É nos outros dois níveis da sistematização de Tap que encontramos a diferença entre estereótipo e o conceito de modelo, tal como o utilizamos neste trabalho.

Sendo o estereótipo uma produção social, difundida pela sociedade e de alguma maneira imposta por ela, com maior ou menor pressão, circunscreve-se, deste ponto de vista, no nível sociológico.

Enquanto isso, o modelo a que nos referimos neste trabalho inclui-se no nível psicológico, por ser uma produção pessoal, devida à motivação, ao desejo, à fantasia e criatividade de cada pessoa.

A denotação com que aplicamos a palavra modelo, neste trabalho não é nenhuma das anteriormente descritas e subordina-se à lógica da saída da trivialidade e à construção de um ideal pessoal de beleza, podendo constituir-se como referência para comparação.

Modelo, no sentido que lhe damos, é “uma forma ideal ou padrão” (Chaplin, 1981, p. 359) que representa um exemplar humano de beleza física considerada pelo sujeito como perfeita e que pode ter a função de comparar “(...) o modelo ‘ideal’ e o mundo real (...)” (Jary & Jary, 1995, p. 420).

Adaptando a formulação de Gurvitch (1977b, p. 13) os modelos “(...) representam ‘limites’ ideais,” pelo que podem ser representações de objectos realmente existentes, ou construções mentais idealizadas que estabelecem as fronteiras entre o que o sujeito considera belo e o que cai fora desta categorização.

Desta maneira propomos que *modelo é um padrão que possui as características de beleza física que o sujeito entende como sendo as mais atractivas, o seu exemplar perfeito de beleza, que pode servir como padrão de comparação com as outras pessoas que o rodeiam para a categorização em função da beleza.*

Uma vez que o modelo é construído por abandono da trivialidade e percorrendo um caminho de não trivialidade, é previsível que ele se diferencie, no todo ou em parte, do estereótipo de beleza vigente em dada sociedade e momento, ou seja, que englobe características diferentes desse mesmo estereótipo.

Quanto mais a pessoa tiver saído do caminho socialmente programado, a trivialidade, mais afastado do estereótipo poderá estar o seu modelo de beleza, sendo plausível que ele não seja mesmo correspondente a nenhum ser humano conhecido pelo sujeito.

Podemos propor três situações possíveis entre estereótipo e modelo, que se encontram na figura 1:

- O modelo pode sobrepor-se ao estereótipo e temo-lo coincidente com o estereótipo, isto é, o modelo foi construído com base no funcionamento trivial, recebendo o sujeito os inputs sociais de beleza e respondendo com o output previsível em obediência à programação automática, pelo que, ainda que sentido como pessoal, todos os seus elementos se incluem no estereótipo (A).
- O modelo pode ser parcialmente sobreposto ao estereótipo, portanto em parte coincidente com ele, isto é, o modelo foi construído com base numa saída

incompleta do funcionamento trivial, mantendo-se entre este e o não trivial, recebendo os inputs sociais de beleza e respondendo com um output em parte previsível e noutra parte original, em obediência mista à programação automática e a uma estratégia de criatividade pessoal, pelo que tem elementos iguais ao estereótipo social e outros diferentes (B).

- O modelo não pode ser sobreposto sendo por isso totalmente não coincidente com o estereótipo, tendo sido construído com base no funcionamento não trivial, recebendo os inputs sociais, mas respondendo com um output pessoal, criado com base na estratégia pessoal, com recurso à originalidade, sendo portanto completamente diferente do estereótipo social (C).

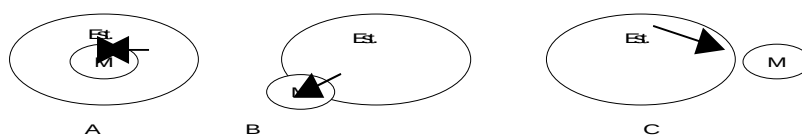


Figura 1 – Afastamento da criatividade e da formação do modelo

Em qualquer dos casos a influência social ocorre e a formação do modelo obedece à “(...) selecção de dados significativos e rejeição de dados não significativos (...)” (Morin, 2003, p. 14), ignorando o sujeito o que lhe não interessa e aproveitando elementos que lhe interessam para os associar directa ou indirectamente na construção do modelo.

A informação proveniente da pressão social por via do estereótipo é pois sempre importante, quer ele venha a ser espelhado directamente no modelo, quer não, porque se opõe à entropia e “(...) não é um conceito-terminus, é um conceito ponto de partida,” (Morin, 2003, p. 40) neste caso, para a formação do modelo.

O modelo representa uma figura ideal e que pode não corresponder a alguém específico que o sujeito conheça, podendo então ser imaginada, ou ao contrário corresponder a uma ou diversas pessoas que estejam, ou tenham estado, de algum modo ao seu alcance visual.

Assim, o modelo de beleza física pode corresponder a um vizinho, amigo ou familiar, pode passar por uma figura real, do espectáculo por exemplo, mas com quem nunca se teve nem seja previsível vir a ter qualquer aproximação ou simples visualização directa, ou ser mesmo uma construção totalmente imaginada.

Vê-se portanto que não podemos excluir a existência de modelos inatingíveis, até por poderem não ter existência real, ou por, tendo-a, poderem ser considerados fora do alcance objectivo do sujeito na medida em que este pode ter um modelo de beleza, por exemplo do outro sexo e achar-se a si próprio incapaz, indigno, ou não merecedor de conseguir conquistá-lo, independentemente da validade das razões que o levam a pensar assim.

Da mesma maneira pode construir um modelo do seu próprio sexo e ter a percepção, ajustada ou não, de que não é e eventualmente nunca será, como ele.

A possibilidade de existência de pessoas reais que preencham as características do modelo pode alimentar a sua manutenção, reforçando-o e conservando-o, independentemente de se não lidar com aquelas pessoas e de se estar envolvido com outras diferentes desse modelo. Essas existências reais podem actuar como pontes para a realidade, diminuindo ou anulando mesmo a possibilidade de percepção de que se construiu um modelo não só inatingível, como inexistente.

Pode portanto acontecer que embora o modelo de beleza seja um, o sujeito procure aproximar-se e/ou se ligue a pessoas que não se enquadram nele, mas que,

por exemplo, sejam mais disponíveis ou com quem tenha familiaridade (Michener, DeLamater & Myers, 2005; Neto, 2000).

A função de comparação incluída na definição surge com importância acrescida, dado que poderá ser um orientador ou categorizador do contexto humano em que a pessoa vive, quer em termos de classificação de possíveis alvos a atingir, quer como limitadora dos objectivos a estabelecer, quer ainda como elemento reforçador/punidor, de acordo com a adequação do próprio e do companheiro aos seus modelos de beleza do próprio sexo e do oposto.

Em conformidade com a formulação que Huitt (2004) faz de auto-estima considerando-a a vertente afectiva e emocional ligada à maneira como o sujeito se valoriza a si próprio, do ponto de vista da auto-inclusão, ou não do sujeito no modelo de beleza do seu sexo, parece que aquela poderá ser posta em causa se a inclusão não ocorrer, na medida em que, ao excluir-se estará a desvalorizar-se e, por isso, a diminuí-la.

Dentro da mesma óptica, se o sujeito se inclui a si mesmo no modelo que apontou, mostrará auto-estima elevada, uma vez que afectiva e emocionalmente se valoriza suficientemente para se entender abrangido no padrão de beleza que considera ideal.

Do mesmo modo, a inclusão ou exclusão do companheiro no modelo de beleza pessoal do outro sexo, poderá apontar para conclusões idênticas, uma vez que a inclusão sugere auto-valorização por ter conseguido atingir um alvo gratificante e a não inclusão, pelo contrário, aponta para auto-desvalorização.

Na vida social, a detecção de um indivíduo que preenche as características do modelo de beleza, pode ser o desencadeador de um processo de atracção interpessoal, ou interpor-se desfavoravelmente num já a decorrer anteriormente.

A presença e detecção por uma pessoa, de alguém que se inclui no seu modelo de beleza pode actuar como desacelerador de um processo de atracção interpessoal já em curso, quando o modelo detectado for um distraídor e não o estímulo-alvo, mas pode igualmente ocorrer a situação contrária, de o modelo ser o estímulo-alvo, absorvendo então, com grande intensidade, a atenção do sujeito (Sternberg, 2000).

Era o que acontecia com um cliente que em tempos nos dizia que, quando via a mulher amada, que era exactamente o seu modelo de beleza, mesmo que fosse em plena rua e que ela se não tivesse apercebido da sua presença, o mundo como que parava e só a via a ela. Deixava de se sentir a si próprio e ao que o rodeava, pelo que estivera em risco de ser atropelado por duas vezes. Anulava-se e não mais tinha a percepção de si mesmo, como se tivesse deixado de existir, excepto no que respeitava à contemplação dela.

Isto parece confirmar o modelo auto-atencional de Carver e Scheier (1981) segundo o qual haverá uma dicotomização entre a atenção a si próprio e ao exterior, assente na ideia de que os recursos da atenção são limitados e não podem dividir-se entre diferentes actividades competitivas em termos de processamento.

De qualquer modo, mesmo em situações menos extremadas, a existência de um modelo de beleza diferente do estereótipo pode implicar alguma predominância preferencial daquele, uma vez que é uma construção pessoal, íntima e internamente sentida e vivida, ao contrário do estereótipo que é socialmente adquirido.

Por outro lado, o modelo pode surgir em certa medida como factor de auto-centragem no sentido em que enquanto exemplo de um padrão de beleza em relação ao qual a expectativa do sujeito será poder vir a alcançá-lo - quer

tornando-se como ele, se se tratar do modelo do mesmo sexo, quer conquistando-o se for o modelo do outro sexo - constitui o marco de referência para manter o indivíduo no caminho adequado para o exterior de si próprio (Wells & Matthews, 2001) conservando o modelo, enquanto objectivo importante, sob atenção.

O facto de o modelo poder ser considerado inatingível pelo próprio, pode facilitar a escolha de alguém que não se enquadre nele. Sendo sentido como inatingível, passa a ser visto como uma idealização, uma espécie de físico ideal não necessariamente físico real.

Os modelos de beleza do outro sexo ocupam lugar de relevo no imaginário das pessoas e, em muitos casos, igualmente na vida real delas, influenciando escolhas e decisões, mesmo quando eventualmente sejam realmente considerados inatingíveis. Disto se serve, cada vez mais, a publicidade.

Isto pode influenciar, de alguma maneira, as escolhas em termos de factores de atracção. Quer perante a inexistência do exemplar real possuidor de todos os atributos do modelo, quer na situação de ele existir e estar ao alcance, ou mesmo em relação real com o sujeito, um dos atributos constitutivos do modelo pode assumir, em muitos casos, uma importância determinante guindando-se ao lugar de elemento fundamental para a atracção física.

A desejabilidade social (Anastasi, 1988; Gonçalves, 1995) pode influenciar as escolhas, por as pessoas serem levadas a indicar aspectos da beleza física que lhes parece serem mais aceites e/ou valorizados socialmente. O sujeito pode ser levado a responder em função do que entende que a sociedade prefere e não do que ele próprio aprecia realmente, isto é, responder em função do estereótipo e não do modelo pessoal, mesmo tendo-o.

A escolha baseada no estereótipo, ao encaixar-se no gosto social, pode aumentar a auto-estima e o auto-conceito, uma vez que o sujeito se vê em conformidade com o estereótipo de beleza vigente, aumentando a sua atractividade social e provocando dissonância menor. Isto é, a referência a uma preferência estereotipada, por ser social, provoca menor dissonância do que a do modelo que é uma construção íntima do próprio sujeito e, por isso, provavelmente mais valorizada por ele, sendo que Festinger (1975) chamou a atenção para a importância da valorização que o sujeito dá à fonte de dissonância, na criação e magnitude desta.

Assim, quer o desencontro entre a escolha de um factor de atracção física existente no modelo, mas fora do estereótipo, quer a construção de um modelo de beleza que não se enquadre no estereótipo, podem provocar dissonância acrescida, pelo facto de o modelo ser valorizado pelo sujeito.

Parece-nos pois que as escolhas feitas com base no estereótipo podem ser usadas defensivamente e em favor de razões pessoais (Hamilton, D.L. & Gifford, 2003) e portanto geram menor dissonância do que as que se fazem baseadas num modelo pessoal.

2.6 Estereótipos

“(...) as fronteiras entre sãos e doentes não são claras nem nunca o serão, visto que são diluídas por considerações culturais, sociais e psicológicas (...)”
(Goldberg & Huxley, *Perturbações mentais comuns*)

“Com ninguém te pareces desde que te amo.”
(Pablo Neruda, *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*)

“Era só ele abrir a boca, e eu sentia-me como que aspirada numa vertiginosa espiral, apanhada na rede daquela voz maravilhosa.”
(Anais Nin, *Delta de Vénus*)

O termo *estereótipo* é formado do grego *stereos*, significando *sólido* e do francês *type*, significando *padrão, marca, protótipo*, foi usado com o significado de *chapa estereotipada* desde 1817 (Online Etymology Dictionary, 2001). Contudo Melo, Gianoni e Tróccolli (2004) vão mais longe na origem da palavra, remetendo-a para dois elementos gregos, *stereos* e *tipo*, sendo *traço*, o significado do segundo, o que parece ser fonte mais fidedigna. A origem do termo português é atribuída pelo Dicionário Houaiss (2003) ao francês *estéréotype*.

O conceito foi introduzido em 1922 por Lipmann (Garcia-Marques, & Garcia-Marques, 2003) e desde aí que os estereótipos são motivo de interesse da psicologia social (Neto, 2000).

O Online Etymology Dictionary (2001) confirma a origem da palavra, neste sentido, em 1922 e faz remontar a 1850 a primeira utilização com o significado de “imagem perpetuada sem alteração”.

Na psicologia social o significado de estereótipo tem sido tratado com grande interesse e frequência, o que levou, como que em efeito perverso, a diversos significados para o conceito.

É assim que encontramos a diferenciação entre realidade e estereótipo feita em termos de este caracterizar o indivíduo com base unicamente no facto de ele ser membro do grupo estereotipado (Campbell & Storo, s.d.).

Tajfel (1982) define estereótipo como uma super-simplificação mental de algum acontecimento, instituição ou categoria de pessoa, definição de onde ressalta naturalmente esse papel de simplificação do meio e facilitação da manipulação da informação, que é afinal uma função adaptativa do estereótipo, uma vez que, ao simplificar a informação sobre determinada categoria de indivíduos, facilita o tratamento dessa mesma informação, ainda que a distorça.

A falsidade do estereótipo surge pelo facto da simplificação, ao ocultar parte da caracterização do grupo estereotipado, deixar apenas visível, logo salientável, a outra parte que, mesmo que exista na realidade, toma proporções excessivamente importantes, comparativamente com as que teria se toda a informação sobre o grupo estivesse disponível (Souza, s.d.).

Estereótipo é um conjunto de características que são atribuídas aos membros de um grupo ou categoria social, acontecendo que as pessoas utilizam as crenças estereotipadas para justificar o preconceito em relação aos membros do grupo (Michener, DeLamter & Meyers, 2005) e Fischer (s.d.) define-o como uma maneira de pensar através de lugares comuns [clichés] que levam à categorização simplificada e baseada em crenças.

Melo, Giavoni e Tróccoli (2004) definem-no em termos mais modernos, salientando o papel da cognição social e diferenciando o conceito do de esquema cuja formação atribuem à experiência pessoal, sendo um instrumento de compreensão dessas mesmas experiências e organizador da informação gerada por elas, sobre o próprio sujeito e sobre os que o rodeiam.

Assim, para eles, os esquemas são pessoais e os estereótipos partilhados.

Para Baron e Kalsher (2005) estereótipos são construções cognitivas formadas por crenças e conhecimentos acerca de grupos sociais específicos e que sugerem que todos os membros desses grupos têm determinadas características em certo grau.

Deste ponto de vista, o estereótipo deixa de ser apenas uma formulação social preconceituosa, para passar a ser uma categoria que Barberá classifica de potencialmente neutra e funcionando de maneira parecida com os esquemas (Melo, Gianoni & Tróccoli, 2004).

Numa mesma linha de abordagem Pereira (2002) define-o como uma estrutura referida a algum grupo humano e que contém as crenças sobre ele, as expectativas acerca dele e o que dele se conhece. Salienta a mudança do objectivo de investigação sobre o conceito deslocando-o do conteúdo para a maneira como influencia a percepção social e, depois desta, o próprio julgamento e o comportamento. Estamos pois a chegar às influências do estereótipo na atribuição causal, na categorização e na acção relativa aos objectos a que se refere.

O mesmo autor indica uma nova evolução ocorrida pelos anos noventa, em que o estereótipo passa a ser considerado crença grupal sobre características individuais, o que aponta para um dos aspectos principais do nosso trabalho que é a partilha de crenças e expectativas em relação à atracção física.

Por outro lado, acontece que se faz uma generalização de todos os qualificativos que se supõe caracterizarem um grupo a qualquer elemento que dele faça parte, o que leva Maria Manuel Lima (1997) a dizer que a estereotipia se identifica com prototipia. Pereira (2002) indica o protótipo como uma forma de representar os estereótipos na memória.

É importante notar que esta prototipia acaba por ser utilizada pelos próprios elementos dos grupos, em seu favor, como salientam Blanton, Christie e Dye (2002) que consideram que os atributos são intermutáveis com os restantes elementos do grupo; assim, pode servir de moderador num processo de comparação social, em que o sujeito não se vê como único, mas semelhante aos seus parceiros de in-group.

Ainda Pereira (2002, p. 110) indica os esquemas como outra maneira de representar o estereótipo na memória, dizendo que “uma das formas mais tradicionais de se conceber a representação dos estereótipos na memória utiliza o conceito de esquema (...)” ainda que na sua opinião este seja demasiado amplo para permitir fazer objectivamente sugestões acerca da formação dos estereótipos.

A Teoria Unificada de Greenwald et al. (2002) procura inter-relacionar os conceitos de atitude implícita, estereótipo, auto-estima e auto-conceito, medindo a força associativa entre eles, demonstrando assim que o estereótipo não é um elemento único e perdido no universo da formação de impressões, mas cuja influência é associada a outros conceitos.

O poder de contaminação dos estereótipos, ou seja, a sua capacidade para interferirem com a percepção social, com a formação das impressões, com o julgamento/atribuição de causalidade e finalmente com o próprio comportamento é muito grande e exerce-se de maneiras diferentes. A não desprezar temos as profecias auto-realizadoras (Fazio, Effrein & Falender, 1981; Neto, 2000; Pereira, 2002) em que as expectativas de uma pessoa levam a que se comporte de maneira tal que facilita a confirmação dessas expectativas.

Há também uma espécie de circuito auto-alimentado que Souza (s.d.) refere quando diz que as professoras do ensino básico, embora não tendo conhecimento

objectivo sobre os estereótipos sexuais, usam métodos de ensino diferentes para meninas e meninos, do que resulta, segundo a autora, a aprendizagem desses mesmos estereótipos que estão inculcados, mesmo que não conscientemente, na mente das professoras que assim os difundem.

Isto é tanto mais importante quanto se sabe que a alteração da atitude ou das crenças pessoais acerca de um grupo estereotipado pode conduzir à mudança de avaliação e de comportamento relativamente aos membros desse grupo (Devine, 2003).

Como dizem Fiske, Neuberg, Beattie e Milberg (2003, p. 190) “é inquestionável o facto de que frequentemente categorizamos os indivíduos quando eles parecem ser representativos de certo grupo social” embora acrescentem que há alguma flexibilidade neste processo e que, se a categorização for difícil as pessoas procuram construir uma impressão mais individualizada do sujeito.

Sabe-se também que possivelmente os estereótipos podem ser activados automaticamente apenas pela exibição de características neles presentes e que o comportamento correspondente a um traço também se desencadeia através da activação automática de estereótipos, se esse traço deles fizer parte (Bargh, Chen & Burrows, 2003).

Deste modo, a activação e aplicação do estereótipo aos outros pode ser feita de maneira espontânea e relativamente automática (Bernardes, 2003).

A influência dos estereótipos no comportamento social das pessoas é pois grande, embora alguns estudos recentemente apresentados comecem a apontar para a possibilidade de se lidar com eles de forma mais inócua do que se pensava ser possível (Kawakami, Dovidio & Kamp, 2004).

Um dos processos recomendados para o conseguir (Macrae, Bodenhausen, Milne & Jetten, 2003) e que as pessoas procuram utilizar na vida real é inibir controladamente o pensamento estereotipado, mas verifica-se actualmente que existem duas linhas de investigação com resultados opostos (Bernardes, 2003).

De um lado, investigadores como por exemplo Devine e Monteith concluem que o controlo inibitório do estereótipo, ou do pensamento sobre ele, pode ser feito eficientemente (Bernardes, 2003), mas de outro, comprovou-se o reaparecimento do estereótipo (Bernardes, 2003; Macrae, Bodenhausen, Milne e Jetten, 2003).

Além disso, a categorização baseada nos estereótipos de idade e de raça pode ser evitada, mas no que diz respeito aos estereótipos de género, as coisas são bem mais difíceis (Johnson, Lurye & Freeman, 2008).

Sobre os estereótipos de género o Halifax, Nova Scotia Advocacy Group (s.d.) estabelece dois objectivos importantes: O primeiro, fazer entender a importância de distinguir entre fantasia e realidade, sendo aquela representada pelos filmes e televisão e esta pelo que acontece realmente na vida das pessoas. O segundo objectivo é fazer entender que a perfeição apresentada pelos estereótipos é apenas uma ilusão irreal, chamando assim a atenção para o seu carácter de não realidade e para as consequências de se não fazer a distinção entre real e ilusório. Ao mesmo tempo aponta o dedo aos meios de comunicação de massa como formadores e/ou divulgadores dos estereótipos.

Estamos aqui a apresentar uma situação idêntica à que focámos no capítulo anterior em relação à realidade ou irrealidade do modelo.

O estereótipo de género masculino aponta para poder físico e mental e postura activa sexual e não sexual, enquanto o feminino inclui menor poder físico e mental do que o homem e passividade sexual e não sexual (Tate, 2008).

As diferenças historicamente constatadas, que referimos no capítulo 1 deste trabalho, mantêm-se, desempenhando os estereótipos de gênero um papel importante nesse sentido, como mostra Matlin (1999) e organizando a experiência de vida das pessoas por criarem categorias que levam a que quem nelas não se incluir, seja marginalizado com frequência (Tate, 2008).

Segundo Matlin (1999) de todas as categorizações que o ser humano tende sempre a fazer a básica e mais determinante é a divisão em gêneros. É feita automaticamente, sendo praticamente impossível de evitar e cria expectativas diferentes para mulheres e homens; por outro lado, leva à tendência para recuperar mais facilmente da memória a informação consistente com o gênero ou com o estereótipo de gênero (Matlin, 1999), uma vez que, sendo frequentemente recordada, isso implica novas codificações (Sternberg, 2000, Tijus, 2003) e posterior maior facilidade na recuperação (Sternberg).

Também não deve esquecer-se que o humor influencia coerentemente a codificação (Williams, Watts, MacLeod & Mathews, 2000). Assim sendo os estereótipos negativos podem fazer tender a que os aspectos negativos do grupo sejam mais facilmente lembrados; enquanto isso, pode acontecer um processo simétrico com os positivos, levando a que a influência dos estereótipos se faça sentir redobradamente no sentido em que eles são vividos pelo grupo avaliador.

Isto pode contribuir para que a percepção do grupo e inerentemente a do sujeito que a ele pertence, não se façam com o erro de identificação a que Jimenez (s.d.) alude. Este autor classifica como tal os erros decorrentes da ausência imediata das características que são esperadas. Uma vez que as características estereotipadas são sistematicamente lembradas, encontrando-se presentes e disponíveis para a representação cognitiva, reforçam assim a imagem positiva ou negativa que o

estereótipo empresta ao grupo e/ou ao sujeito, eliminando o erro de identificação e, naturalmente aumentando as representações mentais positivas ou negativas e a possibilidade de elas serem prioritariamente lembradas.

Verifica-se ainda o efeito muito importante dos meios de comunicação de massas que apresentam homens e mulheres diferentemente, sendo aqueles mais mostrados do que estas. Contudo os corpos femininos são mais vistos em poses sensuais, frágeis e apelativas em contraste com as dos homens, mais afirmativas, desempenhando tarefas diferentes e coerentes com os estereótipos de género (Matlin, 1999).

O esquecimento, segundo a Teoria da Interferência (Klatzky, 1975; Sternberg, 2000) é provocado por informação incompatível que se interpõe com o conhecimento e o faz perder-se. Então o facto de o estereótipo ser sistematicamente relembrado e de as informações consistentes com ele sobre o grupo estereotipado, ou sobre alguém que dele faz parte, serem prevalecentes sobre as inconsistentes, faz esperar que a interferência não ocorra ou, se ocorrer, isso seja menos frequente do que em outras condições (Klatzky, 1975).

Igualmente, podendo o esquecimento ser provocado pela deterioração ou degradação da informação, isto é, perdendo-se por força do correr do tempo (Sternberg, 2000), sendo frequentemente feito *rapelle*, com a apresentação consecutiva do estereótipo, é pouco provável que este se perca da memória do sujeito.

Além disso, há alguns dados que apontam para que a informação é frequentemente melhor recordada quando é consistente com o estereótipo (Bodenhausen & Wyer, Jr., 2003) pelo que a sua repetitividade ajuda a memorizá-la.

Se atentarmos no que dizem as teorias do desenvolvimento do processamento da informação, vemos que as estratégias de metacognição têm a função de “(...) orquestrar os componentes de aquisição de conhecimento e os componentes de desempenho tendo em vista alcançar objectivos pessoais” (Branco, 2004, p.70). Isto permite ter a expectativa de que a informação distorcida pelos estereótipos pode ter consequências directas no comportamento, no sentido de o harmonizar com a informação que o provoca.

Compreende-se que a aprendizagem dos estereótipos seja duradoura, podendo manter-se por muito tempo depois de retirado o reforço (Mednick, 1973), se nos reportarmos às teorias clássicas da aprendizagem por condicionamento. Vemos que a presença frequente dos estereótipos e posteriores consequências de comportamentos com eles relacionados que sejam intermitentemente reforçadores, quer por força das profecias de auto-realização, quer por o sujeito os ter adoptado por decisão consciente, facilitam a aprendizagem.

Para a investigação que fizemos, consideramos estereótipo no sentido de uma maneira de pensar através de simplificações da realidade, ou lugares comuns, baseada em crenças (Fischer, s.d.) e que leva à categorização (Melo, Gianoni e Trócoli, 2004).

O estereótipo de beleza, neste sentido, é a *crença partilhada e simplificada de que determinado conjunto de atributos constitui, por razões diversas, aquilo que é belo e que a comunicação social divulga como tal*, não se confundindo com o estereótipo de atracção (Neto, 2000) que assenta na crença de que o que é belo é bom.

Os estereótipos nem sempre são negativos e segundo Hornell (1956) podem actuar por condicionamento levando ao êxito. Além disso, mostrou-se que numa

primeira fase, eles facilitam a explicação disposicional para o comportamento dos outros, mas numa segunda o sujeito corrige esta primeira inferência com base em nova informação. Verificou-se que o processamento automático e o controlado da percepção de pessoas diferem claramente, efectuando o primeiro a sua função rápida e facilmente, enquanto o segundo é mais difícil e consome mais recursos (Macrae, Milne & Bodenhausen, 2003).

Por outro lado, estão ligados a uma série de circunstâncias relacionadas com a percepção dos outros (Souza, s.d.) e, por exemplo no atletismo, sabe-se que treinadores pouco experientes tendem a julgar antecipadamente os atletas, com base na cor da pele. Fundamentam a expectativa de sucesso dos negros nos factores biológicos e dos brancos no ambiente, independentemente do tipo de vivência pessoal e social que tenham (Rasmussen, Esgate & Turner, 2005).

Como Wittenbrink, Judd e Park (2001) salientam, a pesquisa recente mostrou que os estereótipos podem ser activados espontaneamente, bastando para isso que estímulos relevantes do ambiente ocorram, independentemente da vontade do sujeito, o que nos levou a incluí-los neste trabalho, por isso aumentar a probabilidade de estarem por detrás da escolha do factor de atracção física.

O ponto fulcral da influência do estereótipo pode estar no facto de os sujeitos se aperceberem, ou não, de que estão a ser influenciados por ele, como mostra a Teoria da Correção (Kawakami, Dovidio & Kamp, 2004). Segundo ela, as pessoas treinadas resistem à influência e, além disso, detectam o sentido desta e procuram compensar os seus efeitos no sentido contrário, o que mostra um controlo cognitivo assinalável sobre os efeitos do estereótipo.

As escolhas feitas com base no estereótipo, podem portanto mostrar aceitação da influência do estereótipo, assim como as preferências por factores baseados no modelo, podem apontar para resistência a esta influência.

Segunda Parte

ESTUDOS EMPÍRICOS

“Uma analfabeta da Serra da Estrela disse-me um dia:
‘Não acha que aquela coisa, a escola, devia estar sempre
aberta, para eu perguntar aquilo que não sei?’
(Agostinho da Silva, Jornal de Sábado, RTP, 6.8.1988)

“ Em primeiro lugar, uma diferença pode ser
estatisticamente significativa sem ser
teoricamente relevante.”
(Gabrielle Poschl, Cláudia Múrias e Raquel Ribeiro,
As diferenças entre sexos: Mito ou realidade?)

3. Enquadramento conceptual dos estudos sobre atracção física interpessoal

“(..) para cada verdade, o contrário
é igualmente verdade.”
(Hermann Hess, *Siddhartha*)

“A minha cabeça rodopiava enquanto começava a evocar
os imensos sonhos, esperanças e obstáculos que deveriam
ter conduzido à invenção da primeira sanduíche.”
(Woody Allen, *Para acabar de vez com a cultura*)

“(..) nenhuma pessoa nem nenhuma teoria possui
a resposta completa para uma pergunta.”
(Rachel Herz, *O aroma do desejo*)

A investigação que agora se apresenta começou no início dos anos 90, a partir de um trabalho de Paul Lavrakas, nos Estados Unidos. Tomámos conhecimento dele através de uma revista de que conseguimos retirar os resultados, mas todas as diversas tentativas de contactar o investigador para tentar obter o relatório completo foram infrutíferas, tendo-nos sido confirmado que efectuou estudos de pós graduação na Universidade de Loyola.

Por esta razão não podemos utilizar a discussão e conclusões daquela investigação, limitando-nos a trabalhar, nestes estudos, com as muito breves notas que então tomámos e com a tabela dos resultados, que nos pareceram muito interessantes.

Paul Lavrakas interessou-se por saber se as expectativas que os homens tinham relativamente ao que neles mais atrai as mulheres estavam correctas, ou se, pelo contrário, a atracção que provocam nas mulheres seria devida a elementos que eles desprezariam ou, no mínimo, ignorariam.

Era apresentada às mulheres uma lista de onze atributos de beleza física masculina, para que fosse indicado o que cada uma preferia.

Aos homens era apresentada a mesma lista, para que indicassem o elemento que entendiam ser mais atractivo para as mulheres.

Os resultados eram encontrados por comparação entre o que eles supunham e o que elas realmente apreciavam e foram os que se apresentam na tabela 1.

Lavrakas (investigação a que anteriormente nos referimos e de que não possuímos referência bibliográfica) evidenciou uma expectativa masculina centrada no estereótipo do homem forte e com pénis de grandes dimensões, enquanto as preferências das mulheres apontavam elementos mais atenuados, como a elegância e ausência de estômago, os olhos e, surpreendentemente, as nádegas em primeiro lugar, muito destacado aliás.

A originalidade que o tema constituiu para nós e o interesse dos resultados discrepantes encontrados, levaram-nos então a iniciar, nos anos 90, um trabalho sobre esta área, em Portugal.

Ao lermos o trabalho de Lavrakas (investigação a que anteriormente nos referimos e de que não possuímos referência bibliográfica), algumas questões nos ocorreram:

- Porque não estudar também o ajustamento ou desajustamento das expectativas da mulher em relação àquilo que nela atrai o homem?
- Haveria igualmente disparidades dos resultados obtidos através deste novo estudo?
- E se elas existissem, seriam tão explícitas como o trabalho de Lavrakas (sem referência bibliográfica) mostra?

Foi assim que em 1992 decidimos fazer um primeiro estudo com estudantes universitários, aplicando um questionário que nos permitisse recolher os dados e comparar os resultados com os de Lavrakas (sem referência bibliográfica), pelo

que utilizámos os mesmos itens deste investigador na aplicação aos homens, adaptando-os para os podermos aplicar às mulheres.

Tabela 1 – Resultados de Paul Lavrakas

	O que eles pensam (%)	O que elas apreciam (%)
Altura	13	5
Textura do cabelo	4	5
Olhos	4	11
Pescoço	2	3
Peito/ombros musculosos	21	1
Braços musculosos	18	0
Elegância	7	15
Ausência de estômago	9	13
Nádegas	4	39
Pénis grande	15	2
Pernas altas	3	6

Atracção física interpessoal é a capacidade potencial que um sujeito tem de atrair fisicamente outro, para além da adequabilidade social e em função do desejo deste (Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

Expectativa é a representação mental da relação entre a acção do sujeito e o mundo exterior, isto é, o que ele espera que aconteça no contexto em sua volta (Richelle, 2001) e consideramos preferência como a “Seleccção ou escolha de estímulos (...). Gostar de uma coisa mais do que de qualquer outra” (Chaplin, 1981, p. 436).

Empreendemos depois outras duas investigações que poderemos, por uma questão de método de exposição, agrupar com a anterior numa primeira fase, que se prolongou até ao ano lectivo de 2004-2005 e deu origem a um questionário antecedente do agora utilizado.

A segunda fase compreende o quarto estudo e iniciou-se em 2006, terminando agora.

Com o desenrolar da primeira fase e principalmente com os resultados recolhidos no terceiro estudo, os objectivos tornaram-se mais amplos e mais numerosos, por termos passado a considerar a possibilidade de fazer a investigação com algumas alterações adicionais que permitissem ir para além de uma extensão (Hill & Hill, 2002) do trabalho inicial de Lavrakas (sem referência bibliográfica).

Utilizámos um outro questionário totalmente construído por nós, a partir dos trabalhos iniciais, tendo ampliado os objectivos da investigação e, conseqüentemente, aumentado a extensão e alcance do questionário.

Naturalmente temos consciência de que o que fica por fazer é mais do que o que está feito, mas procurámos dar um primeiro passo para o estudo das expectativas e da realidade da atracção física no nosso país.

4. Primeira fase – Estudos empíricos preliminares

“(...) todo language o discurso científico implica una série de enunciados que no se refieren directamente a la realidad observacional (...)”

(Maria Teresa Anguera, et al.,
Métodos de investigación en psicología)

“As variedades metodológicas permitem alcançar objectivos diversos (...)”
(Jaime Pujol Balcells e José Luís Fons Martin,
Os métodos no ensino universitário)

Os nossos objectivos, como referimos, ultrapassaram desde o início os de Lavrakas (sem referência bibliográfica), porque, tal como ele, pretendemos estudar as expectativas dos homens e as escolhas das mulheres, mas para além disso também as expectativas delas e as escolhas dos homens.

Queríamos igualmente comparar os nossos resultados com os daquela investigação pioneira.

4.1 Estudo 1

“Apesar de todos os condicionalismos sociais (...) o investigador deve sempre lutar pela sua independência face aos poderes ideológicos, políticos, sociais e económicos do seu tempo (...)”

(Carlos A. M. de Azevedo e Ana G.
de Azevedo, *Metodologia científica*)

Esta pesquisa foi feita durante o ano de 1992.

Uma vez que, para estudar as expectativas dos homens e as escolhas das mulheres, utilizámos o mesmo questionário de Lavrakas (sem referência bibliográfica), houve necessidade de criar a parte aplicável ao estudo das expectativas femininas e escolhas masculinas.

Procurámos criá-la de modo a que o resultado fosse o mais próximo possível da utilizada anteriormente por Lavrakas, na investigação atrás referida, para homens.

4.1.1 *Objectivos*

O estudo tem como objectivo geral descrever a atracção física interpessoal, em estudantes universitários.

Para isso, temos como objectivos específicos:

- Primeiro, descrever as expectativas que homens e mulheres têm acerca do que neles atrai fisicamente o outro sexo.
- Segundo, descrever as preferências dos homens e das mulheres em relação ao que mais os atrai no outro sexo.
- Terceiro, descrever a consistência entre as expectativas de cada sexo e a preferência do outro.
- Quarto, descrever a consistência com os dados recolhidos por Paul Lavrakas.

4.1.2. *Metodologia*

4.1.2.1. *População e amostra*

A população deste estudo é constituída por estudantes universitários em Lisboa.

A amostra é de conveniência, ou *propositiva* como a designa Rey (2002) e é constituída por 117 pessoas, sendo 78 (66,7%) do sexo feminino e 39 (33,3%) do sexo masculino, dos Curso de Ciências da Comunicação e de Sociologia da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL).

Miller, Perlman e Brehm (2007) consideram a amostra de conveniência como a primeira abordagem para o recrutamento de participantes nesta área de

investigação e chamam a atenção para que os resultados com ela recolhidos, não podendo ser generalizados, têm valor científico real e não desprezável. Salientam que com amostra verdadeiramente representativa em termos de idades, nacionalidades e condições sócio-económicas “no such study has ever been conducted, and it probably never will be” (p. 47).

Os mesmos autores afirmam que cerca de metade dos estudos sobre relações interpessoais são feitos com amostras de conveniência e ressaltam que, com amostras de conveniência ou com amostras representativas sempre existe o viés do voluntariado. Este viés consiste no facto de haver diferenças de motivação, ou de outros tipos, entre quem se voluntaria para participar numa amostra e quem não o faz; essas diferenças podem, por sua vez, acarretar diferenças de resposta às questões que lhes são colocadas, em relação ao que os que não se voluntariaram teriam respondido.

Os critérios de inclusão na nossa amostra são ser estudante universitário em Lisboa e disponibilizar-se para participar.

4.1.2.2. Instrumento

Foi aplicado um questionário que conservava as perguntas de Paul Lavrakas (sem referência bibliográfica), no que respeita às expectativas dos homens e escolhas das mulheres e continha uma adaptação delas para as escolhas dos homens e expectativas das mulheres.

Para esta adaptação utilizámos todos os itens do questionário original de Lavrakas que tinham aplicação directa nas mulheres e, nos que a não tinham, fizemos a adaptação para outros que fossem considerados equivalentes, nelas (Anexo A).

Na secção seguinte descrevemos o processo utilizado.

4.1.2.3. Procedimento

Na adaptação do questionário original de Lavrakas, para aplicação para recolha das expectativas das mulheres e das escolhas dos homens, considerámos que não eram directamente utilizáveis quatro itens: “peito/ombros musculosos”, “braços musculosos”, “ausência de estômago” e “pénis grande”.

Aparentemente a ausência de estômago pode parecer transponível directamente para as mulheres, mas assim não entendemos, por considerarmos que este item, aplicado aos homens, se refere a mais do que não exhibir uma protuberância na região do estômago. Significa realmente, pelo facto de ela não existir, salientar a musculatura do tronco/peito, razão pela qual o incluímos nos itens a serem adaptados para as mulheres, uma vez que, no caso destas, a situação é totalmente diferente e se prenderia com os seios, que serão naturalmente outro item.

Entrevistámos 16 mulheres e 7 homens, com idades entre os 18 e os 48 anos, estudantes universitários ou com anterior frequência universitária, com licenciatura terminada ou não.

A pergunta feita era do tipo: Qual a parte do corpo da mulher que considera, em termos de atracção física para o sexo oposto, equivalente a “peito/ombros musculosos” dos homens?

Fazíamos pois quatro perguntas, sendo uma para cada um dos itens a substituir.

Através da análise de conteúdo e categorização das respostas, chegámos aos seguintes resultados:

- | | |
|---------------------------|-----------------------|
| - Peito/ombros musculosos | Seios (22) |
| | Ombros musculosos (1) |

- Braços musculosos	Braços roliços/arredondados (17)
	Braços musculosos (3)
	Braços finos (3)
- Ausência de estômago	Cintura cavada (16)
	Ancas redondas/largas (4)
	Ausência de estômago (3)
- Pénis grande	Vagina/vagina bonita/vagina pequena/ vagina apertada/vagina sensível (22)
	Vagina grande (1)

Foram assim adoptados os termos:

- “Seios”, para substituir “Peito/Ombros musculosos”.
- “Braços roliços” para substituir “Braços musculosos”.
- “Cintura cavada” para substituir “Ausência de estômago”.
- “Vagina” para substituir “Pénis grande”.

Construímos então os questionários aplicáveis aos dois sexos.

Os questionários foram aplicados em sala de aula, no decorrer de sessões de trabalho curricular com os alunos, tendo a duração média da aplicação rondado os cinco minutos.

Garantimos o anonimato e fizemos o que estava ao nosso alcance para salvaguardar a privacidade, mas houve dificuldade em separar os estudantes, de modo a que uns não tivessem acesso fácil ao que os outros respondiam, devido às condições da sala de aula.

Admitimos que esta situação possa ter permitido que os alunos vissem o que os colegas ao lado escreviam, o que nos surge como possível explicação para a

concentração das respostas em muito poucas categorias de percentagens iguais. Não se pode contudo excluir a possibilidade de que isto se tenha verificado por estas características corresponderem às consideradas mais relevantes pelos estudantes, o que corresponderia a uma diferença clara em relação aos resultados de Lavrakas (sem referência bibliográfica).

Os questionários foram recolhidos pelos estudantes, garantindo assim que o investigador não saberia de quem era cada um deles.

Com a aplicação destes procedimentos, cumprimos as regras que regulam o processo de pesquisa preconizadas por Berg (1998), pelos Ethical Principles de 1982, por Seltiz, Wrightsman e Cook, (1977), por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (s.d.) e por Francis (s.d.) assim como os princípios indicados por Francis (s.d.) relativos a ética, anonimato e privacidade, mantendo alguma reserva em relação à dificuldade referida de separação dos estudantes.

4.1.3. *Apresentação dos Resultados*

A análise estatística dos resultados do estudo 1 foi feita manualmente.

Com a aplicação dos questionários recolhemos os resultados apresentados na tabela 2.

Os elementos da lista podem ser agrupados em três categorias, sendo uns mais físicos, como a altura, outros sexuais, como o pénis e outros expressivos, como os olhos.

Os resultados das expectativas dos 39 homens que responderam concentraram-se em quatro categorias de frequências de escolha, com quatro itens (altura, peito/ombros musculosos, braços musculosos e pénis grande) destacados com 17.9% (n=7), dois (elegância e ausência de estômago) com 10.3% (n= 4), três

(textura do cabelo, olhos e pernas altas) com 2.6% (n=1) e dois com 0.0% (pescoço e nádegas).

Tabela 2 – Expectativas dos homens e escolhas das mulheres

	Expectativas dos homens		Escolhas das mulheres	
	n	(%)	n	(%)
Altura	7	17.9	6	7.6
Textura do cabelo	1	2.6	6	7.6
Olhos	1	2.6	11	14.1
Pescoço	0	0.0	7	9.0
Peito/ombros musculosos	7	17.9	7	9.0
Braços musculosos	7	17.9	7	9.0
Elegância	4	10.3	6	7.6
Ausência de estômago	4	10.3	7	9.0
Nádegas	0	0.0	7	9.0
Pênis grande	7	17.9	7	9.0
Pernas altas	1	2.6	7	9.0
	(n= 39)		(n= 78)	

Nas escolhas das mulheres, os resultados das 78 respostas concentraram-se ainda mais, apenas em três categorias em que o item olhos aparece isolado com 14.1% (n=11), seguido de sete itens (pescoço, peito/ombros musculosos, braços musculosos, ausência de estômago, nádegas, pênis grande e pernas altas) com 9.0% (n=7) e de três (altura, textura do cabelo e elegância) com 7.6% (n=6).

Na análise das expectativas das mulheres e das escolhas dos homens, apresentadas na Tabela 3, verificou-se, uma vez mais, concentração das expectativas. As expectativas femininas distribuem-se em quatro categorias, com os itens olhos e elegância destacados com 17.9% (n=14), seguidos de três itens (seios, cintura cavada e nádegas) com 10.3% (n=8), de cinco (altura, textura do cabelo, pescoço, braços roliços e pernas altas) com 6.4% (n=5) e finalmente um último, a vagina, com 1.3 % (n=1).

Tabela 3 – Expectativas das mulheres e escolhas dos homens

	Expectativas das mulheres		Escolhas dos homens	
	n	(%)	n	(%)
Altura	5	6.4	0	0.0
Textura do cabelo	5	6.4	2	5.1
Olhos	14	17.9	2	5.1
Pescoço	5	6.4	0	0.0
Seios	8	10.3	6	15.4
Braços roliços	5	6.4	6	15.4
Elegância	14	17.9	6	15.4
Cintura cavada	8	10.3	6	15.4
Nádegas	8	10.3	6	15.4
Vagina	1	1.3	5	12.8
Pernas altas	5	6.4	0	0.0
	(n= 78)		(n= 39)	

Nas escolhas dos homens os resultados voltam a distribuir-se por quatro escalões de frequências apenas, com os itens seios, braços roliços, elegância, cintura cavada e nádegas com 15.4% (n=6). Segue-se o item vagina com 12.8% (n=5), dois itens (olhos e textura do cabelo) com apenas 5.1% (n=2) e três (altura, pescoço e pernas altas) com zero escolhas.

4.1.4. *Discussão dos Resultados*

Paul Lavrakas (sem referência bibliográfica) chamava a atenção para o facto de os seus resultados apontarem para expectativas dos homens centradas em aspectos ligados à imagem masculina viril e forte, baseada na altura, musculatura e pénis de grandes dimensões; enquanto isto, as escolhas femininas dirigiam-se para itens ligados à elegância geral e para os olhos que lhes possibilitariam avaliar melhor o homem, em termos do que ele sente e pensa.

Aquelas expectativas eram portanto totalmente goradas pelas escolhas das mulheres que se concentravam em aspectos que, sendo físicos naturalmente, porque o questionário apenas continha itens de natureza física, eram muito mais

atenuados em relação à imagem de masculinidade forte e viril das expectativas masculinas.

Um item claramente físico destacado por elas, as nádegas (39%), chocava frontalmente com os muito escassos 4% das expectativas dos homens.

As três escolhas femininas seguintes, mantinham a incoerência com as expectativas dos homens: a característica elegância com 15% é um item de natureza abrangente mas que não aponta necessária nem directamente para musculatura ou altura, ainda que as possa conter implicitamente e recolheu apenas 7% das expectativas dos homens; o item ausência de estômago (13%) aponta mais directamente para musculatura forte e saudável naquela região e implicitamente salienta o peito, quer ele seja musculoso ou não, mas sobrepõe-se igualmente com clareza às expectativas (9%); o item olhos com 11% das escolhas femininas, contrasta com os 4% das expectativas e é o quarto item em valor de escolha.

Lavrakas (sem referência bibliográfica) salientava estas diferenças concluindo que os homens se baseavam num estereótipo ancestral de força e virilidade em contraposição com as preferências das mulheres por itens relativos a uma beleza geral, não necessariamente musculada.

Os resultados por nós obtidos neste estudo apresentaram, como referimos antes, concentração das frequências de escolhas e de expectativas dos participantes, que nos quatro casos (escolha masculina, expectativa masculina, escolha feminina e expectativa feminina) agrupam os resultados num número muito restrito de conjuntos o que não nos permite ordená-los individualmente.

Consideramos esta situação indesejável e limitativa para o nosso trabalho, porque nos impossibilita de ter uma visão mais clara e precisa das expectativas e escolhas e do seu ordenamento.

Analisando os resultados, verificamos que as expectativas dos homens confirmam totalmente os resultados de Lavrakas (sem referência bibliográfica), destacando com igualdade de indicações (17,9%, n= 7) os mesmos quatro itens por ele obtidos no seu trabalho, não sendo, pela razão apontada, possível ordená-los.

Estes resultados são consistentes com a teoria que diz que os homens sobrestimam a importância dos músculos (Frederick, Fessler & Haselton, 2004).

Horvath (1979) encontrou correlação positiva entre atractividade masculina e ombros largos e forma cónica do tronco.

Por outro lado, os homens tendem a sobrestimar a importância que as mulheres dão à musculatura e estas a que eles dão à magreza (Frederick, Fessler & Haselton, 2004).

Dois outros itens (elegância e ausência de estômago) surgem no nosso estudo ainda acima dos 10% (n=4) o que com Lavrakas (sem referência bibliográfica) não aconteceu, ainda que a ausência de estômago tenha obtido 9% das expectativas, tendo sido o quinto item mais indicado naquele estudo.

As expectativas que apresentam em relação a si próprios, apontam para a masculinidade, o que é consistente com a preferência dos homens, encontrada noutros estudos, por aspectos mais físicos e da mulher por aqueles que vimos denominando expressivos (Santos, 2004).

No que respeita às escolhas das mulheres, verificamos que o item mais indicado no nosso caso, os olhos (14.1%, n= 11) foi o 3º de Lavrakas (sem referência bibliográfica), com 11%, confirmando portanto esta indicação preferencial.

O interesse mostrado pelas mulheres em relação aos olhos, por poderem revelar algo íntimo do sujeito, pode dever-se a poderem ser considerados uma porta para o interior do homem e assim, contribuir para a avaliação que elas possam fazer das suas possíveis intenções e mesmo da segurança que eventualmente possam garantir numa possível relação futura, o que é consistente com a teoria da evolução (Geary, Vigil & Byrd-Craven, 2004; Lippa, 2007; Neto, 2000).

Não é porém completamente consistente com estudos que mostram que “(...) it is simply not correct to claim that women, on average, have more emphatic ability than men” (Ickes, 2008, p. 131) e portanto maior capacidade de ler a face do que estes.

Este autor (Ickes, 2008) afirma que a crença nesta ideia resulta do facto de as mulheres estarem muito mais motivadas e, por isso, se esforçarem realmente muito mais para lerem na face dos homens os seus pensamentos e sentimentos, o que, de alguma maneira, valida a possível preferência por características masculinas que facilitem essa leitura.

Contudo, Miller, Perlman e Brehm (2007, p. 331) dizem que “(...) women decode others’ nonverbal behavior better than men do (...)” e Freitas-Magalhães (2005), a partir de um estudo empírico feito no Porto, manifesta opinião idêntica afirmando que as mulheres identificam todas as emoções através da observação do rosto e que o fazem mais rapidamente do que os homens.

Abaixo deste item encontramos, nas escolhas femininas, em segundo lugar um grupo de dois (ausência de estômago e nádegas) com percentagem igual e já

inferior a 10% que em parte confirma os resultados de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e noutra é original (pescoço, peito/ombros musculosos, braços musculosos, pénis grande e pernas altas).

Neste segundo grupo três elementos são consistentes com as expectativas masculinas (peito/ombros musculosos, braços musculosos e pénis grande) e confirmam a tradição, dos meios de comunicação e da publicidade, de preferência das mulheres por braços, ombros e peito musculosos (Lavrakas, 1975).

Esta maior escolha de itens mais físicos pelas mulheres, agora verificada, confirma a ideia de que elas assumiram o direito de não quererem ter filhos, definindo-se em função de si próprias e não dos homens (Touraine, 2007). Por isso podem libertar-se mais das preferências ligadas, como vimos antes, aos sinais expressivos de compromisso e de garantias de que o homem pode ser um bom pai para os filhos futuros, para se inclinarem agora para os aspectos mais físicos e do seu agrado pessoal.

Também num trabalho de revisão se mostrou o “paradoxo do bom rapaz” (*nice guy paradox*) em que, embora a expressividade do rosto masculino seja apontada como o factor fundamental de escolha pelas mulheres, se viu que elas realmente escolhem homens fisicamente atractivos, para além do rosto (Urbaniak & Kilmann, 2003).

Porém a consistência relativa entre as expectativas dos homens e as escolhas das mulheres introduz uma alteração de vulto em relação aos resultados de Lavrakas (sem referência bibliográfica), que não apresentavam qualquer coincidência entre expectativas masculinas e escolhas das mulheres.

No que se refere ao pénis, o resultado das escolhas femininas está em contradição com a teoria que diz que “não é por acaso que as sondagens sobre esta matéria confirmam que as dimensões do pénis ficam no último lugar na classificação dos desejos da mulher” (Carrada & Jannini, s.d., p. 94) e com a formulação de Hite (2004, p. 136) quando afirma que “o tamanho do pénis só impressiona os outros homens, e pode no máximo lhes gerar complexos!”

Barash e Lipton (2002) salientam a dupla função do pénis: (1) introduzir o sémen na vagina da mulher, função para a qual há vantagem para os de grande dimensão que a poderão desempenhar mais profundamente e, por isso, com maior probabilidade de êxito na fertilização; e (2) a de “(...) raspador, uma goiva, um mandril, um saca-rolhas – um verdadeiro canivete suíço de aparatos e ferramentas adaptados a remover os espermatozóides de qualquer macho anterior” (p. 90), o que pode ajudar a explicar este investimento na sua dimensão.

Se juntarmos a isto o facto de os espermatozóides terem também a função de bloquear invasores posteriores ou mesmo de matar eventuais espermatozóides anteriormente derramados na vagina (Baker, 1996) parece que se pode perceber esta preocupação com o tamanho do pénis, uma vez que ele está ligado à possibilidade de a descarga poder ser mais profunda e portanto mais eficaz nestas funções.

Alberoni é bastante pragmático e diz que, para além dos homens em relação às mulheres, estas também sentem atracção puramente sexual por um homem, mas que isso é mais provável se ele tiver alguma coisa que o destaque e torne merecedor aos olhos dela, podendo “(...) ser apenas a estatura gigantesca ou uma voz bonita ou um pénis grande” (2006, p. 73).

Apesar das limitações discriminativas dos nossos resultados, dada a sua agregação em categorias de valor igual, podemos verificar que há uma pequena aproximação das expectativas dos homens às escolhas que as mulheres fizeram no estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica), no que respeita à inclusão da elegância e da ausência de estômago. Isto poder-se-á explicar pela mudança de atitudes e comportamentos sexuais a que alguns começam a chamar *contra-revolução*, ocorridas a partir dos anos 80 (Neto, 2000).

Por outro lado encontramos uma grande aproximação das escolhas das mulheres no nosso estudo, às expectativas dos homens no de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e no nosso (peito/ombros musculosos, braços musculosos e pênis grande). Isto sugere que a crescente divulgação televisiva, de figuras masculinas musculadas solicita este tipo de apreciação, para além de que a finalidade fundamental das mulheres actualmente é a sua própria construção, que é feita através da sexualidade (Touraine, 2007) o que aponta para escolhas mais físicas e sexuais.

Estas aproximações entre indicações femininas e expectativas masculinas sugerem consistência com os resultados de alguns estudos que apontam uma tendência dos comportamentos sexuais femininos e masculinos para convergirem para um padrão comum (Alferes, 1997). Mas existem igualmente estudos que apontam para o resultado contrário, afirmando que a escalada de competição provocada pelas revistas da especialidade leva a que se crie inconsistência entre expectativas dos homens e preferências das mulheres (Frederick, Fessler & Haselton, 2004).

No que diz respeito às expectativas das mulheres e às escolhas dos homens, não temos termo de comparação, uma vez que esta investigação não foi feita por Lavrakas (sem referência bibliográfica).

Apreciando os resultados, podemos verificar que as mulheres apresentam expectativas mais elevadas no poder de atracção dos seus olhos e no item elegância (17.9%, n= 14 cada). No que respeita ao primeiro elemento, isto está de acordo com as escolhas feitas em relação aos homens, quer no trabalho de Lavrakas (sem referência bibliográfica), em que foi um dos quatro mais escolhido, quer no nosso, em que recebeu o máximo de escolhas.

Quanto ao outro, a elegância, as mulheres em Lavrakas (sem referência bibliográfica) indicaram-no em segundo lugar de escolha em características de atracção masculina (15%), mas no nosso trabalho este resultado desceu significativamente ficando por uns escassos 7,6% (n=6), incluindo-se no terceiro grupo de itens, que é o que tem menos indicações recebidas.

Isto sugere que elas valorizam mais a elegância em si próprias do que nos homens, uma vez que a expectativa relativa a si próprias apresentou, como vimos, neste item um resultado de 17.9% (n=14).

A estes dois seguem-se outros três elementos, os seios, cintura cavada e as nádegas com a mesma percentagem de indicações (10.3%, n= 8) o que aponta e realça a expectativa no corpo em forma de ampulheta (Johnson, Lurye & Freeman, 2008). Estas expectativas são coerentes com o senso comum.

No caso do terceiro item, confirma-se a preferência das mulheres demonstrada nas escolhas em relação aos homens, no estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica) com 39% e de algum modo também no nosso primeiro trabalho,

ainda que aqui com muito menos clareza, por ter recebido 9% (n= 7) enquadrando-se no grupo de itens logo abaixo do único acima de 10%, os olhos.

É contudo importante registrar a preponderância de elementos físicos nas expectativas femininas, o que é coerente com a reapropriação do corpo de que fala Hérítier (s.d.), que Touraine (2007) também refere e que, neste estudo, aponta para uma aproximação às escolhas tradicionais dos homens.

Embora sendo o primeiro estudo neste sentido, não se pode deixar passar em claro que das seis escolhas dos homens sobre as mulheres, metade são feitas em torno dos itens seios, cintura cavada e nádegas (Santos, 2004) salientando a forma de ampulheta (Johnson, Lurye & Freeman, 2008). Nos restantes três incluem-se dois físicos, elegância e braços roliços e um sexual, vagina. Isto parece não deixar dúvidas quanto à preponderância que os aspectos físicos e sexuais têm nas escolhas dos homens.

Quatro destes itens (seios, elegância, cintura cavada e nádegas) são coerentes com o senso comum e destes o último parece mesmo indicar que se trata de um elemento de prevalência clara nos dois sexos, no que respeita às preferências.

Os seios são uma área fundamental do corpo e a sua medida preferida tem crescido continuamente nos últimos tempos (Koff & Benavage, 1998) pelo que a sua indicação como expectativa e confirmação dela é consistente com a teoria.

Os quatro itens (elegância, seios, cintura cavada e nádegas) são consistentes com a teoria da evolução por serem itens indicadores de boas condições da mulher como reprodutora (Geary, Vigil & Byrd-Craven, 2004).

O quinto elemento destes cinco, os braços roliços, surge com alguma surpresa, uma vez que não é coerente com o senso comum nem aparece em nenhum estudo

que conheçamos sobre esta matéria, ficando também nas expectativas das mulheres no último grupo de itens, o de menor número de indicações.

A vagina é indicada em sexto lugar, com 12.8% (n= 5) das indicações o que contrasta frontalmente com a expectativa expressa pelas mulheres que é de apenas 1.3% (n= 1), mas mais uma vez confirma a preferência masculina por elementos sexuais.

É ainda de salientar que a altura, o pescoço e as pernas altas não receberam uma única indicação dos homens, enquanto que em termos de expectativa das mulheres colheram 6.4% (n= 5) cada.

Verificamos assim que as escolhas dos homens confirmam as expectativas das mulheres no que respeita à elegância, seios, cintura cavada e nádegas, deixando apenas de fora o quinto elemento por elas indicado (os olhos) que apenas recebeu 5.1% (n= 2) das indicações masculinas, o que confirma a formulação de Touraine (2007) de que o tradicional mundo masculino está a esbater-se e os homens cada vez mais a regerem-se em função do modelo feminino.

Por outro lado, a indicação das nádegas pelos homens corrobora a escolha das mulheres nos dois estudos, em relação a eles, e a sua expectativa neste em relação a si próprias.

4.1.5. *Conclusões*

Se excluirmos a limitação de não podermos ordenar item por item e comparar as posições relativas de cada um, dado que, no nosso estudo, se encontram em grupos com percentagens iguais, podemos tirar algumas conclusões em relação ao estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica), respeitantes à nossa amostra.

Primeira, o nosso estudo aponta para a confirmação total, das expectativas dos homens, em relação ao trabalho de Paul Lavrakas (sem referência bibliográfica), sendo os quatro itens mais indicados neste, os mesmos da nossa investigação.

Segunda, nas escolhas das mulheres, os olhos, a ausência de estômago e as nádegas confirmam o estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica), como três dos elementos preferenciais, ainda que os dois últimos e principalmente o último, com percentagens muito inferiores às obtidas por aquele investigador.

Conclusões específicas relativas às expectativas masculinas e escolhas femininas permitem-nos dizer ainda, e de forma mais particular, que:

- a. A elegância e a ausência de estômago passam a estar incluídas nas expectativas masculinas, o que não acontecia com Lavrakas (sem referência bibliográfica) e consubstanciam uma aproximação às escolhas das mulheres no estudo pioneiro.
- b. Se confirma a expectativa masculina nos músculos e no tamanho do pénis e a apetência das mulheres pelos olhos e pelos itens menos musculados.
- c. O peito/ombros musculosos, os braços musculosos e o pénis grande entram nas escolhas das mulheres, num conjunto imediatamente atrás do item mais escolhido, confirmando as expectativas dos homens nos dois trabalhos e em contradição com o trabalho de Lavrakas (sem referência bibliográfica), embora as indicações fiquem apenas com 9%.
- d. Estas escolhas materializam uma aproximação muito acentuada das indicações das mulheres às dos homens, indicando itens mais físicos, musculados e sexuais, o que confirma a ideia de que, com a independência económica a mulher pode passar a apreciar mais os aspectos físicos do homem, em detrimento dos que lhe possam sinalizar garantias de envolvimento com os filhos e de disponibilidade de apoio (Lippa, 2007).

- e. As mulheres apontam como escolhas o pescoço e pernas altas que, embora se encontrem no grupo de itens com 9%, quer no caso do estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica) quer no do nosso, são muito pouco valorizados pelos homens em termos de expectativa, sendo portanto inconsistentes com esta.
- f. Outros dois itens mais escolhidos pelas mulheres (olhos e nádegas) não são consistentes com as expectativas dos homens.

No que concerne à investigação inovadora que fizemos (expectativas das mulheres e escolhas dos homens), não havendo comparações a fazer com Lavrakas (sem referência bibliográfica) podemos mesmo assim concluir que:

- a. As mulheres depositam as maiores expectativas nos seus olhos e na elegância, o que, no primeiro caso é coerente com as suas escolhas acerca do homem nos dois estudos, mas no segundo é algo discordante com a baixa percentagem que lhe atribuíram nas escolhas sobre os homens, feitas no nosso, sugerindo que este item é visto como mais importante nelas do que nos homens.
- b. As mulheres apontam de seguida expectativas nos seios, cintura cavada e nádegas. O resultado das nádegas confirma a preferência demonstrada nas escolhas em relação aos homens nos dois estudos e os outros apontam para a valorização que faz da figura de ampulheta.
- c. A escolha dos homens sobre as nádegas femininas sugere uma preferência clara dos dois sexos por este item, uma vez que em ambos os estudos as mulheres o escolhem com destaque e que também o indicam como expectativa sua. Apenas os homens não o indicam uma única vez como expectativa.

- d. Os homens fazem escolhas físicas claramente femininas (seios, cintura cavada e nádegas) valorizando também a figura de ampulheta e que são consistentes com as expectativas das mulheres.
- e. A expectativa das mulheres sobre os olhos não é consistente com a escolha dos homens.
- f. Os homens apontam atracção pelos braços roliços, o que não é consistente com a baixa expectativa das mulheres.
- g. Os homens apontam atracção pela vagina, o que não é consistente com a baixa expectativa das mulheres e sugere um tipo de escolhas masculinas mais sexualizado do que são as expectativas femininas.
- h. A altura, o pescoço e as pernas altas não receberam qualquer escolha pelos homens, mas todos tiveram alguma expectativa das mulheres.

A grande aglutinação de dados com percentagens iguais é uma limitação deste estudo, eventualmente ultrapassável com amostra maior. Optámos porém por continuar a investigação construindo outro questionário com a expectativa de que, sendo baseado nas opiniões de estudantes portugueses, pudesse corresponder melhor às suas preferências e fornecer resultados mais discriminativos. Isto com a intenção de podermos estudar as expectativas de homens e mulheres, as suas escolhas e compará-las com os resultados de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e com os obtidos com este estudo.

4.2 Estudo 2

“A ciência deixou de produzir ‘verdades absolutas.’”
(Uwe Flick, Métodos qualitativos na investigação científica)

Dada a concentração de resultados atrás referida, admitimos que os itens pudessem não ser os mais indicados para a população portuguesa, pelo que neste estudo, que se prolongou do ano lectivo de 1992/3 ao de 1998/9, partimos para a aplicação de perguntas abertas. Pretendemos com elas construir outro questionário que esperávamos que se adaptasse melhor à população portuguesa, uma vez que os itens a serem nele considerados seriam indicados por estudantes portugueses e não reproduzidos do estudo americano.

4.2.1 Objectivos

O objectivo deste estudo é recolher dados que permitam a construção de um questionário que avalie as expectativas e as preferências de cada sexo em relação à atracção física interpessoal.

Pretendemos que o questionário siga a linha básica do original de Paul Lavrakas, estudando a atracção física interpessoal geral, mas incluindo agora itens sugeridos por estudantes em Lisboa, que esperamos que sejam mais significativos para a população em estudo.

4.2.2 Metodologia

4.2.2.1 População e amostra

A população em estudo é constituída por estudantes universitários em Lisboa e a amostra é de conveniência, tendo incluído 634 pessoas, das quais 503 (79,3%)

eram mulheres e 131 (20,7%) homens da Universidade Autónoma de Lisboa, Universidade Internacional e Universidade Independente e dos Cursos de Ciências da Comunicação, Sociologia e Psicologia.

Os critérios de inclusão são ser estudante num estabelecimento de ensino superior em Lisboa e estar disponível para participar.

4.2.2.2. Instrumento

Algumas limitações de aplicação do instrumento prolongaram este estudo no tempo, pelo que se desenrolou ao longo de sete anos em que fizemos três perguntas.

Na primeira pedíamos que indicassem o sexo, variável de caracterização da amostra fundamental e única que usámos.

Na segunda pedíamos aos participantes que indicassem o que, no outro sexo, mais os atraía fisicamente.

Na outra solicitávamos que indicassem o que, no seu sexo, mais atraía outro.

4.2.2.3. Procedimento

As perguntas foram apresentadas em sala de aula, durante sessões de trabalho curricular com os estudantes.

Foi garantido o anonimato e salvaguardou-se a privacidade, procurando separar os estudantes, de modo a que não tivessem acesso fácil ao que os outros respondiam.

As respostas não eram identificadas e foram recolhidas pelos estudantes, garantindo assim que o investigador não saberia de quem era cada uma delas.

Consideramos portanto que foram inteiramente cumpridas as regras que devem regular o processo de pesquisa preconizadas por Berg (1998), pelos Ethical Principles de 1982, por Selltiz, Wrightsman e Cook, (1977), por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (s.d.) e por Francis (s.d.) no que respeita a ética, anonimato e privacidade.

Estabelecemos como limite 15 elementos de atracção física para cada sexo.

Procedeu-se a uma análise de conteúdo das respostas, de maneira a categorizá-las por significados que fossem iguais, ou muito semelhantes.

Posteriormente procedemos em conformidade com as regras seguintes:

- A. Alinhamento dos factores de atracção de um sexo com os das expectativas do outro (escolhas dos homens conjugadas com as expectativas das mulheres e escolhas das mulheres conjugadas com as expectativas dos homens);
- B. Soma das frequências de cada factor, nestas duas indicações;
- C. Selecção dos itens a incluir no questionário, de acordo com os critérios que se seguem:
 1. Itens ordenados por ordem decrescente de indicações, através da soma das feitas pelos dois sexos (expectativas dos homens somadas às escolhas das mulheres e expectativas das mulheres somadas às escolhas dos homens);
 2. Selecção dos 15 primeiros itens para cada sexo;
 3. Critério de exclusão: Itens ignorados (zero indicações) por qualquer dos sexos (um item escolhido como atractivo por um sexo que não tem nenhuma indicação de expectativa pelo outro, ou um item de expectativa de um sexo que não tem nenhuma indicação de escolha pelo outro);
 4. Critério de inclusão, em caso de igualdade percentual: Aquele item que tivesse maior número de escolhas (Ex: dois itens com um total de vinte indicações

na soma das escolhas de um sexo e expectativas do outro, sendo que A teve 5 escolhas de um sexo e 15 expectativas do outro e B teve 6 escolhas de um sexo e 14 expectativas do outro. Entrava no questionário o item B que teve mais escolhas do que A). Este critério nunca foi utilizado, por desnecessário.

4.2.3 *Apresentação dos Resultados*

Algumas respostas foram eliminadas, ou porque eram indicação única de um item, ou por demonstrarem errada compreensão da tarefa.

Por exemplo, respostas como *maminhas a abanarem para provocarem* ou *carícias com mãos fortes* foram eliminadas, por não se referirem a uma parte do corpo, mas a um comportamento específico utilizando uma parte do corpo, independentemente da possível subjectividade na interpretação provocatória das maminhas a abanar.

A agregação dos resultados e o cálculo das percentagens foram feitos manualmente, uma vez que os dados foram sendo recolhidos ao longo do tempo e em quantidades pequenas e facilmente manipuláveis.

Os resultados apresentam-se por ordem alfabética dos itens.

Para as expectativas dos homens foram eliminadas as respostas de 5 pessoas por, nalguns casos, demonstrarem compreensão errada da tarefa e noutros serem respostas únicas e os resultados encontram-se na tabela 4.

Das escolhas dos homens foram excluídas as respostas de 13 pessoas, dentro das condições atrás referidas e os resultados encontram-se na tabela 5.

Tabela 4 – Expectativas dos homens (o que pensam ser atractivo em si)

	n	(%)
Bigode	2	1.6
Boca (lábios, dentes, conjunto)	7	5.6
Cabelo (textura, cor, etc.)	5	4.0
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	13	10.3
Maças do rosto salientes	2	1.6
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	6	4.8
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	8	6.3
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	11	8.7
Pelos no peito	7	5.6
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	8	6.3
Pernas (forma, proporções, musculatura)	9	7.1
Pescoço forte	2	1.6
<i>Pilosidades</i> (cabelo e pilosidade geral do corpo)	8	6.3
Queixo grande	2	1.6
Rabo/Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	5	4.0
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	5	4.0
Ser alto	8	6.3
Sorriso	7	5.6
Testa alta	2	1.6
Tronco (ombros largos, forma em “V”, musculatura)	9	7.1
	(n= 126)	

Tabela 5 – Escolhas dos homens (o que acham atractivo nas mulheres)

	n	(%)
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	11	9.3
Boca (lábios, dentes, conjunto)	9	7.6
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	5	4.2
Cintura fina (cavada)	2	1.7
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	4	3.4
Cova no queixo	2	1.7
Covinhas na cara	2	1.7
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	4	3.4
Nariz arrebitado	2	1.7
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	5	4.2
Orelhas pequenas	2	1.7
Pernas (forma, proporções, elegância)	11	9.3
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	4	3.4
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	4	3.4
Rabo/Nádegas (forma, volume, textura, elegância)	11	9.3
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	10	8.5
Sardas	2	1.7
Seios (volume, forma, sustentação)	12	10.2
Sexo (vulva, púbis)	6	5.1
Sorriso	5	4.2
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	5	4.2
	(n= 118)	

Em relação às expectativas das mulheres, foram excluídas as respostas de 31 pessoas, dentro das condições atrás referidas.

Das escolhas das mulheres foram excluídas as respostas de 19 pessoas, dentro das condições atrás referidas.

Tabela 6 - Expectativas das mulheres (o que pensam ser atractivo em si)

	n	(%)
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	20	4.2
Ancas estreitas	9	1.9
Boca (lábios, dentes, conjunto)	26	5.5
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	18	3.8
Cintura fina (cavada)	13	2.8
Corpo delgado e ancas largas	8	1.7
Corpo magro e peito grande	10	2.1
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	18	3.8
Covinhas na cara	14	3.0
Coxas finas	10	2.1
Mamilos escuros	10	2.1
Mamilos grandes	11	2.3
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	19	4.0
Nariz arrebitado	14	3.0
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	37	7.8
Olhos cinzentos	7	1.5
Olhos que mudam de cor	5	1.1
Pernas (forma, proporções, elegância)	19	4.0
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	18	3.8
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	23	4.9
Rabo/Nádegas (forma, volume, textura, elegância)	19	4.0
Rabinho empinado	12	2.5
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	32	6.8
Seios (volume, forma, sustentação)	25	5.3
Sexo (vulva, púbis)	16	3.4
Pés pequenos	5	1.1
Ser redondinha (gorduchinha)	7	1.5
Sinal na cara	4	0.8
Sorriso	25	5.3
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	18	3.8
	(n= 472)	

Resultados adicionados

Em conformidade com o ponto 1º da regra C referida nos procedimentos, procedemos à soma das indicações de expectativas dos homens com escolhas das

mulheres e de expectativas destas com as escolhas dos homens, apurando assim a totalidade em cada item.

A tabela 8 apresenta os resultados da primeira situação.

Foram excluídos os itens (bigode, cova no queixo, nariz grande, pés grandes e sombra de barba, num total de 50 indicações) que não apresentavam qualquer indicação por um dos sexos (ponto 3º da regra C).

A tabela 9 apresenta as expectativas das mulheres adicionadas às escolhas masculinas (ponto 1º da regra C).

Tabela 7 - Escolhas das mulheres (o que acham atractivo nos homens)

	n	(%)
Boca (lábios, dentes, conjunto)	32	6.6
Cabelo (textura, cor, etc.)	26	5.4
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	14	2.9
Cova no queixo	13	2.7
Maças do rosto salientes	11	2.3
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	26	5.4
Nariz grande	15	3.1
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	45	9.3
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	19	3.9
Pelos no peito	17	3.5
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	16	3.3
Pernas (forma, proporções, musculatura)	16	3.3
Pés grandes	11	2.3
Pescoço forte	19	3.9
<i>Pilosidades</i> (cabelo e pilosidade geral do corpo)	15	3.1
Queixo grande	12	2.5
Rabo/Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	36	7.4
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	37	7.6
Ser alto	29	6.0
Sombra de barba	9	1.9
Sorriso	39	8.1
Testa alta	10	2.1
Tronco (ombros largos, forma em “V”, musculatura)	17	3.5
	(n= 484)	

Tabela 8 - Expectativas dos homens somadas com as escolhas das mulheres

	n	(%)
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	53	9,5
Sorriso	46	8,2
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	42	7,5
Rabo/Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	41	7,3
Boca (lábios, dentes, conjunto)	39	7,0
Ser alto	37	6,6
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	32	5,7
Cabelo (textura, cor, etc.)	31	5,5
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	30	5,4
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	27	4,8
Tronco (ombros largos, forma em “V”, musculatura)	26	4,5
Pernas (forma, proporções, musculatura)	25	4,5
Pelos no peito	24	4,3
Pênis (vulto visível, tamanho grande)	24	4,3
<i>Pilosidades</i> (cabelo e pilosidade geral do corpo)	23	4,1
Pescoço forte	21	3,8
Queixo grande	14	2,5
Maçãs do rosto salientes	13	2,3
Testa alta	12	2,1
	(n= 560)	

Tabela 9 - Expectativas das mulheres somadas com as escolhas dos homens

	n	(%)
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	42	8,6
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	42	8,6
Seios (volume, forma, sustentação)	37	7,6
Boca (lábios, dentes, conjunto)	35	7,2
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	31	6,4
Pernas (forma, proporções, elegância)	30	6,2
Rabo/Nádegas (forma, volume, textura, elegância)	30	6,2
Sorriso	30	6,2
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	27	5,6
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	23	4,7
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	23	4,7
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	23	4,7
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	22	4,5
Pescoço (esguiu, pele delicada, elegante)	22	4,5
Sexo (vulva, púbis)	22	4,5
Nariz arrebitado	16	3,3
Covinhas na cara	16	3,3
Cintura fina (cavada)	15	3,1
	(n= 486)	

Foram excluídos os itens (cova no queixo, orelhas pequenas, sardas, ancas estreitas, corpo delgado e ancas largas, corpo magro e peito grande, coxas finas, mamilos escuros, mamilos grandes, olhos cinzentos, olhos que mudam de cor, rabinho empinado, pés pequenos, ser redondinha e sinal na cara, num total de 104 indicações) que não apresentavam qualquer indicação por um dos sexos (ponto 3º da regra C).

4.2.4. *Discussão dos resultados*

Atendendo a que este estudo foi feito com perguntas abertas, foi dada aos participantes a possibilidade de responderem de maneira inteiramente livre, dentro da condição básica de indicarem o elemento de atracção física do seu sexo que entendem ser o mais atractivo para o outro sexo e o que, no outro sexo, mais os atrai. Por isso a variedade de respostas foi naturalmente grande.

A análise feita levou-nos a categorizar as respostas de maneira a englobá-las em conjuntos que se referissem a um mesmo elemento de atracção física e permitiu que chegássemos aos actuais 15 itens para cada sexo. Em cada sexo os itens podem ser agrupados em três categorias, de acordo com a sua maior preponderância física, expressiva ou sexual:

- Mulheres:

o Físicos: ancas, cabelo, corpo, pernas, pescoço, porte atlético e umbigo.

o Expressivos: boca, mãos, olhos, rosto e sorriso.

o Sexuais: rabo, seios e sexo.

- Homens:

o Físicos: cabelo, compleição física, nádegas, peito, pernas, ser alto e tronco.

o Expressivos: boca, mãos, olhos, rosto e sorriso.

- o Sexuais: pelos no peito, pênis e pilosidades.

4.2.5. *Conclusões*

O trabalho feito no estudo 2 foi gratificante pela variedade de elementos de atracção que trouxe à luz e pela constatação de que o resultado final, produzido pelas escolhas da nossa amostra, não é tão diferente do questionário inicial de Paul Lavrakas (sem referência bibliográfica) como se poderia eventualmente esperar.

Verifica-se que dos onze itens desta, apenas três (pescoço, elegância e ausência de estômago) não têm correspondente no nosso questionário masculino, ainda que o processo de construção dos nossos itens nos tenha levado a explicitá-los de modo mais alargado do que o fez Lavrakas (sem referência bibliográfica) e isso nalguns casos facilite a correspondência que afirmamos.

Há 7 itens que se encontram nas listas dos dois sexos no nosso questionário (5 expressivos: boca, mãos, olhos, rosto e sorriso) e 2 físicos (cabelo e pernas). Podemos contudo considerar mais dois; um também físico, o porte atlético das mulheres e o seu correspondente, compleição física, nos homens que, embora com nome diferente, devido às designações obtidas no estudo 2, significam uma característica física de significado semelhante e o rabo nas mulheres (item sexual) correspondendo às nádegas nos homens (item físico).

Portanto nas duas listas de 15 itens, podemos considerar que 9 são comuns.

Isto confirma e reforça até, os resultados do estudo de Lippa (2007) que, de uma lista de 23 traços, encontrou 9 que eram indicados com mais frequência pelos participantes a quem era solicitado que indicassem os que consideravam primeiro, segundo e terceiro mais importantes num parceiro, numa relação.

Lippa (2007) verificou que homens e mulheres indicavam os mesmos, ainda que a ordenação fosse diferente. As indicações femininas privilegiavam mais frequentemente os traços de carácter, honestidade e humor, enquanto os homens apontavam com maior frequência os de natureza física.

Dado que as listas de itens são diferentes para os homens e para as mulheres, optámos por construir um questionário para cada sexo (Anexo B).

4.3 *Estudo 3*

“Você é único. A sua experiência, a sua formação, os seus desejos são únicos.”
(Anne Bacus e Christian Romain,
Testes de avaliação pessoal e profissional)

“Darwin asked, ‘Does the male parade his charms with so much pomp and rivalry for no purpose?’”
(Roy Porter e Mikulás Teich, *Sexual knowledge, sexual science – The history of attitudes to sexuality*)

Neste estudo, que se estendeu do ano lectivo de 1999/2000 ao de 2004/2005, fizemos a aplicação dos questionários construídos com base nos resultados do estudo 2, para estudarmos a coerência das expectativas com as realidades, na atracção física interpessoal.

Razões ligadas à disponibilidade de alunos e nossa, levaram a que a recolha dos dados se prolongasse no tempo.

4.3.1 *Objectivos*

O objectivo geral deste estudo é descrever a atracção física interpessoal, em estudantes universitários.

Para isso, temos como objectivos específicos:

- Primeiro: descrever as expectativas que homens e mulheres têm acerca do que neles atrai fisicamente o outro sexo.
- Segundo: descrever as preferências dos homens e das mulheres em relação ao que mais os atrai no outro sexo.
- Terceiro: descrever a consistência entre as expectativas de cada sexo e a preferência do outro.
- Quarto: descrever a consistência dos dados agora recolhidos com os recolhidos por Paul Lavrakas (sem referência bibliográfica) e por nós no estudo 1.

4.3.2. *Metodologia*

4.3.2.1 *População e amostra*

A população é constituída por estudantes universitários em Lisboa e a amostra é de conveniência e inclui 493 pessoas, sendo 410 (83.2%) do sexo feminino e 83 (16.8%) do masculino, do Curso de Sociologia da Universidade Internacional e dos Cursos de Psicologia e de Sociologia da UAL.

Nesta amostra a distribuição por idades apresenta uma grande prevalência nos dois escalões mais baixos (17-21 anos, 51.9%, n=256 e 22-26 anos, 29.0%, n=143), seguindo-se os três escalões seguintes (27-31 anos, 6.1%, n=30; 32-36 anos, 5.7%, n= 28 e 37-41 anos, 3.3%, n=16); os dois escalões de idade mais representados são depois o dos 47 aos 51 anos (1.6%, n=8) e o dos 52 aos 56 anos (1.0%, n=5), aparecendo nos dois últimos lugares os escalões dos 42 aos 46 anos (0.8%, n=4) e 57 ou mais anos (0.6%, n=3).

4.3.2.2 *Instrumento*

Os instrumentos utilizados neste estudo foram construídos a partir dos resultados do estudo 2.

Optámos por fazer um questionário para homens e outro para mulheres por nos parecer de mais simples aplicação e de menor probabilidade de engano dos respondentes.

Estes questionários são constituídos por uma lista de 15 itens de atracção física femininos e outra de 15 itens de atracção física masculinos que, por aumentar em quatro os itens de Lavrakas, abre maior possibilidade de escolha aos respondentes, sendo contudo um número ainda manejável sem grande demora para responder, como aconteceria com uma lista maior. A experiência de aplicação do questionário com 11 itens, do estudo 1 permitiu-nos tomar esta opção que se mostrou correcta, por o tempo de aplicação ser muito pequeno e não prejudicar as aulas.

No que se destina aos homens pedimos que respondam à lista de itens de atracção física feminina indicando o elemento que mais os atrai nas mulheres e à de itens de atracção física masculina indicando o elemento que consideram que mais atrai as mulheres.

No que se destina às mulheres pedimos-lhe que respondam à lista de itens de atracção física masculina indicando o elemento que mais as atrai nos homens e à de itens de atracção física feminina indicando o elemento que consideram que mais atrai os homens. |

4.3.2.3 *Procedimento*

Foi feito um pré-teste do questionário com 24 pessoas estudantes universitárias em Lisboa, sendo 17 mulheres e 7 homens, que não revelou quaisquer dificuldades de compreensão das perguntas, nem quanto ao processo de resposta.

Os questionários foram aplicados em sala de aula, no decorrer de sessões de trabalho curricular com os alunos, tendo a duração média da aplicação rondado os seis ou sete minutos.

Foi garantido o anonimato e salvaguardou-se a privacidade, procurando separar os estudantes, para diminuir a possibilidade de poderem ver o que os colegas escreviam.

Os questionários foram recolhidos pelos estudantes, garantindo assim que o investigador não saberia de quem era cada um deles.

Com estes procedimentos, consideramos ter cumprido as regras preconizadas por Berg (1998), pelos Ethical Principles de 1982, por Selltiz, Wrightsman e Cook, (1977), por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (s.d.) e por Francis (s.d.) sobre ética, anonimato e privacidade.

4.3.3 *Apresentação dos Resultados*

A análise estatística deste estudo foi feita manualmente.

A aplicação dos questionários forneceu os resultados apresentados nas tabelas 10 e 11,

Verificamos pela análise da tabela 10 que os homens têm as maiores expectativas na compleição física, rabo, rosto e tronco, por esta ordem, enquanto as mulheres preferem os olhos, o sorriso e o rosto.

Analisando a tabela 11 vemos que as expectativas femininas vão para o corpo e os olhos, e que as preferências masculinas apontam para o corpo, rosto e olhos.

Tabela 10 – Expectativas dos homens em relação ao que mais atrai as mulheres e escolhas das mulheres em relação ao que mais as atrai nos homens.

	Expect. Masc.		Esc. Fem.	
	n	(%)	n	(%)
1. Boca (lábios, dentes, conjunto)	3	3.6	29	7.1
2. Cabelo (textura, cor, etc.)	4	4.8	4	1.0
3. Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	25	30.1	33	8.0
4. Mãos (forma, alongamento, expressividade)	7	8.4	25	6.1
5. Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	3	3.6	139	33.9
6. Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	0	0	4	1.0
7. Pelos no peito	0	0	4	1.0
8. Pênis (vulto visível, tamanho grande)	0	0	4	1.0
9. Pernas (forma, proporções, musculatura)	0	0	0	0
10. <i>Pilosidades</i> (cabelo e pilosidade geral no corpo)	4	4.8	4	1.0
11. Rabo (traseiro, nádegas, forma, volume, textura)	12	14.5	4	1.0
12. Rosto (contornos, conjunto, aspecto geral)	11	13.3	74	18.0
13. Ser alto	3	3.6	0	0
14. Sorriso	3	3.6	86	21.0
15. Tronco (ombros largos, costas largas)	8	9.6	0	0
	(n= 83)		(n= 410)	

Tabela 11 – Expectativas das mulheres em relação ao que mais atrai os homens e escolhas dos homens em relação ao que mais os atrai nas mulheres

	Expect.	Fem.	Esc.	Masc.
	n	(%)	n	(%)
1. Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	0	0	6	7.2
2. Boca (lábios, dentes, conjunto)	16	3.9	1	1.2
3. Cabelo (textura, cor, etc.)	8	2.0	0	0.0
4. Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	148	36.1	27	32.5
5. Mãos (forma, alongamento, expressividade)	0	0	0	0.0
6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	115	28.0	10	12.0
7. Pernas (forma, proporções, elegância)	4	1.0	5	6.0
8. Pescoço (forma, delicadeza, pele, elegância,)	0	0	0	0
9. Porte atlético (condição física, corpo musculado)	0	0	1	1.2
10. Rabo (nádegas, forma, volume textura, elegância)	20	4.9	2	2.4
11. Rosto (contornos, conjunto, beleza)	16	3.9	18	21.7
12. Seios (volume, forma, sustentação)	25	6.1	5	6.0
13. Sexo (vulva, púbis)	25	6.1	0	0
14. Sorriso	33	8.0	5	6.0
15. Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	0	0	3	3.6
	(N= 410)		(N= 83)	

4.3.4 *Discussão dos resultados*

Seguindo o critério de analisar os itens mais importantes, que apresentam percentagens com dois dígitos, verificamos que há quatro que entram nas expectativas masculinas como atractivos para as mulheres: a compleição física com 30.1% (n= 25), o rabo com 14.5% (n= 12), o rosto com 13.3% (n= 11) e o tronco com muito ligeiramente menos de 10% (9.6%, n= 8).

O rosto pode exprimir virilidade, ou não, dependendo do tipo de feições, mas uma vez que isto não foi detalhadamente perguntado, não podemos assumi-lo como incluído no tipo de resposta vinculada ao estereótipo masculino viril, salientado no estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e no nosso inicial ou, ao contrário, como estando fora dele.

Contudo o rosto é uma das primeiras coisas em que se repara noutra pessoa (LaFrance, 2008), é uma zona de grande expressividade nos humanos (Caetano, 1978) e parece não haver dúvida de que tem um papel importante como factor de atracção masculina (Neto, 2000).

Sabe-se que as mulheres preferem faces mais masculinas durante o período fértil do ciclo menstrual (Miller, Perlman & Brehm, 2007; Perrett, 2008) e que os homens tentam compensar de alguma maneira o facto de terem faces menos atractivas (Kurzban & Weeden, 2005).

Por outro lado numa amostra de 21 rapazes estudantes universitários verificou-se que o rosto feminino tinha capacidade preditiva ligeiramente superior ao próprio corpo, em relação à atracção geral (Mueser, Grau, Sussman & Rosen, 1984). Thornhill e Gangestad (2007) salientam a importância da simetria e do enquadramento do rosto nos aspectos comuns, que dão alguma garantia de saúde física.

A característica rabo (14.5%, n= 12) surge algo inesperadamente fora da direcção dos dados de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e do nosso estudo 1 anterior, contrastando em absoluto com este último, em que o resultado tinha sido 0%.

Há neste caso uma aproximação das expectativas masculinas às escolhas femininas que, não esqueçamos, no caso de Lavrakas (sem referência bibliográfica) atingiram os 39% e no nosso se situaram no segundo grupo de indicações mais importante das mulheres (9%, n= 7) logo atrás do item mais escolhido.

Falta no quadro estereotipado da masculinidade, detectado por Lavrakas (sem referência bibliográfica) e confirmado pelo nosso primeiro estudo, a indicação do pénis (0%) como expectativa masculina, o que também sugere uma aproximação das expectativas dos homens às escolhas das mulheres que no estudo de Lavrakas (id.) o desvalorizaram quase completamente.

O que surpreende é o resultado de 0% nas expectativas dos homens. Terá o pénis deixado de ter, no imaginário masculino, a importância que tinha, contrariando assim algumas formulações algo discutíveis (Carrada & Jannini, s.d.; Hite, 2004) e que nem sempre mostram base científica consistente?

Começarão os homens a compreender as mulheres de maneira algo diferente e a pensar que elas se sentem atraídas por outros factores, menos sexualizados e mais expressivos?

Ou trata-se simplesmente da perspectiva exposta por Martinho (2004) de que na actualidade os homens se identificam pouco com a masculinidade tradicional, não indicando portanto aspectos físicos e sexuais que se incluem nela e passando a seleccionar outros expressivos?

Pensamos que estamos perante boas pistas para futura investigação.

Podemos concluir que no imaginário masculino a compleição física continua a ser um aspecto supostamente preferido pelas mulheres, ainda que se configure uma aproximação às reais preferências femininas, representada por itens expressivos.

A compleição física e o tronco podem considerar-se consistentes com os dados de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e com o nosso primeiro estudo, embora neles não tivessem estas designações, aparecendo então o peito/ombros musculosos e os braços musculosos.

A estas expectativas respondem as mulheres com preferências muito diferentes, quase na totalidade. Com efeito verifica-se que a característica compleição física apenas colheu 8% (n= 33) de indicações, o tronco 0% e o rabo 1% (n= 4).

Estes resultados contrariam a ideia de que as mulheres escolhem homens que mostrem ter condições físicas que os coloquem em vantagem sobre os potenciais rivais, como os músculos, braços, ombros e peito (Montoya, 2007).

O item rabo aparece surpreendentemente com valor muito baixo, em nada comparável com o resultado de Lavrakas (sem referência bibliográfica) em que teve como resultado 39% de escolhas, ou mesmo com o do nosso primeiro estudo (9%, n= 7).

A característica rosto, a janela aberta para o exterior, vê a expectativa já alta nos homens (13.3%, n= 11) ser ultrapassada em cinco pontos (18.0%, n= 74) confirmando-a plenamente e sendo consistente com a teoria que postula que um

rosto belo e simétrico é um sinal de boa saúde e de qualidade fenotipicamente garantida (Thornhill & Gangestad, 2007).

Por outro lado, outro estudo provou que as mulheres preferem o bruto (“*cad*”) como acompanhante numa festa ou para uma ligação de curto prazo e o papá (“*dad*”) para o longo prazo e compromisso (Kruger & Fisher, 2005) o que pode ter portanto influência em relação à preferência pelo tipo de rosto.

E o que preferem realmente as mulheres para além do rosto, já referido?

Uma vez mais e a ultrapassar claramente os números de Lavrakas (sem referência bibliográfica) os olhos estão em primeiro lugar com 33.9% (n= 139) a que se segue o sorriso com 21% (n= 86), o que vai de encontro com o preconizado pela abordagem das teorias da evolução. Segundo elas, a mulher privilegia os sinais que pode descodificar acerca das intenções do homem e do potencial que este pode utilizar para sustentar os filhos, mais do que as suas capacidades físicas (Geary, Vigil, & Byrd-Craven, 2004; Lippa, 2007; Neto, 2000).

Assim se confirma a preferência da mulher da nossa amostra por aquilo que, embora físico melhor espelha o não físico: os olhos, o sorriso e o rosto.

As baixas escolhas femininas nos itens compleição física e tronco confirmam os dados do estudo de Lavrakas de 1975, ao não valorizarem a musculatura.

No nosso primeiro estudo, o tronco (então denominado peito) estava no agrupamento de resultados logo abaixo do item mais escolhido.

Sobressai uma diferença importante em relação ao estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica), uma vez que no nosso trabalho as mulheres não valorizam minimamente os aspectos mais claramente físicos, enquanto naquele indicaram a ausência de estômago e a elegância.

Também uma vez mais o pénis tem resultado muito baixo nas indicações femininas (1.0%, n= 4), mesmo inferior ao de Lavrakas (sem referência bibliográfica) em que registara 2%, e muito inferior ao do nosso primeiro estudo, em que se situou no agrupamento abaixo do item mais escolhido, com 9.0% (n=7).

No respeitante ao sexo feminino, seguindo o mesmo critério de análise dos itens com resultado acima de 10%, verificamos, uma concentração das expectativas das mulheres em dois itens, o corpo (36.1%, n= 148) e os olhos (28.0%, n= 115). Sendo o corpo naturalmente percebido como o que mais se vê globalmente, este resultado é compreensível e confirma os nossos dados do estudo 1, se considerarmos a *elegância* (17.9%, n= 14) nele contida como equivalente do actual item, o que nos parece plausível.

Para além disso, o corpo é um bom indicador de saúde geral, o que, de acordo com a teoria da evolução, é determinante (Buss & Barnes, 1986).

A baixa expectativa das mulheres no rosto (3.9%, n=16) é difícil de explicar, porque além de haver estudos que provaram a grande influência do rosto na atractividade (Kurzban & Weeden, 2004; LaFrance, 2008; Neto, 2000), os meios de comunicação exploram cada vez mais a figura e o rosto feminino, expondo-o diariamente e chamando assim a atenção sobre ele.

O item olhos, uma vez mais, está na linha da frente das expectativas femininas em termos de ser um factor de atracção para o homem e, também uma vez mais, a confirmar os dados quer do estudo pioneiro, quer do nosso anterior.

E como responde o homem a isto?

No que diz respeito à característica corpo, em consonância com as mulheres, atribuindo-lhe 32.5% (n= 27) de escolhas e confirmando os dados do nosso primeiro estudo, uma vez mais considerando a *elegância* daquele, equivalente ao item actual.

Quanto à característica olhos a concordância é menos forte, mas mesmo assim confirma a expectativa das mulheres, contando com 12% (n= 10) das indicações, o que corresponde a uma subida, no sentido da aproximação ao valor da expectativa feminina, em relação ao que se apurou no nosso primeiro estudo.

O outro elemento mais escolhido pelos homens, com 21.7% (n= 18) foi o rosto, que apenas colheu 4% (n= 16) das expectativas femininas. Estes dados de alguma maneira apontam no sentido dos de um estudo anterior que provara que os homens Hispânicos são mais influenciados por aspectos expressivos do rosto do que os Asiáticos, Taiwanese e Americanos (Cunningham, Roberts, Barbee, Druen & Wu, 1995).

Nas respostas masculinas estão as maiores surpresas deste trabalho.

Apenas 2 pessoas da amostra (2.4%) mostraram preferência pelo item rabo, 6 (7.2%) pela característica ancas e 5 (6%) pelos itens seios e pernas, o que contraria a afirmação de Lavrakas (1975) de que se assume que os homens avaliam o físico feminino pelos seios, ancas e pernas.

Verifica-se então um deslocamento das respostas de algumas características tradicionalmente consideradas como fulcrais na atracção que a mulher exerce sobre o homem, como os seios, as pernas e o rabo (Neto, 2000) para outras muito menos erotizadas, no sentido tradicionalmente masculino. É o caso do sorriso (6%, n= 5), que quase iguala o item rabo, os olhos (12%, n= 10) e o rosto (21.7%, n= 18) que estão mais próximas das expectativas das mulheres e das escolhas

expressivas que elas fizeram acerca dos homens na investigação de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e no nosso primeiro estudo.

Deste nosso estudo não temos termo de comparação com o de Lavrakas (sem referência bibliográfica), mas apenas com o nosso anterior.

Quanto ao estudo 1 confirma-se por excesso a expectativa feminina no item olhos (17.9%, n= 14 no estudo 1 e 28%, n= 115 no estudo 3). A característica corpo não existia assim denominada no nosso estudo 1, mas se tomarmos em linha de conta as expectativas nele mostradas pelas mulheres nos itens elegância, cintura cavada e nádegas, podemos dizer que elas mantêm alta expectativa na sua aparência corporal.

No conjunto dos itens, aconteceu em quatro situações de expectativa masculina e cinco da feminina e em três situações de escolha das mulheres e quatro dos homens que itens da lista não foram indicados uma única vez, o que, tendo em conta que as listas foram constituídas por amostras de população idêntica, não deixa de ser surpreendente.

4.3.5 *Conclusões*

Este estudo permite-nos tirar várias conclusões, relativamente aos resultados produzidos pela nossa amostra.

Uma vez mais se verificou a indicação preferencial dos homens em expectativas centradas em aspectos mais especificamente físicos, ainda que apareça agora o rosto, característica expressiva, que antes não fazia parte da lista de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e, por isso, também não do nosso estudo 1.

No que diz respeito ao item rabo (antes nádegas) verifica-se uma grande subida dos resultados com a aproximação das percentagens de indicações de expectativa masculina aos das anteriores escolhas das mulheres, principalmente no trabalho de Lavrakas (sem referência bibliográfica). Verifica-se simultaneamente uma grande descida dos resultados actuais das escolhas femininas, em relação a este item, com aproximação aos resultados anteriores das expectativas masculinas. Isto significa que os homens passaram a valorizar muito mais esta característica nas suas expectativas e as mulheres a desvalorizá-lo nas suas escolhas.

O pénis grande que em Lavrakas (sem referência bibliográfica) e no nosso primeiro estudo era um elemento de grande importância nas expectativas masculinas e que, no caso do nosso, foi também valorizado nas escolhas das mulheres, aparece agora sem qualquer indicação nas expectativas masculinas e com apenas 1% nas escolhas femininas, sugerindo que está a perder a importância tradicional como símbolo masculino e que os homens estão a mudar as suas expectativas para itens menos sexualizados.

Apenas a expectativa alargada dos homens na atracção causada pelo rosto é confirmada e por excesso, pelas escolhas das mulheres.

Estes dados salientam, mais uma vez, a inconsistência entre expectativas masculinas e preferências femininas, mantendo-se o padrão anterior de preferência dos homens por itens mais físicos e das mulheres pelos mais expressivos.

Confirmando os resultados de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e os do nosso primeiro estudo, os olhos surgem destacados nas escolhas femininas seguindo-se o sorriso e o rosto que não constavam da lista daqueles trabalhos, mas que sugerem claramente a preferência anteriormente mostrada das mulheres pelo

que, sendo físico, é menos ligado à força e mais à expressividade e à possibilidade de detectar o que o homem pensa e sente.

Houve diversos itens da lista que não receberam qualquer indicação, apesar de ela ter sido construída através das escolhas de uma amostra de estudantes universitários, como esta.

As expectativas das mulheres concentram-se em dois itens, sendo um de carácter físico geral (o corpo) e o outro, expressivo, uma vez mais os olhos. O primeiro caso é consistente com os dados do nosso primeiro estudo e apoia a teoria da evolução, enquanto indicador de saúde geral e o segundo confirma os de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e os nossos.

As três principais escolhas masculinas confirmam com clareza a expectativa das mulheres quanto ao item corpo e, embora menos claramente, a relativa à característica olhos, recaindo a outra no item rosto que, surpreendentemente é muito pouco valorizado pelas mulheres, ainda que estudo anterior tenha mostrado que ele é um elemento seguro de atracção para ambos os sexos (Kurzban & Weeden, 2004).

As escolhas dos homens abandonam itens que tradicionalmente eram muito valorizados pelo senso comum, como o rabo, as ancas, os seios e as pernas. Entre eles surge agora o umbigo e recolhem valores muito baixos, em detrimento de outros como os olhos e o rosto, ou mesmo o sorriso, sugerindo um deslocamento de aspectos mais erotizados, para outros expressivos e mais próximos das expectativas femininas e das escolhas das mulheres sobre os homens.

5. Segunda fase – Estudo empírico sobre atracção física interpessoal

“Isto prova que o processo de pesquisa é dialético [*sic*], pois existe um contínuo ir-e-vir de um processo para outro (...)”
(Raul Rojas Soriano, *Manual de pesquisa social*)

Pretendemos com o quarto estudo utilizar uma amostra maior e mais diversificada em localização geográfica, ao mesmo tempo que aumentámos os objectivos a atingir.

Teremos assim possibilidade de estudar se às diferenças geográficas correspondem outras em termos de expectativas e preferências físicas.

5.1 Estudo 4

“Gradually, the researcher identifies key informants who can provide information and insights relevant to the research question (...)”
(Paul D. Leedy e Jeanne Ellis Ormrod, *Practical research*)

O estudo 4 enquadra-se no que Hill e Hill (2002) chamam *pesquisa empírica*, destinando-se a compreender melhor o fenómeno da atracção física interpessoal e, dentro desta categoria, no que denominam como *pesquisa aplicável*, porque o que se descobrir pode vir a ser utilizado futuramente na resolução de problemas práticos. Insere-se no que Field e Hole (2003) classificam como *pesquisa correlacional*, em que se procura observar o que acontece na vida real, sem que haja interferência directa da nossa parte e Gil (1994) e Rodrigues (1986) chamam pesquisa *ex post facto* que se caracteriza por estudar situações depois da ocorrência das variáveis independentes e dependentes.

Dentro desta última classificação este trabalho inclui-se na *pesquisa de levantamento* que “(...) tem por finalidade principal fornecer informações acerca

de uma população (...)” (Rodrigues, 1986, p. 86), descrevendo características ou propriedades dela (Anguera et al., s.d.; Fortin, 2003; Gil, 1994; Moreira, 1994; Quivy & Campenhoudt, 1992; Soriano, 2004; Triviños, 1987).

Enquanto técnica para a descoberta da experiência do quotidiano, é aplicada para encontrar a prevalência e/ou a qualidade dos fenómenos (Reis & Judd, 2000) podendo daí, em certas circunstâncias, partir para a previsão (Reuchlin, 1986).

A opção por um questionário fundamenta-se no facto de o estudo 1 ter sido uma extensão inicial do trabalho de Paul Lavrakas (sem referência bibliográfica), também feito por questionário. Sabemos contudo que esta metodologia pode reduzir a reactividade dos participantes da amostra (Alferes, 1997), uma vez que a utilização de questionário auto-administrado leva a uma interferência muito reduzida do investigador.

Outra limitação do questionário auto-administrado é o facto de ser mais difícil garantir a perfeita compreensão das perguntas e das modalidades de resposta que, neste caso, por serem muito simples umas e outras e devido ao nível elevado de escolaridade dos respondentes, se torna de importância muito reduzida (Alferes, 1997).

Na presente situação em que as perguntas são muito directas e objectivas, pensamos que este facto fica consideravelmente atenuado, dado que a sua redacção as torna claramente perceptíveis e dispensa interpretações pessoais de qualquer tipo (Ghiglione & Matalon, 1993).

Nesta investigação utilizamos uma base de dados estatística e metodologia interpretativa qualitativa, dentro da perspectiva de que as abordagens quantitativa e qualitativa não são irreconciliáveis, mas complementares, na esteira do que Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (s.d., p.34) dizem: “(...) uma análise das

pesquisas efectuadas pelos investigadores que afirmavam pertencer a uma e outra perspectivas epistemológicas permite constatar que, na prática, são poucos os investigadores que *não* recorrem à combinação das duas.”

Trata-se portanto de, como dizem os mesmos autores, centrar a atenção no significado que os actores dão ao que fizeram, o que justifica os objectivos cinco, seis, sete e oito e fundamenta os objectivos três, quatro e nove, na medida em que estes últimos são a expressão do que se mantém ou, pelo contrário, varia com a região ou com o tempo; além disso, explica o modelo deste relatório que não “(...) possui exclusivamente uma função de exposição. Erickson atribui-lhe igualmente uma função *argumentativa*, no sentido em que o autor do relatório deve levar o leitor a desempenhar um papel de ‘co-analista’ do seu processo de investigação e dos seus resultados. Ele terá de o convencer da validade das suas conclusões (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, s.d, pp. 131-132), para o que deve utilizar provas não de causalidade, mas de plausibilidade dos resultados, segundo os mesmos autores.

Pretende-se pois com este relatório transformar a experiência social vivida pela amostra em narrativa, interpretá-la e devolvê-la à sua origem, a sociedade, através dessa mesma narrativa (Flick, 2005).

Como vimos na primeira parte, homens e mulheres são diferentes do ponto de vista bio-fisiológico, psicológico e de socialização e têm sido tratados de maneira objectivamente diferente, o que pode provocar e explicar respostas também diferentes quanto a elementos de atracção física. Por um lado devido à especificidade desses elementos e, por outro, podendo apontar preferências que se enquadrem no contexto sócio-cultural da época em que vivemos e que

simultaneamente expressem a pressão da sociedade e dos meios de comunicação sobre a população.

Isto pode mesmo, nalguns casos, tornar desejável a adequação ao estereótipo de beleza vigente e portanto preferenciais os elementos de atracção física que se enquadrem mais directamente nesse estereótipo.

Para este estudo e devido ao aumento do número de objectivos específicos foi construído um novo questionário, pelo que as comparações com os resultados do trabalho de Lavrakas (sem referência bibliográfica) só podem ser directamente feitas no que diz respeito às expectativas dos homens e escolhas das mulheres e quanto à consistência entre elas.

Em relação aos nossos estudos 1 e 3 podemos comparar as expectativas dos homens com as escolhas das mulheres, as expectativas destas com as escolhas masculinas e as consistências entre elas.

Para as comparações entre regiões, não perdemos de vista que ainda que se saiba que os estudantes estão matriculados numa determinada Universidade isto não significa necessariamente que tenham nascido e sido criados na região em que ela se encontra implantada. Por isso as diferenças encontradas, se as houver, podem não significar diferenças devidas à socialização específica dessa região, mas relacionar-se com outras razões, como a idade, o sexo ou outros factores genéticos ou transmitidos pela socialização por que os participantes tenham passado nas famílias, culturas e sociedades em que nasceram e foram criados.

Esta condicionante que previsivelmente pode ser mais notória em Lisboa, para onde se deslocam frequentemente pessoas de outras regiões do país e do estrangeiro, principalmente dos PALOP's, para estudarem, verificou-se de pouco relevo, dado o número pequeno de estudantes estrangeiros que fazem parte da

amostra. Além disso, sabe-se que não se provou que a atracção física sofra influência da pressão causada pela densidade populacional e pelo custo de vida (McGraw, 2002) o que nos permite esperar que estudar em Lisboa, em Faro, ou em Vila Real de Trás-os-Montes não exerça influência, importante na atracção física, deste ponto de vista.

Contudo, consideramos que a circunstância de termos trabalhado com três amostras de três regiões do país, uma no Sul, uma no Centro e a outra no Norte, pode e deve ser aproveitada para fazer as comparações possíveis.

5.1.1 *Objectivos e justificação*

“(...) o resultado das melhores pesquisas é indicar como um problema semelhante poderá ser melhor resolvido na próxima oportunidade.”

(William J. Goode e Paul K. Hatt, *Métodos em pesquisa social*)

Quase vinte anos depois de termos iniciado a investigação sobre a atracção física interpessoal chegámos ao estudo final deste conjunto. Estamos cientes de que “o psicólogo social está directamente envolvido pela história e pela actualidade deste ‘estatuto’ [aspas no original] do corpo que se estabelece na conciliação do colectivo e do individual e no campo das interacções” (Maisonneuve, s.d., p. 147). Isto justifica-se pela importância que ele, o corpo e a atracção física têm para o ser humano.

Pensamos pois que é importante estudar esta área procurando compreender as aproximações e/ou afastamentos entre expectativas de cada sexo e preferências do outro.

O objectivo geral desta investigação é descrever a atracção física interpessoal heterossexual em estudantes universitários.

Nos estudos anteriores não entrámos em linha de conta com a orientação sexual, porque o objectivo geral era descrever as expectativas e o que mais atrai fisicamente as pessoas, mas no estudo 4 os objectivos são mais vastos.

No que respeita à escolha dos itens preferidos, há mais diferenças entre sexos do que entre as orientações sexuais (Lippa, 2007). Mas a ênfase de alguns aspectos, como solicitamos na construção dos modelos de beleza, mostrou que “(...) many of the traits emphasized by gay men were also traits that women emphasized more than men” (Lippa, 2007, p. 205). Além disso a inclusão do companheiro(a) no modelo de beleza do outro sexo podia levar a resultado ambíguo, o que nos levou a considerar, neste estudo, apenas participantes heterossexuais.

Sabemos que alguns autores alertam para que o conceito de “atração” deve ser operacionalizado antes de ser estudado (Donovan, 2003). Não o fizemos propositadamente, uma vez que nos interessa estudar a atracção física, sem condicionantes ou pressupostos. Não se trata de saber o que atrai fisicamente para um encontro de uma noite ou o que atrai para tentar construir um projecto de vida.

Tal como nos estudos anteriores, queremos saber o que atrai fisicamente as pessoas, independentemente do condicionalismo da finalidade em vista.

Para isso, propomos os seguintes objectivos específicos:

- primeiro, descrever as expectativas que homens e mulheres estudantes universitários e heterossexuais têm acerca do que neles atrai fisicamente o outro sexo;
- segundo, descrever as preferências dos homens e das mulheres estudantes universitários e heterossexuais em relação ao que mais os atrai fisicamente no outro sexo;

- terceiro, comparar as expectativas de cada sexo com as preferências do outro;
- quarto, comparar os dados do presente estudo com os dados recolhidos por Paul Lavrakas e por nós nos estudos 1 e 3;
- quinto, definir modelos de beleza feminina gerados pelas mulheres e pelos homens da amostra global, bem como propor modelos de beleza masculina igualmente gerados por mulheres e por homens desta amostra;
- sexto, investigar se os participantes consideram a sua escolha do que mais os atrai no sexo oposto incluída no seu modelo de beleza ou no estereótipo;
- sétimo, investigar se as pessoas da amostra se consideram incluídos no modelo de beleza que construíram para o seu próprio sexo;
- oitavo, investigar se os participantes consideram o seu companheiro incluído no modelo de beleza que construíram para o outro sexo;
- e nono, comparar as expectativas e as preferências em função da região.

5.1.2. *Metodologia*

5.1.2.1 *População e amostra*

“A existência de representatividade é menos frequente do que por vezes se julga: não se deve confundir cientificidade e representatividade.”
(Raymond Quivy e Luc van Campenhoudt,
Manual de investigação em ciências sociais)

A população a que este estudo se destina é de estudantes universitários de universidades portuguesas, portanto situadas em cidades, o que assegura alguma heterogeneidade da amostra. As cidades caracterizam-se sociologicamente por serem aglomerados densos e permanentes de um número consideravelmente grande de pessoas socialmente heterogéneas (Wirth, 1938) dando algum

anonimato protector, mas permitindo manter alguma variedade de atitudes e de comportamentos.

“Na floresta de cimento a multidão cobre-se e encobre-se a si própria” (Pinto, 1991, p. 41) mantendo as suas características pessoais, mas desfrutando de uma cobertura que aqui e ali pode ser tranquilizadora e, por isso, permitir uma maior naturalidade, ou menor controlo comportamental. Isto leva Smith (1988, p. 23) a dizer que “cities provided an arena in which sin and vice not only flourished, but flourished in public, in full view of anyone who wanted to look”.

A amostra é propositiva (Rey, 2002) mais relacionada com o problema do que com a relação da estatística com a população e de conveniência, tendo sido convidados a responder ao questionário os estudantes a que tivemos mais fácil acesso (Hill & Hill, 2002). Mantivemos uma monitorização atenta para que se conseguisse um número suficiente e tão equilibrado quanto possível, entre homens e mulheres (Goode & Hatt, 1979), de maneira a podermos obter as preferências de ambos no contexto actual da sociedade portuguesa. Conseguimos assim a melhor informação, conforme sugere Flick (2005) e adequámos a amostra aos objectivos do estudo (Ghiglione & Matalon, 1993) cumprindo-se deste modo as quatro regras preconizadas por Eco (1984): tema do interesse do investigador, fontes acessíveis, fontes e metodologia dentro da experiência do investigador.

As diferenças de frequência entre os dois géneros nos cursos universitários em que temos leccionado e em que, por isso, tivemos oportunidade de aplicar o questionário nem sempre proporcionaram o equilíbrio óptimo entre os géneros dos respondentes, como já se viu nos três estudos antecedentes, mas por vezes apenas o possível.

Do mesmo modo, na região Sul e por razões que também se prendem com a desigualdade de número entre mulheres e homens a frequentar os cursos utilizados, existem muito mais mulheres na amostra.

Ao contrário, em Trás-os-Montes há maior número de homens do que de mulheres.

De qualquer modo a amostra deste estudo é a mais equilibrada das quatro, correspondendo a um pouco menos de dois terços de mulheres, para um pouco mais de um terço de homens.

Os critérios de inclusão são ser estudante universitário na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa e na Universidade do Algarve e estar disponível para responder por escrito ao *Questionário de Atracção Física Interpessoal de Silva Pinto e UAL (QAFISPUAL)*.

A amostra era composta por 579 indivíduos, sendo dividida por três sub-amostras: uma de Lisboa, outra do Algarve e a terceira de Trás-os-Montes.

Verificou-se que 40 sujeitos se declararam bissexuais ou homossexuais (6.9% da amostra total) distribuindo-se da seguinte maneira:

Na amostra de Lisboa, 15 bissexuais (6.6%, n= 228) e 1 homossexual (0.4%, n= 228); destes 9 (7.0%, n=129) são mulheres e 7 (7.0%, n=99) são homens.

No Algarve identificaram-se como bissexuais 14 pessoas (6.7%, n=209) e 4 como homossexuais (1.9%, n=209), sendo 16 mulheres (9.0%, n=177) e 2 homens (6.3%, n=32).

Em Trás-os-Montes identificaram-se como bissexuais 5 pessoas (3.5%, n=142) e 1 como homossexual (0.7%, n=142), sendo 5 mulheres (7.5%, n=67) e 1 homem (1.3%, n=75).

Dado que o objectivo geral deste trabalho é estudar a atracção física interpessoal heterossexual os participantes que não se declararam heterossexuais foram excluídos, pelo que a amostra, depois de retirados as pessoas que se descreveram como bissexuais ou homossexuais, fica constituída por 539 participantes.

Ainda que os objectivos deste trabalho não incluam o estudo destas duas situações, vamos apenas utilizar o artigo de revisão de Almeida e Carvalheira (2007) para comparar os dados obtidos.

Os resultados dos estudos nele trabalhados, se analisados em conjunto, são bastante inconclusivos por apontarem em direcções diversas e, por vezes, opostas, como no caso de Weinberg e colaboradores que indicam fluidez da sexualidade feminina e um trabalho de Diamond que conclui que esta é bastante estável no que respeita à atracção (Almeida & Carvalheira, 2007).

A noção de *fluidez da sexualidade* descrita como a tendência para mudanças na atracção, nos comportamentos e na identidade ao longo do tempo (Almeida & Carvalheira, 2007) leva a concluir que os resultados do estudo de Weinberg, acima referido, sugerem que as mulheres são mais propensas a variar a orientação sexual e, portanto a apresentarem frequências de bissexualidade e de homossexualidade superiores às dos homens.

No nosso estudo verificou-se que 8.0% (n=30) mulheres e 4.9% (n=10) homens se declararam bissexuais ou homossexuais, o que confirma aquela afirmação.

Contudo Brizendine (2006) afirma que o cérebro masculino tem o dobro da probabilidade de se desenvolver no sentido da atracção pelo mesmo sexo, do que o feminino e que as mulheres definem a preferência sexual de maneira mais progressiva do que os homens, sendo mais frequente nelas o interesse bissexual.

Em relação ao facto de uma investigação feita por Rust em 1993 (Almeida & Carvalheira, 2007) ter encontrado que 75% das mulheres que se haviam, num primeiro momento, identificado como lésbicas mudaram essa identificação ao longo do tempo, para bissexuais, não podemos fazer qualquer comparação, uma vez que o nosso trabalho não é longitudinal.

Mas contraditoriamente a isto, Diamond em 2000 (Almeida & Carvalheira, 2007) encontrou números bem mais pequenos, apenas um quarto das mulheres nesta situação, concluindo-se daí que as *coortes* mais tardias se apercebiam mais rapidamente de que as atracções por pessoas dos dois sexos correspondiam a uma identificação bissexual e não homossexual.

Os nossos dados mostram que em 22 mulheres não heterossexuais que estão nos dois primeiros escalões de idade, apenas 4 se consideram homossexuais, enquanto que as restantes 18 se identificam como bissexuais, o que pode considerar-se coerente com o resultado de Diamond.

A tabela 12 mostra a constituição das três sub-amostras, por sexo.

Tabela 12 – Distribuição da amostra por região e por sexo

Região	Sexo				Total
	Femino		Masculino		
	n	%	n	%	
Lisboa	120	56.6	92	43.4	212
Algarve	161	84.3	30	15.7	191
Trás-os-Montes	62	45.6	74	54.4	136
Total	343	63.6	196	36.4	539

Vemos que 63.6% (n=343) da amostra é do sexo feminino e 36.4% (n=196) do masculino.

Apenas em Trás-os-Montes se verifica maioria de homens (54.4%, n=74), enquanto no Algarve se encontra a maior percentagem de mulheres (84.3, n=161) e em Lisboa os números apresentam distribuição semelhante a Trás-os-Montes, com inversão entre homens e mulheres (56.6% de mulheres).

A tabela 13 mostra a distribuição da amostra por idade e sexo, verificando-se naturalmente sobrecarga nos dois escalões mais baixos de idades, 17-21 anos (50.2%, n=271) e 22-26 anos (27.8%, n=150) dado tratar-se de uma população de estudantes universitários.

Relativamente aos estabelecimentos de ensino que frequentam, há uma frequência determinante em três universidades, a Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) com 202 (37.5%), a Universidade do Algarve (UAlg) com 191 (35.4%) e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), com 136 (25.2%) estudantes, num total de 529.

Tabela 13 – Distribuição da amostra por idade e sexo

Idade	Sexo				Total	
	Fem.		Masc.		n	%
	n	%	n	%		
17-21 anos	185	34.3	86	16.0	271	50.2
22-26 anos	93	17.3	57	10.6	150	27.8
27-31 anos	22	4.1	13	2.4	35	6.5
32-36 anos	20	3.7	14	2.6	34	6.3
37-41 anos	13	2.4	9	1.7	22	4.1
42-46 anos	0	0.0	2	0.4	2	0.4
47-51 anos	7	1.3	5	0.9	12	2.2
52-56 anos	1	0.2	6	1.1	7	1.3
56 ou + anos	2	0.4	4	0.7	6	1.1
Total	343	63.6	196	36.4	539	100.0

Estas três definem as três regiões, sendo os restantes 10 estudantes de outros oito estabelecimentos de ensino universitário de Lisboa (Tabela 14).

Os participantes distribuem-se por 15 cursos (tabela 15) em que a licenciatura em Psicologia é o mais representado, com 329 pessoas (61,0% do total da amostra) que se dividem por Lisboa (81,6% da amostra de Lisboa, n=173) e pelo Algarve (81,7% da amostra do Algarve, n=156).

Tabela 14 – Distribuição da amostra por região e estabelecimento de ensino

Região	Estabelecimento de ensino	n	(%)
Lisboa	UAL	202	37.5
	Outros	10	1.9
Algarve	UAlg	191	35.4
Trás-os-Montes	UTAD	136	25.2
		(n= 539)	

Segue-se o curso superior de Educação Física e Desporto Escolar, da UTAD com 78 estudantes (57.4% da amostra daquela região).

Já com frequências mais baixas temos os cursos de Ciências da Educação e Formação, da UAlg, com 34 alunos (17.8%) e o de Reabilitação Psicomotora, da UTAD, com 33 (24.3%).

Do curso de Ciências do Desporto participaram 26 pessoas (4.8% da amostra total), sendo uma de Lisboa e 25 de Trás-os-Montes.

Segue-se o curso de Engenharia Informática com 10 estudantes (1.9% da amostra total) e os cursos de Direito e de Gestão com 9 cada um (1,7% da amostra total, cada), todos de Lisboa.

As restantes pessoas distribuem-se por cursos com frequências muito baixas.

Em relação à nacionalidade, 95% das pessoas (512) são portuguesas e as outras 5%, correspondentes a 27 pessoas, são maioritariamente brasileiras (1.9% da amostra total, n=10) distribuindo-se as restantes por outras dez nacionalidades (Tabela 16).

Não considerámos necessário excluir as pessoas de nacionalidade não portuguesa da amostra, uma vez que se sabe que “(...) the cultural factors had a stronger impact on rankings of character traits than they had on ranking of looks.” (Lippa, 2007, p. 206).

Tabela 15 – Distribuição da amostra por região e curso

Região	Curso	n	(%)
Lisboa	Psicologia	173	81.6
	Direito	9	4.2
	Engenharia informática	10	4.7
	Gestão	9	4.2
	Outros	11	5.2
		(n= 212)	
Algarve	Psicologia	156	81.7
	Ciências da Educação e Formação	34	17.8
	Outro	1	0.5
		(n= 191)	
Trás-os Montes	Educação Física e Desporto Escolar	78	57.4
	Reabilitação Psicomotora	33	24.3
	Ciências do Desporto	25	18.4
		(n= 136)	

Tabela 16 – Distribuição da amostra por nacionalidade

Nacionalidade	n	(%)
Portuguesa	512	95.0
Brasileira	10	1.9
Espanhola	3	0.6
Venezuelana	2	0.4
Alemã	2	0.4
Angolana	2	0.4
Cabo-verdiana	2	0.4
Francesa	2	0.4
Argentina	1	0.2
Guineense	1	0.2
Italiana	1	0.2
Moçambicana	1	0.2
	(n= 539)	

O ano curricular dos diferentes cursos que as pessoas da amostra frequentam apresenta uma distribuição pelas nove possibilidades disponíveis no questionário, em que os 3 primeiros anos de licenciatura aparecem claramente destacados. O segundo ano tem 198 pessoas (36.7% da amostra total), o primeiro 151 (28.0%) e o terceiro 110 (20.4%)

Depois temos o quarto ano com 65 pessoas apenas (12.1%), 3 no quinto ano e os restantes 12 são, um do programa Erasmus e os restantes de cursos de Pós-graduação (5), Mestrado (5) e Doutoramento (1), como mostra a tabela 17.

Tabela 17 – Distribuição da amostra por ano curricular

Ano curricular	n	(%)
1º	151	28.0
2º	198	36.7
3º	110	20.4
4º	65	12.1
5º	3	0.6
Pós Graduação	5	0.9
Mestrado	5	0.9
Doutoramento	1	0.2
Erasmus	1	0.2
	(n= 539)	

5.1.2.2 Instrumento

“Um questionário é um dos métodos de colheita de dados que necessita das respostas escritas (...)”
(Marie-Fabienne Fortin, *O processo de investigação*)

Utilizámos para recolher a informação deste trabalho um questionário de inquérito (De Ketele & Roegiers, s.d.) standardizado (Selltiz, Wrightsman & Cook, 1977) construído por nós, fugindo assim à concepção positivista apontada por Reto e Lopes (1980) redutora do conhecimento científico à utilização da experimentação.

Como vimos através dos estudos anteriores, o QAFISPUAL resulta do trabalho feito ao longo deles e foi completado especificamente para esta investigação, para poder responder a todos os objectivos propostos. A versão final encontra-se no anexo C.

Os estudos preliminares levados a cabo naquelas três primeiras investigações e o pré teste com a mesma população, permitem-nos avaliar a estrutura do questionário e a compreensibilidade dos itens. Pusemos todo o cuidado na redacção das perguntas a fim de evitar as operações de filtragem, não controladas, que a ambiguidade ou dificuldade de compreensão podem desencadear (Silva & Pinto, 1986).

O questionário divide-se em duas partes: perguntas relacionadas com as variáveis sócio-demográficas, clássicas, objectivas, de identificação (Ghiglione & Matalon, 1993) ou de caracterização que se encontram na capa e perguntas de conteúdo (Selltiz, Wrightsman & Cook, 1977).

O primeiro grupo compreende dois tipos de perguntas. Um constituído por duas questões fundamentais para os objectivos desta investigação, que são o sexo, variável determinante para os nossos objectivos e o estabelecimento de ensino que frequenta, enquanto indicador da região do país; o segundo é constituído pelas questões relacionadas com a idade, curso, nacionalidade e ano curricular que frequenta, que se destinam unicamente a caracterizar a amostra.

Nas perguntas 1 e 3 que têm a finalidade de apurar qual a característica física que as pessoas julgam mais atractiva no seu sexo e a que mais atrai as pessoas no outro sexo, não considerámos necessário ter a precaução referida por Donovan (2003) de operacionalizar o termo *atractivo* ou, neste caso, a palavra *atrai*. Por isso não distinguimos atracção estética, atracção sexual ou com a finalidade de ter

uma relação, isto é, não contextualizámos a situação da atracção em termos de atrair porque é belo, ou atrair porque se pretende ter uma relação com a pessoa.

Pensamos que com esta simplificação em nada prejudicámos a correcção de aplicação e não cometemos o erro salientado por Gonzales (2008), que consiste na deficiente explicitação do que se pretende.

A nossa decisão fundamenta-se nas palavras daquele mesmo autor, quando diz que se pode entender atracção e que frequentemente os investigadores o fazem, explicitamente como a dimensão estética do que é *atractivo*, dando-lhe por isso o significado de *beleza*. É neste sentido que o tomamos e a aplicação do questionário não motivou, no caso de Lisboa, uma única dúvida, quanto a este aspecto. Não tomámos conhecimento de que algo diferente tivesse ocorrido, deste ponto de vista, nas outras duas regiões.

Optámos por utilizar a lista do questionário do estudo 3, para as perguntas 1 e 3 por a considerarmos adequada aos nossos objectivos e equilibrada.

Aliás, comparando-a com os 21 itens da BPSS (Body Parts Satisfaction Scale) de Berscheid, Walster e Bohrnstedt, utilizada por Montoya (2007), embora não se possa fazê-lo directamente, dado o facto de a lista daqueles investigadores ser aplicável aos dois sexos e de a designação dos atributos físicos ser por vezes diferente, verificamos que 8 características da nossa lista das mulheres e 8 da dos homens estão contidas naquela.

Assim, as nádegas (buttocks), as pernas (legs), os olhos (eyes), o rosto (facial complexion) e as mãos (hands) estão presentes nas nossas duas listas, enquanto que na dos homens aparecem mais o tronco (chest), ser alto (height) e a compleição física (muscle development e muscle tone) e na das mulheres surgem

as ancas (hips), o pescoço (neck) e porte atlético (muscle development e muscle tone).

Por outro lado, dos 21 itens da BPSS, 16 estão na nossa lista dos modelos, representando nela 37 itens: Hips (2 itens na nossa lista), arms (2), hands (1), abdomen (1), muscle development e muscle tone (4), eyes (6), skin (4), legs (1), neck (1), buttocks (1), facial complexion (1), chest (5 sobre seios e 1 sobre tronco), height (2), weight (2), lips e teeth (3 sobre a boca).

Os nossos quinze atributos distribuem-se de maneira equilibrada pelas três áreas, nos dois sexos:

- Femininos: físicos (7) – ancas, cabelo, corpo, pernas, pescoço, porte atlético e umbigo; sexuais (3) – rabo, seios e sexo; expressivos (5) – boca, mãos, olhos, rosto e sorriso;
- Masculinos: físicos (7) – cabelo, compleição física, peito, pernas, nádegas, ser alto e tronco; sexuais (3) – pelos no peito, pénis e pilosidades; expressivos (5) – boca, mãos, olhos, rosto e sorriso.

Foram acrescentadas as perguntas necessárias para a obtenção dos dados relativos aos objectivos 5, 6, 7, 8 e 9.

No grupo das perguntas de conteúdo existem duas, perguntas 1 e 3, destinadas a recolher a informação relativa aos quatro primeiros objectivos específicos (expectativas, realidades de preferência, consistência entre elas e consistência entre os dados deste trabalho, os da investigação de Lavrakas e os dos nossos estudos 1 e 3); a pergunta 2 destina-se a obter a informação necessária para atingir o quinto objectivo (construir os modelos de homem e de mulher fisicamente atractivos, de acordo com os homens e com as mulheres da amostra) e parcialmente para o sexto (verificar se os itens de preferência indicados se

enquadram nesse modelo); a pergunta 4 dá-nos outra resposta necessária ao sexto objectivo; em caso de a resposta ter sido negativa, a pergunta 5 desempenha o mesmo papel em relação ao mesmo objectivo (verificar se os itens de preferência indicados se enquadram no estereótipo); a pergunta 6 tem a finalidade de responder ao objectivo 7 (verificar se o sujeito se considera incluído no modelo de beleza física que construiu anteriormente); a pergunta 7 destina-se a saber a orientação sexual dos respondentes, para se poder apurar apenas os resultados dos que se declarem heterossexuais cumprindo assim o objectivo geral da investigação; finalmente a pergunta 8 é respondida apenas pelos elementos da amostra que declarem ter companheiro (marido/esposa, pessoa com quem vive em união de facto ou namorado/a) e destina-se a recolher a informação necessária ao objectivo 8 (percepção de que o companheiro está incluído no modelo de beleza do sexo oposto construído pelo sujeito).

O cruzamento da variável de classificação *Estabelecimento de ensino que frequenta*, que nos indica a região geográfica da universidade do respondente, com qualquer das perguntas temáticas permite responder ao objectivo 9.

5.1.2.3 Procedimento

“O processo de investigação pode ser considerado uma atividade [sic] contínua para tentar assimilar novas observações aos conceitos e expectativas existentes.”
(Ray Hyman, *Natureza da investigação psicológica*)

Com os estudos anteriores construímos o questionário do estudo 3 de que utilizámos as listas de itens de atracção física para homens e para mulheres, neste estudo (perguntas 1 e 3).

As perguntas 4, 5, 6, 7 e 8 foram redigidas e posteriormente testadas no pré teste do questionário.

A pergunta 2, por envolver uma lista de itens de atracção física, levou-nos a um procedimento diferente, uma vez que o objectivo era encontrar uma lista que fornecesse itens considerados importantes, do ponto de vista de atracção física, pelos participantes a quem se aplicasse posteriormente o questionário.

Para isso utilizámos uma amostra.

A experiência de 23 anos de ensino universitário levou-nos a admitir que a relação entre homens e mulheres na futura aplicação do questionário e nas condições em que seria feita (amostra de conveniência em turmas de estudantes universitários maioritariamente de Psicologia) poderia rondar 30-40% de homens e 60-70% de mulheres; da mesma maneira admitimos que os escalões de idades até aos 26 anos tivessem frequência muito maior do que os restantes, apontando para 65 a 75%.

Por estas razões utilizámos uma amostra de conveniência, intencional ou selectiva (Soriano, 2004) com 38 indivíduos, em que seleccionámos as pessoas com base em duas quotas (Fortin, 2003; Ghiglione & Matalon, 1993; Gil, 1994; Hill & Hill, 2002; Seltiz, Wrightsman & Cook, 1977), o sexo e a idade.

Perguntávamos inicialmente a idade, para podermos avaliar se ela se enquadrava na quota e evitar as chamadas bichas de inquérito devidas à dificuldade que por vezes ocorre nas amostras deste tipo, de encontrar as pessoas que se enquadrem nas quotas e principalmente numa combinação delas.

As entrevistas foram feitas em Lisboa e os participantes eram estudantes ou ex-estudantes universitários, em que vinte e quatro são do sexo feminino (63.3%) e catorze do masculino (36.7%), tendo 11 homens e 17 mulheres (73.7% da

amostra) até 26 anos e 3 homens e 7 mulheres (26.3% da amostra) mais de 26 anos.

Quanto ao procedimento seguido:

Optámos por recolher este material através de entrevista individual, por considerarmos que a tarefa das pessoas envolvia um tema íntimo que podia causar dificuldades em caso de existirem dúvidas, ou constrangimento se as quisessem esclarecer publicamente e que este procedimento é susceptível de melhorar o desempenho, por aumentar a reactividade do respondente (Alferes, 1997).

De facto verificou-se que foi uma decisão acertada, porque, tratando-se de dar respostas abertas, as pessoas têm necessidade de interagir com o investigador, para se certificarem do que ele pretende ou para solicitarem re-orientação do raciocínio, evitando-se assim eliminação posterior de respostas, o que, apesar deste cuidado, nem sempre foi possível.

Outra razão foi que, estando presentes e em situação de entrevista face a face, podemos corrigir o processo da resposta, quando ela está por alguma razão a afastar-se do objectivo e nos é possível tomar conhecimento disso, sem provocar qualquer constrangimento ao sujeito devido à presença de outras pessoas. Algumas situações vieram a confirmar a nossa perspectiva.

Nalguns casos, como acontece com respostas abertas, elas são mais elaboradas e desenvolvidas, entrando por descrições alongadas, embora depois a análise de conteúdo mostre que se referem a uma característica que outras pessoas indicaram através de uma ou duas palavras.

Optámos por solicitar respostas escritas devido ao facto de considerarmos que alguns itens da beleza poderiam constranger os entrevistados se tivessem que os declarar de viva voz. A análise das respostas deu mais força e justificou esta

precaução, devido a alguns comentários ou justificações da indicação feita que foram recebidas, pois que “(...) uma grande parte das informações provém não de ‘respostas’, mas de declarações espontâneas (...)” (Touraine, 2007, p.25).

A duração das entrevistas foi de aproximadamente 15 a 20 minutos, embora poucas tenham ultrapassado este tempo, indo a mais longa até cerca de 50 minutos.

Era dada a explicação do que se pretendia, solicitávamos que escrevessem o seu sexo e idade no alto da folha de papel que não continha qualquer identificação e depois pedíamos que respondessem a uma pergunta aberta e feita de modo livre, ainda que sujeita ao modelo seguinte: “Indique por favor as características físicas que compõem o seu modelo de homem fisicamente belo e outras para o seu modelo de mulher fisicamente bela.”

Pensamos que este modelo de pergunta não foi o melhor, pois se tivéssemos solicitado a indicação de, por exemplo, 5 características, teríamos obtido mais informação (em princípio 190 respostas, neste caso). Acreditamos que tal como a fizemos, se sentiriam à vontade para indicarem todas as que quisessem, o que naturalmente aconteceu por não se ver razão contrária. Mas sobrestimámos os limites que usariam, que admitimos poderem ser muito mais largos do que os que se auto-impuseram, uma vez que deram geralmente duas ou três respostas, embora alguns tenham dado apenas uma e outros quatro ou cinco.

Verificou-se que à medida que íamos progredindo no processo, porque incentivávamos as pessoas a indicarem tudo o que achavam fazer parte do modelo, elas deram realmente respostas com mais itens, mas nunca acima de 5 e este caso já foi raro.

Pensamos igualmente que, se tivéssemos feito a pergunta por escrito, se poderia ter evitado algumas das respostas fora da tarefa pedida, por as pessoas poderem relê-la, se sentissem dúvidas. Contudo e estando nós presentes em todo o tempo da entrevista, isto pode não ter sido importante, uma vez que podiam ter colocado as dúvidas que tinham. O facto de o não terem feito, aponta para que compreenderam mal a pergunta, mas não sentiram qualquer dúvida e assumiram que a tinham compreendido bem.

Era dada às pessoas a possibilidade de colocarem as respostas dentro de um envelope em que se encontravam as anteriores, para que o investigador não pudesse identificar de quem era cada uma delas, mas a maioria das pessoas preferiu entregar em mão e até, nalguns casos, pedir ao investigador para verificar se estava cumprido o objectivo ou se seria preciso corrigir alguma coisa, devido a deficiente compreensão da tarefa pedida.

Houve necessidade de algumas correcções, o que melhorou o número de respostas válidas, mas se solicitadas a indicarem mais características, as pessoas recusavam e apenas em 3 ou 4 casos o fizeram.

De entre as respostas dos participantes que optaram por as colocar no envelope sem que as pudéssemos ver, houve que eliminar algumas características indicadas, por não corresponderem ao que se tinha solicitado.

A categorização foi feita com base nas cinco categorias que sete dos participantes da amostra utilizaram, ainda que com algumas diferenças de um caso para outro e que se ajustavam às usadas por Lavrakas (1975). Este investigador usou a cabeça, os braços, parte superior do tronco (ombros, peito), parte inferior do tronco (cintura, ancas) e pernas, com que montou os seus estímulos visuais.

Nós utilizámos cabeça/rosto, parte superior do tronco/braços, parte inferior do tronco/genitália, pernas e aspecto geral

Assim, ficaram compreendidos em cada categoria os seguintes itens:

- Cabeça/rosto: Boca bonita, grande e pequena; cabelo castanho, encarapinhado, liso, louro, ondulado e preto; nariz bonito; olhos azuis, castanhos, grandes, pequenos, pretos e verdes; queixo bonito e rosto bonito.
- Tronco/braços: braços finos e roliços; mãos bonitas; musculatura dos braços; pescoço bonito; musculatura do tronco; pelos no peito; seios descaídos, empinados, grandes, médios e pequenos; tronco em “V”.
- Parte inferior do tronco/genitália: ancas estreitas e redondas; musculatura abdominal; pénis grande e pequeno; rabo bonito; vulva bonita, não depilada, parcialmente depilada e totalmente depilada.
- Pernas: musculatura das pernas e pernas bonitas.
- Aspecto geral: cintura fina; corpo bonito; musculatura geral; pele branca, morena, mulata e negra; pelos no corpo; ser alto, baixo, gordo e magro.

Recebemos 90 indicações válidas que foram categorizadas seguindo o processo preconizado por Bardin (1988) para a análise de respostas a perguntas abertas, verificando a qual das categorias pertencia cada uma das indicações.

As pessoas elaboravam as respostas, não se limitando a indicar a característica física, mas dando uma pequena explicação para a sua indicação, fazendo-o umas vezes por escrito e outras oralmente (caso das entrevistas mais longas), por vezes no momento da entrega da resposta, o que ajudou a constituir as categorias.

Exemplos de comentários que foram feitos oralmente, ou nas respostas escritas dos participantes e que de alguma maneira apontam para que algumas pessoas

parecem ter representado mentalmente o modelo de beleza com base em alguém de que destacam uma particularidade ou duas, ou imaginado o modelo com base numa ou duas características que consideraram determinantes (texto aproximado do que foi dito ou escrito, mas não transcrição exacta):

- O cabelo ajuda muito à beleza em geral, porque, principalmente nas mulheres marca muito o conjunto (sujeito feminino).
- As mamas são o que são e valem por si, independentemente do tamanho... é mais o feitio e são o principal (participantes masculinos).
- A pele é fundamental, porque ela é que recebe e dá o contacto e vê-se logo, é a primeira coisa que vemos (participantes femininos e masculinos).
- O corpo é afinal tudo, porque é ele que nós vemos e apreciamos... claro que o resto também, mas o corpo é o principal (participantes femininos e masculinos).
- Um homem, e uma mulher também, mas um homem musculado... é um passo de gigante para agradar (sujeitos femininos e masculinos).

Foi ainda através das entrevistas que concluímos que as pessoas atribuem ao rabo uma conotação sexual nas mulheres, e física nos homens, porque diversos homens e mulheres o referiram no decurso delas.

As respostas eliminadas não satisfaziam o objectivo proposto, como por exemplo (texto aproximado, mas não exacto, do que foi escrito):

- O meu modelo de mulher é uma mulher submissa e quente (seguida de elaboração acerca destes dois pontos).
- O homem modelo para mim é o que assume as suas responsabilidades e participa comigo na vida total (seguida de elaboração acerca deste tema).

Não se verificaram hesitações significativas, tendo mesmo sido bastante poucas as rasuras efectuadas pelos respondentes, para além das provocadas pela re-

orientação da tarefa inicialmente não bem compreendida, o que sugere que sabiam com alguma clareza aquilo que realmente acham bonito, mas que nos parece que se não nos tivéssemos decidido por este tipo de entrevistas, dificilmente aconteceria.

A insistência da maioria em não acrescentar itens à lista, quando solicitaram que víssemos as respostas antes de as entregarem, aponta no mesmo sentido.

A lista definitiva que consta do questionário é constituída por 55 itens, sendo 35 comuns aos dois sexos e 10 específicos de cada um, dispondo portanto cada um deles de 45 elementos de avaliação.

As características físicas indicadas especificamente para as mulheres são: ancas redondas, os cinco itens relativos aos seios e os quatro relativos à vulva.

Os itens indicados exclusivamente para os homens são: as cinco características relativas à musculatura, as duas relativas à pilosidade, as duas relacionadas com o pénis e a relativa ao tronco em “V”.

É interessante verificar que as respostas das pessoas desta amostra reflectem as valorizações acrescidas dadas aos aspectos sexuais da mulher e aos aspectos físicos do homem. Assim, verificamos que os 45 itens de cada sexo se distribuem pelas três categorias de atracção física que vimos a considerar, da seguinte maneira:

I. Nos Homens:

- 30 itens Físicos: ancas estreitas, braços finos, roliços, cabelo castanho, encarapinhado, liso, louro, ondulado, preto, cintura fina, corpo bonito, musculatura abdominal, dos braços, geral, das pernas, do tronco, nariz bonito, pele branca, morena, mulata, negra, pernas bonitas, pescoço bonito, queixo bonito, rabo bonito, ser alto, ser baixo, ser gordo, ser magro, tronco em “V”;

- 11 itens Expressivos: boca bonita, grande, pequena, mãos bonitas, olhos azuis, castanhos, grandes, pequenos, pretos, verdes, rosto bonito;

- e 4 itens Sexuais: pelos no corpo, no peito, pénis grande, pequeno.

II. Nas Mulheres:

- 24 itens Físicos: ancas estreitas, redondas, braços finos, roliços, cabelo castanho, encarapinhado, liso, louro, ondulado, preto, cintura fina, corpo bonito, nariz bonito, pele branca, morena, mulata, negra, pernas bonitas, pescoço bonito, queixo bonito, ser alto, ser baixo, ser gordo, ser magro;

- 11 itens Expressivos: boca bonita, grande, pequena, mãos bonitas, olhos azuis, castanhos, grandes, pequenos, pretos, verdes, rosto bonito;

- e 10 itens Sexuais: rabo bonito, seios descaídos, empinados, grandes, médios, pequenos, vulva bonita, não depilada, parcialmente depilada, totalmente depilada.

Uma vez construído o questionário, foi feito um pré teste (Ghiglione & Matalon, 1993; Gil, 1994; Hill & Hill, 2002). Se seguirmos a abordagem do pré teste de um questionário preconizada por Ghiglione e Matalon (1993), a primeira fase, isto é a aplicação experimental do instrumento, foi feita a 37 estudantes universitários de ambos os sexos, na UAL. Este número ultrapassa o recomendado, de 10 a 20 (Gil, 1994) e aproxima-se do sugerido por Ghiglione e Matalon (1993) para a segunda aplicação experimental porque quisemos obter uma boa garantia de que o questionário estava bem elaborado no que respeita a: “a) clareza e precisão dos termos, b) forma das questões, c) desmembramento das questões, d) ordem das questões e e) introdução do questionário” (Gil, 1994, p. 133).

Para além disso, esta fase permitiu-nos igualmente verificar o nível de recusas, que não ocorreram, perceber como as pessoas reagiam ao questionário e se a

ordem pela qual as perguntas eram feitas lhes colocava alguma dificuldade (Ghiglione & Matalon, 1993).

Dezassete dos participantes eram do sexo masculino (45.9%) e vinte (54.1%) do sexo feminino. Vinte e cinco (67.5%) tinham idade até aos vinte e seis anos e os restantes doze (32.4%) tinham idade dos vinte e oito aos quarenta e oito anos.

Não houve dúvidas na interpretação das perguntas nem quanto à maneira de responder, pelo que a forma testada foi a que se aplicou posteriormente na recolha dos dados.

A segunda fase do pré teste, sugerida por Ghiglione e Matalon (1993) foi trabalhada com o estatístico, logo após a aplicação preliminar do questionário, de maneira a prevermos “(...) até ao pormenor todas as operações a efectuar com as respostas, depois de estas terem sido recolhidas” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 174).

Relativamente ao procedimento na aplicação dos questionários do estudo 4, os questionários do Algarve e de Trás-os-Montes foram aplicados por colegas das respectivas universidades que se disponibilizaram para nos auxiliarem nesta tarefa.

Em Lisboa a aplicação foi feita em sala de aulas, na quase totalidade dos casos, tendo cerca de quatro dezenas de questionários sido aplicados por colegas que, numa situação de impossibilidade nossa, se disponibilizaram para o fazer.

A aplicação fez-se no decorrer de sessões de trabalho curricular com os alunos, tendo a duração média ficado aquém dos quinze minutos.

Ainda em Lisboa houve cerca de duas dezenas de questionários que foram aplicadas por estudantes que se ofereceram para o fazer. Nestes casos, as respostas foram dadas em situações diferentes, fora da sala de aula.

A auto-aplicação em conjunto facilitou a garantia da eliminação do desconforto possivelmente causado por algumas perguntas, uma vez que a recolha dos questionários, depois de respondidos, era feita com a sua colocação pelos alunos numa pilha única que depois era entregue ao docente, o que tornava impossível identificar o sujeito que respondeu a cada um deles.

No caso dos poucos que foram aplicados fora de sala de aula, a auto-aplicação foi igualmente preservada e a recolha feita por introdução em envelope que era depois fechado, salvaguardando assim a identidade dos respondentes.

Foi esclarecido que o envelope individual em que introduziam as respostas e que fechavam antes de entregar, só seria aberto quando tivéssemos obtido todas as respostas de que necessitávamos, de maneira a não podermos identificar as respostas de cada pessoa. Para além deste procedimento não nos ocorreu qualquer outro que pudesse dar melhor garantia de privacidade, nesta fase do processo.

As aplicações asseguraram portanto o preenchimento individual e garantiram o cumprimento dos princípios éticos (Berg, 1998) de preservação de quem responde ao questionário, em termos de desconforto, físico e mental e de ofensas que a investigação possa causar (“Ethical Principles”, 1982; Selltiz, Wrightsman & Cook, 1977; Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, s.d.).

Neste estudo, por alguns objectivos implicarem verificação de associação entre duas medidas (sexo) de uma amostra e a homogeneidade entre três amostras (regiões) numa medida utilizou-se o programa SPSS para tratamento estatístico.

Foram feitos testes de Qui² de independência, ou de associação, para testar se há associação entre as respostas e o sexo das pessoas da amostra e testes de Qui² de homogeneidade para testar se há homogeneidade nas respostas dos participantes, por região (Marascuilo & Serlin, 1988; Rice, 2006).

Quando os testes de Qui² de homogeneidade foram significativos, usámos os valores dos resíduos ajustados (igual ou superior a +1.96, ou igual ou inferior a -1.96) para detectar os elementos responsáveis pela heterogeneidade.

Fazemos a análise dos resultados considerando fundamentalmente os que são iguais ou superiores a 10%, como nos estudos anteriores.

Por isso acontece com alguma frequência que os testes de Qui² e os resíduos ajustados perdem relevância por se referirem a itens abaixo deste valor.

Sendo o objectivo geral desta investigação descrever a atracção física entre estudantes universitários heterossexuais, analisamos os resultados acima de 10% mesmo quando algumas diferenças percentuais não se revelaram estatisticamente significativas, ainda que estejamos conscientes de que, nesses casos, o significado pode dever-se a flutuações amostrais.

Garantindo com a fundamentação teórica a validade hermenêutica e com os procedimentos atrás descritos a validade pragmática, procurámos com estas análises suplementares aumentar a validade semântica dos dados (Anguera et al., s.d.).

Para a análise da pergunta 2 foi estudado o agrupamento por *clusters* das respostas das seis categorias de participantes (homens e mulheres das três regiões) de modo a podermos compreender como se organizam essas respostas em conformidade com o sexo e a região.

5.1.3 Apresentação dos Resultados

“A análise de dados pode ser comparada
ao processo de digestão.”
(Ray Hyman, *Natureza da investigação psicológica*)

a. Expectativas femininas e escolhas masculinas

As expectativas femininas e as escolhas masculinas encontram-se na tabela 18.

Existe uma associação estatisticamente significativa entre respostas e sexo para o conjunto dos participantes ($X^2 = 33.584$, $gl = 14$, $p = .002$) para o que contribuem principalmente as respostas das mulheres a indicarem mais o corpo e menos a boca e as dos homens a escolherem mais a boca e menos o corpo.

A boca contudo não é uma característica física relevante para o nosso estudo, uma vez que as indicações que recebeu ficam muito abaixo dos 10%.

A característica corpo surge assim, nas expectativas das mulheres, com uma percentagem três vezes superior aos segundo e terceiro itens (rabo e seios), que são sexuais.

Sendo o corpo um elemento de beleza geral, compreende-se esta indicação maioritária porque ele materializa uma imagem de saúde geral, dando também a ideia de que a expectativa da mulher é ser atractiva no geral, não particularizando qualquer parte do corpo especificamente.

Os dois elementos seguintes, rabo e seios, são partes do corpo que, no senso comum e na tradição (Lavrakas, 1975) são tidos como apreciados pelos homens, o que indica que a mulher se apercebe do que aqueles valorizam, ainda que no caso do primeiro isso não aconteça (8.2%, $n=16$).

Com indicações iguais ou superiores a 10% não há mais itens, surgindo os dois seguintes, da área expressiva, ainda com resultado assinalável, os olhos/olhar e o rosto, mas com menos de 9%.

O cabelo e o pescoço, com 0.3% cada um, e o umbigo com 0.6% são os elementos menos indicados pelas mulheres

Quanto às escolhas masculinas, aparecem quatro itens destacados, sendo um físico, o corpo, também aqui o mais indicado, com perto do dobro das escolhas dos três seguintes; um sexual, os seios e dois expressivos, o rosto e os olhos/olhar.

Tabela 18 – Expectativas femininas (o que pensam ser atractivo em si) e escolhas masculinas (o que acham atractivo nas mulheres)

	Expectativas		Escolhas	
	n	%	n	(%)
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	7	2.0	7	3.6
Boca (lábios, dentes, conjunto)	5	1.5	11	5.6
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	1	0.3	2	1.0
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	1 142	41.4	47	24.0
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	3	0.9	4	2.0
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	30	8.7	24	12.2
Pernas (forma, proporções, elegância)	8	2.3	5	2.6
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	1	0.3	0	0.0
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	6	1.7	3	1.5
Rabo	45	13.1	16	8.2
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	29	8.5	27	13.8
Seios (volume, forma, sustentação)	44	12.8	29	14.8
Sexo (vulva, púbis)	9	2.6	9	4.6
Sorriso	11	3.2	9	4.6
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	2	0.6	3	1.5
Total	(343)	100.0	(196)	100.0

O item menos escolhido foi o pescoço, que não obteve qualquer indicação, seguido do cabelo com apenas 1.0% (n=2) e do umbigo e do porte atlético um pouco acima (1.5%, n=3).

A tabela 19 apresenta os resultados das expectativas femininas por região.

Verificamos que dois itens, corpo e rabo, são partilhados pelas três regiões, nos dois primeiros lugares das expectativas das mulheres, não havendo outras consistências entre todas elas.

Tabela 19 – Expectativas femininas (o que pensam ser atractivo em si), por região

	Região					
	Lisboa		Algarve		T.-os-Montes	
	n	%	n	%	n	%
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	2	1.7	4	2.5	1	1.6
Boca (lábios, dentes, conjunto)	2	1.7	3	1.9	0	0.0
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	0	0.0	0	0.0	1	1.6
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	41	34.2	70	43.5	31	50.0
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	2	1.7	1	0.6	0	0.0
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	12	10.0	1	6.8	7	11.3
Pernas (forma, proporções, elegância)	4	3.3	4	2.5	0	0.0
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	0	0.0	1	0.6	0	0.0
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	2	1.7	4	2.5	0	0.0
Rabo	16	13.3	19	11.8	10	16.1
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	12	10.0	15	9.3	2	3.2
Seios (volume, forma, sustentação)	22	18.3	18	11.2	4	6.5
Sexo (vulva, púbis)	1	0.8	5	3.1	3	4.8
Sorriso	4	3.3	5	3.1	2	3.2
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	0	0.0	1	0.6	1	1.6
Total	(120)	100.0	(161)	100.0	(62)	100.0

Não existe qualquer elemento que não tenha sido indicado nas três regiões, havendo dois, o cabelo e o pescoço, que foram ignorados em duas (Lisboa e Algarve e Lisboa e Trás-os-Montes, respectivamente), mas indicados numa, ainda que com resultados muito baixos (1.6% de indicações do item “cabelo” em Trás-os-Montes (n=1) e 0.6% de indicações do item “pescoço” no Algarve (n=1).

Na tabela 20 apresentam-se os resultados das escolhas dos homens, igualmente por região.

Vemos que apenas um elemento, o corpo, é considerado pelos homens das três regiões como sendo um item de preferência nas mulheres, ficando em primeiro lugar em todas elas.

Analisando por sexo, verificamos que não existe homogeneidade nas respostas dos homens por região ($X^2 = 50.051$, $gl = 26$, $p = .003$).

Tabela 20 – Escolhas dos homens (o que acham atractivo nas mulheres), por região

	Região					
	Lisboa		Algarve		T.-os-Montes	
	n	%	n	%	n	%
Ancas (config. arredondada destacando-se do corpo)	6	6.5	1	3.3	0	0.0
Boca (lábios, dentes, conjunto)	6	6.5	3	10.0	2	2.7
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	0	0.0	2	6.7	0	0.0
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	17	18.5	7	23.3	23	31.1
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	2	2.2	1	3.3	1	1.4
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	16	17.4	3	10.0	5	6.8
Pernas (forma, proporções, elegância)	5	5.4	0	0.0	0	0.0
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	0	0.0	0	0.0	0	0.0
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	1	1.1	1	3.3	1	1.4
Rabo	8	8.7	1	3.3	7	9.5
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	5	5.4	6	20.0	16	21.6
Seios (volume, forma, sustentação)	16	17.4	2	6.7	11	14.9
Sexo (vulva, púbis)	4	4.3	2	6.7	3	4.1
Sorriso	6	6.5	1	3.3	2	2.7
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	0	0.0	0	0.0	3	4.1
Total	(92)	100.0	(30)	100.0	(74)	100.0

Os homens da amostra de Lisboa escolheram mais os itens ancas, olhos e pernas e menos o rosto, enquanto que os da amostra de Trás-os-Montes escolheram mais o rosto e menos as ancas.

Vê-se pois uma oposição de indicações entre Lisboa e Trás-os-Montes.

As ancas, o cabelo e as pernas não são relevantes para o estudo, dado que colheram percentagens muito abaixo dos 10%.

Os seios, as pernas e os olhos são as características predominantemente assinaladas pelos participantes da amostra de Lisboa, tendo a primeira e a terceira o resultado mais baixo no Algarve e a segunda em Trás-os-Montes; a característica corpo, foi a que recebeu mais escolhas na amostra do Algarve e menos na de Lisboa e o item umbigo recolheu mais na amostra de Trás-os-Montes e menos na de Lisboa.

As características pernas e umbigo porém, não são relevantes para o estudo por terem colhido resultados muito abaixo dos 10%.

Os dois outros itens que receberam indicação dos homens acima dos 10%, a boca e o rosto, não contribuem preponderantemente para aquela heterogeneidade.

b. Expectativas masculinas e escolhas femininas

A tabela 21 mostra os resultados que o questionário forneceu, quanto às expectativas dos homens e escolhas das mulheres.

Existe associação entre respostas e o sexo, para a totalidade dos participantes ($X^2 = 76.092$, $gl = 14$, $p = .000$) para o que contribuem principalmente as respostas dos homens indicando expectativas mais fortes nos itens compleição física, nádegas e pênis e das mulheres nos itens olhos e mãos.

Os itens nádegas, pênis e mãos têm indicações muito inferiores a 10% pelo que não são relevantes para o estudo.

As cinco expectativas mais apontadas dividem-se em duas categorias. Uma, constituída pela compleição física (35.2%, $n=69$) e pelo tronco musculoso e em “V” (10.2%, $n=20$) insere-se claramente no padrão mais físico. Mas a outra, em que se enquadram os olhos, o rosto e o sorriso (10.7%, $n=21$, cada um), está mais claramente ligada ao padrão menos físico e mais expressivo habitualmente indicado pelas mulheres.

Os itens menos indicados pelos homens são o cabelo, as pernas e as pilosidades que não tiveram qualquer indicação, ficando os pelos no peito, juntamente com as mãos, logo a seguir, com apenas 0.5% ($n=1$).

Estes dados sugerem uma desvalorização quase total da pilosidade corporal, como símbolo de atracção masculina, na expectativa dos homens.

Tabela 21 – Expectativas masculinas (o que pensam ser atractivo em si) e escolhas femininas (o que acham atractivo nos homens)

	Expectativas Masc.		Escolhas Fem.	
	n	%	n	%
Boca (lábios, dentes, conjunto)	9	4.6	19	5.5
Cabelo (textura, cor, etc.)	0	0.0	3	0.9
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	69	35.2	53	15.5
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	1	0.5	14	4.1
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	12	6.1	4	1.2
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	21	10.7	104	30.3
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	6	3.1	11	3.2
Pelos no peito	1	0.5	1	0.3
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	11	5.6	5	1.5
Pernas (forma, proporções, musculatura)	0	0.0	4	1.2
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	0	0.0	1	0.3
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	21	10.7	44	12.8
Ser alto	4	2.0	4	1.2
Sorriso	21	10.7	54	15.7
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	20	10.2	22	6.4
Total	(196)	100.0	(343)	100.0

As escolhas femininas seguem o mesmo padrão, com três indicações em itens expressivos (olhos, sorriso e rosto) e a compleição física, da categoria dos itens mais físicos.

Não existe qualquer item sem escolha feminina, tendo as indicações das mulheres sido mais dispersas do que as dos homens que se concentraram em apenas 12 dos 15 itens da lista.

Também as escolhas das mulheres apontam para a desvalorização da pilosidade masculina, como elemento de atracção física, tendo sido os dois itens referentes a este aspecto, os que se classificaram mais em baixo, com apenas 0.3% (n= 1) cada um.

Os resultados do estudo das expectativas dos homens, por região, são apresentados na tabela 22.

Não há homogeneidade das respostas por região ($X^2 = 48.093$, $gl = 28$, $p = .010$).

É em Lisboa que se regista a maior concentração de indicações, em apenas dois itens destacados com mais de 10% (compleição física e olhos), sendo que a compleição física, que foi indicada em primeiro lugar, é partilhada e claramente ultrapassada pelas outras duas regiões e os olhos não têm expressão marcada nestas.

Em Lisboa, os dois elementos seguintes, o pénis e o sorriso, obtêm 9.8% ($n=9$).

Tabela 22 – Expectativas masculinas (o que pensam ser atractivo em si), por região

	Região					
	Lisboa		Algarve		T.-os-M.	
	n	%	n	%	n	%
Boca (lábios, dentes, conjunto)	6	6.5	3	10.0	0	0.0
Cabelo (textura, cor, etc.)	0	0.0	0	0.0	0	0.0
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	27	29.3	13	43.3	29	39.2
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	0	0.0	0	0.0	1	1.4
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	6	6.5	0	0.0	6	8.1
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	14	15.2	1	3.3	6	8.1
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	3	3.3	1	3.3	2	2.7
Pelos no peito	0	0.0	0	0.0	1	1.4
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	9	9.8	1	3.3	1	1.4
Pernas (forma, proporções, musculatura)	0	0.0	0	0.0	0	0.0
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	0	0.0	0	0.0	0	0.0
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	8	8.7	2	6.7	11	14.9
Ser alto	2	2.2	1	3.3	1	1.4
Sorriso	9	9.8	5	16.7	7	9.5
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	8	8.7	3	10.0	9	12.2
Total	(92)	100.0	(30)	100.0	0	(74)100.

Na região sul, destacam-se três outros elementos, para além da compleição física, o sorriso com 5 indicações (16.7%) e a boca e o tronco com 3 (10.0%).

A amostra de Trás-os-Montes, para além da compleição física (39.2%, $n=29$), destaca mais dois itens, o rosto (14.9%, $n=11$) e o tronco (12.2%, $n=9$).

Os homens na amostra do Algarve não indicaram seis itens da lista (cabelo, mãos, nádegas, pelos no peito, pernas e pilosidades), concentrando assim as suas expectativas em nove itens, sendo que o cabelo, as pernas e as pilosidades foram rejeitados pelos das três regiões.

Os de Lisboa rejeitaram cinco itens incluindo as mãos e os pelos no peito e os de Trás-os-Montes rejeitaram quatro, incluindo a boca que em Lisboa teve 6.5% e os já referidos 10.0% no Algarve.

Para além destes itens sem resposta, os menos indicados pelos homens, nas suas expectativas foram, em Trás-os-Montes as mãos, os pelos no peito, o pénis e ser alto, com apenas 1.4% (n=1); em Lisboa, ser alto recebeu apenas 2 indicações (2.2%) e no Algarve os olhos, o peito musculoso, o pénis e ser alto receberam 1 indicação (3.3%).

A tabela 23 mostra os resultados das escolhas femininas, por região.

Verifica-se que há homogeneidade nas respostas por região.

Quatro elementos foram destacados pelas três regiões: a compleição física, os olhos, rosto e o sorriso.

Os olhos são o primeiro item nas três regiões.

Para além destes elementos destacados temos, já abaixo dos 10%, em Trás-os-Montes e no Algarve o tronco (9.7%, n=6 e 8.1%, n=13, respectivamente), que em Lisboa foi assinalado por apenas 3 (2.5%).

No extremo oposto vemos que em Trás-os-Montes as mulheres rejeitaram seis itens (pelos no peito, pénis, pernas, pilosidade corporal, nádegas e ser alto); em Lisboa não fizeram qualquer indicação dos pelos no peito e da pilosidade corporal e no Algarve não indicaram o cabelo.

Tabela 23 – Escolhas femininas (o que acham atractivo nos homens), por região

	Lisboa		Região Algarve		T.-os-Montes	
	n	%	n	%	n	%
Boca (lábios, dentes, conjunto)	7	5.8	11	6.8	1	1.6
Cabelo (textura, cor, etc.)	2	1.7	0	0.0	1	1.6
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	14	11.7	25	15.5	14	22.6
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	3	2.5	10	6.2	1	1.6
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	2	1.7	2	1.2	0	0.0
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	43	35.8	46	28.6	15	24.2
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	4	3.3	5	3.1	2	3.2
Pelos no peito	0	0.0	1	0.6	0	0.0
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	2	1.7	3	1.9	0	0.0
Pernas (forma, proporções, musculatura)	2	1.7	2	1.2	0	0.0
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	0	0.0	1	0.6	0	0.0
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	15	12.5	21	13.0	8	12.9
Ser alto	3	2.5	1	0.6	0	0.0
Sorriso	20	16.7	20	12.4	14	22.6
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	3	2.5	13	8.1	6	9.7
Total	(120)	100.0	(161)	100.0	(62)	100.0

Com resultados muito baixos e logo a seguir a estes elementos, encontram-se como menos escolhidos, em Lisboa o cabelo, o pénis, as pernas e as nádegas com 2 escolhas (1.7%); no Algarve os pelos no peito, as pilosidades e ser alto, com apenas 1 (0.6%) e em Trás-os-Montes a boca, o cabelo e as mãos, com 1 (1.6%).

Verifica-se assim que também nas escolhas das mulheres acerca da beleza masculina, a pilosidade, o pénis, as pernas e as nádegas são muitíssimo desvalorizados nas três regiões.

c. Modelos de beleza

Eram vários os critérios que podíamos seguir para estabelecer o limite de resultado até ao qual um item era incluído no modelo de beleza, ou excluído dele.

Decidimos estabelecer este limite nos 10.0%, pelas seguintes razões:

- Primeira, é um limite que ultrapassa a barreira numérica bem definida dos dois dígitos.
- Segunda, 10% é um resultado que aponta para uma preferência relevante do item, na amostra deste estudo, atendendo a que a lista contém 45 itens para cada sexo.
- Terceira, apenas três itens foram indicados com resultado na casa dos nove pontos percentuais, criando assim, excluídos estes, uma separação clara entre os acima de dez e os abaixo de dez por cento.
- Quarta, entrando em linha de conta com os itens acima de 10% ficamos com conjuntos de elementos que se completam coerentemente.

A tabela 24 mostra os resultados dos itens que receberam indicações iguais ou superiores a 10%, de homens ou de mulheres, relativamente ao modelo de mulher, sendo sublinhados os resultados que algum deles tenha colhido num dos sexos, abaixo dos 10%.

A lista completa dos resultados encontra-se no anexo D.

Estudando as associações estatísticas entre as respostas e o sexo, verificamos que, para a totalidade dos participantes, relativamente ao modelo de mulher, as ancas ($X^2 = 6.632$, $gl = 1$, $p = .010$) a cintura fina ($X^2 = 15.623$, $gl = 1$, $p = .000$) ser alto ($X^2 = 13.316$, $gl = 1$, $p = .000$) e ser magro ($X^2 = 8.661$, $gl = 1$, $p = .003$) são mais escolhidas pelas mulheres, enquanto os olhos azuis ($X^2 = 11.514$, $gl = 1$, $p = .001$) os seios médios ($X^2 = 4.495$, $gl = 1$, $p = .034$) e a vulva totalmente depilada ($X^2 = 39.395$, $gl = 1$, $p = .000$) o são pelos homens.

É de salientar que o modelo construído por cada sexo dispõe de 14 itens, em que 11 são indicações comuns dos dois sexos.

As mulheres apontam três características que os homens não indicam, ser magra, ser alta e ter cabelo ondulado.

As indicações masculinas incluem também três itens que as mulheres não contemplam, olhos azuis, vulva totalmente depilada e seios empinados.

Tabela 24 – Indicações para a construção do modelo de mulher

	Sexo Fem	Sexo Masc
	(%)	(%)
Corpo bonito	61.9	55.8
Rosto bonito	48.5	54.4
Boca bonita	41.8	35.0
Rabo bonito	35.7	40.8
Pele morena	26.5	32.0
Ancas redondas	25.5	17.0
Seios médios	25.5	35.0
Cintura fina	24.9	10.2
Pernas bonitas	24.1	21.8
Mãos bonitas	18.0	12.1
Ser magra(o)	16.4	<u>7.8</u>
Ser alta(o)	14.7	<u>4.9</u>
Seios grandes	11.3	15.0
Cabelo ondulado	11.3	<u>8.3</u>
Olhos azuis	<u>4.3</u>	12.1
Vulva total/ depilada	<u>1.9</u>	15.0
Seios empinados	<u>9.1</u>	14.1
	(343)	(196)

Assim sendo, podemos dizer que o modelo de mulher bela, construído pelas mulheres da amostra é uma mulher alta, magra, com corpo e rabo bonitos, pernas bonitas, cintura fina, ancas redondas e seios médios ou grandes. Tem pele morena e mãos bonitas. Possui um rosto bonito, com cabelo ondulado e boca bonita.

Enquanto isto, o modelo de mulher bela, construído pelos homens da amostra é uma mulher com corpo e rabo bonitos, vulva totalmente depilada, pernas bonitas, cintura fina, ancas redondas e seios médios ou grandes e empinados. Tem pele morena e mãos bonitas. Possui um rosto bonito, com olhos azuis e boca igualmente bonita.

Estudando a associação entre sexo e resposta, por região, na amostra de Lisboa as mulheres indicaram mais os itens corpo bonito ($X^2 = 5.390$, $gl = 1$, $p = .020$) e ser alta ($X^2 = 8.566$, $gl = 1$, $p = .003$) do que os homens e que estes indicaram mais as características seios empinados ($X^2 = 4.196$, $gl = 1$, $p = .041$) e vulva totalmente depilada ($X^2 = 16.573$, $gl = 1$, $p = .000$) do que as mulheres.

Quanto à amostra do Algarve os homens indicaram mais as características olhos azuis ($X^2 = 13.419$, $gl = 1$, $p = .000$) e vulva totalmente depilada ($X^2 = 7.608$, $gl = 1$, $p = .006$) do que as mulheres.

Relativamente à amostra de Trás-os-Montes vemos que as mulheres escolheram mais os itens ser alta ($X^2 = 6.019$, $gl = 1$, $p = .024$) ancas redondas ($X^2 = 8.177$, $gl = 1$, $p = .004$) cintura fina ($X^2 = 11.913$, $gl = 1$, $p = .001$) e ser magra ($X^2 = 6.845$, $gl = 1$, $p = .009$) do que os homens e estes escolheram mais as características rabo bonito ($X^2 = 5.079$, $gl = 1$, $p = .024$) seios empinados ($X^2 = 4.566$, $gl = 1$, $p = .033$) e vulva totalmente depilada ($X^2 = 7.364$, $gl = 1$, $p = .007$) do que as mulheres.

O corpo, rosto e rabo são as características apontadas pelos seis sub-grupos da amostra total (homens e mulheres das três regiões) com percentagens que as coloca nas quatro primeiras escolhas, seguindo-se os seios médios com indicações dos homens nas amostras das três regiões e das mulheres em Trás-os-Montes e a boca escolhida por homens e mulheres que estudam em Lisboa e Algarve

Cruzando as variáveis sexo e região, constituímos seis grupos de participantes. Usámos a técnica da *Análise de Clusters* para descrever as relações entre esses grupos, com base nos 15 itens mais escolhidos (percentagem de resposta igual ou superior a 10%, na amostra total) relativamente ao modelo de mulher. Na Figura 2

apresenta-se o dendograma dessa análise (em que se usou, como medida de distância, a distância euclidiana ao quadrado e, como método de agregação, o método de Ward).

Verifica-se que, no que respeita ao modelo de mulher, existe uma diferenciação mais forte em termos de região do que em termos de sexo: Trás-os-Montes distingue-se claramente das outras duas regiões, Lisboa e Algarve. No *cluster* constituído por estas duas regiões, pode observar-se uma diferenciação secundária por sexo.

Analisando as tabelas com os resultados por região e por sexo (anexos F, G e H) verificamos que foi nas respostas dos estudantes em Trás-os-Montes que houve maior concentração das escolhas, com apenas 13 itens indicados pelas mulheres e 10 escolhidos pelos homens. A maior dispersão surge nas escolhas manifestadas pelos homens que estudam no Algarve, com 20 escolhas.

Observamos também que homens e mulheres concentram as suas cinco principais escolhas em seis itens apenas.

A análise estatística mostrou que não há homogeneidade nas respostas por região, no que respeita a alguns itens: ancas ($X^2 = 8.839$, $gl = 2$, $p = .012$) boca ($X^2 = 6.226$, $gl = 2$, $p = .044$) corpo ($X^2 = 11.771$, $gl = 2$, $p = .003$) pele morena ($X^2 = 28.152$, $gl = 2$, $p = .000$) rabo ($X^2 = 12.966$, $gl = 2$, $p = .002$) e rosto ($X^2 = 7.019$, $gl = 2$, $p = .030$). As ancas e a boca têm preponderância em Lisboa e pior resultado em Trás-os-Montes e os outros itens preponderância em Trás-os-Montes e pior resultado em Lisboa.

Isto sugere, de novo, alguma oposição entre as preferências dos participantes destas duas regiões.

A tabela 25 mostra os resultados dos itens que receberam indicações iguais ou superiores a 10%, relativamente ao modelo de homem, encontrando-se sublinhados aqueles que não tiveram esse resultado nas indicações de um dos sexos e que, por isso, só são considerados na construção do modelo de beleza feito pelo outro sexo, que os indicou.

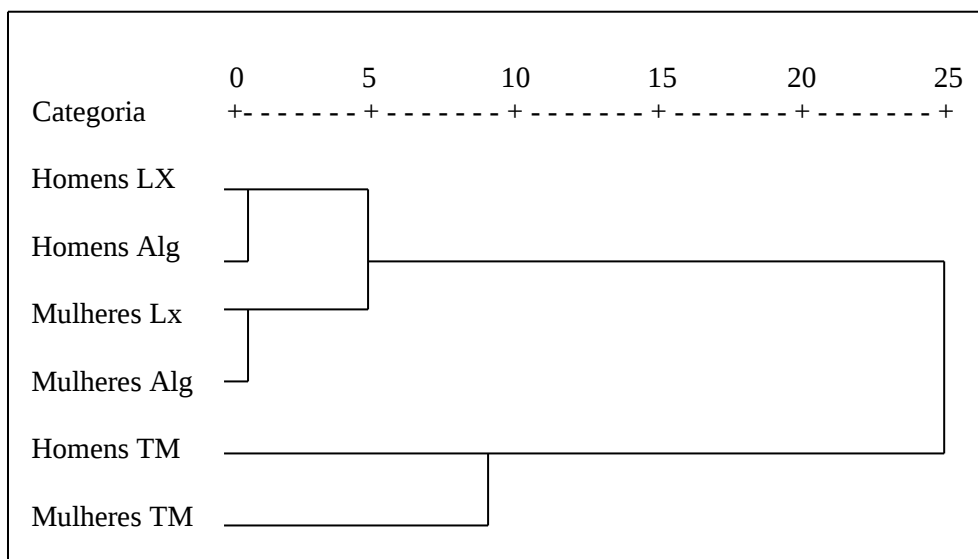


Fig. 2 – Dendrograma do modelo de mulher

A lista completa dos resultados encontra-se no anexo E.

O corpo bonito ($X^2 = 4.858$, $gl = 1$, $p = .028$), o rosto ($X^2 = 16.766$, $gl = 1$, $p = .000$), a boca bonita ($X^2 = 53.308$, $gl = 1$, $p = .000$), o rabo bonito ($X^2 = 6.432$, $gl = 1$, $p = .011$), a pele morena ($X^2 = 8.498$, $gl = 1$, $p = .004$), as mãos bonitas ($X^2 = 22.680$, $gl = 1$, $p = .000$), ser alto ($X^2 = 7.015$, $gl = 1$, $p = .008$), os olhos verdes ($X^2 = 9.005$, $gl = 1$, $p = .003$) e os olhos grandes ($X^2 = 6.377$, $gl = 1$, $p = .012$) são mais indicados pelas mulheres.

Os olhos azuis ($X^2 = 7.997$, $gl = 1$, $p = .005$), a musculatura geral ($X^2 = 32.288$, $gl = 1$, $p = .000$), a musculatura abdominal ($X^2 = 3.927$, $gl = 1$, $p = .048$), o tronco em “V” ($X^2 = 8.514$, $gl = 1$, $p = .004$), a musculatura do tronco ($X^2 = 17.048$, gl

= 1, $p = .000$), dos braços ($X^2 = 6.833$, $gl = 1$, $p = .009$) e o pênis grande ($X^2 = 22.595$, $gl = 1$, $p = .000$) são mais indicados pelos homens.

Tabela 25 - Indicações para a construção do modelo de homem

	Sexo Fem. (%)	Sexo Masc. (%)
Rosto bonito	61.4	42.7
Pele morena	42.1	28.6
Ser alta(o)	38.9	27.7
Boca bonita	35.7	<u>8.3</u>
Rabo bonito	35.4	25.7
Corpo bonito	34.3	25.7
Musculatura geral	26.5	49.0
Mãos bonitas	23.6	<u>8.3</u>
Musculatura abdominal	22.8	31.6
Tronco em "V"	18.5	28.6
Olhos verdes	18.0	<u>9.7</u>
Musculatura do tronco	18.0	35.0
Olhos grandes	11.0	<u>5.3</u>
Ser magra(o)	10.5	<u>9.2</u>
Musculatura das pernas	<u>8.0</u>	11.7
Musculatura dos braços	<u>7.8</u>	16.0
Olhos azuis	<u>7.5</u>	14.6
Pênis grande	<u>7.5</u>	20.4
	(343)	(196)

Neste caso o modelo construído pelas mulheres dispõe de 14 itens, mas o que os homens construíram só inclui 13, em que 9 são indicações comuns dos dois sexos.

Portanto, dos 14 das mulheres, cinco não estão incluídos no modelo indicado pelos homens (boca bonita, mãos bonitas, olhos verdes, olhos grandes e ser magro) e as indicações masculinas incluem quatro itens que as mulheres não indicam (musculatura das pernas, musculatura dos braços, olhos azuis e pênis grande).

Isto sugere que a ideia de beleza masculina é igualmente partilhada em boa parte (mais de 60% dos itens) pelos dois sexos.

Assim sendo, podemos dizer que o modelo de homem belo, construído pelas mulheres é um homem com pele morena, alto, magro, musculado, com corpo,

mãos e rabo bonitos, tronco em “V” bem musculado, musculatura abdominal desenvolvida, rosto bonito com olhos grandes verdes e boca bonita.

O modelo de homem belo, construído pelos homens da amostra é um homem com pele morena, alto, com corpo e rabo bonitos, tronco em “V” bem musculado, com musculatura geral, abdominal, das pernas e dos braços bem desenvolvida, pénis grande, rosto bonito e olhos azuis.

Vemos que na amostra de Lisboa os itens boca bonita ($X^2 = 18.126$, $gl = 1$, $p = .000$), mãos bonitas ($X^2 = 8.120$, $gl = 1$, $p = .004$), olhos grandes ($X^2 = 6.316$, $gl = 1$, $p = .012$), olhos verdes ($X^2 = 4.269$, $gl = 1$, $p = .039$), rabo bonito ($X^2 = 9.259$, $gl = 1$, $p = .002$) e rosto bonito ($X^2 = 9.271$, $gl = 1$, $p = .002$) são mais escolhidos pelas mulheres, enquanto que musculatura geral ($X^2 = 8.040$, $gl = 1$, $p = .005$), musculatura dos braços ($X^2 = 14.097$, $gl = 1$, $p = .000$), a musculatura do tronco ($X^2 = 15.930$, $gl = 1$, $p = .000$), o pénis grande ($X^2 = 7.457$, $gl = 1$, $p = .006$) e tronco em “V” ($X^2 = 5.636$, $gl = 1$, $p = .018$) o são pelos homens.

No Algarve os itens boca bonita ($X^2 = 11.152$, $gl = 1$, $p = .001$), pele morena ($X^2 = 4.265$, $gl = 1$, $p = .039$) e rosto bonito ($X^2 = 7.838$, $gl = 1$, $p = .005$) são mais escolhidos pelas mulheres, enquanto musculatura geral ($X^2 = 12.231$, $gl = 1$, $p = .000$) e pénis grande ($X^2 = 13.136$, $gl = 1$, $p = .000$) são mais indicados pelos homens.

Em Trás-os-Montes as características boca bonita ($X^2 = 20.531$, $gl = 1$, $p = .000$), corpo bonito ($X^2 = 9.683$, $gl = 1$, $p = .002$) e mãos bonitas ($X^2 = 4.790$, $gl = 1$, $p = .029$) são mais escolhidos pelas mulheres, enquanto a musculatura geral ($X^2 = 9.830$, $gl = 1$, $p = .002$), a musculatura das pernas ($X^2 = 6.183$, $gl = 1$, $p = .013$) e pénis grande ($X^2 = 5.360$, $gl = 1$, $p = .021$) são mais indicadas pelos homens.

O item musculatura das pernas teve porém percentagem inferior a 10%.

Não existe homogeneidade nas respostas em relação aos itens boca ($X^2 = 6.639$, $gl = 2$, $p = .036$), mãos ($X^2 = 20.071$, $gl = 2$, $p = .000$), musculatura dos braços ($X^2 = 6.322$, $gl = 2$, $p = .042$), olhos verdes ($X^2 = 9.182$, $gl = 2$, $p = .010$), pele morena ($X^2 = 8.667$, $gl = 2$, $p = .013$), rosto bonito ($X^2 = 11.299$, $gl = 2$, $p = .004$) e ser alto ($X^2 = 7.189$, $gl = 2$, $p = .027$). A boca, as mãos e ser alto têm preponderância no Algarve e pior resultado em Trás-os-Montes; a musculatura dos braços tem preponderância em Lisboa e pior resultado em Trás-os-Montes e os restantes três elementos têm preponderância em Trás-os-Montes e pior resultado em Lisboa.

Uma vez mais aparece alguma oposição de preferências entre Lisboa e Trás-os-Montes, agora também a desenhar-se entre o Algarve e Trás-os-Montes.

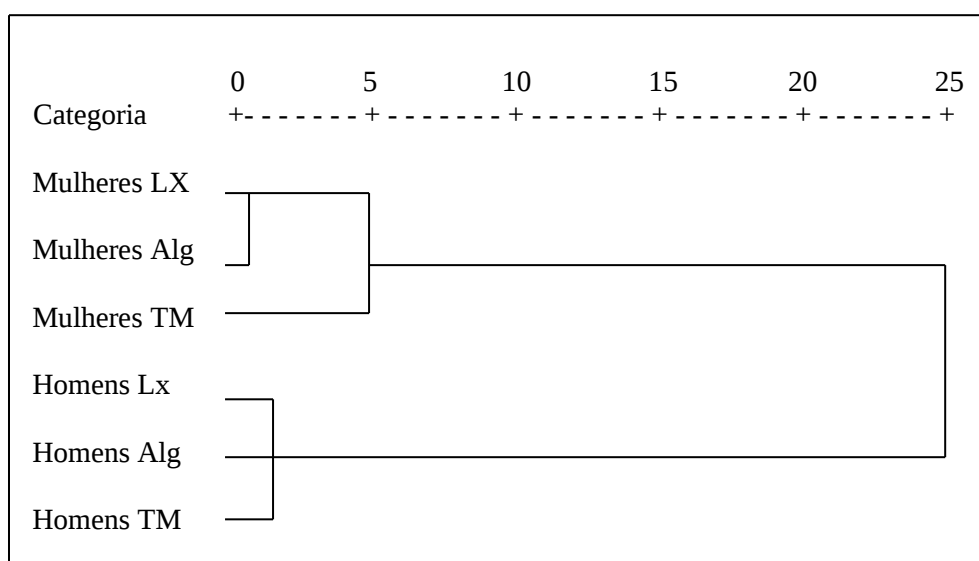


Fig. 3 – Dendrograma do modelo de homem

Para realizar uma análise estrutural, no que respeita ao modelo de homem, usámos novamente a técnica da *Análise de Clusters*, com base nos 16 itens mais escolhidos (percentagem de resposta igual ou superior a 10%, na amostra total).

Na Figura 3 apresenta-se o dendograma dessa análise (em que se usou a mesma medida de distância e o mesmo método de agregação).

Ao analisar este dendograma, verifica-se que, no que respeita ao modelo de homem, e ao contrário do que se observou relativamente ao modelo de mulher, o critério de diferenciação forte é o sexo: o modelo de homem das mulheres distingue-se claramente do dos homens, independentemente da região.

Analisando as tabelas por região e por sexo (anexos I, J e L) verificamos que a maior concentração foi também em Trás-os-Montes, com 13 escolhas das mulheres e 14 dos homens. A maior dispersão foi dos homens de Lisboa, com 18 itens.

Verificamos que há uma dispersão mais acentuada das cinco primeiras escolhas do que no modelo de mulher, abrangendo 9 itens.

Nestes, a característica rosto recebe indicações das seis categorias, dentro das cinco primeiras escolhas. Continuando a considerar as cinco primeiras escolhas, segue-se o item rabo que só não é indicado pelos homens de Lisboa, ser alto que não tem indicações de homens nem mulheres de Trás-os-Montes e pele morena que não é indicada pelos homens das amostras de Lisboa e Algarve.

A boca apenas foi indicada pelas mulheres das três regiões e a musculatura geral, pelos homens também das três regiões.

Dos 17 itens da lista mais reduzida (Trás-os-Montes) os olhos castanhos e as pernas bonitas não se encontram na lista de Lisboa e na do Algarve faltam estes mesmos dois elementos, os olhos azuis e ser magro.

d. Percepção da inclusão da escolha no modelo de beleza.

A tabela 26 dá-nos os resultados da amostra quanto à percepção que os seus elementos têm, de terem feito a escolha do item que mais apreciam no sexo oposto com base no seu modelo de beleza.

Observamos, através da tabela, que a maioria da amostra (89.2%, n=481) inclui a sua escolha da característica que mais a atrai no outro sexo no modelo de beleza deste, que construiu.

Isto sugere uma grande independência percebida pelas pessoas em relação ao estereótipo de beleza que a cultura actual parece impor e a sociedade portuguesa aceitar.

Não existe associação estatística entre as respostas a esta pergunta e o sexo do conjunto dos participantes.

Tabela 26 – Percepção da inclusão da escolha no modelo de beleza

Região		Sexo Fem.		Sexo Masc.		Total	
		n	(%)	n	(%)	n	(%)
Lisboa (n= 212)	Sim	106	88.3	70	76.1	176	83.0
	Não	14	11.7	22	23.9	36	17.0
Algarve (n= 191)	Sim	149	92.5	27	90.0	176	92.1
	Não	12	7.5	3	10.0	15	7.9
Trás-os-Montes (n=136)	Sim	56	90.3	73	98.6	129	94.9
	Não	6	9.7	1	1.4	7	5.1
Total	Sim	311	90.7	170	86.7	481	89.2
	Não	32	9.3	26	13.3	58	10.8
		(343)	100.0	(196)	100.0	(539)	100.0

Analisando se, por região, há associação com o sexo, vemos que em Lisboa ela existe ($X^2 = 5.540$, $gl = 1$, $p = .019$) com o sexo feminino a incluir mais, o que é

coerente com a afirmação de Touraine (2007) de que as mulheres são mais realistas do que os homens e procuram o que resiste às normas sociais, resistindo assim mais ao estereótipo e escolhendo preponderantemente baseadas no modelo pessoal.

Enquanto isso, no Algarve não existe associação entre as respostas e o sexo dos indivíduos mas em Trás-os-Montes ela existe ($X^2 = 4.790$, $gl = 1$, $p = .029$) e aponta os homens como mais ligados à inclusão da escolha no modelo de beleza, o que não está de acordo com a formulação de Touraine (2007) acima referida.

Estudando as respostas das mulheres por região, verifica-se que existe homogeneidade.

No caso dos homens ela não existe ($X^2 = 18.473$, $gl = 2$, $p = .000$) e, através da análise dos resíduos ajustados, vê-se que ela aponta para que em Lisboa eles incluem menos o item no modelo de beleza e em Trás-os-Montes incluem mais.

e. Percepção da inclusão da escolha no estereótipo de beleza.

Não existe associação entre as respostas a esta pergunta e o sexo dos participantes na amostra total, nem por região.

Tabela 27 – Percepção da inclusão da escolha no estereótipo de beleza

Região		Sexo Fem.		Sexo Masc.		Total	
		n	(%)	n	(%)	n	(%)
Lisboa (n= 30)	Sim	9	81.8	14	73.7	23	76.7
	Não	2	18.2	5	26.3	7	23.3
Algarve (n= 15)	Sim	6	50.0	3	100.0	9	60.0
	Não	6	50.0	0	0.0	6	40.0
Trás-os-Montes (n=6)	Sim	5	100.0	1	100.0	6	100.0
	Não	0	0.0	0	0.0	0	0.0
Total	Sim	20	71.4	18	78.3	38	74.5
	Não	8	28.6	5	21.7	13	25.5
		(28)	100.0	(23)	100.0	(51)	100.0

A tabela 27 mostra-nos os resultados dos membros da amostra que, tendo declarado que a escolha do elemento de atracção física do outro sexo que fizeram não se inclui no seu modelo de beleza, afirmam agora que essa escolha se inclui ou não no estereótipo de beleza.

Verificamos que das 58 pessoas da amostra que declararam não incluir a característica escolhida como mais atractiva no outro sexo no seu modelo de beleza, apenas 51 responderam a esta pergunta, sendo 30 de Lisboa, 15 do Algarve e 6 de Trás-os-Montes e que apenas cerca de um quarto não consideram a sua escolha incluída no estereótipo de beleza.

f. Percepção da auto-inclusão no modelo de beleza

A tabela 28 mostra como os elementos da amostra se percebem como incluídos ou excluídos no modelo de beleza física do próprio sexo que construíram.

Não há associação estatística entre as respostas a esta pergunta e o sexo dos participantes na totalidade da amostra.

Tabela 28 – Percepção da auto-inclusão no modelo

	Sexo Fem.		Sexo Masc.		Total	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)
Incluído	179	52.2	114	58.2	293	54.4
Excluído	164	47.8	82	41.8	246	45.6
	(343)	100.0	(196)	100.0	(539)	100.0

Observando a tabela verificamos porém que os homens mostram maior inclusão no modelo que construíram do que as mulheres. Enquanto eles se situam

nos 58.2% (n=114) de inclusão, as mulheres incluem-se em apenas 52.2% (n=178).

O resultado conjunto das respostas dadas pelos participantes dos dois sexos, na auto-inclusão no modelo de beleza, situa-se quase nos 54.4% (n=293).

Na tabela 29 apresentamos a distribuição dos resultados por região.

Quando analisamos os resultados por região verificamos que em Lisboa e no Algarve não há associação entre as respostas e o sexo, mas que ela existe em Trás-os-Montes ($X^2 = 7.657$, $gl = 1$, $p = .006$) com os homens a incluírem-se mais no modelo masculino.

A tabela permite-nos observar que, quanto à inclusão no modelo feminino, as mulheres das amostras do Algarve e Lisboa, têm valores próximos (55.2%, n=84 e 54.2%, n=65, respectivamente) e se destacam das que integram a de Trás-os-Montes (48.4%, n=30).

Relativamente aos homens, verificamos que os de Trás-os-Montes têm resultado muito superior (71.6%, n=53) seguidos pelos do Algarve (63.3%, n=19) e finalmente pelos de Lisboa (45.7%, n=42).

Tabela 29 – Percepção da auto-inclusão no modelo, por região

Região		Sexo Fem.		Sexo masc.		Total	
		n	(%)	n	(%)	n	(%)
Lisboa:	Incluído	65	54.2	42	45.7	107	50.5
	Excluído	55	45.8	50	54.3	105	49.5
		(n= 120)		(n= 92)		(n=212)	
Algarve:	Incluído	84	55.2	19	63.3	103	53.9
	Excluído	77	47.8	11	36.7	88	46.1
		(n= 161)		(n= 30)		(n=191)	
Trás-os-Montes:	Incluído	30	48.4	53	71.6	83	61.0
	Excluído	32	51.6	21	28.4	53	39.0
		(n= 62)		(n= 74)		(n= 136)	

Não há homogeneidade nas respostas por região ($X^2 = 11.756$, $gl = 2$, $p = .003$) em que os homens de Trás-os-Montes são os que mais contribuem para a auto-inclusão no modelo e os de Lisboa para a não inclusão.

g. Inclusão do companheiro no modelo de beleza do outro sexo

Este estudo é feito apenas sobre os indivíduos da amostra que tenham companheiro [marido/esposa, pessoa com quem vive em união de facto, ou namorado(a)] no momento em que respondem ao questionário.

Isto reduz o número de respostas uma vez que 203 pessoas (37.7%) da amostra não estão nessa situação, perdendo-se 83 homens (42.3%) e 120 mulheres (35.0%).

Na tabela 30 apresentamos a distribuição dos resultados relativos à inclusão ou exclusão do parceiro no seu modelo de beleza do outro sexo.

Não há associação estatística entre as respostas a esta pergunta e o sexo dos participantes da totalidade da amostra.

Observamos que as percentagens de inclusão do companheiro no modelo de beleza do outro sexo são muito elevadas em ambos os sexos, ainda que ligeiramente superiores nas mulheres.

Tabela 30 – Distribuição das respostas de inclusão do companheiro no modelo do outro sexo

	Sexo Fem.		Sexo Masc.		Total	
	n	(%)	n	(%)	n	(%)
Incluído	190	85.2	95	84.1	285	84.8
Excluído	33	14.8	18	15.9	51	15.2
	(223)	100.0	(113)	100.0	(336)	100.0

A tabela 31 mostra os resultados relativos a esta inclusão, por região.

Verificamos que o dado mais saliente é que a totalidade dos homens no Algarve inclui a companheira no modelo de beleza do outro sexo.

Seguem-se os de Trás-os-Montes com quase 90% e depois os de Lisboa que não atingem os 80%.

Nas mulheres, as de Trás-os-Montes e Algarve estão destacadas com resultado próximo, a rondar os 90%, ainda que ligeiramente favorável às primeiras.

As mulheres de Lisboa, tal como os homens, são as que obtêm resultado mais baixo, não atingindo os 80%.

Analisando as respostas por região, vemos que não há homogeneidade ($X^2 = 6.237$, $gl = 2$, $p = .044$) sendo as mulheres da amostra de Lisboa que mais contribuem para a não inclusão.

Tabela 31 – Distribuição das respostas de inclusão do companheiro no modelo do outro sexo, por região

Região		Sexo Fem.		Sexo Masc.		Total	
		n	(%)	n	(%)	n	(%)
Lisboa:	Incluído	66	77.6	47	77.0	113	77.4
	Excluído	19	22.4	14	23.0	33	22.6
		(n=85)		(n=61)		(n=146)	
Algarve:	Incluído	95	89.6	13	100.0	108	90.8
	Excluído	11	10.4	0	0.0	11	9.2
		(n=106)		(n=13)		(n=119)	
Trás-os-Montes:	Incluído	29	90.6	35	89.7	64	90.1
	Excluído	3	9.4	4	10.3	7	9.9
		(n= 32)		(n= 39)		(n= 71)	

5.1.4 *Discussão dos resultados*

“Enfim, a interpretação, etapa final, aparece-nos também como escapando a uma atitude estritamente científica.”
(Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon, *O inquérito*)

a. Expectativas femininas e escolhas masculinas

Analisando os dados percebemos que as expectativas principais das mulheres, quanto ao que nelas atrai os homens, para além do corpo, agora englobam aspectos sexuais (rabo em segundo lugar e seios em terceiro) que anteriormente eram prioritariamente valorizados pelos homens, apontando para uma maior atenção aos aspectos mais físicos e mesmo sexualizados e deixando de lado itens expressivos, como os olhos (8.7%, n=30). Isto é consistente com a proposta de Touraine (2007) de que o objectivo fundamental da mulher actual é construir-se a si própria, tendo por base a sexualidade.

Portanto a expectativa feminina daquilo que nas mulheres atrai os homens, é baseada principalmente em dois itens sexuais (rabo e seios) e um físico geral (corpo).

A elevada expectativa das mulheres no item corpo (41.4%, n=142) é claramente confirmada pelas escolhas dos homens, ainda que estas sejam pouco superiores a metade das expectativas delas (24%, n= 47).

A expectativa na característica seios (12.8%, n= 44) é confirmada com percentagem superior de escolhas dos homens (14.8%, n= 29), mas a expectativa no item rabo (13.1%, n= 45) obtém escolhas masculinas abaixo dos 10% (n= 16).

Estudando os resultados por região, vemos que os itens corpo e rabo são indicados nos dois primeiros lugares pelas mulheres das três regiões, ambos com maior frequência em Trás-os-Montes (50.0%, n=31 e 16.1%, n=10,

respectivamente) e menor respectivamente em Lisboa (34.2%, n=41) e Algarve (11.8%, n=19).

A partir daqui, há variações nas preferências, uma vez que as mulheres no Algarve e em Trás-os-Montes apenas apresentam mais uma expectativa com percentagem acima de 10%, sendo no primeiro caso o item seios (11.2%, n= 18) e no segundo a característica olhos (11.3%, n= 7).

Os resultados das que estudam em Lisboa apontam a característica seios com o segundo resultado mais alto (18.3%, n= 22) seguida do item rabo (13.3%, n= 16) e depois as características olhos e rosto, com o mesmo resultado (10.0%, n= 12).

Verifica-se pois que em Lisboa existe uma dispersão de expectativas maior do que nas outras duas regiões (5 para 3 em cada um das outras).

Estes resultados, com as mulheres em Lisboa a indicarem expectativas na característica rosto, que as das amostras das outras regiões não indicaram e no item olhos, mostram a inclusão de duas expectativas expressivas nesta região; isto contrasta com os resultados das outras, em que a amostra do Algarve, apresenta duas características sexuais e uma física e a de Trás-os-Montes uma física, uma expressiva e uma sexual.

É saliente a desvalorização pelas mulheres em Trás-os-Montes relativamente ao item seios (6.5%, n= 4), com apenas aproximadamente um terço do resultado da amostra de Lisboa (18.3%, n= 22) e pouco mais de metade do da do Algarve (11.2%, n= 18).

Os itens cabelo (0.0% em Lisboa e Algarve e 1.6%, n=1 em Trás-os-Montes) e o pescoço (0.0% em Lisboa e Trás-os-Montes e 0.6%, n=1 no Algarve) são os menos indicados nas três regiões.

Há uma desvalorização total da característica umbigo (0.0%) e quase total do item sexo (0.8%, n= 1) na amostra de Lisboa e total das características boca, mãos, pernas, pescoço e porte atlético (0.0%) na de Trás-os-Montes. Na amostra do Algarve o item cabelo foi totalmente ignorado (0.0%) e o umbigo recolheu apenas a indicação de uma pessoa (0.6%).

A desvalorização do item físico porte atlético em Trás-os-Montes é interessante, uma vez que naquela região a amostra é constituída por estudantes de cursos ligados a educação física e ao desporto, mas isso não é expresso pelas expectativas das mulheres ligadas à musculatura.

Quanto às escolhas dos homens, para além do item corpo e da característica seios, apontam o item rosto em terceiro lugar (13.8%, n= 27) e o item olhos em quarto (12.2%, n= 24), sugerindo assim uma aproximação à maior expressividade dos itens anteriormente escolhidos pelas mulheres, em detrimento dos sexuais e físicos.

Analisando os dados masculinos por regiões, verificamos que é na amostra do Algarve que há maior dispersão de escolhas (4) uma vez que nas outras há apenas três.

A característica corpo é a mais indicada pelos participantes em Lisboa (18.5%, n= 17), seguida dos itens olhos e seios, com percentagem igual (17.4%, n= 16). O corpo é o item mais indicado também nas outras duas regiões (31.1%, n= 23, em Trás-os-Montes e 23.3%, n= 7 no Algarve), mas depois cada característica, com excepção da boca, indicada apenas pelos homens da amostra do Algarve (10.0%, n= 3), é escolhida pelas amostras de duas regiões apenas. Assim temos os olhos,

nas amostras de Lisboa (17.4%, n= 16) e Algarve (10.0%, n= 3), rosto nas do Algarve (20.0%, n= 6) e Trás-os-Montes (21.6%, n= 16) e seios nas de Lisboa (17.4%, n= 16) e Trás-os-Montes (14.9%, n= 11).

(14.9%).

Analisando a tabela 20 observamos que as escolhas da amostra do Algarve são as menos sexualizadas, com um item físico e dois expressivos (corpo, boca e olhos) enquanto as de Lisboa e de Trás-os-Montes apresentam um físico, um expressivo e um sexual cada uma (corpo, olhos e seios, no caso de Lisboa e corpo, rosto e seios, no de trás-os-Montes).

Também nos itens menos escolhidos se verifica alguma disparidade de resultados, ainda que haja unanimidade em relação ao pescoço que não tem uma única indicação em qualquer das três regiões.

Para além dele vemos três elementos com zero indicações em duas regiões e colhendo resultado na outra: O item umbigo tem nulo na amostra de Lisboa e na do Algarve, mas 4.1% (n= 3) na de Trás-os-Montes; a característica pernas recebeu zero nas do Algarve e Trás-os-Montes e 5.4% (n= 5) na de Lisboa e o item cabelo não regista qualquer escolha pelas amostras de Lisboa e Trás-os-Montes, mas tem 6.7% (n= 5) na do Algarve.

É interessante verificar que itens indicados por uma amostra de estudantes universitários de Lisboa, entre 1992 e 1999 não receberam agora qualquer indicação.

Dada a extensão destas investigações e o volume de dados obtidos ao longo dos anos, preparámos a tabela 32 que engloba a totalidade dos itens dos vários estudos, que foram alguma vez indicados com frequência assinalável, que foi comentada neste trabalho, quer em expectativa, quer em escolha.

A característica nádegas/rabo foi indicada em expectativa feminina por cinco vezes, mas apenas foi escolhida pelos homens três vezes, sendo duas delas abaixo dos 10%.

Os itens boca, braços roliços e vagina recebem apenas uma indicação de escolha, dos participantes, cada uma e nenhuma expectativa.

A característica ancas, que só aparece no questionário dos estudos 3 e 4, não é valorizada pelas pessoas da amostra, uma vez que nunca é indicada com frequência acima dos 10%, colhendo mesmo como percentagem mais elevada a das escolhas dos homens em Lisboa, com 6.5%. Isto contraria alguns estudos (Singh, s.d.) acerca da relação-cintura-anca (Braun & Bryan, 2006; Carey, 2006) ainda que se verifique que os homens com sócio-sexualidade restrita tendem a indicar menos este item (Brase & Walker, 2004) e este aspecto comportamental não possa ser verificado nos nossos dados.

Parece confirmar-se a ideia de Ariès (citado por Vincent, 1991), por nós exposta na parte teórica deste trabalho, de que a tendência actual é para as mulheres perderem as formas arredondadas e passar a haver um modelo único idêntico ao do rapaz.

Alguns estudos mostraram diferenças entre cidades e meios rurais (Swami & Tovée, 2005), mas estas não são aplicáveis ao nosso caso, uma vez que estamos a trabalhar apenas com pessoas que vivem em cidades.

Por outro lado, num estudo empírico desenvolvido por McGraw (2002) sobre anúncios de jornais para encontros, colocados por mulheres, o investigador concluiu que dos três elementos de atracção interpessoal que estudou, recursos económicos, aspectos emocionais e atracção física do homem, apenas a atracção

física não pode ser explicada pelas condicionantes sócio-demográficas que considerou.

O estudo considerava a densidade populacional e o custo de vida das cidades em que as mulheres viviam como influências possíveis para as preferências de atracção.

Os resultados das expectativas femininas e escolhas dos homens não são comparáveis com os de Lavrakas (sem referência bibliográfica), uma vez que este investigador não as estudou.

Em relação ao nosso estudo 1, consideramos que o item elegância da lista dele é equivalente ao actual item designado por corpo.

Verificamos que a expectativa feminina então indicada naquele elemento (17.9%, n= 14), que foi o mais escolhido juntamente com os olhos, foi agora confirmada e com maior destaque (41.4%, n=142).

O item olhos que naquela investigação colheu a mesma pontuação da elegância situa-se agora em quarto lugar, com menos de 9%, não confirmando o resultado do primeiro estudo. As características seios (10.3%, n= 2) e nádegas (10.3%, n=2) são confirmadas pelo estudo actual (12.8%, n= 44).

No que diz respeito às escolhas dos homens, vemos que, relativamente ao estudo 1, a característica elegância (agora corpo) com 15,4% (n= 6) e o item seios (15.4%, n= 6) são confirmados, enquanto o item rabo (nádegas, no estudo1) com a mesma percentagem naquela investigação, recebeu desta vez indicações em percentagem de perto de metade (8.2%, n= 16).

Com variação em sentido inverso encontramos o item olhos que tinha sido muito pouco valorizado naquele estudo (5.1%, n= 2) e agora o é muito mais

claramente (12.2%, n= 24), registando, em percentagem, mais do dobro das indicações do primeiro estudo, mostrando assim uma inversão de interesse masculino em relação às mulheres, com abandono de um item sexual e inclusão de um expressivo.

É ainda de salientar que o item vagina tenha recolhido, naquele estudo, uma percentagem de escolhas acima dos 10% (12.8%, n= 5) situando-se em sexto lugar e no estudo actual tenha ficado com pouco mais de um terço daquela indicação do estudo 1 (4.6%, n= 9). Isto sugere uma redução da sexualização das escolhas masculinas e confirma a fragilidade dos homens (Touraine, 2007) que assim poderão eventualmente ter começado a escolher itens expressivos que lhes dêem alguma segurança, a segurança que antes era procurada pelas mulheres.

Relativamente ao estudo 3, verificamos que a anterior expectativa das mulheres no corpo (36.1%, n= 148) é confirmada e até ultrapassada em percentagem (41.4%, n= 142), mas a dos olhos (28.0%, n= 115) baixou para menos de um terço (8.7%, n= 30), ainda que se confirme parcialmente por, mesmo assim este ser o quarto item em escolhas, embora abaixo dos 10%.

No estudo agora em análise aparecem, como vimos, expectativas que não se encontram no estudo 3, em relação aos itens rabo (13.1%, n= 45) e seios (12.8%, n= 44), atributos sexuais, em segundo e terceiro lugares e que expressam o quase triplicar do primeiro (4.9%, n=20) e o duplicar do segundo (6.1%, n=25), enquanto o rosto também duplicou a percentagem (3.9%, n= 16 no estudo 3 e 8.5%, n= 29 no estudo 4) embora se mantenha claramente abaixo dos 10%.

O sorriso, que no estudo 3 tinha recebido 8.0% (n= 33) de indicações de expectativa feminina, foi agora reduzido para pouco mais de um terço (3.2%, n=

11), o que, uma vez mais, sugere que as mulheres começam a abandonar os itens expressivos.

Quanto às escolhas dos homens, vê-se que, enquanto no estudo 3 confirmavam a expectativa no item corpo (32.5%, n= 27) e nos olhos (12.0%, n= 10), agora confirmam a do corpo (24.0%, n= 47) e ultrapassam a dos olhos (12.2%, n= 24).

Por outro lado, confirmam a indicação da característica seios (14.8%, n= 29), ultrapassam a do item rosto (13.8%, n= 27) que na expectativa feminina fica com 8.5% (n= 29) e embora com percentagem inferior a 10% apontam o item rabo como quinto elemento de preferência, que as mulheres indicaram em segundo.

Em relação aos estudos 1 e 3, verifica-se que o grau de consistência entre as expectativas femininas e as escolhas dos homens se mantém, uma vez que no primeiro daqueles, das cinco expectativas confirmámos quatro, e no segundo confirmámos as duas, enquanto no estudo 4 se confirmaram duas das três expectativas das mulheres.

b. Expectativas masculinas e escolhas femininas

As expectativas masculinas centram-se em três itens expressivos, os olhos, o rosto e o sorriso (10.7%, n= 21, cada um), num físico de carácter geral, a compleição física (35.2%, n= 69) e noutro físico específico, o tronco (10.2%, n= 20), havendo portanto ausência de indicações sexuais.

Os itens rosto, olhos e sorriso são elementos expressivos, portanto dentro do padrão tradicional de preferências femininas. Estas expectativas são coerentes com o facto de os homens actualmente se identificarem pouco com a

masculinidade tradicional, ainda que sejam influenciados por ela (Martinho, 2004) fugindo assim da anterior indicação totalmente nos aspectos mais físicos e/ou sexuais.

A dinâmica facial mostrou-se determinante na tomada de decisão que envolve confiar e cooperar (Krumhuber, et al., 2007) e o rosto é, juntamente com o corpo, um elemento de predição da atracção geral das pessoas (Mueser, Grau, Sussman & Rosen, 1984).

Então estas expectativas são consistentes com a posição de Martinho acima referida, com pequena identificação com a masculinidade tradicional, física e sexual, privilegiando itens expressivos em detrimento de outros mais físicos e sexuais.

Também o papel do sorriso na atracção interpessoal é tratado pela psicologia social (Freitas-Magalhães, 2006; Gueguen & De Gail, 2003) e com perspectivas desiguais para homens e mulheres.

De facto, os homens e as mulheres descrevem-se em função dos seus sorrisos, de maneira diferente, tendo-se verificado que eles se acham simpáticos e sociáveis, quando os mostram, enquanto elas se consideram retraídas, conformistas com os outros e desconfortáveis nas relações sociais por os mostrarem (Freitas-Magalhães, 2006).

Comparando os resultados do item sorriso aqui obtidos (10.7%, n= 21 nas expectativas dos homens e 15.7%, n= 54 nas escolhas das mulheres), com os das expectativas femininas (3.2%, n= 11) e escolhas masculinas (4.6%, n= 16), somos levados a admitir que se possa justificar estas baixas percentagens através da explicação de Freitas-Magalhães (2006) acima exposta, com a desvalorização

deste item para as mulheres e a valorização para os homens, valorização esta agora expressa nas expectativas destes e nas escolhas femininas.

A elevada expectativa na compleição física apontada pelos homens da amostra (35.2%, n= 69), é confirmada pelas mulheres (15.5%, n= 53), ainda que com resultado um pouco inferior a metade e a mais baixa nos olhos (10.7%, n= 21) é claramente suplantada pelas escolhas femininas, com resultado triplicado (30.3%, n= 104).

Só no item tronco em “V” não se confirma a expectativa masculina (10.2%, n= 20), pelas mulheres da amostra (6.4%, n= 22).

Analisando a tabela 22, verificamos que a compleição física é, nas três regiões, o item mais indicado nas expectativas masculinas, sendo-o menos em Lisboa (29.3%, n= 27) e mais no Algarve (43.3%, n= 13).

A partir daqui existem variações notórias com os homens de Lisboa a indicarem apenas uma segunda expectativa acima dos 10%, a característica olhos, enquanto os do Algarve apontam os itens sorriso, boca e tronco e os de Trás-os-Montes rosto e tronco.

Neste caso a amostra de Lisboa apresenta a maior concentração de resultados (2), sendo a maior dispersão encontrada no Algarve (4).

As expectativas dos homens de Lisboa concentram-se num elemento físico e musculado e noutro expressivo, nos do Algarve duas são expressivas e duas físicas e nos de Trás-os-Montes duas físicas e uma expressiva, mantendo-se portanto a preponderância de itens físicos, nas três regiões.

É saliente a total desvalorização da característica boca pelos homens da amostra de Trás-os-Montes (0%), valorizada pelos da do Algarve com 10% (n= 3) e a

importância pequena dada também pelos homens da amostra de Trás-os-Montes e muito pequena pelos da do Algarve à característica olhos (8.1%, n= 6 e 3.3%, n= 1, respectivamente) em comparação com os 15.2% (n= 14) da amostra em Lisboa.

Da mesma maneira, o item tronco é menos valorizado pelos homens da amostra em Lisboa (8.7%, n= 8), do que pelos das outras duas (10.0%, n= 3 na do Algarve e 12.2%, n= 9 na de Trás-os-Montes) enquanto o item sorriso é muito mais valorizado pelos que estudam no Algarve (16.7%, n= 5), com quase o dobro da percentagem das amostras das outras duas regiões (9.8%, n= 9 em Lisboa e 9.5%, n= 7 em Trás-os-Montes).

Os itens cabelo, pernas e pilosidades não foram indicados.

Há uma desvalorização quase total da característica pénis pelos homens que estudam em Trás-os-Montes (1.4%, n= 1) e muito grande também pelos que estudam no Algarve (3.3%, n= 1), em contraste com os 9.8% (n= 9) de indicações masculinas em Lisboa.

Os homens da amostra do Algarve valorizam mais o item sorriso (16.7%, n=5) do que os das outras duas amostras, embora este item em Lisboa tenha quase obtido os 10% (9.8%, n=9) e na amostra de Trás-os-Montes tenha ficado com 9.5% (n=7).

Relativamente às escolhas das mulheres observamos, com base na tabela 21, que elas apontam três itens expressivos (olhos, rosto e sorriso) e um físico geral (a compleição física), centrando-se assim em torno da expressividade e sem qualquer indicação sexual que se aproxime dos 10%.

O item olhos volta a ter grande relevo nas escolhas das mulheres 30.3% (n= 104), com perto do dobro das escolhas dos outros três indicados acima de 10%

(15.7%, n= 54 o sorriso, 15.5%, n= 53 a compleição física e 12.8%, n= 44 o rosto).

Podemos ver, pela tabela 23 que há uma consistência total quanto aos quatro itens mais escolhidos pelas mulheres das amostras nas três regiões, a compleição física, os olhos, o rosto e o sorriso.

De facto, embora a ordem por que se encontram nas regiões não seja a mesma, apesar de o item olhos ser o primeiro nas três, estes são os itens mais escolhidos.

Atendendo a que o tronco obteve nas escolhas femininas de Trás-os-Montes 9.7% (n= 6) e ficou imediatamente atrás dos quatro itens acima de 10%, entendemos que podemos considerar que, nesta região, se confirmou moderadamente esta expectativa manifestada pela amostra geral dos homens (10.2%, n= 20) e pelas das regiões do Algarve (10.0%, n= 3) e de Trás-os-Montes (12.2%, n= 9).

Assim os resultados sugerem que, no que respeita ao homem, a frequência de cursos ligados ao desporto pode ter alguma influência nas expectativas deles e nas escolhas das mulheres, no sentido de serem apontados itens indicadores de força física e físico robusto.

De facto verificamos que nesta região os homens indicam preponderantemente aspectos físicos e as mulheres, se tomarmos em conta o item tronco em “V”, como atrás sugerimos, são as únicas a indicarem dois itens físicos.

Os dois itens menos escolhidos são as pilosidades e os pêlos no peito que apenas colheram indicação de 0.6% na amostra da região do Algarve e 0.0% nas outras duas, o que sugere que estes elementos de atracção física masculina não são minimamente valorizados pelas mulheres e, uma vez mais suscita interesse o facto

de terem sido indicados por uma amostra de estudantes universitários de Lisboa e receberem, agora indicações nulas ou quase.

Também aqui preparámos a tabela 33 que mostra o comportamento de cada item, referente aos homens, ao longo dos cinco estudos e em que seguimos as mesmas regras de codificação dos itens, referidas para a tabela 32.

A análise da tabela mostra que os itens mais estáveis são os olhos, o sorriso e a compleição física com nove indicações cada um.

Os olhos têm indicações em todos os estudos, sendo 2 expectativas e 7 escolhas.

Vemos entretanto que os itens sorriso e compleição física, que não entravam na lista de Lavrakas (sem referência bibliográfica) nem na do estudo 1, registam agora o primeiro 4 expectativas e 5 escolhas, distribuídas pelos últimos dois estudos e por todas as regiões e o segundo 5 expectativas e 4 escolhas, distribuídas da mesma maneira o que lhes confere muito grande estabilidade.

As pernas altas e o pescoço com apenas uma escolha, e abaixo de 10% cada um, são os itens menos frequentemente indicados, dentro dos que foram trabalhados, seguindo-se a boca com uma expectativa e uma escolha a confirmá-la moderadamente (mas abaixo de 10%) no estudo 4 e na amostra do Algarve e a altura com duas expectativas no estudo de Lavrakas e no estudo 1.

Este último dado parece apontar para a perda de importância deste item, ao longo do tempo, o que é interessante e contraria dados anteriores (Kurzban & Weeden, 2005) sugerindo uma vez mais o atenuar da importância dos factores mais físicos.

As alterações do comportamento de escolha podem ser explicadas através das abordagens fundamentadas nos contextos sócio-psicológicos, que dizem que a

ênfase que se dá às expectativas do sujeito e dos agentes de socialização em situações sociais particulares pode explicar as mudanças de comportamento em ambos os sexos (Vieira, 2006).

Comparando os resultados deste estudo com os de Lavrakas (sem referência bibliográfica) verificamos que existe consistência no padrão de expectativas masculinas no que diz respeito à característica compleição física e quanto ao item tronco, se comparados com os itens daquela investigação que apontam para robustez física.

As indicações dos itens olhos, rosto e sorriso (10.7%, n= 21 cada um) saem totalmente do que aquele investigador apurou, mas a dos olhos é coerente com a escolha feita pelas mulheres nesse mesmo estudo.

Tabela 33 – Comportamento dos itens de expectativa masculina e escolha feminina, ao longo do tempo

	Lav		Est. 1		Est. 3		Est. 4 G		Est. 4 Lx		Est. 4Alg		Est. 4 TM	
	(E)	(R)	(E)	(R)	(E)	(R)	(E)	(R)	(E)	(R)	(E)	(R)	(E)	(R)
Altura	+		+											
Aus. de estômago		+	+	+/-										
Boca											+	+/-		
Braços musculosos	+		+	+/-										
Compleição física					+		+	+	+	+	+	+	+	+
Elegância		+	+											
Nádegas / rabo		+		+/-	+									
Olhos		+		+		+	+	+	+	+		+		+
Peito/ombr./ tronco	+		+	+/-	+		+						+	+/-
Pênis grande	+		+	+/-						+/-				
Pernas				+/-										
Pescoço				+/-										
Rosto					+		+	+		+		+	+	+
Sorriso						+	+	+	+/-	+		+	+	+/-

O item pênis que tinha sido indicado pelos homens com 15% em Lavrakas (sem referência bibliográfica), fica agora com pouco mais de um terço (5.6%, n= 11),

nas expectativas dos homens, apontando para uma clara diminuição da sua importância nas expectativas destes.

Por outro lado, os resultados da altura (13% em Lavrakas e 2.0%, n= 4 neste estudo) sugerem com clareza que ela não faz parte do padrão actual de expectativa de beleza masculina.

A característica pilosidades, com 0.0% aponta igualmente para que se encontra fora das actuais expectativas masculinas de beleza física.

Em relação às preferências das mulheres, McGraw (2002) verificou que, quanto mais palavras elas gastavam para se descreverem fisicamente a si mesmas, mais interesse davam ao aspecto físico dos homens, mas os nossos estudos, bem como o de Lavrakas (sem referência bibliográfica), não permitem medir este aspecto do comportamento feminino.

A escolha do item olhos (30.3%, n= 104) pelas mulheres confirma por grande excesso a expectativa masculina (10.7%, n= 21) e o resultado obtido por Lavrakas (sem referência bibliográfica) que foi de 11%.

A característica nádegas não tem confirmação no estudo 4, recebendo apenas 1.2% (n= 4) de escolhas, contra os 39% que a amostra feminina de Lavrakas (sem referência bibliográfica) lhe atribuíra.

As indicações feitas pelas mulheres, na investigação de Lavrakas (sem referência bibliográfica), sobre a elegância (15%) e ausência de estômago (13%) são confirmadas agora com a escolha da compleição física 15.5%, n= 53), se aceitarmos que esta pode ser equivalente àquelas.

As outras duas indicações feitas pelas mulheres recaem em dois itens expressivos, o rosto (12.8%, n= 44) e o sorriso (15.7%, n= 54), que não faziam

parte da lista de Lavrakas (sem referência bibliográfica), não sendo por isso comparáveis com os resultados daquele estudo.

Contudo, as preferências femininas pelo tipo de rosto do homem podem variar com o nível de sócio-sexualidade da mulher (Provost, Kormos, Kosakoski & Quinsey, 2006) verificando-se que quando ela é menos restrita, a apreciação pelas feições mostrando masculinidade aumenta. Pode entender-se como sendo o caso das mulheres da amostra que escolheram este item, face à sua descrição no questionário.

Perrett (2008) verificou que as mulheres preferem faces mais masculinas durante o período fértil do ciclo menstrual, mas também aqui, o estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e os nossos, não permitem trabalhar este dado.

Em relação ao estudo 1, verificamos, quanto às expectativas dos homens, a confirmação dos itens relativos à compleição física (35.2%, n= 69) e ao tronco (10.2%, n= 20), uma vez mais se os considerarmos equivalentes aos itens elegância, ausência de estômago (10.3%, n= 4 cada um) e peito/ombros musculosos (17.9%, n= 7) daquele primeiro estudo.

Os outros três itens, olhos, rosto e sorriso (10.7%, n= 21 cada um) saem do padrão manifestado pelos estudantes portugueses naquele nosso estudo inicial.

Não há também consistência entre o resultado daquele estudo e o deste no que respeita ao item pénis que recebeu agora menos de um terço das indicações (5.6%, n= 11) que colheu naquele estudo (17.9%, n= 7). Verifica-se um esvaziamento das expectativas sexuais.

No que diz respeito às escolhas das mulheres, comparativamente com o nosso estudo 1, vemos novamente a confirmação do item olhos (14.1%, n= 11 no estudo 1 e 30.3%, n= 104 no estudo 4). Podemos assumir que as indicações anteriores nos itens peito/ombros musculosos e braços musculosos (9%, n= 7 cada um) podem ser confirmadas com a indicação da compleição física no estudo 4 (15.5%, n= 54). Mas as indicações nas características nádegas, pernas e pênis (9%, n= 7 cada um) ficaram neste com resultado muito baixo (1.2%, n= 4 para nádegas e pernas e 1,5%, n= 5 para pênis), não confirmando os dados do estudo 1.

Comparando com o estudo 3 verificamos que o item mais indicado pelos homens nas suas expectativas é o mesmo, a compleição física (30.1%, n= 25 no estudo 3 e 35.2%, n= 69 no estudo 4) e que o tronco (9.6%, n= 8 no estudo 3) se confirma também agora (10.2%, n= 20).

O mesmo acontece com o elemento rosto (13.3%, n= 11 no estudo 3 e 10.7%, n= 21 no estudo 4).

A partir daqui, os resultados são diferentes. O item rabo que no estudo 3 foi o segundo com 14.5% (n= 12), fica aqui com apenas 6.1% (n= 12).

É interessante notar que o quinto elemento mais indicado no estudo 3, com resultado já abaixo de 10% (8,4%, n=7) foi o item mãos que no estudo 4 recebeu 0.5% de indicações (n= 1).

Vemos também que as expectativas agora indicadas nos olhos e no sorriso, com 10.7% (n= 21) cada, tiveram no estudo 3 apenas 3.6% (n= 3) de indicações.

No estudo 3 havia já uma aproximação das expectativas masculinas às escolhas das mulheres, com a inclusão do rosto (13.3%, n= 11), que agora também se confirma, acentuando-se a aproximação das expectativas masculinas ao padrão

menos físico e mais expressivo antes preferido pelas mulheres, com a inclusão dos olhos e do sorriso (10.7%, n= 21 cada um).

Em relação à comparação das escolhas das mulheres, verifica-se que se confirmam as três escolhas feitas por elas no estudo 3, com mais de 10%, olhos (33.9%, n=139), sorriso (21.0%, n= 86) e rosto (18.0%, n= 74), ficando a indicação agora feita sobre a compleição física (15.5%, n= 53) a diferenciar-se daquele trabalho em que teve apenas 8.0% (n=33).

Isto aponta uma vez mais e confirma a preferência feminina pela expressividade, ainda que no estudo 4 surja o item compleição física em terceiro lugar, a dar uma indicação no grupo de itens mais físicos, embora não específica para uma característica particular, mas sim geral.

Relativamente à consistência entre expectativas masculinas e escolhas das mulheres no estudo 4, verificamos que das cinco expectativas dos homens, apenas o tronco em “V” não é confirmado pelas escolhas femininas. Uma vez que três das expectativas masculinas confirmadas são expressivas e que a única não confirmada, o tronco, é física, estes dados não confirmam os resultados de Montoya (2007).

Montoya (2007) concluiu que os homens preferem as pernas, ancas, nádegas e tornozelos das mulheres e estas a tonicidade da musculatura geral, o seu desenvolvimento, os braços e os ombros dos homens.

Realmente o nosso estudo não se aproxima destes resultados, uma vez que, como se viu na secção anterior, os homens mostraram quase total indiferença pelas pernas e ancas (os tornozelos não foram incluídos na nossa lista); por outro

lado os dados da secção agora em análise mostram que as mulheres apenas valorizaram a compleição física que podemos considerar o equivalente ao desenvolvimento muscular de Montoya (2007), dando apenas 6.4% ao tronco em “V” que se pode considerar equivalente aos ombros referidos por aquele investigador. No nosso trabalho não incluímos itens sobre os braços e sobre a tonicidade muscular.

Podemos ainda afirmar que a muito grande coerência entre as expectativas dos homens e as escolhas das mulheres foi conseguida com a aproximação das expectativas deles às preferências anteriormente demonstradas pelas mulheres e não ao contrário, uma vez que a carga totalmente física inicial deu lugar a três itens expressivos, os olhos, o rosto e o sorriso.

Assim comparando a consistência entre expectativas masculinas e escolhas das mulheres com as de Lavrakas (sem referência bibliográfica) vemos que o nosso estudo, ao contrário daquele, apresenta consistência quase total.

Em relação ao estudo 1, que também apresentava uma boa consistência, vemos que houve uma alteração profunda. Naquele, a consistência deve-se à convergência das mulheres, por terem indicado itens físicos e neste à dos homens que indicam itens expressivos.

Relativamente ao estudo 3 a consistência do actual é muito maior, uma vez que a daquele só aconteceu no que diz respeito ao rosto, sendo as outras três expectativas masculinas muito pouco pontuadas pelas mulheres, ao mesmo tempo

que a primeira e segunda escolhas destas recebia pontuação masculina baixíssima (3%).

c. Modelos de beleza

Vamos começar por comparar os modelos femininos de beleza construídos pelas mulheres e pelos homens da amostra.

Vemos que existe uma coerência grande entre o modelo construído pelas mulheres e o que os homens apontaram, em que apenas três itens, indicados por cada sexo, são diferentes.

Assim sendo, os modelos são basicamente iguais, diferindo em alguns detalhes.

No caso do que as mulheres construíram, elas incluíram ser alta e magra e ter cabelo ondulado, ou seja, dois elementos físicos relativos ao aspecto geral e um de detalhe, que os homens não indicaram. Estes apontaram um elemento expressivo, os olhos azuis e dois sexuais, os seios empinados e a vulva totalmente depilada, que elas não referiram.

A inclusão da magreza confirma a tendência das mulheres para sobrestimarem este elemento (Frederick, Fessler & Haselton, 2005; Horvath, 1979).

Estas escolhas diferenciadas e apesar da sobreposição da maioria dos itens, apontam para uma maior valorização dada pelos homens a características sexuais, em relação ao que a mulher escolhe, o que confirma a perspectiva evolucionista (Vieira, 2006). Aliás as escolhas femininas, por exemplo no que respeita à vulva, desvalorizam completamente os três itens que a referem, com 1.9% apenas, cada um, como se pode ver no anexo D.

De um modo geral, os dados sugerem que a ideia de beleza feminina é partilhada em grande parte pelos dois sexos, o que confirma a tendência de

aproximação que se vem verificando nos nossos estudos, entre indicações de homens e de mulheres.

Contudo, mantém-se nos homens a vertente mais sexualizada característica das indicações deste sexo, ao incluírem no seu modelo de beleza feminina os seios empinados e a vulva totalmente depilada.

Ambos os modelos apontam para a figura de ampulheta feminina, ancas redondas e cintura fina, normativa do género e percebida como atractiva (Johnson, Lurye & Freeman, 2008).

Há porém que salientar que as indicações sobre as ancas redondas e a cintura fina (RCA - relação cintura-ancas, ou WHR – waist-to-hip ratio) são mais valorizadas pelas mulheres do que pelos homens, o que, de alguma maneira contraria a teoria da evolução, segundo a qual o homem prefere as mulheres que ostentam indicadores de poderem ser aptas para o parto o que está intimamente ligado a esta relação (Geary, Vigil & Byrd-Craven, 2004; Lippa, 2007; Neto, 2000).

O modelo de homem belo feito pelas mulheres apresenta também grande coerência com o que os homens construíram, com nove itens comuns (a totalidade dos resultados encontra-se no anexo E).

Este resultado, tal como o da sobreposição de itens dos modelos de beleza feminina atrás referidos, não é consistente com os de Lavrakas, no estudo pioneiro, que apontavam indicações claramente diferentes entre as expectativas dos homens e as escolhas das mulheres, mas confirmam uma vez mais a tendência de aproximação que se vem verificando entre indicações feitas pelos homens e pelas mulheres, nos nossos estudos anteriores 1 e 3.

Para além daqueles nove elementos comuns, as mulheres indicam outros cinco que apontam uma vez mais para o aspecto geral (ser magro) e detalhes expressivos do rosto (boca bonita, olhos grandes e verdes e mãos) mantendo-se assim a preponderância de indicações femininas em itens expressivos.

Quanto à inclusão das mãos, sabe-se que estas podem ter influência na atracção sexual, principalmente no que respeita ao facto de se possuir os 2º e 4º dedos longos e, no caso dos homens, a razão entre o comprimento dos dedos indicador e anelar ser diminuta (Clark, 2004; Saino, Romano & Innocenti, 2006).

Em acréscimo aos nove itens comuns, os homens da amostra indicam outros quatro, sendo dois de natureza física, a musculatura dos braços e das pernas e um expressivo, os olhos azuis. O quarto é claramente sexual e refere-se ao pénis grande.

Mantém-se nos homens alguma estabilidade em relação aos resultados de Lavrakas e do nosso estudo 1, com a característica musculatura a ser citada privilegiadamente e com o reaparecimento do item tamanho do pénis.

Vemos assim que os cinco itens constantes da lista, que se referem a musculatura, são seleccionados pelos homens o que dá uma medida inequívoca da importância que eles dão a este aspecto.

Por outro lado, verificamos o reaparecimento do item relativo ao pénis, que não constava das expectativas masculinas no estudo 3, onde tivera 0% de indicações.

Parece pois que a ideia da beleza masculina, nas expectativas dos homens, incluindo musculatura forte não morreu e que o tamanho do pénis conserva, ou recupera, a sua importância, ainda que isto não seja consistente com os resultados do estudo 3, nem com as expectativas dos homens no estudo 4. Por outro lado, a

tendência feminina para preferência de itens expressivos parece também manter-se.

Como vimos no capítulo 2.4 o modelo pode ser completamente independente do estereótipo, não contendo quaisquer elementos deste; pode ser parcialmente sobreponível ao estereótipo, o que quer dizer que engloba alguns elementos de beleza que fazem parte dele, incluindo outros que não fazem parte do estereótipo; ou ser completamente sobreponível, situação em que todos os seus elementos são também parte do estereótipo.

Mas para podermos analisar esta sobreposição fizemos entrevistas no sentido de saber o que as pessoas consideram que é o estereótipo de beleza actual.

Entrevistámos 32 pessoas, sendo 21 do sexo feminino e 11 do masculino, estudantes universitários em Lisboa, ou com curso superior terminado, com idade entre os 19 e os 64 anos.

A entrevista serviu para que cada pessoa dissesse quais dos itens constantes das listas que lhe líamos estavam incluídos nos estereótipos actuais de beleza masculina e de beleza feminina.

A lista referente à pesquisa sobre o estereótipo de beleza feminina, que utilizámos, é constituída pelos 17 itens do modelo de beleza feminina, constantes da tabela 24 e a que respeita ao estereótipo de beleza masculina, pelos 18 do modelo de beleza masculina, apresentados na tabela 25.

Após esta primeira tarefa, solicitávamos às pessoas que indicassem outros itens que entendessem fazer parte dos estereótipos de beleza, mas que não constassem das listas dos modelos, o que foi feito apenas cerca de uma dezena de vezes e os

itens indicados nunca atingiram os 10% de indicações necessárias para serem incluídos no estereótipo.

A partir dos resultados das entrevistas foram excluídos do estereótipo actual de beleza feminina os seguintes itens: pele morena, ancas redondas, seios médios, cabelo ondulado, olhos azuis e vulva totalmente depilada.

Podemos dizer que o estereótipo de beleza feminina é uma mulher alta, magra, com corpo e rabo bonitos, cintura fina, mãos e pernas bonitas, seios grandes empinados, com uma boca bonita num rosto também bonito.

Da lista referente ao estereótipo de beleza masculina foram excluídos, após as entrevistas, os elementos seguintes: rosto bonito, pele morena, tronco em “V”, olhos verdes e olhos azuis.

Da mesma maneira podemos caracterizar o estereótipo masculino como um homem alto, magro, com corpo, rabo e mãos bonitas, musculatura geral, abdominal, do tronco, das pernas e dos braços bem desenvolvida, pénis grande, com olhos grandes e boca bonita.

Com base nestes elementos, podemos verificar o tipo de cada um dos quatro modelos conseguidos (feminino e masculino, construídos por homens e por mulheres), em relação aos estereótipos.

O modelo de mulher bela, construído pelas mulheres, contém 10 dos 11 itens do estereótipo e mais quatro não incluídos neste (pele morena, ancas redondas, seios médios e cabelo ondulado), pelo que é um modelo parcialmente sobreponível ao estereótipo.

Relativamente ao modelo de beleza feminina construído pelos homens vemos que possui 9 dos 11 itens do estereótipo, e inclui outros cinco diferentes dele (pele

morena, ancas redondas, seios médios, olhos azuis e vulva totalmente depilada). É portanto um modelo parcialmente sobreponível ao estereótipo.

O modelo de homem belo construído pelas mulheres apresenta 10 elementos dos 13 incluídos no estereótipo e 4 que não o são (rosto bonito, pele morena, tronco em “V” e olhos verdes). Estamos portanto, uma vez mais perante um modelo parcialmente sobreponível ao estereótipo.

Finalmente o modelo de beleza masculina construído pelos homens mostra 9 dos 13 elementos do estereótipo e quatro diferentes (rosto bonito, pele morena, tronco em “V” e olhos azuis) sendo, por isso, igualmente um modelo parcialmente sobreponível ao estereótipo.

Estes resultados sugerem que a construção de modelos pessoais de beleza tem por base o estereótipo, sendo incluídos elementos que o completam e/ou diferenciam dele, nalguns aspectos.

Dito por outras palavras, isto sugere que a saída da trivialidade não é muito conseguida, mantendo-se uma ligação à crença geral da sociedade, o estereótipo.

Sabe-se através da teoria da comparação social (Rodrigues, 1986) que as pessoas comparam as suas opiniões com as das que as rodeiam e que essa comparação termina se as diferenças forem demasiado grandes, podendo nesta situação levar à dificuldade de interacção social e de formação de grupos. É pois admitir que as pessoas se submetam pelo menos parcialmente às opiniões (neste caso, ao gosto) dos outros.

Por outro lado, sendo o estereótipo uma produção social, portanto culturalmente construído, é de admitir que, independentemente de se ter gosto pessoal que se diferencie dele, esse gosto seja de alguma maneira influenciado pelo estereótipo, enquanto crença social difundida e aceite.

Vemos também que os quatro modelos são construídos com 26 itens no total, com as características corpo, rabo, rosto e pele morena a serem indicados para todos eles.

É igualmente interessante verificar que o item pele morena, que faz parte dos quatro modelos, não é incluído no estereótipo de beleza de qualquer dos sexos e que o item ser magro faz parte de ambos, embora não se inclua no modelo feminino nem no masculino, escolhidos pelos homens.

A análise do dendograma do modelo de mulher mostra uma diferenciação maior entre regiões do que entre sexos, sendo claro que a região de Trás-os-Montes se diferencia das outras duas e que nestas existe depois uma diferenciação por sexos.

Isto parece confirmar de alguma maneira a oposição entre preferências da amostra de Lisboa e da de Trás-os-Montes que atrás tínhamos salientado.

A consistência nas indicações para o modelo de beleza feminina é muito grande, quanto aos itens escolhidos, uma vez que todas as seis categorias de indivíduos da amostra (três regiões e dois sexos) concentram as cinco primeiras indicações em apenas oito itens, colhendo os itens corpo, rabo e rosto unanimidade de todas elas.

Isto aponta para uma aproximação muito grande e para uma coerência sólida em relação ao que os homens e as mulheres da nossa amostra entendem ser belo, na mulher.

Seguem-se ainda com consistência assinalável os itens seios médios escolhido pelos homens nas três regiões e pelas mulheres em Trás-os-Montes e boca que foi indicado pelos homens e mulheres em Lisboa e no Algarve.

Verificamos também que o item vulva totalmente depilada é indicado pelo sexo masculino nas três regiões, com o mínimo de 10% no Algarve, enquanto as

mulheres lhe atribuem a percentagem máxima de 2% em Lisboa e Trás-os-Montes, vendo-se assim que esta característica tem um valor de apreciação muito maior nos homens do que nas expectativas femininas.

O item seios empinados foi indicado acima de 10% pelas mulheres no Algarve e pelos homens em Lisboa e Trás-os-Montes.

A análise do dendograma do modelo de homem aponta para um critério de diferenciação diferente do da mulher, uma vez que no caso do do homem a diferenciação é feita claramente por sexo, independentemente da região, apesar da coincidência de muitos itens, como se viu.

Para o modelo de homem, as indicações concentraram-se menos, distribuindo-se por 11 itens, em que apenas a característica rosto colhe indicações das seis categorias de participantes da amostra (mulheres e homens das três regiões), seguindo-se os itens rabo, que só não foi indicado pelos homens de Lisboa e ser alto sem indicações de homens e mulheres de Trás-os-Montes.

A boca é mais escolhida pelas mulheres das três regiões, com percentagens iguais ou superiores a 35%, enquanto os homens lhe atribuem a percentagem máxima de 10% em Lisboa; o item olhos verdes foi indicado com percentagens entre 14 e 29% pelas mulheres das três regiões, enquanto os homens lhe atribuíram percentagens abaixo de 10% em Lisboa e Algarve e 16% em Trás-os-Montes;

As características musculatura geral e pénis grande são mais escolhidas pelos homens das três regiões, a primeira com percentagens entre 43 e 57% e a segunda entre 16 e 30%, enquanto as mulheres lhes atribuíram percentagens entre 25 e 27% e entre 5 e 7% respectivamente.

Além disso, verifica-se (anexos I, J e L) que a amostra masculina de Lisboa escolheu todos os cinco itens referentes a musculatura e os das outras duas escolheram três deles, o que dá uma medida muito clara da importância que os homens continuam a dar a esta característica, no seu modelo de beleza.

d. Percepção da inclusão da escolha no modelo de beleza.

Quase 90% das pessoas da amostra incluem a sua escolha sobre o que mais as atrai no sexo oposto, no modelo de beleza.

Importa saber se o facto de as pessoas pensarem que o item que mais as atrai se inclui no modelo de beleza corresponde a uma realidade objectiva, ou seja, se realmente indicaram um item que faz parte do modelo individual que criaram, ou se apenas consideram que ele foi escolhido com base no modelo, mas na realidade não faz parte dele.

Para isso fizemos uma pesquisa em que verificámos aleatoriamente 15% dos questionários, comparando o item indicado como escolha preferencial de atracção do sexo oposto com os que foram escolhidos para fazerem parte do modelo de beleza desse mesmo sexo, que cada sujeito da amostra construiu.

A amostra para esta pesquisa é uma amostra por quotas (região e sexo), constituída por 81 pessoas, sendo 32 (39.5%) de Lisboa, 29 (35.8%) do Algarve e 20 (24.7%) de Trás-os-Montes, o que reproduz as percentagens de indivíduos destas regiões, no total da amostra do estudo 4 (39.3% na amostra de Lisboa, 35.4% na do Algarve e 25.2% na de Trás-os-Montes).

A distribuição por sexos respeita igualmente as percentagens destes nas três regiões e é a seguinte: Lisboa (56.6% de mulheres e 43.4% de homens, na amostra total): 18 mulheres (56.3%) e 14 homens (43.8%); Algarve (84.3% de mulheres e

15.7% de homens): 24 (82.3%) mulheres e 5 homens (17.2%); Trás-os-Montes (45.6% de mulheres e 54.4% de homens): 9 (45.0%) mulheres e 11 (55.0%) homens.

Os resultados encontram-se na tabela 34, sendo os dos homens designados por H e os das mulheres por M.

A coluna “Mod.+Est.” diz respeito aos elementos de atracção do sexo oposto que estão dentro do modelo de beleza e igualmente do estereótipo; a coluna “Modelo” respeita aos elementos de atracção do sexo oposto que estão dentro do modelo individual de beleza, mas fora do estereótipo; a coluna “Não” inclui os itens de atracção do sexo oposto que não se encontram dentro do modelo individual de beleza que o sujeito construiu.

Analisando os resultados verifica-se que, as pessoas consideram que o item que escolheram, por ser o que mais as atrai no sexo oposto, se inclui no modelo de beleza que construíram Contudo, apenas menos de dois terços (61.7%, n=80) realmente indicaram itens que fazem parte desse modelo, sendo 46.9% (n= 38) igualmente incluídos no estereótipo e os outros 14.8% (n=12) apenas no modelo.

Tabela 34 – Verificação da inclusão da escolha no modelo individual

Região	Mod. + Est.		Modelo		Não	
	H n (%)	M n (%)	H n (%)	M n (%)	H n (%)	M n (%)
Lisboa	4 28.6	7 38.9	1 7.1	3 16.7	9 64.3	8 44.4 (n=32)
Algarve	4 80.0	11 45.8	0 0.0	7 29.2	1 20.0	6 25.0 (n=29)
T.-os-Montes	6 54.5	6 66.7	0 0.0	1 11.1	5 45.5	2 22.2 (n=20)
Geral/sexo	14 46.7	24 47.1	1 3.3	11 21.6	15 50.0	16 31.4 (n=81)
Tot. amostra	(n=38) 46.9%		(n=12) 14.8%		(n=31) 38.3%	

Esta incoerência não é facilmente explicável, sugerindo que nas perguntas 1 e 3 as pessoas da amostra indicaram o item que as atrai pensando que se incluía no seu próprio modelo de beleza. Porém, na pergunta 2 para a construção do modelo, perante uma lista maior de itens, ter-se-ão dispersado e em 38.3% dos casos não tiveram objectivamente em consideração a finalidade da pergunta. Terão indicado itens que lhes pareceram atractivos, mas que, por serem enunciados de maneira diferente configuram um modelo em que o item indicado antes se não enquadra.

Contudo e mesmo nesta situação, parece aceitável pensar que pudessem indicar itens que fossem concordantes com o que apontaram na pergunta 1 ou 3, uma vez que se pedia indicações de elementos atractivos do modelo pessoal de beleza, portanto susceptíveis de confirmarem a resposta anterior.

É ainda de salientar que o item sorriso das duas listas das perguntas 1 e 3 não pode ser incluído no modelo de beleza, por não fazer parte da lista deste e que acontece o mesmo com o item umbigo, da lista feminina da pergunta 1.

O sorriso entrou na lista de escolhas das perguntas 1 e 3, porque é considerado um caso em que um comportamento externo é um item de atracção física (Neto, 2000) e foi apontado por homens e mulheres no estudo 2.

Contudo, uma vez que na construção dos modelos se pretendia que eles fossem elaborados apenas com partes do corpo e características específicas delas, não havia lugar à inclusão do sorriso na lista da pergunta 2, para que as respostas se limitassem apenas e só a este tipo de itens.

Relativamente ao umbigo, embora seja uma parte física do corpo, não foi indicado quando da construção da lista para esta pergunta, pelo que dela não faz parte.

A análise dos dados por regiões aponta para duas constatações contraditórias. Na amostra de Lisboa as mulheres incluem mais a sua escolha no modelo de beleza, o que confirma a formulação de Touraine (2007) sobre as mulheres serem mais realistas, resistindo mais às normas sociais, mas em Trás-os-Montes são os homens que incluem mais o item escolhido no modelo de beleza, contrariando esta sugestão.

e. Percepção da inclusão da escolha no estereótipo de beleza.

Verificamos como facto saliente que, dos indivíduos da amostra que declararam que não incluem a sua escolha no modelo de beleza (10.8%, n= 58) sete não responderam a esta pergunta, ficando portanto a amostra com 51 pessoas.

A totalidade das pessoas da amostra em Trás-os-Montes e todos os homens no Algarve, declararam que o item escolhido como preferido no sexo oposto se inclui no estereótipo de beleza.

As mulheres da amostra do Algarve distribuem as suas respostas igualmente por sim e não (50%, n=6).

Na amostra de Lisboa, algumas mulheres não incluem a escolha no estereótipo (n=2, 18.2%) e incluem em 9 (81.8%), enquanto os homens não incluem em 5 casos (26.3%) e incluem em 14 (73.7%).

Nestes últimos casos, os resultados apontam portanto para que a escolha não se inclui no modelo nem no estereótipo de beleza.

O resultado mais baixo na inclusão da escolha no estereótipo e portanto mais elevado quanto a ela ter sido feita sem base no modelo nem no estereótipo, encontra-se nas mulheres no Algarve (50.0%).

Vemos assim que 13 pessoas (2.4% da amostra total e 25.5% da amostra que respondeu a esta pergunta), das quais 8 mulheres (2.3% das mulheres da amostra

total e 28.6% das que responderam a esta pergunta) e 5 homens (2.6% dos homens da amostra total e 21.7% dos que responderam a esta pergunta) não atribuem a sua escolha do elemento de beleza física que mais os atrai no outro sexo ao modelo pessoal, nem ao estereótipo. Isto poderá apontar para escolhas ocasionais, devidas ao acaso e/ou às características da lista de itens fornecida.

Destas 13 pessoas, duas mulheres e cinco homens são de Lisboa e as outras seis mulheres são do Algarve.

f. Percepção da auto-inclusão no modelo de beleza

Mulheres e homens da amostra declaram-se maioritariamente incluídos no modelo de beleza do seu sexo. Contudo os homens têm mais seis pontos percentuais do que as mulheres (58.2% e 52.2%, respectivamente), o que sugere uma auto-imagem melhor deles. Não se deve contudo perder de vista que alguns estudos apontam para que não existe correlação entre a auto-percepção da beleza física e a beleza física que os outros realmente percebem (Mónico, 2005).

Apenas em Lisboa as mulheres se incluem no modelo de beleza física em percentagem superior aos homens.

As mulheres de Lisboa e Algarve incluem-se no modelo de beleza em percentagem que ronda os cinquenta e cinco por cento, mas em Trás-os-Montes a percentagem das que se incluem é pouco superior a 48%.

Relativamente aos homens passa-se o contrário e é em Trás-os-Montes que eles mais se incluem no modelo de beleza (71.6%). No Algarve a percentagem de inclusões é ainda superior a sessenta por cento, mas em Lisboa é a menor das três regiões, passando apenas ligeiramente dos quarenta e cinco por cento e sendo a mais baixa das seis categorias (homens e mulheres das três regiões).

É muito interessante a diferença entre a auto-inclusão de mulheres e homens em Trás-os-Montes. De facto, enquanto eles atingem o resultado mais alto dos homens, passando dos setenta por cento, elas ficam com o mais baixo das mulheres, inferior a cinquenta por cento.

Parece pois que a auto-imagem dos homens desta região é muito elevada, enquanto que a das mulheres é muito baixa, sendo que a percepção da aparência física é influente num baixo auto-conceito das mulheres (Cordeiro, 2006).

g. Inclusão do companheiro no modelo de beleza do outro sexo

O elevado nível de inclusão do companheiro no modelo de beleza do outro sexo é evidente, com 85.2% (n=190) para as mulheres e 84.1% (n=95) para os homens.

Contudo os nossos resultados não confirmam a formulação de Alberoni (2006), referida na abordagem teórica, de que os homens vêem a namorada como a mulher mais bela do mundo e que as mulheres mantêm a noção dos defeitos do namorado, mesmo quando apaixonadas.

Mas quando analisamos a situação por regiões, salta claramente à vista a diferença, por defeito, do nível de inclusão que as mulheres e homens da amostra de Lisboa fazem dos seus parceiros que, no caso das mulheres se cifra em mais de 10 pontos percentuais e no dos homens em mais de 10 em relação aos da amostra de Trás-os-Montes e de 20 em relação aos da do Algarve.

É admissível que estas diferenças se possam explicar, pelo menos parcialmente, devido à influência acrescida da imagem de beleza que a publicidade difunde incansavelmente e que em Lisboa, por ser uma cidade de dimensão muito maior do que Faro e Vila Real de Trás-os-Montes é naturalmente também de difusão mais intensa.

Não é só a televisão e os jornais, uma vez que estes chegam a toda a área geográfica do país, mas também a profusão de montras e de painéis *out-door* que mostram homens e mulheres belos e isso pode, de algum modo, levar as pessoas a criarem padrões de beleza que não são facilmente atingíveis na vida real (Almeida, 2004).

Pode mesmo levá-las a perceber a realidade de modo algo distorcido, por força dos esquemas de género culturais (Vieira, 2006) mas criando uma imaginação colectiva (Almeida, 2004) que pode ser demasiado exigente e perfeita, situando-se excessivamente longe da realidade quotidiana.

Verificamos que no Algarve os homens consideram em cem por cento dos casos que a companheira está incluída no modelo de beleza das mulheres. Em Trás-os-Montes os resultados das mulheres e dos homens são muito equilibrados e elevados, rondando os noventa por cento.

Se o facto de se tratar de cidades pequenas com difusão mais restrita de padrões de beleza, facilitando assim a inclusão do companheiro no modelo, pode explicar esta elevada inclusão, é plausível que a situação em Lisboa seja explicável pelas razões opostas.

h. Estudo exploratório qualitativo

Dado que alguns resultados destes estudos são muito interessantes e por vezes insuficientemente explicados através da abordagem quantitativa que usámos, recorreremos a Rey (2002, p. 63) que diz que “o momento empírico é fonte de novos fenómenos [*sic*] (...)” e um pouco à frente, citando J. Ibañez estabelece um padrão diferenciador entre o papel do pesquisador quantitativo e qualitativo,

afirmando que aquele que não reflecte sobre o seu trabalho se encontra no primeiro caso e o que reflecte, no segundo.

Reflectindo pois sobre (a) a variação das expectativas e escolhas de homens e mulheres ao longo do tempo, (b) a percepção de inclusão do item preferido no modelo indicado, depois não verificada na realidade, (c) a tendência de sobrevalorização da magreza pela mulher, (d) a tendência de sobrevalorização dos músculos pelos homens, (e) alteração das escolhas femininas agora menos expressivas e mais físicas e sexuais e (f) alteração das escolhas masculinas agora mais expressivas, concluímos que podia ser interessante fazer uma investigação qualitativa, através de entrevistas, para tentar perceber como estas realidades que os dados nos mostram são vividas e explicadas pelas pessoas.

Contudo, nalgum momento o pesquisador tem de parar ou arrisca-se a nunca dar por terminada a investigação que tem em mãos. Dezassete anos depois de termos iniciado estes estudos pareceu-nos que era altura de parar, por agora. Há sempre um momento em que é preciso saber parar, como dizem Sternberg e Grigorenko (2003) que acrescentam logo a seguir que “a questão crucial é que as pessoas precisam ser [*sic*] capazes de encerrar fases do seu trabalho (...) e depois seguir em frente a partir daí” (Sternberg & Grigorenko, p.120).

Porém, não queríamos deixar completamente em aberto e sem qualquer exploração a via que se nos apresenta. Por isso, decidimos fazer quatro entrevistas com função dupla exploratória e expressiva (Guerra, 2006) deixando para o futuro o aprofundamento da abordagem qualitativa.

Por um lado, a função expressiva destas entrevistas destina-se a procurar compreender se nas declarações dos entrevistados “(...) algo pode exemplificar os resultados da investigação” (Guerra, 2006, p. 34) dando-lhe o significado que falta

confirmar (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, s.d.) e por outro, utilizámo-las com a função exploratória de levantar pistas para futura pesquisa qualitativa nesta área (Guerra, 2006).

Ainda que limitados pela necessidade de reduzir o número de entrevistas, procurámos cumprir a regra indicada por Guerra de garantir a diversidade dos participantes, isto é ter em conta a heterogeneidade das pessoas a estudar.

Neste caso procurámos atender à diversidade interna, recorrendo a dois homens e duas mulheres de escalões de idade diversificados que, se continuarmos a seguir a perspectiva de Guerra (2006) podem ser considerados uma *amostra por homogeneização*, em que procurámos a diversidade dentro do grupo de estudantes, fazendo variar a idade e o sexo.

Para a determinação da idade, seguimos o critério seguinte:

1º - Excluímos as seis pessoas do escalão de 57 anos ou mais e atribuímos ficticiamente a idade média de cada escalão aos sujeitos que nele se encontram, tendo obtido a média de 24,1 anos.

2º - Atribuímos a idade média dos dois primeiros escalões de idade (n=421, 78.1% da amostra) às pessoas que neles se encontram e obtivemos a média de 20,8 anos.

3º - Assumimos estes limites (20 a 24 anos) como razoáveis para metade dos entrevistados (um homem e uma mulher).

4º - Aumentámos a idade em vinte anos para a outra metade dos entrevistados (40 a 44 anos) por corresponder aproximadamente à *coorte* que tinha a idade da outra metade, quando iniciámos estes estudos.

Assim entrevistámos um homem e uma mulher no primeiro escalão de idade e um homem e uma mulher no segundo.

Apresentamos em seguida a sinopse das quatro entrevistas:

Caso V – sexo masculino, 44 anos.

A parte física que mais o atrai nas mulheres é as pernas, embora a que mais o atraía fossem os seios. Esta preferência alterou-se depois de casar, porque a esposa tem as pernas muito bonitas e acabou por ser levado a pensar que nem tudo está nos seios, apesar de a tradição assim dizer, ou se calhar a ligação à mãe (peito que dá leite). Antes sentia que os seios eram a parte mais atraente. Pensa que esta preferência inicial se deve ao facto de os homens em geral naquela época, há cerca de vinte anos, a terem inculcada pelo grupo e a manifestarem.

Pensa que a parte que as mulheres preferem nos homens é a musculatura, principalmente do tronco. Em rapaz foi modelo e tinha essa parte bem desenvolvida e lembra-se de poder claramente constatar que isso atraía as mulheres.

Julga que esta preferência se mantém, mas acha que os olhos também têm muita importância. Contudo, devido à influência dos meios de comunicação social que procuram salientar a beleza física, acha que os músculos do tronco mantêm a supremacia.

Das três áreas físicas com que trabalhamos (física propriamente dita, sexual e expressiva) a que prefere genericamente é a expressiva por ser a que provoca, e suporta a convivência entre as pessoas. Esta ideia é consistente ao longo do tempo, não se tendo alterado, desde que se recorda.

Explica o facto de as pessoas perceberem que o item da sua preferência está incluído no modelo de beleza do outro sexo que construíram e depois se verificar que realmente não está, com a disparidade entre as fantasias de atracção, uma vez

mais propagadas pela comunicação social e a realidade. Tem-se um sonho, mas vive-se na realidade objectiva do que é alcançável.

Percebe com clareza que as mulheres valorizam exageradamente a magreza em si próprias, mas não tem dúvidas de que estão totalmente enganadas e que os homens não apreciam realmente mulheres muito magras, do tipo de modelo de *passerelle*.

Tem também a clara percepção da valorização dos músculos pelos homens em si próprios, mas acha que esta preferência é partilhada pelas mulheres.

Interpreta a preferência crescente das mulheres pelo físico e aspectos mais sexuais dos homens como mais um fruto da publicidade. “Não interessam as qualidades, o que conta é o físico, porque é isso que é valorizado vinte e quatro horas por dia na televisão, revistas e jornais”.

Relativamente à preferência crescente dos homens pelos aspectos expressivos das mulheres, explica-a através da adopção de valores com que se sentem mais confortáveis. Há vinte anos, quando estava na plena juventude a preferência era corporal, voltada para o físico e para aquilo a que chamámos itens da área sexual, mas agora é mais branda e menos pressionante, mais expressiva.

Já não é preciso estar sempre a bater no físico e no sexo, os olhos e o sorriso são muito gratificantes e retiram carga de machismo à relação. “Os tempos são outros e, neste aspecto... mudou muita coisa, já não temos que estar sempre a fazer de machões para sermos homens”.

Análise:

Verifica-se uma deslocação, ao longo do tempo, da preferência sexual (seios) para física (pernas) que, embora apresentada como circunstancial (esposa) é

imputada ao facto de a tradição já não ser respeitada e não haver actualmente pressão social para os homens terem de seguir determinada via de comportamento, ou preferência, comum ao género.

Mas mantém opinião tradicional quanto à expectativa em relação ao outro sexo (musculatura do tronco), embora com abertura a um item expressivo (olhos). Admite que, embora os olhos tenham importância, a comunicação social com a divulgação continuada de homens musculados e a difusão da mensagem de que isso é bonito, tenha levado as mulheres a preferirem este aspecto físico neles.

A preferência genérica pela área expressiva reforça a ideia da importância que é dada à expressividade, que proporciona e mantém a convivência.

A disparidade entre percepção de inclusão da preferência no modelo e a realidade é imputada à existência de um sonho de beleza com a opção a ser feita por algo mais real e atingível.

Considera que há inconsistência entre a valorização da magreza feita pelas mulheres e a sua apreciação pelos homens que será muito baixa, ao contrário da percepção de que a expectativa destes nos músculos é partilhada pelas mulheres.

A publicidade é apontada como responsável pela preferência crescente das mulheres pelos itens físicos e sexuais dos homens que leva a colocar a superficialidade destes aspectos à frente de outros aspectos expressivos, antes valorizados.

A mudança de valores dos homens é apontada como causa da alteração das suas escolhas, agora mais expressivas, porque deixaram de ter necessidade de mostrar machismo e passaram a estar atentos a outros aspectos, embora isto tenha mudado apenas nos últimos vinte anos.

Caso S – sexo feminino, 24 anos

A sua preferência vai para os olhos “(...) que transmitem algo... não sei, dizem-nos muito, são uma montra...”

Esta preferência é estável, pois não se recorda de ter preferência por outra parte do corpo.

A expectativa centra-se no rosto que deve ser principalmente amigável e mostrar afectividade. “(...) é ... como hei-de dizer... tem de ser calmo e tranquilizador, não constituir afinal uma ameaça (...)”.

Não está bem segura, mas admite que esta expectativa pode ter mudado de uma inicial relativa ao aspecto físico, do corpo em geral.

A área de atracção física que privilegia é a expressiva, desvalorizando bastante as outras duas. Os aspectos expressivos são determinantes por mostrarem estabilidade (ou instabilidade) e darem a clara noção de se querer estar com alguém, ou ao contrário não querer estar. Esta ideia é estável no tempo.

Atribui a inconsistência da percepção de inclusão do item físico no modelo a um fenómeno de difusão cultural, não exactamente um estereótipo, mas mais uma pressão que leva as pessoas a seguirem o que acham que se espera que sigam. “É um bocado... uma falta de independência, de liberdade.”

Pensa que a expectativa da mulher na magreza está a mudar para outras coisas mais reais e adaptadas e sabe que os homens não partilham dessa preferência pela magreza, ainda que não queira dizer que eles preferem gordas, mas a magreza aos limites a que já chegou, não é a preferência masculina.

A expectativa dos homens nos músculos também não é partilhada pelas mulheres. As mulheres preferem aspectos como o comprometimento do homem e indicadores deste tipo.

Pensa que a alteração das preferências femininas para menos expressivas e mais físicas e sexuais tem que ver com a desinibição crescente das mulheres, com a sua maior independência generalizada, incluindo portanto a económica e que cada vez mais se caminhará para uma situação de separação entre o interesse numa relação estável e a relação de divertimento.

No caso da mudança das preferências masculinas para mais expressivas, os homens estão cansados da pressão e ameaça da situação anterior. Há uma grande influência da cultura e da comunicação social e publicidade que inculcam novas ideias de homem colaborante em casa, na família, mais atento a aspectos afectivos e isso dá-lhes a necessidade e a vontade de terem o que nunca tiveram, de serem mais eles próprios, sem receio do que se diga por isso. “Há uma inversão de papéis, quase mesmo da identidade de género que arrasta este tipo de mudança.”

Análise:

Quer a preferência física, quer a expectativa, quer ainda a preferência pela área física recaem na expressividade o que aponta para uma pessoa tradicional, apesar da idade. Para além disso, apenas na expectativa é admitida a possível mudança de alguma prioridade anterior mais física, ainda que não haja a certeza disso.

A percepção inconsistente da inclusão da preferência física no modelo é atribuída à pressão social, ainda que não à existência de um estereótipo de beleza. É uma espécie de modelagem colectiva que pressiona para a aceitação do que é esperado socialmente que seja aceite e que, neste caso terá levado as pessoas a escolherem o que realmente preferem e a indicarem um modelo que é *imposto socialmente*.

A percepção de que a expectativa feminina na magreza está a mudar não é patente nos nossos dados e pode resultar de convicção pessoal eventualmente reforçada pela opinião no contexto humano em que vive.

A posição relativa à expectativa masculina nos músculos não só não é patente nos nossos dados, como a preferência das mulheres pelo comprometimento foi claramente negada pela não indicação de itens expressivos, o que parece apontar para uma pessoa algo conservadora e eventualmente um pouco fora da realidade, neste aspecto.

A explicação para a alteração das preferências femininas para mais físicas e sexuais está enquadrada na teoria exposta neste trabalho (Lippa, 2007) que sugere que as mulheres, à medida que se tornam independentes do ponto de vista económico podem passar a mostrar preferência por itens mais lúdicos e hedonistas. É interessante salientar que foi feita a separação entre relação estável e relação de divertimento que nalgumas investigações (Donovan, 2003) tem sido tomada em consideração, por poder mostrar diferentes possibilidades de preferência.

A explicação para a alteração das preferências masculinas é muito interessante sugerindo uma libertação do homem da carga de machismo a que tem vindo a ser sujeito, vendo-o, a par de desenvolver novos interesses de cooperação na vida familiar, a começar a mostrar preferência por itens expressivos que lhe podem dar alguma medida da motivação e interesse da mulher por ele.

Na realidade, o movimento de inversão de tendência que homens e mulheres mostraram no nosso último estudo levou-nos a sugerir isto mesmo: um afastamento, em vez de aproximação que aqui aparece igualmente sugerido sob a fórmula da inversão de papéis ou da identidade de género.

Caso M – sexo feminino, 44 anos

Prefere os olhos que transmitem uma mensagem própria e o que se procura é encontrar nessa mensagem a confiança de que se necessita. Esta preferência é estável ao longo do tempo.

Tem a expectativa de que é a altura que os homens preferem nas mulheres.

Admite que esta expectativa tenha mudado com o tempo, porque há anos havia a ideia de que gordura é formosura e, por isso, as preferências e expectativas das pessoas também se alteraram.

A área física preferida é a expressiva e esta preferência é consistente ao longo do tempo.

Atribui a escolha de um item de beleza percebido inconsistentemente como dentro do modelo, à existência de duas listas diferentes para a escolha do item e para a indicação do modelo, que pode ter confundido as pessoas e tê-las levado a pensar que, sendo as listas diferentes, se esperaria respostas diferentes.

Após ter sido esclarecido que apenas dois itens da lista das mulheres não se encontravam na da indicação do modelo (sorriso e umbigo) e que a diferença estava no desdobramento de cada um deles em diversas possibilidades nesta última, não foi encontrada explicação para aquela situação.

Pensa que a expectativa na magreza se deve à televisão que insiste em mostrar gente muito magra e em sugerir que é aquela a beleza física. Acha que não tem sido consistente com as preferências masculinas, mas que hoje os homens gostam de mulheres magras, idealmente, quer dizer, em imagem, mas independentemente da pessoa com quem vivem ser magra, ou não. “É ideal, a realidade pode ser outra coisa”.

Concorda que os homens tendem a sobrevalorizar a musculatura, mas que as mulheres não partilhavam essa preferência. Contudo, foi criada uma estereotipização masculina com base no músculo e hoje talvez a mulher comece, por essa razão, a valorizar mais a musculatura.

Quanto à alteração das escolhas femininas para itens menos expressivos e mais físicos e sexuais, pensa que isso se deve ao facto de a mulher se estar a emancipar e a ser dona de si própria, podendo dizer o que entende e escolher aquilo de que gosta realmente. “Não esquecer que quem escolhe é a mulher...”

Em relação à alteração das escolhas dos homens agora mais expressivas, é uma questão de “politicamente correcto”. Fica bem aos homens dizerem que o que mais os atrai são os olhos e assim descarregam a conotação sexual/física tradicional. Por outro lado os “(...) olhos são cada vez mais usados pelas mulheres como um íman, como um isco...”.

Análise:

A preferência pela expressividade dos olhos é consistente no tempo, mas a expectativa na altura das mulheres pode ter sido alterada, embora não esteja certa disto, admitindo que a moda possa ter feito variar este aspecto.

Também a preferência pela área expressiva é consistente ao longo do tempo, o que marca a estabilidade da expressividade, uma vez mais.

Para a percepção da inclusão do item preferido no modelo de beleza e posterior verificação de não estar realmente incluído, aponta uma explicação metodológica que pode ser aceite como razoável e que apontámos na devida altura.

Em relação à expectativa feminina na magreza, considera a influência da televisão determinante e que esta expectativa antes não era partilhada pelos

homens, embora actualmente pense que é, devido uma vez mais à influência televisiva que cria uma noção idealizada de beleza que pode não corresponder à realidade da vida do homem. Também uma vez mais se aponta para a existência de duas vias, uma imaginária ideal e outra real e mais alcançável.

No que diz respeito à expectativa dos homens na musculatura, também não lhe parece que as mulheres a compartilhassem anteriormente, mas pensa que hoje, devido ao estereótipo criado de *homem-músculo-beleza*, começam a apreciar a musculatura.

A mudança de escolhas femininas para mais físicas e sexuais é atribuída à emancipação da mulher que actualmente pode fazer as escolhas que entende.

A mudança das escolhas dos homens para mais expressivas é vista como fruto de duas influências: Uma devido ao facto de a mulher usar os olhos como um íman para atrair o homem; a outra, é o facto de os homens se sentirem bem por aceitarem o politicamente correcto, isto é, abrandarem a conotação física/sexual anterior e apontarem como preferência aquilo que a sociedade achará mais adequado, os itens expressivos.

Caso F – sexo masculino, 21 anos

A característica física preferida é o rosto, porque é o que primeiro e mais chama a atenção quando se vê alguém.

Antes lembra-se de olhar muito e preferir claramente os seios, o rabo e as pernas, mas agora que namora, não pode deixar-se levar por este tipo de comportamento e sendo mais comedido, prefere o rosto. Contudo, se não estiver com a namorada, continua a sentir-se atraído pelos itens sexuais.

A expectativa de atracção masculina é indicada no tronco que dá a ideia de força, mas não no sentido de homem-músculo, antes no de homem que, sendo forte, pode proteger a mulher. “O tronco está mais ou menos, ligado à força”. É uma expectativa estável no tempo.

A área de atracção física que prefere é a sexual e esta preferência é consistente no tempo.

A percepção de que o item escolhido estava incluído no modelo de beleza, embora não estivesse, é atribuída à pressão social que faz as pessoas construírem um modelo que não é realmente o que preferem, mas sujeito ao estereótipo da altura.

A tendência feminina para valorizar a magreza é partilhada pelo entrevistado, embora deixe claro que não se trata de partilhar o gosto pela magreza dos modelos de passerelle, por esqueletos, mas sim por mulheres delgadas. “Não é a magreza anoréctica!”. A sobrevalorização pode ser devida à existência de muitas agências de modelos em Lisboa, o que pode levar as mulheres a tentarem emagrecer cada vez mais na esperança de poderem vir a ter acesso a alguma coisa naquela área, mesmo quando, por exemplo a altura não ajuda totalmente. Pode haver a esperança de conseguir alguma coisa ligada à moda.

Relativamente à expectativa masculina nos músculos, pensa que não é partilhada pelas mulheres que são mais abrangentes e apreciam outras coisas como a maneira de falar, de estar, etc. Contudo talvez depois do rosto, os músculos sejam o mais visível.

A alteração das escolhas femininas é atribuída à pressão social. Cada vez mais os casamentos não duram, ou não chegam sequer a fazer-se. As mulheres são hoje mais livres e independentes e não precisam de prestar contas a ninguém. Há hoje

menor profundidade nas relações, mais superficialidade e flexibilidade e isso implica outro tipo de preferências.

A mudança das escolhas dos homens é atribuída, na sua base, à mesma razão anterior. As mulheres, sendo mais livres, tornaram-se sexualmente mais desinibidas e por isso os homens sentem medo e procuram segurança. Daí que privilegiem os itens expressivos que lhes podem dar indicações acerca da mulher com que estão a tentar ter uma relação. “Elas são mais sexuais e eles têm medo, por isso querem segurança.”

Análise:

Houve alteração no item de preferência que era sexual (seios, rabo) e/ou físico (pernas) para um expressivo (rosto) embora não por razões da expressividade propriamente dita, mas por acomodação e contenção, portanto adaptação social, devida ao facto de ter namorada e entender que não deve dar largas ao anterior tipo de preferências.

A expectativa é depositada no tronco por transmitir à mulher a ideia de força para a poder defender, se for necessário.

A preferência física dentro das três áreas (física, sexual e expressiva) vai para a sexual e, neste aspecto não houve alteração com o facto de namorar, o que parece indicar que, também do ponto de vista de característica física preferida, se poderá manter a sexual, embora, por razões de adaptação (conformidade) social e adequação à namorada, apresente um item expressivo, como se viu.

Isto parece aliás ser confirmado com a explicação dada para a percepção inconsistente da inclusão do item no modelo, que aponta para a pressão social que

levará as pessoas a construírem modelos que se adequam a essa pressão e ao estereótipo de beleza, mas não são realmente o verdadeiro modelo.

Partilha do gosto pela magreza feminina, embora não excessiva como a comunicação social apresenta, admitindo que o sonho de entrar para o mundo da moda possa levar as raparigas a enveredarem pela magreza excessiva.

Relativamente à expectativa masculina nos músculos, parece-lhe que não é partilhada pelas mulheres que estarão interessadas prioritariamente noutras coisas relacionadas com a maneira de se relacionar do homem.

A emancipação e libertação das mulheres em relação aos padrões comportamentais tradicionais é a razão apontada para explicar a alteração das escolhas delas, que assim se adaptam à maior superficialidade das relações actuais.

É igualmente indicada para explicar a base das alterações das escolhas masculinas, agora mais expressivas, embora neste caso aponte para um outro aspecto muito interessante. Prende-se com o facto de a libertação da mulher assustar o homem que assim se refugia em itens expressivos que lhe darão maior possibilidade de descodificar as verdadeiras intenções da mulher. Parece pois estar em curso a inversão de papéis de que “S” falava.

5.1.5 Conclusões

“Na função descritiva, recolhemos informação para descrever fenómenos ou uma situação”
(Jean-Marie de Ketele e Xavier Roegiers,
Metodologia de recolha de dados)

“Nenhum facto se deixa apreender tal como nos aparece espontaneamente.”
(Jean-Pierre Cot & Jean-Pierre Mounier,
Para uma sociologia política)

A partir dos dados fornecidos pela amostra podemos tirar algumas conclusões sobre ela.

Quanto a expectativas, as mulheres centram-se agora em dois itens sexuais, o rabo e os seios, e um físico geral, o corpo, tendo abandonado as características olhos e sorriso, o que aponta para uma deslocação de expectativas para itens sexuais em detrimento de expressivos e apoia a formulação de Touraine (2007) da reconstrução da mulher actual, com base na sexualidade.

O item nádegas/rabo, indicado em expectativa feminina nos estudos 1 e 4 e neste nas 3 regiões, acima dos 10%, mostra que a expectativa é bastante maior do que a realidade, já que apenas foi escolhido relevantemente (acima dos 10%) pelos homens por uma vez (estudo 1).

As expectativas femininas no item “corpo” têm vindo sempre a aumentar (17.9% no estudo 1, 36% no estudo 3 e 41.4% no estudo 4) o que pode estar ligado à exposição cada vez maior dos corpos, principalmente do feminino, na publicidade.

Esta característica é a única que foi sempre indicada por homens e mulheres nos nossos estudos

Os itens corpo e rabo são os que recolhem unanimidade nas expectativas das mulheres, nas três regiões.

Quer as expectativas das mulheres, quer as escolhas dos homens desvalorizam o item relacionado com a figura de ampulheta da mulher (as ancas) não confirmando assim alguns estudos (Lavrakas, 1975; Singh, s.d.) nem as pesquisas que mostram a valorização da relação cintura-anca (Braun & Bryan, 2006; Carey, 2006). Sabe-se contudo que os homens com sócio-sexualidade mais restrita tendem a valorizar menos este item (Brase & Walker, 2004), o que não pode ser verificado no nosso estudo.

Em Trás-os-Montes os seios são muito desvalorizados em termos de expectativa das mulheres.

As pernas e o porte atlético são-no, também em Trás-os-Montes, nas expectativas delas e nas escolhas dos homens, o que mostra que, embora os elementos da amostra sejam estudantes de cursos ligados a educação física e desporto, não valorizam estes itens.

Nas escolhas masculinas verificamos que o aparecimento da característica olhos em lugar destacado difere totalmente do estudo 1 e confirma o estudo 3, materializando uma aproximação às preferências femininas, o que se acentua com a escolha do item rosto.

O item sexo (vulva, púbis) continua a não merecer o interesse dos homens, confirmando o estudo 3, mas não o estudo 1.

Mantém-se o nível de consistência verificado nos estudos 1 e 3, quanto à confirmação das expectativas femininas e escolhas dos homens, com a confirmação de dois dos três itens de expectativas feminina.

Verifica-se uma maior valorização do item sorriso nas expectativas masculinas e desvalorização nas escolhas femininas.

Na análise por regiões verifica-se a continuação da preponderância de preferência de itens físicos nas expectativas dos homens.

Há um evidente esvaziamento da importância dos itens sexuais nas expectativas masculinas.

Em relação aos estudos anteriores, salienta-se a confirmação das expectativas sobre os itens compleição física, tronco e rosto do estudo 3, acentuando-se agora no estudo 4 a tendência para a expressividade das expectativas masculinas, com as indicações nos itens olhos e sorriso.

A maior coerência, quase total, entre expectativas dos homens e escolhas femininas, agora encontrada, deve-se à aproximação das expectativas daqueles às escolhas expressivas anteriores das mulheres e não, como aconteceu no estudo 1, a que elas aproximaram as suas escolhas das expectativas mais físicas dos homens, o que está de acordo com a teoria dos papéis sociais de Eagly (Vieira, 2006).

A comparação entre este estudo, o de Lavrakas e os nossos estudos 1 e 3, transparece uma alteração das expectativas dos homens, passando a haver uma tendência maior para a expressividade e menor para a sexualização.

Confirmam-se as escolhas que os homens fizeram no estudo 3, excepto no que respeita aos seios que não foram relevantemente referidos e agora são; esta escolha sexualizada, aparece em disparidade com as restantes e mantém a ligação com esta área de atracção física indicada pelos homens.

A análise dos itens mais estáveis na relação expectativa feminina/escolha dos homens aponta para o corpo em primeiro lugar, o que se entende por ser um item

de carácter geral e não de uma parte específica, seguindo-se os olhos e os seios, o que distribui estas últimas indicações pelas outras duas categorias de itens: mais sexual (os seios) e mais expressiva (os olhos).

O item vagina/sexo só foi indicado relevantemente no estudo 1 pelos homens.

No que diz respeito à estabilidade na relação entre expectativas dos homens e escolhas das mulheres, vemos que os itens mais estáveis são os olhos, o sorriso e a compleição física com nove indicações cada um.

Isto sugere com clareza a importância do item olhos e a desvalorização da compleição física nas expectativas masculinas.

A característica altura com apenas dois resultados relevantes, no estudo de Lavrakas e no estudo 1, sugere que este item que tinha grande relevo naquelas investigações iniciais, ao longo do tempo foi perdendo a importância, salientando uma vez mais a atenuação dos elementos mais físicos.

No que respeita aos modelos, ao analisarmos os da mulher vemos que o que elas construíram é semelhante ao que os homens indicaram, diferindo nalguns pormenores que apontam no caso destes, para itens mais sexuais e no das mulheres para elementos ligados à altura e magreza, portanto à figura geralmente difundida pela comunicação, como sendo da mulher bela.

Isto confirma o já detectado exagero na expectativa feminina quanto à altura (Frederick, Fessler & Haselton, 2005; Ramos, 2001).

Os modelos de mulher confirmam de uma maneira geral as tendências anteriormente mostradas quer nas expectativas femininas, quer nas escolhas masculinas.

A relação cintura-ancas é mais valorizada, na construção do modelo feminino, pelas mulheres do que pelos homens. Isto não apoia a proposta da teoria evolucionista (Geary, Vigil & Byrd-Craven, 2004; Lippa, 2007; Neto, 2000) nem as conclusões de Lavrakas (1975) e aponta para que elas mostram mais interesse pela relação WHR (relação cintura-ancas) que outros estudos mostraram ser preferencial para os homens (Singh, s.d.).

Os modelos de homem, construídos pelas mulheres e pelos homens, são também semelhantes, uma vez mais com os itens diferenciadores a apontarem, no caso das mulheres para aspectos de carácter físico geral e expressivos e no dos homens para aspectos físicos e sexuais, principalmente.

Os homens seleccionam todos os cinco itens da lista, que se referem a musculatura, o que aponta para a confirmação do detectado exagero destes em relação à expectativa na musculatura (Frederick, Fessler & Haselton, 2005).

Os homens recuperam o pénis para o modelo de beleza que constroem do seu sexo.

A construção dos modelos de beleza de mulheres e de homens revelou ter por base o estereótipo de beleza, com adição de detalhes diferenciadores deste.

Quanto à inclusão do item de atracção do outro sexo que as pessoas da amostra escolheram, no modelo de beleza desse sexo que construíram, verificamos que quase 90% o incluem, mas que esta percepção não é totalmente confirmada pela realidade.

Apenas 61.7% das pessoas da amostra que declaram que a sua escolha se inclui no modelo escolheram realmente itens que estão incluídos no seu modelo de beleza.

Das 51 pessoas (9.5% da amostra total) que responderam “não” à pergunta sobre a inclusão do item preferido no outro sexo no modelo de beleza, apenas 38, correspondendo a 7.1% da amostra total, o incluíram no estereótipo.

13 pessoas (2.4% da amostra total) não o incluíram no modelo nem no estereótipo, sugerindo escolhas baseadas eventualmente na sugestão ocasional que os itens da lista possam exercer.

Os resultados da auto-inclusão no modelo de beleza rondam apenas os 50%, o que pode confirmar que as pessoas classificam o seu grau de atractividade comparando-se com os ideais que a sociedade lhes apresenta, pelo que, sendo estas imagens cada vez mais de pessoas consideradas muito belas, ocorre a auto-desvalorização (Frederick, Fessler & Haselton, 2005).

Estes resultados sugerem uma auto-imagem melhor dos homens, sendo os da amostra de Lisboa os que têm resultado mais baixo, assim como as mulheres da de Trás-os-Montes.

Ao contrário, os homens desta região são os que mais se incluem no modelo de beleza, sugerindo estes resultados que as mulheres de Trás-os-Montes são as que têm pior auto-imagem, enquanto que os homens desta região são os que a têm melhor.

As mulheres e os homens em Lisboa são os que menos incluem o companheiro(a) no modelo de beleza do sexo oposto, sugerindo este resultado que o padrão de comparação nesta cidade é mais exigente do que nas outras e, por isso mais difícil de alcançar (Almeida, 2004).

É nas grandes cidades que os centros comerciais, com a quantidade de lojas que possuem se tornaram um espaço público especial, com normas e redes de convívio próprias, preparadas e planeadas para difundir as mensagens que interessa que sejam passadas (Almeida, 2004). Entre outras consequências, vão formando padrões de beleza, podendo mesmo levar a distorções de percepção da realidade (Vieira, 2006).

No caso dos homens, que como vimos no capítulo sobre atracção interpessoal, tendem a desvalorizar a companheira quando são expostos a modelos interferentes de grande beleza física (Kenrick, Neuberg, Zlerk & Krones, 1994) podemos considerar os nossos dados coerentes com a abordagem evolucionista. De facto a companheira é uma mulher que pode ter sido percebida como tendo possibilidades de gerar filhos, ainda que não fosse necessariamente muito bela.

No caso feminino, como também vimos antes, a desvalorização do companheiro é mais previsível quando o modelo interferente a que as mulheres são expostas apresenta dominância elevada (Kenrick, Neuberg, Zlerk & Krones, 1994). Por este ponto de vista os nossos dados parecem não confirmar a abordagem evolucionista, excepto se se considerar que as imagens masculinas geralmente mostradas pela comunicação e pela publicidade são representativas de homens de alta dominância, para além de grande beleza física. Mas Miller, Perlman e Brehm (2007, p. 92) afirmam que “(...) men and women tend to underestimate the

attractiveness of average people when they use unusually attractive people as a standard of comparison” o que pode então explicar o nosso resultado.

6. Conclusões Gerais

“(…) nunca perdendo de vista o esforço posto em fazer
convergir todas as informações e deduções para as conclusões finais
(Edite Estrela, Maria Almira Soares e Maria José Leitão,
Saber escrever uma tese e outros textos)

“(…)Para trás e para diante, aparecendo e desaparecendo
Noite e dia percorro esses caminhos.”
(Walt Whitman, *Canto de mim mesmo*)

“Que costa é que as ondas contam
E se não pode encontrar
Por mais naus que haja no mar?”
(Fernando Pessoa, *Calma*)

Partindo da base conceptual de que homens e mulheres são diferentes do ponto de vista biológico, psicológico e sociológico, procurámos ao longo dos quatro estudos compreender como se manifestam essas diferenças e se apresentam variações, descrevendo-as.

Para isso, estudámos as expectativas de preferência física e as preferências físicas, ao longo de dezassete anos e no último estudo investigámos os modelos de beleza do próprio sexo e do outro, a inclusão do elemento físico preferido no modelo ou no estereótipo de beleza do outro sexo, a auto-inclusão no modelo do próprio sexo e a inclusão do companheiro(a) no do outro.

O objectivo nove do último estudo é comparar as expectativas e preferências em função da região, mas, uma vez que os dados permitem fazê-lo, procedemos de igual modo no que respeita aos objectivos seis (percepção da inclusão do item escolhido como preferencial no outro sexo no modelo de beleza) sete (auto-inclusão no modelo de beleza do próprio sexo) e oito (inclusão do companheiro no modelo de beleza do outro sexo).

Em relação ao objectivo cinco fizemos o mesmo trabalho, mas não construímos os modelos de beleza por região, uma vez que, se o tivéssemos feito, iríamos ficar com dezasseis modelos, o que consideramos que seria demasiado confuso e provavelmente com muito pouco significado em termos de resultados, uma vez que os modelos construídos por homens e por mulheres da amostra total são bastante semelhantes, como se viu

Das quatro investigações podemos tirar as seguintes conclusões, em relação às amostras com que trabalhámos.

A partir do estudo de Paul Lavrakas (sem referência bibliográfica) começa a haver alterações de expectativas e de escolhas, que mostram uma tendência aparente para aproximação entre os sexos, embora se mantenha a preferência mais física e sexual dos homens e mais expressiva das mulheres. Isto é consistente com a formulação da American Academy of Pediatrics (2000) segundo a qual se espera que as mulheres sejam mais assertivas e feministas na actualidade, enquanto aos homens é permitido e se espera mesmo que expressem o seu lado mais feminino e que se mostrem mais susceptíveis de revelar compaixão e brandura.

Esta aproximação aparente contraria a *Hipótese da Sobrevalorização do Traço Físico* (Physical Trait Overvaluation Hypothesis, Frederick, Fessler & Haselton, 2005) que prediz que os meios de comunicação específicos de género enfatizam determinadas partes do corpo em competições de prestígio intra-sexo, o que leva a que essa competição exacerbada crie uma desconexão entre as preferências de um género e as aspirações do outro.

No que diz respeito às expectativas masculinas e escolhas das mulheres, a aproximação referida deve-se a dois movimentos de sentido oposto, mas com resultados idênticos: por um lado, vemos as escolhas femininas a mostrarem

algumas preferências físicas e até pelas dimensões do pénis, mas por outro verificamos indicações masculinas em itens expressivos.

Quanto às expectativas femininas, vemos que do estudo 1 até ao estudo 4 se verificou uma descida do valor das expectativas físicas (as que respeitam mais especificamente a aspectos físicos); uma subida do das expectativas sexuais (que, sendo físicas referem aspectos com conotação sexual) e a anulação do das expectativas expressivas (que sendo também físicas se relacionam com aspectos da expressividade da pessoa).

Em relação às escolhas dos homens, verificamos descida do valor das escolhas físicas e sexuais e subida das escolhas expressivas.

Em presença dos dados recolhidos nas entrevistas, temos de sugerir que estamos realmente não perante uma aproximação, mas face a um cruzamento e afastamento entre as expectativas e escolhas de homens e mulheres, o que, a confirmar-se, é consistente com a hipótese da sobrevalorização do traço físico, conforme os dados que apresentámos indicam.

Estas alterações são consistentes com as das expectativas masculinas e escolhas femininas e apontam de uma maneira geral para o aumento das indicações expressivas nos homens e das físicas e sexuais nas mulheres.

Verifica-se notório desinteresse dos homens pelo item sexo (vulva, púbis) e por elementos de atracção da área mais física que a tradição e um estudo anterior de Lavrakas (1975) apontavam como importantes para os homens. Vê-se que, a partir do estudo 1, os itens sexo da mulher, rabo e pernas não mais foram escolhidos relevantemente, enquanto os seios o são no estudo 4, mas com enorme desvalorização na amostra do Algarve.

A análise por regiões mostra como mais saliente o facto de as escolhas das mulheres serem totalmente coincidentes, com excepção da boca, apontada apenas pelas da amostra do Algarve. Esta consistência de resultados assenta num item físico (a compleição física) e em três expressivos (olhos, rosto e sorriso).

No que diz respeito às escolhas dos homens, não existe unanimidade excepto quanto ao item corpo.

Estes resultados sugerem que as mulheres têm um padrão mais uniforme nas suas preferências em relação aos homens, do que estes em relação a elas, o que é coerente com a maior sócio-sexualidade masculina (Brase & Walker, 2004).

Relativamente aos modelos, concluímos que homens e mulheres têm conceitos bastante idênticos acerca do que é um homem belo e uma mulher bela, construindo modelos em que a maior parte dos componentes são os mesmos.

As diferenças no modelo da mulher apontam para a sobrevalorização da magreza feita pela mulher, o que é consistente com estudos anteriores (Frederick, Fessler & Haselton, 2005; Horvath, 1979; Ramos, 2001) e de itens sexuais pelo homem; enquanto isso, no do homem repete-se a indicação de magreza acompanhada por itens expressivos pela mulher e a de musculatura e dimensão do pénis pelo homem.

Isto merece alguns comentários:

- Primeiro, o homem valoriza todos os itens ligados a musculatura e o mais claramente sexual, o pénis, no modelo masculino, recuperando estas duas áreas bastante descuradas nas expectativas demonstradas; isto parece indicar a conservação de um ideal de modelo tradicional do tipo homem machão, que não corresponde à realidade da percepção que tem das preferências das mulheres, manifestada pelas expectativas apontadas;

- Segundo, o homem valoriza a vulva totalmente depilada no modelo feminino, mas desvaloriza a vulva nas preferências demonstradas na atracção física, o que parece apontar para a existência de um modelo algo quimérico e irreal, ou para a eleição de um detalhe, *totalmente depilada*, em substituição da vulva em si mesma;
- Terceiro, as mulheres parecem ter estendido a conhecida sobrevalorização da magreza em relação ao que julgam ser preferência masculina (Frederick, Fessler & Haselton, 2005; Horvath, 1979; Ramos, 2001) para a construção do modelo de homem belo.

No que respeita à inclusão do item considerado mais atractivo no outro sexo no modelo de beleza, ou no estereótipo, verificamos que cerca de 90% da amostra o incluiu no modelo, com ligeira superioridade das mulheres, o que sugere que as pessoas da amostra se percebem como resistentes ou mesmo em ruptura com o estereótipo.

Contudo apenas um pouco menos de dois terços dos 90% indicaram itens que se incluem realmente no modelo que construíram, o que mostra que a realidade não é coincidente com a percepção que a pessoa tem da sua escolha.

A percepção de auto-inclusão no modelo de beleza física indica que os homens da amostra geral se incluem mais do que as mulheres, sugerindo melhor auto-imagem deles. Só em Lisboa as mulheres se incluem mais do que os homens.

Em Trás-os-Montes verifica-se que os homens atingem o máximo de inclusão e as mulheres, o mínimo.

A inclusão do companheiro no modelo de beleza do sexo oposto, na amostra geral, mostra nível superior em cerca de 30% em relação à auto-inclusão, o que

parece apontar para uma auto-desvalorização grande em comparação com a valorização que os participantes fazem do companheiro.

A amostra de Lisboa é aquela em que a inclusão do companheiro é mais baixa, o que sugere a comprovação de que a exposição a imagens de corpos do outro sexo afecta o ideal de corpo de quem vê (Frederick, Fessler & Haselton, 2005); sugere igualmente que a inundação de publicidade com exibição de figuras de grande beleza cria padrões demasiado altos e algo irrealistas (Almeida, 2004) difíceis de atingir na vida real.

Na amostra de Trás-os-Montes a inclusão do companheiro é mais equilibrada entre os dois sexos e na do Algarve 100% dos homens consideram que a sua companheira se inclui no modelo de beleza do sexo oposto.

Pensamos que os dezassete anos destes estudos são ainda pouco tempo para se poder tirar conclusões com carácter de determinação de alterações estáveis neste campo, pelo que a continuação da investigação longitudinal é um objectivo que se pensa crucial, de modo a poder-se, após mais uma ou duas dezenas de anos, verificar se elas realmente se consolidam.

Parece-nos igualmente que explorar linhas de investigação que as nossas pesquisas não abrangeram e que estudem a relação entre a auto-inclusão no modelo de beleza e a auto-estima será de interesse futuro. A não inclusão pode estar ligada a nível baixo de auto-estima e a inclusão a índice mais elevado; do mesmo modo parece-nos que o estudo da relação da auto-estima com inclusão do(a) companheiro(a) no modelo de beleza do outro sexo é interessante, uma vez que esta pode repercutir-se quer na auto-estima do participante, quer na do(a) companheiro(a) (Humphreys, 2001).

Relativamente à exploração qualitativa, Não estamos próximos da *saturação empírica* que consiste no facto de a determinada altura não se justificar fazer mais entrevistas por não trazerem dados novos (Guerra, 2006) e, por isso, podemos esperar que com a sua continuação surjam novas ideias e explicações.

Pensamos que as quatro que fizemos justificaram plenamente termo-las feito por terem mostrado apoio a algumas possíveis explicações que avançámos para os dados quantitativos. Além disso, abriram outra via explicativa que é suportada pela teoria, como atrás expomos (Lippa, 2007) e que respeita à possível alteração das crenças e/ou valores de homens e mulheres, ou da relação de forças entre eles tacitamente aceite ao longo dos tempos, que podem estar a começar a conduzir a uma mudança radical nos seus comportamentos e, eventualmente, como uma entrevistada diz, até nos papéis sexuais.

Pensamos portanto que elas cumpriram inteiramente as duas funções para que foram feitas, a expressiva exemplificando alguns resultados e apontando significados possíveis e a exploratória levantando pistas para a futura pesquisa qualitativa.

7. Considerações Finais

“Women’s friendships are ‘face-to-face’
whereas men’s are ‘side-by-side.’”
(Wright, in *Sex Roles*, 8)

Terminado este trabalho de mais de um quarto da nossa vida já longa, podemos resumir a nossa perspectiva actual expondo a convicção de que avançámos no conhecimento, abrimos portas para investigação futura e atingimos resultados que podem ser utilizados em intervenção social.

Os resultados permitem-nos sumariar os aspectos mais importantes que aprendemos e as suas implicações e sugestões para pesquisa futura, as quais passamos a apresentar.

a. Verificámos que vem ocorrendo uma tendência de aproximação das expectativas/escolhas dos homens ao que inicialmente era indicado pelas mulheres, mais expressivo e relacionado com aspectos físicos gerais e das expectativas/escolhas das mulheres ao que antes os homens indicavam mais frequentemente, aspectos físicos e sexuais, o que sugere um desencontro nestas alterações.

É necessário mais tempo para estudar longitudinalmente a atracção física interpessoal, para se poder clarificar se as pessoas alteram com o tempo as suas expectativas e escolhas, como os nossos estudos sugerem. Contudo e dada a falta de caracterização das nossas primeiras amostras em termos de idade, não sabemos exactamente se elas são equivalentes à última, deste ponto de vista, ainda que,

tratando-se da mesma população de estudantes universitários, nos pareça ser razoável admitir que sejam.

Contudo, na construção dos modelos de beleza, continua a haver diferença nas indicações dos dois sexos, no sentido das encontradas por Lavrakas e das do nosso primeiro estudo, com os homens a apontarem uma preponderância de inclusão de músculos no modelo masculino, em que incluem todos os cinco itens a eles referentes e a fazerem reaparecer a importância dada ao pênis, enquanto que as mulheres valorizam a magreza e aspectos expressivos.

Da mesma maneira, na construção do modelo feminino se notam as diferenças, com as mulheres a valorizarem a figura esguia, uma vez mais (altura e magreza) e o cabelo ondulado e os homens a salientarem olhos azuis e dois itens sexuais (seios empinados e vulva totalmente depilada).

Observa-se portanto a continuação da preferência por itens físicos e sexuais pelos homens e por itens expressivos pelas mulheres, no que respeita à construção dos modelos de beleza que, como vimos, não são necessariamente correspondentes às tendências indicadas na escolha dos itens atractivos no outro sexo. Isto parece sugerir a existência de modelos algo irreais e de indicações mais realistas em relação ao que atrai e se julga ser atractivo, eventualmente mais facilmente alcançável no quotidiano.

Pensamos que este é um tema de grande interesse para investigação futura, dado que pode configurar um processo adaptativo, face à inundação publicitária de figuras apresentadas como belas mas que se situam muito fora do contexto do dia-a-dia, que poderão remeter para a atracção por algo que seja mais fácil de encontrar no quotidiano, ainda que não corresponda a esse modelo idealizado e irreal.

Importa também futuramente estudar se esta adaptação ao possível em detrimento do desejável e quimérico, acarreta ou não frustração para as pessoas comuns.

b. A parcial sobreposição dos modelos de beleza dos homens e das mulheres, construídos por homens e por mulheres, com o estereótipo aponta com bastante clareza para que a base da sua formação é este, sendo depois completados com alguns itens diferenciadores e que também os distinguem entre os dois sexos.

Isto, dada a pressão social e publicitária dos tempos que correm, compreende-se com base na teoria da comparação social, com as pessoas a formarem os seus modelos de beleza enquadrados no estereótipo, evitando assim apresentarem preferências muito díspares do que a sociedade mostra e/ou impõe.

Parece ser um campo de interesse para intervenção social preventiva, no sentido de procurar estratégias que evitem a *formatação* decorrente deste processo, tendente a igualar as opiniões ou, no mínimo, a expressão delas, uma vez que a variedade é um importante elemento de satisfação e bem-estar que poderá ser posto em causa.

c. Confirma-se a apetência da mulher pela magreza, o que não é acompanhado pelos homens da amostra e verifica-se mesmo que ela estende a sua preferência que, como mencionámos atrás, era relativa à beleza feminina (Frederick, Fessler & Haselton, 2004) agora também aos homens.

Estamos perante outra área de intervenção social que apresentamos na alínea i.

d. Não há estudos anteriores que possam ajudar a interpretar os resultados que os *clusters* nos mostram. Pensamos que pode existir alguma influência da menor exposição a cidadãos de outras nacionalidades e de aspectos físicos diferentes no facto de homens e mulheres da amostra de Trás-os-Montes formarem um *cluster*,

no que respeita ao modelo feminino. As mulheres e homens das amostras de Lisboa e do Algarve, regiões com mais estrangeiros residentes e mais visitadas por turistas durante todo o ano, formam outro e dentro deste, surge uma subdivisão por sexos.

Relativamente ao que se passa com o modelo masculino, os *clusters* parecem mais previsíveis, com os homens das amostras das três regiões a formarem um e as mulheres outro.

e. Verificou-se que embora tenha havido percepção de inclusão do item de atracção do outro sexo no modelo de beleza em cerca de 90% dos participantes da amostra, apenas perto de dois terços destes escolheram realmente um item que está incluído no modelo. Este resultado pode ser devido ao facto de as listas de itens serem diferentes nas perguntas em que eram apurados ou ser uma confirmação da hipótese que colocámos antes, de que as pessoas têm modelos de beleza irreais, mas sentem-se realmente atraídas por características mais fáceis de encontrar na vida quotidiana.

A confirmar-se que se trata de facto da existência de modelos de beleza apenas fictícios e inatingíveis, pode configurar-se uma separação clara entre o que a sociedade/publicidade procura vender e o que realmente é apreciado como verdadeiramente atraente. Isto é, existir um duplo mundo constituído, por um lado, pelas fantasias publicitárias de padrões inalcançáveis pela maioria do comum das pessoas e, por outro, pela realidade prática da vida quotidiana que nos rodeia em que se incluem os próprios, os amigos e os familiares.

Um trabalho de intervenção social com estratégia tendente a realçar o papel da publicidade e a neutralizar os efeitos negativos dela, pode evitar problemas relacionados com a frustração em relação a si próprio e ao contexto humano e

com as consequências que a existência de dois mundos, um real e outro imaginário, no quotidiano das pessoas pode acarretar.

f. A importância muito grande dada ao pénis pelos homens no estudo inicial de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e no nosso primeiro trabalho, sofreu uma forte descida, ainda que tenha ressurgido na construção do modelo masculino, dos homens. A formulação de Martinho (2004) de que o homem actual se identifica pouco com a sexualidade tradicional não fornece, por si só, explicação cabal para este facto. Para isso, precisávamos de assumir que essa menor identificação leva à desvalorização do pénis, tornando-o menos importante para o imaginário masculino actual, ou que ele não é importante para a sexualidade pós-tradicional.

Tratando-se de uma população de estudantes universitários em que o número de pessoas do sexo feminino é crescente, a desvalorização do pénis poderá ser uma consequência do maior convívio entre sexos que desmistifique de alguma maneira a importância que tradicionalmente lhe era dada pelos homens, em favor de características mais expressivas. A ser assim, confirma-se as propostas de Carrada e Jannini (s.d.) de que o tamanho do pénis é a última prioridade nos desejos das mulheres e a afirmação de Hite (2004) de que as suas dimensões só impressionam os homens.

Estamos perante outra linha de investigação que consideramos de grande interesse futuro, uma vez que os nossos resultados, ainda que insuficientes, sugerem que a proximidade intelectual e operacional pode alterar a compreensão do que o outro sexo aprecia.

g. Verificou-se alguma incoerência entre o modelo masculino construído pelos homens, no que respeita à grande preponderância de músculos e à reaparição do interesse pelo pénis e as expectativas que eles manifestam. O modelo conserva as

características que o estudo de Lavrakas (sem referência bibliográfica) e a nossa primeira investigação mostraram fazer parte das expectativas masculinas.

Importa saber se isto corresponde apenas a uma mudança de maneira de pensar ou se corresponde a uma alteração na caracterização do masculino tradicional, passando agora o homem a conceber um modelo de beleza masculina ideal musculado e em que o pénis desempenha um papel importante, mas que não espera na realidade que seja atractivo para a mulher, centrando por isso a sua expectativa, neste aspecto, em itens não sexuais.

A confirmar-se esta situação, que sugere trabalho futuro, uma vez mais estaremos perante um duplo mundo de irrealidade e ficção, por um lado e de adaptação ao quotidiano, por outro, a sugerir também uma estratégia de intervenção social do tipo que referimos na alínea e.

h. Os resultados sugerem que a mulher começa a dar sinais de que, eventualmente por influência da maior independência económica (Lippa, 2007) e educacional, mostra interesse crescente por aspectos físicos antes quase exclusivos das expectativas masculinas. Podemos estar perante o dealbar de mais uma incompreensão masculino/feminino, quando as possibilidades e evolução da ciência e da tecnologia fariam esperar uma natural aproximação e dissipação das diferenças sócio-culturalmente inculcadas.

A mulher começa a estruturar a sua vida em bases mais hedonistas e menos relacionadas com a garantia de suporte para os filhos, espelhadas em escolhas físicas e sexuais preferenciais e o homem centra-se na ideia de que o que ela prefere não é já um corpo musculado possuidor de um simbólico e importante pénis masculinizador. Pensa agora que ela prefere a expressividade que garanta

boas intenções e sustentabilidade de vida e de família, podendo antever-se alguma perturbação do ponto de vista da inter-relação futura.

A ser assim, esta dupla convergência, das preferências das mulheres em direcção às anteriores expectativas dos homens e das expectativas destes em direcção às anteriores preferências delas, não representa uma aproximação entre expectativas e escolhas de atracção física de um e outro sexo. Significa na realidade o cruzamento e afastamento ou, no mínimo, a continuação da diferença entre os dois seres, materializada pelo início da troca de posições entre eles.

Mais um campo de oportunidade para uma intervenção no sentido de se aproveitar as alterações percebidas para contribuírem para a aproximação entre sexos e não para a continuação ou agravamento da separação.

Pensamos que o nosso trabalho dá um contributo importante para o levantamento desta questão que confirma a formulação de Lippa (2007), atrás mencionada, de que as mulheres, com a crescente independência económica tenderão a mudar as suas preferências no sentido das características físicas do homem.

i. A conservação das expectativas masculinas na atracção das massas musculares (Frederick, Fessler & Haselton, 2005) e das expectativas femininas na atracção da magreza (Frederick, Fessler & Haselton, 2005; Ramos, 2001) é preocupante. Sabe-se que no primeiro caso abundam os comportamentos de risco através da ingestão de substâncias que aceleram e potenciam o desenvolvimento muscular (Iriart & Andrade, 2002; Ribeiro, 2001) pelos jovens masculinos e que no segundo são cada vez mais frequentes os casos de anorexia em raparigas adolescentes (Cury, 2007; Sampaio, Bouça, Carmo & Jorge, 1999).

A influência das modelos de passerelle e das figuras femininas extremamente magras das revistas da especialidade (Miller, Perlman e Brehm, 2007) não parece fácil de escamotear e dificilmente se pode separar dos resultados do estudo publicado pela *European Eating Disorders Review* (1996) citado no capítulo sobre as expectativas e realidades da atracção física. Estes resultados mostraram que é muito elevada a percentagem de adolescentes portuguesas que queriam ser mais magras (38%), que consideram que alguma parte do corpo é gorda (49%) e que tinham pavor de serem mais pesadas (51.5%).

Do ponto de vista da prevenção que parece ser indispensável fazer nestes dois campos, o nosso estudo lança um claro alerta, tanto mais que a anterior expectativa feminina na atracção que a magreza causaria nos homens aparece agora alargada como preferência que as mulheres da amostra manifestam também nos homens.

Para estes, conjugar magreza com musculatura exuberante parece ser tarefa difícil de realizar e que, a ser tentada, pode ter consequências ainda mais perigosas do que já tem a toma de anabolizantes, hoje abundantemente praticada (Iriart & Andrade, 2002; Ribeiro, 2001).

Esta situação é tanto mais estranha quanto provámos que quer as expectativas masculinas nos músculos, quer as femininas na magreza, são claramente escolhidas em nível inferior pelo outro sexo, na nossa amostra. Por isso, os comportamentos de risco tendentes a atingir padrões elevados de musculatura nos homens e de magreza nas mulheres são muito pouco compensadores na realidade quotidiana.

Parece assim estar-se perante uma situação grave que pode atingir proporções e ter consequências dramáticas na sociedade. A intervenção apresenta-se não só oportuna, mas necessária e até mesmo indispensável, no sentido de alertar com a

maior veemência para os riscos da atracção pela magreza e pela conjugação desta ideia com a toma de medicamentos e exercício físico muito intenso para conseguir musculaturas muito desenvolvidas.

j. Os dados sobre a auto-inclusão no modelo de beleza do próprio sexo mostram que os homens se incluem mais do que as mulheres, na amostra global e que isso acontece também nas amostras do Algarve e de Trás-os-Montes, o que sugere auto estima mais elevada neles.

l. Em relação à inclusão do parceiro no modelo de beleza do outro sexo, verificámos que os níveis de inclusão são superiores aos da auto-inclusão atrás tratada, nos homens e nas mulheres da amostra global e das três sub-amostras.

Esta diferença é acentuada, verificando-se a mínima nos homens da amostra de Trás-os-Montes (18.1%) e a máxima nas mulheres da mesma amostra (42.2%).

Os dados sugerem portanto que o nível de satisfação com a atracção física do parceiro é superior ao que os participantes sentem em relação a si próprios.

m. Dado que as amostras são de conveniência não podemos aplicar a regra de ouro enunciada por Ghiglione e Matalon (1993, p. 36) que diz que “(...) *qualquer sub-amostra de uma amostra representativa é, ela própria, representativa da sub-população,*” [itálico no original] sendo esta uma limitação do estudo, característica de um número elevado de trabalhos em psicologia.

n. A existência de listas diferentes nas perguntas 1 e 3 (para obtenção do item que atrai no outro sexo) e na pergunta 2 (para obtenção dos modelos de beleza) pode ter contribuído para a não inclusão do item escolhido como mais atractivo no outro sexo, no modelo de beleza, por facilitar escolhas diferentes não existentes nas listas das perguntas 1 e 3. Esta questão deixa em aberto a dúvida sobre se a não escolha de um item incluído no modelo de beleza se deve à construção de um

modelo irreal e inalcançável, com conseqüente escolha de itens de preferência física mais práticos e exequíveis, ou à existência das duas listas diferentes, mas não nos parece ser esta última a causa.

o. Revelou-se importante, em trabalhos futuros, estudar a sócio-sexualidade dos respondentes, dada a possível influência nas respostas, para o que o Inventário de Orientação Sócio-Sexual de Simpson e Gangestad (1991, citados por Miller, Perlman & Brehm, 2007) nos parece particularmente adequado.

p. Da mesma maneira, sabendo-se que a fase do ciclo menstrual em que a mulher se encontra pode influenciar as suas escolhas quanto ao rosto masculino, será importante em futura investigação, que desenvolva a atracção pelo rosto, controlar esta variável.

q. A maior dificuldade da nossa investigação prende-se com a grande quantidade de informação. Realmente a realização de quatro estudos e, principalmente do último com objectivos mais dilatados e em três regiões do país, criou uma quantidade de dados difícil de trabalhar e a comparação dos resultados de cada um deles com os dos anteriores aumentou esta dificuldade, tendo como consequência uma preocupação acrescida com a redacção do relatório, de maneira a torná-lo claro e legível.

r. Parece-nos de interesse, em futuros trabalhos sobre atracção física interpessoal, estudar a auto-estima dos participantes, dada a possível relação com a auto-inclusão e a inclusão do parceiro nos modelos de beleza. Os dados referentes à amostra de Trás-os-Montes são disso um exemplo claro, com as mulheres a incluírem-se no modelo de beleza feminino abaixo dos 50% e os homens a incluírem-se no masculino acima das das amostras de Lisboa e do Algarve, com mais de 70%.

s. Finalmente, parece-nos plausível afirmar que verificámos que os homens e as mulheres da nossa amostra apresentam diferenças, como seria de esperar, mas que estas são conciliáveis e não representam pólos opostos, mais aceitavelmente representarão pólos complementares.

Isto impele-nos a dizer, com Touraine (2007), que a realidade actual não passa pela inversão da situação ancestral de dominação masculina. Pensamos que passa pela conciliação do potencial que mulheres e homens têm em si.

Queiram as sociedades proporcionar essa conciliação e, estamos certos, ela é uma realidade. A esperança numa sociedade melhor passa, em nosso entender, por aqui.

Uma outra área de intervenção, uma vez que a psicologia pode dar e, em nosso entender, deve dar o seu contributo facilitando a compreensão de situações como esta que podem e devem ser aproveitadas para tornar a sociedade mais homogénea através do aproveitamento desse imenso potencial humano.

A abordagem qualitativa exploratória que fizemos permite-nos dizer que os dados recolhidos sugerem que as pessoas que actualmente estão com idade próxima dos 20 anos investem na ideia de que as mulheres preferem nos homens itens ligados à expressividade, como era tradicional, aparentemente não se dando conta de que esta situação se alterou.

É bastante clara, ainda que naturalmente escassa do ponto vista do suporte quantitativo, a convicção de que algo está a mudar e de que os homens começam a apontar itens físicos preferenciais de natureza expressiva, na mulher. Há alguma variação nas explicações em detalhe, mas é evidente a crença de que eles estão a libertar-se de amarras ligadas ao machismo e à necessidade de indicarem itens sexuais e/ou físicos, por pressão social.

É clara a concordância das ideias do homem e da mulher do escalão baixo de idade, de que a libertação da mulher das amarras sociais tradicionais está a causar alguma perturbação nos homens e a fazê-los sentirem-se ameaçados, ou mesmo com medo. Isso leva-os a refugiar-se nos itens expressivos como forma de tentarem obter indicações que lhes dêem segurança relativamente à mulher, o que, a confirmar-se configura uma inversão na relação de forças entre homens e mulheres que tradicionalmente estabelecia o equilíbrio entre os dois sexos.

Isto parece-nos ser do maior interesse social, dado poder vir a criar situações inesperadas e surpreendentes se não for devida e oportunamente estudado e trabalhado.

É muito consistente, por ser referida pelos quatro entrevistados, a convicção de que a pressão social, sob a forma de publicidade, ou outra maciçamente transmitida, provoca nas pessoas decisões que não são as que verdadeiramente correspondem às suas preferências. Desempenham um papel de adaptação ao que a sociedade supostamente espera que se prefira, o que a confirmar-se pode configurar uma descaracterização pessoal em favor de um espécie de moldagem social do chamado “politicamente correcto”.

Face às pistas abertas pelas entrevistas feitas pensamos que há um campo de pesquisa a explorar futuramente através da abordagem qualitativa desta temática, procurando conseguir explicações mais claras e consolidadas sobre algumas questões como:

- Como as pessoas heterossexuais viveram há vinte anos a atracção que sentiam pelo outro sexo.
- Como a vivem actualmente.
- Como percebem esta atracção.

- Como percebem a que causam ao outro sexo.

- Percepção que têm sobre se uma possível alteração de objectivos e de limitações dos homens e das mulheres pode estar a levar a uma mudança efectiva na abordagem que eles e elas fazem nas relações.

Terminado este relatório, não podemos deixar de salientar, como Alferes (1997) que com alguma frequência acontece, com a aplicação de questionários ou mesmo com outro tipo de investigação em psicologia, que depois de tudo acabado, parece que, se calhar, não seria necessário ter-se tido tanto trabalho, uma vez que algumas conclusões são, ou parecem ser, visíveis a olho nu e com recurso apenas ao senso comum.

Durkheim (1956) chamou *função de harmonização com o meio* ao papel que este tipo de discurso desempenha, uma vez que se presta a salientar a estabilidade de alguma situação ou ocorrência pondo em destaque a sua, pelo menos aparente, coerência com a evidência.

Cot e Mounier (1976) descrevem bem estas intervenções ao dizerem que sempre temos opiniões geralmente muito firmes sobre aquilo que desconhecemos, evidenciando o carácter ocasional, não fundamentado mas convicto, ainda que não científico, que elas têm.

Sternberg (2000) chama *viés da percepção* à tendência que as pessoas têm para, uma vez de posse dos resultados de uma investigação psicológica afirmarem que eles eram perfeitamente previsíveis, embora, quando solicitadas a prevêê-los, sem que sejam previamente comunicados, não o façam com acerto, mais do que o acaso permite.

Assim, a nossa investigação contribui para o que Cot e Mounier (1976, p. 42) chamam o desencantar do senso comum, quando dizem que o bom senso tem sempre uma resposta pronta e plausível para todas as situações, mesmo para as mais contraditórias. (...) Usar métodos científicos permite “desencantar” o senso comum, uma vez que ter a impressão de saber tudo, de ter resposta para tudo é verdadeiramente “encantador”.

Para passar do senso comum à ciência exige-se aplicação de métodos científicos e, por muito óbvios que alguns dos nossos resultados possam parecer, se não tivéssemos feito esta investigação, eles apenas estariam incluídos no conhecimento do senso comum.

“Declaro-me aposentado.
Terminei. Ponto final.”
(Guerra Junqueiro, “In pace – finis”
in *Poesias dispersas*)

Notas

- (1) O Professor Doutor João Hipólito é Professor Catedrático na Universidade Autónoma de Lisboa e Director do Departamento de Psicologia e Sociologia da mesma Universidade.
- (2) Trabalhos do autor com o Perdue Pegboard, no CEPE (Centro de Estudos Psicotécnicos do Exército, actualmente CPAE – Centro de Psicologia Aplicada do Exército).
- (3) Em itálico no original.
- (4) Em itálico no original.
- (5) O Professor Doutor Pierre Tap é Professor Emérito da Universidade de Toulouse Le Mirail; Co-Director do CIP (Centro de Investigação em Psicologia) da Universidade Autónoma de Lisboa; Membro do Centro de Pesquisa sobre Formação (CRF) do CNAM, Paris.

ANEXOS

- Anexo A – Questionários aplicados no estudo 1
- Anexo B – Questionários aplicados no estudo 3
- Anexo C – QAFISPUAL
- Anexo D – Resultados para o modelo de mulher
- Anexo E – Resultados para o modelo de homem
- Anexo F – Resultados para o modelo feminino,
em Lisboa
- Anexo G – Resultados para o modelo feminino no
Algarve
- Anexo H – Resultados para o modelo feminino
Em Trás-os-Montes
- Anexo I – Resultados para o modelo masculino
em Lisboa
- Anexo J – Resultados para o modelo masculino
no Algarve
- Anexo L – Resultados para o modelo masculino
Em Trás-os-Montes

Anexo A – Questionários do estudo 1

O Questionário que se segue faz parte de um estudo acerca de como se formam as impressões sobre as outras pessoas.

(Sexo masculino)

Pedimos-lhe que responda com sinceridade

Não há boas, nem más respostas. O que conta é a sua escolha pessoal

As respostas são confidenciais e não identificadas

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO

o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o

1. Assinale com uma cruz (X) no traço à frente o item que mais o atrai no sexo feminino. (Assinale apenas um).

Altura	___
Braços roliços	___
Cintura cavada	___
Elegância	___
Nádegas	___
Olhos	___
Pernas altas	___
Pescoço	___
Seios	___
Textura do cabelo	___
Vagina	___

2. Assinale com uma cruz (X) no traço à frente o item que entende que, no sexo masculino, mais atrai o sexo feminino. (Assinale apenas um).

Altura	___
Ausência de estômago	___
Braços musculosos	___
Elegância	___
Nádegas	___
Olhos	___
Peito/ombros musculosos	___
Pénis grande	___
Pernas altas	___
Pescoço	___
Textura do cabelo	___

O Questionário que se segue faz parte de um estudo acerca de como se formam as impressões sobre as outras pessoas.

(Sexo feminino)

Pedimos-lhe que responda com sinceridade

Não há boas, nem más respostas. O que conta é a sua escolha pessoal

As respostas são confidenciais e não identificadas

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO

o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o

1. Assinale com uma cruz (X) no traço à frente o item que mais o atrai no sexo masculino. (Assinale apenas um).

Altura	___
Ausência de estômago	___
Braços musculosos	___
Elegância	___
Nádegas	___
Olhos	___
Peito/ombros musculosos	___
Pénis grande	___
Pernas altas	___
Pescoço	___
Textura do cabelo	___

2. Assinale com uma cruz (X) no traço à frente o item que entende que, no sexo feminino, mais atrai o sexo masculino. (Assinale apenas um).

Altura	___
Braços roliços	___
Cintura cavada	___
Elegância	___
Nádegas	___
Olhos	___
Pernas altas	___
Pescoço	___
Seios	___
Textura do cabelo	___
Vagina	___

Anexo B – Questionários do estudo 3

(Sexo masculino)

O Questionário que se segue faz parte de um estudo acerca de como se formam as impressões sobre as outras pessoas.

Pedimos-lhe que responda com sinceridade

Não há boas, nem más respostas. O que conta é a sua escolha pessoal

As respostas são confidenciais e não identificadas

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO

o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o

Idade: 17-21 anos__ 22-26 anos__ 27-31 anos__ 32-36 anos__ 37-41 anos__ 42-46 anos__
47-51 anos__ 52-56 anos__ 57 ou mais anos__

I

Das características físicas seguintes, indique a que acha que o sexo oposto mais aprecia nos homens (Faça uma cruz em cima do risco à frente dela):

1. Boca (lábios, dentes, conjunto) _____
2. Cabelo (textura, cor, etc.) _____
3. Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo) _____
4. Mãos (forma, alongamento, expressividade) _____
5. Olhos/olhar (forma, cor, expressão) _____
6. Peito (musculatura, forma, desenvolvimento) _____
7. Pelos no peito _____
8. Pénis (vulto visível, tamanho grande) _____
9. Pernas (forma, proporções, musculatura) _____
10. Pilosidades (cabelo e pilosidade geral no corpo) _____
11. Rabo (traseiro, nádegas, forma, volume, textura) _____
12. Rosto (contornos, conjunto, aspecto geral) _____
13. Ser alto _____
14. Sorriso _____
15. Tronco (ombros largos, costas largas) _____

II

Das características físicas seguintes indique a que mais aprecia nas mulheres (Faça uma cruz em cima do risco da que mais aprecia)

1. Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo) _____
2. Boca (lábios, dentes, conjunto) _____
3. Cabelo (textura, cor, etc.) _____
4. Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos) _____
5. Mãos (forma, alongamento, expressividade) _____
6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.) _____
7. Pernas (forma, proporções, elegância) _____
8. Pescoço (forma, delicadeza, pele, elegância,) _____
9. Porte atlético (condição física, corpo musculado) _____
10. Rabo (nádegas, forma, volume textura, elegância) _____
11. Rosto (contornos, conjunto, beleza,) _____
12. Seios (volume, forma, sustentação) _____
13. Sexo (vulva, púbis) _____
14. Sorriso _____
15. Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas) _____

(Sexo feminino)

O Questionário que se segue faz parte de um estudo acerca de como se formam as impressões sobre as outras pessoas.

Pedimos-lhe que responda com sinceridade

Não há boas, nem más respostas. O que conta é a sua escolha pessoal.

As respostas são confidenciais e não identificadas

OBRIGADO PELA COLABORAÇÃO

o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o+o

Idade: 17-21 anos__ 22-26 anos__ 27-31 anos__ 32-36 anos__ 37-41 anos__ 42-46 anos__
47-51 anos__ 52-56 anos__ 57 ou mais anos__

Das características físicas seguintes, indique a que acha que o sexo oposto mais aprecia nas mulheres (Faça uma cruz em cima do risco à frente dela)

1. Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo) _____
2. Boca (lábios, dentes, conjunto) _____
3. Cabelo (textura, cor, etc.) _____
4. Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos) _____
5. Mãos (forma, alongamento, expressividade) _____
6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.) _____
7. Pernas (forma, proporções, elegância) _____
8. Pescoço (forma, delicadeza da pele, elegância) _____
9. Porte atlético (condição física, corpo musculado) _____
10. Rabo (nádegas, forma, volume, textura, elegância) _____
11. Rosto (contornos, conjunto, beleza) _____
12. Seios (volume, forma, sustentação) _____
13. Sexo (vulva, púbis) _____
14. Sorriso _____
15. Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas) _____

II

Das características físicas seguintes indique a que mais aprecia nos homens (Faça uma cruz em cima do risco da que mais aprecia)

1. Boca (lábios, dentes, conjunto) _____
2. Cabelo (textura, cor, etc.) _____
3. Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo) _____
4. Mãos (forma, alongamento, expressividade) _____
5. Olhos/olhar (forma, cor, expressão) _____
6. Peito (musculatura, forma, desenvolvimento) _____
7. Pelos no peito _____
8. Pénis (vulto visível, tamanho grande) _____
9. Pernas (forma, proporções, musculatura) _____
10. Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo) _____
11. Rabo (Rabo (nádegas, forma, volume, textura, elegância) _____
12. Rosto (contornos, conjunto, aspecto geral) _____
13. Ser alto _____
14. Sorriso _____
15. Tronco (ombros largos, costas largas) _____

QAFISPUAL

Está a colaborar numa investigação sobre percepção social e cognição, com vista à obtenção do grau de Doutor em Psicologia de um docente universitário

O questionário que se segue é muito pequeno e responde-se à sua totalidade em cerca de 5 minutos

Agradecemos-lhe desde já o tempo
Que dispensou para responder

Todas as suas respostas são rigorosamente confidenciais e nenhuma espécie de identificação lhe será tomada ou anotada

Obrigado pela sua colaboração

Estabelecimento de ensino superior que frequenta_____

_____ Curso_____ Nacionalidade_____

Ano curricular: 1º__ 2º__ 3º__ 4º__ 5º__ 6º__ P/Grad.__ Mestrado__ Doutoramento__

Idade: 17-21 anos__ 22-26 anos__ 27-31 anos__ 32-36 anos__ 37-41 anos__

42-46 anos__ 47-51 anos__ 52-56 anos__ 57 ou mais anos__

Sexo: Feminino__ Masculino__

Pergunta 1

Segue-se uma lista de características físicas femininas. Se é do sexo masculino indique a que mais o atrai. Se é do sexo feminino indique a que acha que mais atrai os homens. (Marque uma cruz no traço à frente).

- | | |
|--|-----|
| 1. Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo) | ___ |
| 2. Boca (lábios, dentes, conjunto) | ___ |
| 3. Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.) | ___ |
| 4. Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos) | ___ |
| 5. Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade) | ___ |
| 6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.) | ___ |
| 7. Pernas (forma, proporções, elegância) | ___ |
| 8. Pescoço (esguio, pele delicada, elegante) | ___ |
| 9. Porte atlético (condição física, corpo musculado) | ___ |
| 10. Rabo | ___ |
| 11. Rosto (contornos, conjunto, beleza) | ___ |
| 12. Seios (volume, forma, sustentação) | ___ |
| 13. Sexo (vulva, púbis) | ___ |
| 14. Sorriso | ___ |
| 15. Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas) | ___ |

Pergunta 2

Das características físicas seguintes indique as cinco que considera que fazem parte do seu modelo de mulher fisicamente atractiva e as cinco que considera que fazem parte do seu modelo de homem fisicamente atractivo. (Marque os números das que escolheu para as mulheres à frente da palavra “Mulher” e das que escolheu para os homens à frente da palavra “Homem”, em baixo.)

- | | | |
|----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| 1. Ancas estreitas | 21. Musculatura do tronco | 41. Rosto bonito |
| 2. Ancas redondas | 22. Nariz bonito | 42. Seios descaídos |
| 3. Boca bonita | 23. Olhos azuis | 43. Seios empinados |
| 4. Boca grande | 24. Olhos castanhos | 44. Seios grandes |
| 5. Boca pequena | 25. Olhos grandes | 45. Seios médios |
| 6. Braços finos | 26. Olhos pequenos | 46. Seios pequenos |
| 7. Braços roliços | 27. Olhos pretos | 47. Ser alta(o) |
| 8. Cabelo castanho | 28. Olhos verdes | 48. Ser baixa(o) |
| 9. Cabelo encarapinhado | 29. Pele branca | 49. Ser gorda(o) |
| 10. Cabelo liso | 30. Pele morena | 50. Ser magra(o) |
| 11. Cabelo louro | 31. Pele mulata | 51. Tronco em “V” |
| 12. Cabelo ondulado | 32. Pele negra | 52. Vulva bonita |
| 13. Cabelo preto | 33. Pelos no corpo | 53. Vulva não depilada |
| 14. Cintura fina | 34. Pelos no peito | 54. Vulva parc. depilada |
| 15. Corpo bonito | 35. Pénis grande | 55. Vulva total. depilada |
| 16. Mãos bonitas | 36. Pénis pequeno | |
| 17. Musculatura abdominal | 37. Pernas bonitas | |
| 18. Musculatura dos braços | 38. Pescoço bonito | |
| 19. Musculatura geral | 39. Queixo bonito | |
| 20. Musculatura das pernas | 40. Rabo bonito | |

Mulher: ____, ____, ____, ____, ____

Homem: ____, ____, ____, ____, ____

Pergunta 3

Segue-se uma lista de características físicas masculinas. Se é do sexo feminino indique a que mais a atrai. Se é do sexo masculino indique a que acha que mais atrai as mulheres. (Marque com uma cruz no traço à frente).

- | | |
|---|-----|
| 1. Boca (lábios, dentes, conjunto) | ___ |
| 2. Cabelo (textura, cor, etc.) | ___ |
| 3. Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo) | ___ |
| 4. Mãos (forma, força, alongamento, expressividade) | ___ |
| 5. Nádegas (forma, volume, textura, musculatura) | ___ |
| 6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão) | ___ |
| 7. Peito (musculatura, forma, desenvolvimento) | ___ |
| 8. Pelos no peito | ___ |
| 9. Pénis (vulto visível, tamanho grande) | ___ |
| 10. Pernas (forma, proporções, musculatura) | ___ |
| 11. Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo) | ___ |
| 12. Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo) | ___ |
| 13. Ser alto | ___ |
| 14. Sorriso | ___ |
| 15. Tronco (ombros largos, forma em “V”, musculatura) | ___ |
-

Pergunta 4

Se é do sexo feminino, a sua resposta à pergunta anterior inclui-se nas características do seu modelo de homem fisicamente atractivo?

Se é do sexo masculino, a sua resposta à pergunta 1 inclui-se nas características do seu modelo de mulher fisicamente atractiva?

Sim ___ Não ___

Se respondeu “Sim” passe à pergunta 6

Pergunta 5

Se é do sexo feminino, a sua resposta à pergunta 3 inclui-se nas características do que considera o estereótipo (caracterização colectiva construída por um grupo, que nele impera e que é divulgada, partilhada e aceite como tal) de homem fisicamente atractivo?

Se é do sexo masculino, a sua resposta à pergunta 1 inclui-se nas características do que considera o estereótipo (caracterização colectiva construída por um grupo, que nele impera e que é divulgada, partilhada e aceite como tal) de mulher fisicamente atractiva?

Sim ___ Não ___

Pergunta 6

Relativamente ao modelo fisicamente atractivo do seu próprio sexo, que indicou na pergunta 2, considera-se pessoalmente incluída(o) nele?

Sim___

Não___

Pergunta 7

Qual a sua orientação sexual?

Bissexual___

Heterossexual___

Homossexual___

Se neste momento não tem companheiro(a) [marido/esposa, pessoa com quem vive em união de facto, ou namorado(a)] o seu questionário acabou.

OBRIGADO

Pergunta 8

Relativamente ao modelo do outro sexo, que indicou como fisicamente atractivo na pergunta 2, considera que o seu (sua) companheiro(a) actual está incluído(a) nele?

Sim___

Não___

UMA VEZ MAIS AGRADECEMOS A SUA PRECIOSA COLABORAÇÃO!

Anexo D – Resultados da pergunta 2 para construção do modelo feminino

MODELO DE MULHER	Sexo Feminino (%)	Sexo Masculino (%)
Corpo bonito	61.9	55.8
Rosto bonito	48.5	54.4
Boca bonita	41.8	35.0
Rabo bonito	35.7	40.8
Pele morena	26.5	32.0
Ancas redondas	25.5	17.0
Seios médios	25.5	35.0
Cintura fina	24.9	10.2
Pernas bonitas	24.1	21.8
Mãos bonitas	18.0	12.1
Ser magra(o)	16.4	7.8
Ser alta(o)	14.7	4.9
Seios grandes	11.3	15.0
Cabelo ondulado	11.3	8.3
Olhos grandes	9.4	9.2
Seios empinados	9.1	14.1
Cabelo liso	8.0	7.3
Olhos verdes	7.2	9.7
Cabelo castanho	7.0	1.9
Nariz bonito	6.2	6.3
Ancas estreitas	5.6	3.9
Cabelo louro	5.6	7.3
Olhos azuis	4.3	12.1
Musculatura das pernas	4.3	2.4
Olhos castanhos	4.0	6.3
Boca grande	4.0	2.9
Musculatura abdominal	4.0	1.5
Braços finos	3.8	1.9
Pescoço bonito	3.5	3.4
Musculatura geral	3.5	4.4
Pele branca	2.7	4.9
Vulva não depilada	2.4	1.9
Cabelo preto	2.1	6.8
Vulva total/ depilada	1.9	15.0
Vulva parcial/ depilada	1.9	6.8
Vulva bonita	1.9	7.3
Seios pequenos	1.9	1.0
Boca pequena	1.6	1.5
Tronco em “V”	1.6	0.0
Seios descaídos	1.6	1.0
Pele mulata	1.3	0.5
Pele negra	1.1	0.0
Olhos pretos	1.1	1.0
Ser baixa(o)	0.5	4.4

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

MODELO DA MULHER

	Sexo Feminino (%)	Sexo Masculino (%)
Musculatura dos braços	0.3	0.0
Queixo bonito	0.3	1.0
Braços roliços	0.3	0.0
Cabelo encarapinhado	0.0	1.9
Musculatura do tronco	0.0	0.0
Olhos pequenos	0.0	0.5
Pelos no corpo	0.0	0.0
Pelos no peito	0.0	0.0
Pênis grande	0.0	0.0
Pênis pequeno	0.0	0.0
Ser gorda(o)	0.0	0.0

Anexo E - Resultados da pergunta 2 para construção do modelo masculino

MODELO DO HOMEM	Sexo	Sexo
	Feminino	Masculino
	(%)	(%)
Rosto bonito	61.4	42.7
Pele morena	42.1	28.6
Ser alta(o)	38.9	27.7
Boca bonita	35.7	8.3
Rabo bonito	35.4	25.7
Corpo bonito	34.3	25.7
Musculatura geral	26.5	49.0
Mãos bonitas	23.6	8.3
Musculatura abdominal	22.8	31.6
Tronco em "V"	18.5	28.6
Olhos verdes	18.0	9.7
Musculatura do tronco	18.0	35.0
Olhos grandes	11.0	5.3
Ser magra(o)	10.5	9.2
Musculatura das pernas	8.0	11.7
Musculatura dos braços	7.8	16.0
Olhos azuis	7.5	14.6
Nariz bonito	7.5	8.3
Pênis grande	7.5	20.4
Olhos castanhos	6.2	8.3
Pernas bonitas	6.2	6.3
Cabelo castanho	5.1	6.8
Cabelo preto	4.3	3.9
Pescoço bonito	4.3	3.9
Cabelo liso	3.8	5.8
Pele branca	3.8	1.5
Pelos no peito	3.2	3.4
Pele mulata	3.2	2.4
Pelos no corpo	2.9	4.4
Olhos pretos	2.7	1.5
Cabelo louro	2.1	3.9
N Cabelo ondulado	2.1	2.9
Cintura fina	1.9	4.9
Boca grande	1.9	3.9
Queixo bonito	1.9	8.3
Olhos pequenos	1.1	0.0
Cabelo encarapinhado	1.1	1.9
Ser gorda(o)	1.1	0.5
Pênis pequeno	0.8	3.4
Boca pequena	0.8	1.0

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

MODELO DO HOMEM

	Sexo	Sexo
	Feminino	Masculino
	(%)	(%)
Ancas estreitas	0.8	5.3
Braços roliços	0.8	1.0
Pele negra	0.8	1.5
Seios grandes	0.8	0.0
Ancas redondas	0.8	1.9
Ser baixa(o)	0.5	0.5
Braços finos	0.3	1.0
Seios descaídos	0.0	0.0
Seios empinados	0.0	1.0
Seios médios	0.0	0.5
Seios pequenos	0.0	0.0
Vulva bonita	0.0	0.0
Vulva não depilada	0.0	1.9
Vulva parcial/ depilada	0.0	0.0
Vulva total/ depilada	0.0	0.5

Anexo F- Resultados da pergunta 2 para construção do modelo feminino, em Lisboa

	Mulheres (%)	Homem (%)
Corpo bonito	62	46
Boca bonita	43	42
Rosto bonito	43	46
Rabo bonito	28	32
Pernas bonitas	26	26
Pele morena	24	16
Seios médios	24	32
Cintura fina	23	14
Mãos bonitas	23	15
Ancas redondas	21	24
Ser alta(o)	19	5
Ser magra(o)	13	9
Olhos grandes	12	14
Cabelo liso	10	5
Nariz bonito	10	4
Seios grandes	10	17
Cabelo ondulado	6	10
Seios empinados	6	14
Olhos azuis	4	11
Cabelo preto	3	11
Vulva bonita	3	10
Vulva total/ depilada	2	17

Anexo G - Resultados da pergunta 2 para construção do modelo feminino, no Algarve

	Mulheres (%)	Homens (%)
Corpo bonito	59	50
Rosto bonito	50	53
Boca bonita	43	40
Rabo bonito	39	33
Ancas redondas	30	17
Seios médios	25	33
Cintura fina	24	10
Pele morena	24	23
Pernas bonitas	24	17
Ser magra(o)	19	13
Mãos bonitas	17	13
Cabelo ondulado	13	10
Ser alta(o)	13	10
Seios grandes	12	20
Seios empinados	11	7
Olhos grandes	9	10
Olhos verdes	9	13
Nariz bonito	6	13
Olhos azuis	4	23
Vulva total/ depilada	1	10
Ser baixa(o)	0	10

Anexo H - Resultados da pergunta 2 para construção do modelo feminino, em Trás-os-Montes

	Mulheres (%)	Homens (%)
Corpo bonito	74	72
Rosto bonito	60	66
Pele morena	47	54
Rabo bonito	39	58
Seios médios	35	41
Boca bonita	34	24
Cintura fina	29	7
Ancas redondas	24	7
Pernas bonitas	24	18
Ser magra(o)	18	4
Cabelo ondulado	11	7
Mãos bonitas	11	7
Ser alta(o)	11	1
Olhos verdes	6	15
Seios empinados	6	19
Vulva total/ depilada	2	15

Anexo I- Resultados da pergunta 2 para construção do modelo masculino, em Lisboa

	Mulheres (%)	Homens (%)
Rosto bonito	56	35
Ser alta(o)	43	30
Boca bonita	35	10
Pele morena	35	23
Rabo bonito	35	16
Corpo bonito	29	22
Mãos bonitas	27	11
Musculatura geral	25	43
Musculatura abdominal	20	32
Olhos grandes	17	5
Tronco em "V"	17	30
Musculatura do tronco	16	40
Olhos verdes	14	5
Ser magra(o)	12	11
Nariz bonito	11	11
Olhos azuis	10	16
Musculatura das pernas	9	17
Pénis grande	5	16
Musculatura dos braços	4	21
Queixo bonito	2	13

Anexo J - Resultados da pergunta 2 para construção do modelo masculino, no Algarve

	Mulheres (%)	Homens (%)
Rosto bonito	64	37
Pele morena	43	23
Ser alta(o)	41	37
Boca bonita	38	7
Rabo bonito	35	40
Corpo bonito	31	33
Mãos bonitas	26	10
Musculatura geral	25	57
Musculatura abdominal	22	37
Olhos verdes	20	7
Musculatura do tronco	19	13
Tronco em "V"	19	30
Musculatura dos braços	12	23
Olhos grandes	11	7
Nariz bonito	9	13
Pénis grande	7	30
Cabelo liso	3	10
Pelos no peito	1	10

Anexo L - Resultados da pergunta 2 para construção do modelo masculino, em Trás-os-Montes

	Mulheres (%)	Homens (%)
Rosto bonito	69	58
Corpo bonito	52	26
Pele morena	50	39
Boca bonita	39	7
Rabo bonito	37	30
Musculatura abdominal	32	28
Ser alta(o)	31	23
Olhos verdes	29	16
Musculatura geral	27	54
Musculatura do tronco	21	35
Tronco em "V"	21	28
Ser magra(o)	13	9
Mãos bonitas	10	1
Olhos azuis	6	18
Pénis grande	6	20
Olhos castanhos	5	12
Pernas bonitas	5	11

Referências Bibliográficas

A mulher na história – Actas dos colóquios sobre a temática da mulher – 1999/2000.

Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural

Abreu, J.L.P. (2007). *Quem nos faz como somos*. (3ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

Ackerman, P. & Beier, M.E. (2003). Trait complexes, cognitive investment, and domain knowledge. In R.J. Sternberg & E.L. Grigorenke (Ed.), *The psychology of abilities, competencies, and expertise* (pp. 1-30). New York: Cambridge University Press.

Alberoni, F. (2006). *Sexo e amor*. Lisboa: Bertrand Editora.

Albuquerque, A. de (2006). *Minorias eróticas e Agressores Sexuais*. Lisboa: Dom Quixote.

Albuquerque, A. de & Soares, C. (1989). Ciúme obsessivo: análise de casos. *Psicologia* 7 (1), 33.38.

Albuquerque, E.P.V.B. de (2001). *Memória implícita e processamento. Do sublimar à formação de imagens* (1ª ed.). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.

Alcorão. (1978). Vol. I. Lisboa: Publicações Europa-América.

Alferes, V.R. (1993). Atracção interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In J. Vala & M.B. Monteiro (Coord.), *Psicologia social* (pp. 113-139). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais*. Porto: Afrontamento.

Allen, W. (1981). *Para acabar de vez com a cultura* (4ª ed.). Lisboa: Bertrand.

Allende, I. (1995). *Paula*. Carnaxide: DIFEL.

- Almeida, J. & Carvalheira, A.A. (2007). Flutuações e diferenças de género no desenvolvimento da orientação sexual: Perspectivas teóricas. *Análise Psicológica*, 3(25), 343-350.
- Almeida, M.V. de (1995). Beyond hearts of stone: The poetic expression of emotions among men in a southern portuguese village. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 65-70). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Almeida, R. R. de. (2004). *Sociedade Bit: Da sociedade da informação à sociedade do conhecimento*. Fomento.
- Amâncio, L. (1988). Dimensões de comparação e discriminação [sic] intergrupos – Uma abordagem psicossociológica das relações entre grupos “dominantes” e “dominados”. *Análise Psicológica* 6 (3-4), 307-319.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino*. Porto : Edições Afrontamento.
- Amâncio, L. (1995). Gender, social identity and social change. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 33-42). Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Amâncio, L. (2004). A(s) masculinidade(s) em que-estão. In L. Amâncio (Org.). *Aprender a ser homem – Construindo masculinidades* (pp. 13-27). Lisboa: Livros Horizonte.
- American Academy of Pediatrics. *Sexual stereotypes and sexual orientation*. Retrieved January 2, 2008 from [http://www.medem.com/MedLB\(article.detaillb.Cfm?ID=ZZZNZ1L6W7](http://www.medem.com/MedLB(article.detaillb.Cfm?ID=ZZZNZ1L6W7)
- C&s.
- Amnistia Internacional. (1995). *Mulheres e direitos humanos*. Lisboa: Publicações Amnistia Internacional.

- Anastasi, A. (1988). *Psychological testing*. New York: MacMillan.
- Anderson, N.H. (2004). Média versus adição, como modelo de combinação de estímulos em formação de impressões. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Processando informação sobre os outros I: Formação de impressões de personalidade a representação cognitiva de pessoas* (pp. 95-103). Lisboa: ISPA.
- Anderson, W.A. & Parker, B.P. (1971). *Uma introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Anguera, M.T., Arnau, J., Ato, M., Martínez, R., Pascual, J. & Vallejo, G. (s.d.). *Métodos de investigación en psicología*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Anitei, S. (s.d.). *Being in love makes you blind to sex appeal of the others!* Retrieved March 25, 2008 from <http://news.softpedia.com/Being-in-Love-Makes-You-Blind>.
- Apfelbaum, E. (1995). Quand le pouvoir vien aux femmes. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 73-82). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Aronson, E. (s.d.). *O animal social. Introdução à psicologia social*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Asch, S.E. (1946). Formando impressões de personalidade. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Processando informação sobre os outros I: Formação de impressões de personalidade a representação cognitiva de pessoas* (pp. 49-94). Lisboa: ISPA.
- Atkinson, R.L., Atkinson, R.C., Smith, E.E., Bem, D.J. & Nolen.Hoeksema, S: (s.d.). *Introduction to psychology*. Orlando: bHarcourt Brace College Publishers.
- Aubert-Krier, J. (1977). *Os homens e as relações humanas* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

- Augras, M. (1980). *Opinião pública* (4ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Augusto, C. (2001). Por outras histórias: Apontamentos sobre a natureza da História das Mulheres. *Máthesis*, 10, 191-214.
- Aymard, M. (1990). Amizade e convivialidade. In P. Ariés & G. Duby (Dir.), (1990b). *História da vida privada.: Do renascimento ao século das luzes* (Vol III, pp. 455-499). Lisboa: Afrontamento.
- Azevedo, C.A.M. & Azevedo, A.G. de (1994). *Metodologia científica*. Porto: C. Azevedo
- Bachrach, A.J. (Org.) (1972). *Fundamentos experimentais da psicologia clínica*. São Paulo: Herder.
- Bacus, A. & Romain, C. (2002). *Testes de avaliação pessoal e profissional*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Badinter, E. (2005). *Caminho errado* (1ª ed.). Porto: ASA.
- Baker, R. (1996). *As guerras do esperma* (1ª ed.). Lisboa: Vega
- Balcells, J.P. & Martin, J.L.F. (1985). *Os métodos no ensino universitário*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bar, M., Neta, M. & Linz, H. (2006). Very first impressions [Electronic version]. *Emotion*, 6 (2), 269-278.
- Barash, D.P. & Lipton, J.E. (2002). *O mito da monogamia – Fidelidade e infidelidade nos animais e nos seres humanos* (1ª ed.). Cascais: Sinais de Fogo.
- Barata, O.S. (1974). *Introdução às ciências sociais* (3ª ed.), (Vol. I). Lisboa: Bertrand.
- Barata, O.S. (1986). *Introdução às ciências sociais* (2ª ed.), (Vol II). Lisboa: Bertrand.
- Barbosa, C. (2004). Violência escolar e a construção social da masculinidade. In L. Amâncio (Org.). *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 143-163). Lisboa: Livros Horizonte.

- Barbosa, M. (1989). Prostituição e condição feminina. *Colecção Informar a Mulher*, 13, 3-7.
- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bargh, J.A., Chen. M. & Burrows, L. (2003). A automaticidade do comportamento social: Efeitos directos da activação de traços e estereótipos na acção. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Os estereótipos e sua influência no processamento da informação* (pp. 195-229). Lisboa: ISPA.
- Baron, R.A. & Kalsher, M.J. (2005). *Psychology*. Boston: Pearson Education.
- Barthélemy, D. (s.d./1990). Parentesco. In P. Ariès & G. Duby (Dir.) *História da vida privada: Da Europa feudal ao renascimento* (Vol II, pp. 96-162). Lisboa: Afrontamento.
- Barus-Michel, J., Enriquez, E. & Lévy, A. (2005). *Dicionário de Psicossociologia*. Lisboa: CLIMEPSI.
- BBC english dictionary* (1992). London: HarperCollins Publishers Ltd.
- Beauvoir, S. (1985). *O sangue dos outros*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Becerra, A. (2007). *Amores negados* (1ª ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Bednarik, K. (1971). *A crise do homem*. Lisboa: Estúdios Cor.
- Bell, L. (Ed.). (1987). *Good girls bad girls. Sex trade workers and feminists face to face*. Toronto: The Women's Press.
- Belo, F. (1989). Feminino/Masculino, dispositivos em metamorfose. *Cadernos Condição Feminina*, 29, 33-45.
- Bensaid, C. & Leloup, J-Y. (2006). *O essencial no amor*. Petrópolis: Vozes.
- Berg, B.L. (1998). *Qualitative research methods for the social sciences* (3rd ed.). Toronto: Allyn and Bacon.

- Bernardes, D.L.G. (2003). Dizer «não» aos estereótipos sociais: As ironias do controlo mental. [Electronic version]. *Análise Psicológica*, 3(21), 307-321.
- Berry, D.S. (1991). Attractive faces are not all created equal: Joint effects of facial babyshness and attractiveness on social perception [Electronic version]. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17 (5), 523-531.
- Berscheid, E. & Walster, E. (1974). Physical attractiveness. In L. Berkovitz (Ed.) *Advances in experimental social psychology*. Vol. 7. Retrieved April 10, 2008 from http://faculty.babson.edu/krollag/org_sitepsych/berscheid_attract.html.
- Bessa-Luís, A. (1988). *Aforismos*. Lisboa: Guimarães Editora.
- Bettelheim, B. (1985). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand.
- Bíblia Sagrada*. (1968). Lisboa: Depósito de Escrituras Sagradas.
- Bickerton, D. (1996). *Language and human behaviour*. Seattle: University of Washington Press.
- Bigio, J.E. (s.d.). *Witness: A philosophy of cognition*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Blanchard, F.A., Wiegel, R.H. & Cook, S.W. (1975). The effect of relative competence of group members upon interpersonal attraction in cooperating interracial groups [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 519-530.
- Blanton, H., Christie, C. & Dye, M. (2002). Social identity versus reference frame comparisons: The moderating role of stereotype endorsement [electronic version]. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38, 253-267.
- Bleske-Recheck, A.L. & Buss, D.M. (2001). Opposite-sex friendship: Sex differences and similarities in initiation, selection, and dissolution [Electronic version]. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27 (10), 1310-1323.

- Block, J.H. & Block, J. (1980). The role of ego-control and ego-resilience in the organization of behavior. In W. Damon (Ed.), *Social and personality development. Essays on growth of the child* (pp. 282-320). New York: W.W. Norton & Company.
- Blount-Nuss, G., Cate, K.L. & Lattimer, H. (2006). G.I. average Joe: The clothes do not necessarily make the man [Electronic version]. *JASNH*, 4 (1), 9-16.
- Bodenhausen, G.V. & Wyer, Jr., R.S. (2003). Efeitos dos estereótipos nas estratégias de tomada de decisão e de processamento da informação. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Os estereótipos e sua influência no processamento da informação* (pp. 105-131). Lisboa: ISPA.
- Borin, F. (1991). Uma pausa para a imagem. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres* (Vol III, pp. 253-293). Porto: Afrontamento.
- Bornay, E. (1990). *Las hijas de Lilith*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Boudon, R., Besnard, P., Cherkaoui, M. & Lécuyer, B.-P. (Direcs.). (1990). *Dicionário de sociologia*. Lisboa : Publicações Dom Quixote.
- Bourdieu, P. & Passeron, J.C. (s.d.). *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Editorial Veja.
- Bourricaud, F. (1977). *L'individualisme institutionnel. Essai sur la sociologie de Talcot Parsons* (1^{ere} éd.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Bouthoul, G. (1963). *La guerre*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bouthoul, G. (1966). *O fenómeno guerra*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor.
- Bouthoul, G. (1976). *Sociologia da política*. Lisboa: Bertrand.
- Branco, A. (2004). *Para além do QI. Uma perspectiva mais ampla de inteligência* (1^a ed.). Coimbra: Quarteto.

- Brandt, L. & Brandt, E.P. (1972). Second-hand personication: A new model for “Person Perception” research. [Electronic version]. *Canadian Psychologist / Psychologie Canadienne*, 13(3), 217-238.
- Brase, G.L. & Walker, G. (2004). Male sexual strategies modify ratings of female models with specific waist-to-hip ratios [Electronic version]. *Human Nature*, 15 (2), 209-224
- Braun, M.F. & Bryan, A. (2006). Female waist-to-hip and male waist-to shoulder ratios as determinants of romantic partner desirability [Electronic version]. *Journal of Social and Personal relationships*, 23(5), 805-819.
- Brinberg, D. & Castell, P. (1982). A resource exchange theory approach to interpersonal interactions: A test of Foa’s theory [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(2) 260-269.
- Brizendine, Dra. L. (2006). *Como as mulheres pensam*. Rio de Janeiro: Editora Campus/Elsevier.
- Brizendine, L. (2007). *O cérebro feminino*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Bronckart, J.-P. (2001). Identificação. In R. Doron & F. Parot, *Dicionário de psicologia* (pp. 399-400). Lisboa: CLIMEPSI.
- Bronckart, J.-P. & Jalley, E. (2001). Paradigma. In R. Doron e F. Parot *Dicionário de psicologia* (pp. 558-559). Lisboa: CLIMEPSI.
- Brownmiller, S. (1975). *Le viol*. Paris: Éditions Stock.
- Brudereck, J. (2008). *Is a kiss just a kiss?* Retrieved March 25, 2008 from <http://Readingeagle.com/article.aspx?id=80249>.
- Burn, S. M. (1996). *The social psychology of gender*. Toronto: McGraw-Hill.
- Burton, W.H.; Kimbal, R.B. & Wing, R.L. (1970). *Anatomia do pensamento*. Porto: Livraria Civilização.

- Buss, D.M. & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (3), 559-570.
- Caeiro, M.M. (2001). A mulher na família nos séculos XVI e XVII. In C. M. da Moita, *A mulher na história - Actas dos colóquios sobre a temática da mulher 1999/2000*. Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural (pp. 191-202).
- Caetano, A. (1978). *Sobre a comunicação interpessoal*. Lisboa: Ulmeiro.
- Caetano, A. (1993). Formação de impressões. In J. Vala & M.B. Monteiro (Coords.), *Psicologia social* (pp. 89-111). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Caetano, A. (s.d.). *Avaliação de desempenho*. Lisboa: Editora RH.
- Campbell, P.B. & Storo, J.N. (s.d.). *Girls are... boys are...: Myths, stereotypes & gender differences*. Retrieved January 4, 2008 from www.campbell.com.
- Carey, B. (2006). *The rules of attraction in the Game of Love*. Retrieved March 25, 2008 from http://www.livescience.com/health/060213_attraction_rules.html.
- Carmo, I. do (s.d.). Entrevista à Mulher Portuguesa. In *Mulher – Comunidade feminina em língua portuguesa*, Edição nº 2875. Retrieved August 14, 2007 from <http://www.mulherportuguesa.com/content/view/2380/116/>
- Carrada, G. & Jannini, E.A. (s.d.). *A ciência do amor*. Albufeira: Edições Poseidon, Lda.
- Carreira, J.N. (2001). A mulher no Antigo Egipto. In C.M. da Moita, *A mulher na história -Actas dos colóquios sobre a temática da mulher 1999/2000*. Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural (pp. 11-25).
- Carreiras, H. (1997). *Mulheres nas Forças Armadas Portuguesas*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Carrigan, T., Connell, B. & Lee, J. (1987). Hard and heavy: Toward a new sociology of masculinity. In Kaufman, M. (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on*

- pleasure, power, and change* (pp. 139-192). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Carrilho, L. (2007). *Generais e Almirantes de amanhã. As Forças Armadas no feminino*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Carrilho, M. (1985). *Forças Armadas e mudança política em Portugal no séc. XX. Para uma explicação sociológica do papel dos militares*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Carrilho, M. (1990). As mulheres e a Defesa nacional. *Cadernos da Condição Feminina*, 30, 79-91.
- Carver, C.S. & Scheier, M.F. (1981). *Attention and self-regulation: A control-therapy approach to human behavior*. Berlim: Springer.
- Casagrande, C. (1990). A mulher sob custódia. In G. Duby & M. Perrot (coord.), *História da mulher. – Idade Média* (Vol II, pp. 99-141). Porto: Afrontamento.
- Castan, Y. (1990a). Política e vida privada. In P. Ariés & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Do Renascimento ao século das luzes* (Vol III, pp. 27-69). Lisboa: Afrontamento.
- Castan, N. (1990b). O público e o particular. In P. Ariès & G. Duby, (Dir.), *História da vida privada: Do renascimento ao século das luzes* (Vol III, pp. 413-454). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Cazeneuve, J. (s.d.). *Sociologia do rito*. Porto: Rés-Editora.
- Ceci, S.J., Barnett, S.M. & Kanaya, T. (2003). Developing childhood proclivities into adult competences. In R.J. Sternberg & E.L. Grigorenke (Ed.), *The psychology of abilities, competencies, and expertise* (pp. 70-92). New York: Cambridge University Press.

- Ceartil, M.J. (2003). *Pôr o corpo a falar* (1ª ed.). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Cerclé, A. & Somat, A. (s.d.). *Manual de psicologia social*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Chambel, M.J. (2005). Stress e bem-estar nas organizações. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coords.), *Stress e bem estar* (pp. 105-134). Lisboa: CLIMEPSI.
- Chaplin, J.P. (1981). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Chartrand, T.L., Baaren, R.B. van & Bargh, J.A. (2006). Linking automatic evaluation to mood and information processing style: Consequences for experienced affect, impression formation, and stereotyping [Electronic version]. *Journal of Experimental psychology*, 135 (1), 70-77.
- Chevalier, L. (1977). O problema da sociologia das cidades. In G. Gurvitch, *Tratado de sociologia* (Vol I, pp. 399-428). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Clark, A.P. (2004). Self-perceived attractiveness and masculinization predict women's sociosexuality [Electronic version]. *Evolution and Human Behavior*, 25, 113-124.
- Close Relationships and Interpersonal Attraction* (s.d.). Retrieved April 21, 2008 from <http://www.psych.umn.edu/courses/spring05/baldwina/psy3201/relationships.ppt>.
- Coleman, J.S. & Husén, T. (s.d.). *Tornar-se adulto numa sociedade em mutação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Collin, F. (s.d.). Diferença e diferendo. A questão das mulheres na filosofia. In G. Duby & M. Perrot, (Dir.), *História das mulheres. O século XX* (Vol. V, pp. 315-349). Porto: Afrontamento.
- Connell, M.W., Sheridan, K. & Gardner, H. (2003). On abilities and domains. In R.J. Sternberg & E.L. Grigorenko, (Ed.), *The psychology of abilities, competences, and expertise* (pp. 126-155). New York: Cambridge University Press.
- Coon, D. (2006). *Introdução à psicologia. Uma jornada*. São Paulo: Thomson.

- Corbin, A. (1988). *Les filles de noce: Misère sexuelle et prostitution aux 19^{ème} et 20^{ème} siècle*. Paris: Aubier Montaigne.
- Corbin, A. (1990a). A relação íntima ou os prazeres da troca. In P. Ariés & G. Duby, (Dir.), *História da vida privada: Da revolução à Grande Guerra* (Vol. IV, pp. 503-561). Lisboa: Afrontamento.
- Corbin, A. (1990b). Gritos e murmúrios. In P. Ariés & G. Duby, (Dir.), *História da vida privada: Da Revolução à Grande Guerra* (Vol. IV, pp. 563-611). Lisboa: Afrontamento.
- Corbin, A. (1990c). O segredo do indivíduo. In P. Ariés & G. Duby, (Dir.), *História da vida privada: Da Revolução à Grande Guerra* (Vol. IV, pp. 419-501). Lisboa: Afrontamento.
- Cordeiro, R.A. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência: Estudo num contexto pré-universitário [Electronic version]. *Análise Psicológica*, 4 (24), 509-517.
- Cornaton, M. (1979). *Grupos e sociedade*. Lisboa: Editorial Veja.
- Costa, J.A. & Melo, A.S. (1975). *Dicionário da língua portuguesa* (5^a ed.). Porto: Porto Editora.
- Costermans, J. (2001). *As actividades cognitivas. Raciocínio, decisão e resolução de problemas*. Coimbra: Quarteto.
- Cot, J.-P. & Mounier, J.-P. (1976). *Para uma sociologia política*. Lisboa: Bertrand.
- Cott, N.F. (s.d.). A mulher moderna. O estilo americano dos anos vinte. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XX* (Vol V, pp. 95-113). Porto: Afrontamento.
- Couto, M. (2008). *Venenos de Deus, remédios do diabo*. Lisboa: Caminho.

- Cunningham, M.R., Roberts, A.R., Barbee, A.P., Druen, P.B. & Wu, C.-H. (1995). Their ideas of beauty are, on the whole, the same as ours”: Consistency and variability in the cross-cultural perception of female physical attractiveness [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (2), 261-279.
- Cruz, F.I. dos S. (1984). *Da prostituição na cidade de Lisboa (1841)* (1ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Cury, A. (2007). *A ditadura da beleza* (1ª ed.). Cascais: Editorial Pergaminho.
- Cyrulnik, B. (2004). *O amor que cura*. (1ª ed.). Lisboa: Esquilo.
- Czarniawska-Joerges, B. (1992). *Exploring complex organizations*. London: SAGE Publications.
- Daco, P. (s.d.). *Compreender as mulheres e a sua psicologia profunda*. Lisboa: Veja.
- Dallayrac, D. (s.d.). *O novo rosto da prostituição*. Lisboa: Estúdios Veja.
- Damásio, A.R. (s.d.). *O erro de Descartes* (2ª ed.). Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Damon, W. (Ed.). (1983). *Social and personality development*. New York: W.W. Norton & Company.
- David, D. & Brannon, R. (Eds.) (1976). *The forty-nine percent majority: The male sex-*
- Davidson, J (1986). *The stroll. Inner city subcultures*. Toronto: NC Press Limited.
- Davidson, J. (1986). *The stroll. Inner city subcultures*. Toronto: NC Press Limited.
- De Ketele, J.-M. & Roegiers, X. (s.d.). *Metodologia de recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Deacon, T.W. (1998). *The symbolic species – The co-evolution of language and the brain*. New York: W.W. Noprton & Company.
- Deaux, K. (1984). From individual differences to social categories. Analysis of a decade’s research of gender. *American Psychologist*, 39, 105-116.

- Deaux, K. & LaFrance, M. (1998). Gender. In D.T. Gilbert, S.T. Fiske & G. Lindzey (Ed.), *The handbook of social psychology* (Vol II, pp. 788-827). New York: McGraw-Hill.
- Delumeau, J. (2004). *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Edições 70.
- Delvigne, A.D. (1995). Gender identity and situations of power. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 43-55). Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Desrochers, S. (1995). *What types of men are most attractive and most repulsive to women?* Retrieved March 25, 2008 from http://findarticles.com/p/articles/mi_m2294/is_n5-6_v32/ai_17274730
- Devine, P.G. (2003). Estereótipos e preconceito: Os seus componentes automáticos e controlados. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Os estereótipos e sua influência no processamento da informação* (pp. 133-163). Lisboa: ISPA.
- Dias, J.R. (1988). Para o estudo das antropologias com maior influência na história da educação em Portugal. In *1º Encontro de História da educação em Portugal. Comunicações* (pp. 279-292). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dicionário da língua portuguesa*. (2009). Porto: Porto Editora.
- Dichter, E. (s.d.). *Motivating Human behavior*. New York: McGraw-Hill Company.
- Dijkstra, P. & Buunk, B.P. (1998). Jealousy as a function of rival characteristics: An evolutionary perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24 (11), 1158-1166.
- Diniz, J.S. (1989). A vida que elas vivem. *Colecção Informar a Mulher*, 13, 9-48.
- Dixon, N.F. (1977). *A psicologia da incompetência dos militares*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- Doise, W. & Mugny, G. (s.d.). *Psicologia social & desenvolvimento cognitivo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Donovan, J.M. (2003). Facial attractiveness: Evolutionary, cognitive, and social perspectives. [Electronic version – Book review]. *Human Nature Review*, 3, 226-228.
- Doron, R & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia* (1ª ed.). Lisboa: CLIMEPSI.
- Dryden, W. & Gordon, J. (1993). *A realização pessoal* (1ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Dubet, F. (s.d.). *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Duby, G. (1990a). A vida privada nas casas aristocráticas da França feudal. Convivialidade. In P. Ariès & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Da Europa feudal ao renascimento* (Vol II, pp. 49-95). Porto: Edições Afrontamento.
- Duby, G. (1990b). O modelo cortês. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. – Idade Média* (Vol II, pp. 331-354). Porto: Afrontamento.
- Duerr, H.P. (2002). *Nudez e pudor. O mito do processo civilizacional* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Dulong, C. (s.d./1991). Da conversação à criação. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. Do Renascimento à Idade Média* (Vol III, pp. 467-495). Porto: Afrontamento.
- Dumas, J.E., Johnson, M. & Lynch, A.M. (2002). Likableness, familiarity, and frequency of 844 person-descriptive words [Electronic version]. *Personality and Individual Differences*, 3, 523-531.
- Dunkel, C.S. & Papini, D.R. (2005). *The role of ego-identity status in mating preferences*. Retrieved April 9, 2008 from <http://www.encyclopedia.com/doc/1G1-137790412.html>.

- Durandin, G. (1956). Propagande et publicité. In Piéron, H., Coumétou, M., Durandin, G. & De Montmollin, G. *Le maniement humain* (pp. 1161-1195). Paris: Presses Universitaires de France.
- Durkheim, E. (1956). *Les règles de la méthode sociologique*. (13^{ème} ed.). Paris : PUF.
- Durkheim, E. (1975). *A ciência social e a acção*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Durkheim, E. (1987). *O suicídio. Estudo sociológico* (4^a ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Duverger, M. (1983). *Sociologia da cultura*. Coimbra: Almedina.
- Easlea, B. (1987). Patriarchy, scientists, and nuclear warriors. In Kaufman, M. (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 195-215). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Eastwick, P.W. & Finkel, E.J. (2007). Sex differences in mate preferences revisited: Do people know what they initially desire in a romantic partner? [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94 (2), 245-264.
- Eco, U. (1984). *Como se faz uma tese em ciências humanas* (3^a ed.). Lisboa: Presença.
- Eco, U. (2004). *História da beleza*. Lisboa: DIFEL.
- Eco, U; Sigurtá, R.; Livolsi, M.; Alberoni, F; Dorfles, G. & Lomazzi, G. (1982). *Psicologia do vestir*. (2^a ed.). Lisboa: Assírio e Alvim.
- Edley, N. & Wetherell, M. (1995). *Men in perspective*. London: Prentice Hall – Harvester Wheatsheaf.
- Edwards, C.P. & Whiting B.B. (1980). Differential socialization of girls and boys in light of cross-cultural research. In Damon, W. (Ed.), *Social and personality development – Essays on the growth of the child* (pp. 354-363.). New York: W. W. Norton & Company.
- Edwards, K. (2008). *Um brilho no escuro*. Porto: Livraria Civilização Editora.

- Eftekhari, P. (1978). Notas para uma leitura semiológica da publicidade. *Análise Psicológica* 1 (3), 99-106.
- Eliade, M. (s.d.). *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: livros do Brasil.
- Ergas, Y. (s.d./1991). O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XX* (Vol V, pp. 583-611). Porto: Afrontamento.
- Erikson, E.H. (1983). The life cycle: epigenesis of identity/identity confusion in life history and case history. In W. Damon (Ed.), *Social and personality development – Essays on the growth of the child* (pp. 408-433). New York: W.W. Norton & Company
- Esteves, J. (2003). Falar de mulheres: Silêncios e memórias. In Z.O. de Castro (Dir.), A.F. de Sousa e M. Favinha (Coord.), *Falar de mulheres* (pp. 63-84). Lisboa: Livros Horizonte.
- Ethical principles in the conduct of research with human participants*. (1987). Washington, DC: American Psychological Association.
- European Eating Disorders review (1996). *Prevalence of anorexia nervosa: A portuguese population study*. Retrieved August 14, 2007 from <http://www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/abstact/24422/ABSTRACT?CRETRY=>.
- Evans, D. & Zarate, O. (2005). *Introducing evolutionary psychology*. Cambridge: Ikon Books Ltd.
- Farge, A. (1990). Famílias. A honra e o segredo. In P. Ariès & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Do renascimento ao século das luzes* (Vol III, pp. 581-617). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Farrell, W. (1974). *The liberated man*. Nrandom House.

- Fasteau, M.S. (1974). *The male machine*. New York: McGraw-Hill.
- Fazio, R.H., Effrein, E.A. & Falender, V.J. (1981). Self-perceptions following social interaction. [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41(2), 232-242.
- Feingold, A. (1990). Gender differences in effects of physical attractiveness on romantic attraction: A comparison across five research paradigms [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (5), 981-993.
- Feldman, R.S. (2001). *Compreender a psicologia* (5ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Ferreira, A.G.A. (1988). Uma perspectiva sobre a educação da criança nos finais de seiscentos. In *1º Encontro de História da educação em Portugal. Comunicações* (pp. 65-73). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, V.M.C. de L.R.C. (2006). *A presença da mulher na legislação medieval portuguesa*. Monografia de Mestrado em História Medieval não publicada, Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras – Departamento de História.
- Festinger, L. (1975). *Teoria da dissonância cognitiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Field, A. & Hole, G. (2003). *How to design and report experiments*. London: SAGE Publications.
- Figueiredo, C. (1945). *Pequeno dicionário da língua portuguesa* (10ª ed.). Lisboa: Livraria Bertrand.
- Fischer, G.-N. (s.d.). Os conceitos fundamentais da psicologia social. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fiske, S.T., Neuberg, S.L., Beattie, A. & Milberg, S.J. (2003). Reacções em relação aos outros baseadas em categorias e baseadas em atributos: Algumas condições de informação dos processos de estereotipar e de individualizar. In T. Garcia-

- Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Os estereótipos e sua influência no processamento da informação* (pp. 165-193). Lisboa: ISPA.
- Fisman, R., Iyengar, S.S., Kamenica, E & Simonson, I. (2006). Gender differences in mate selection: Evidence from a speed dating experiment [Electronic version]. *The Quarterly Journal of Economics*, May, 673-697.
- Fitting, P. (1987). Constructing our future: Men, women, and feminist utopian fiction. In Kaufman, M. (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 298-317). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica* (1ª ed.). Lisboa: Monitor.
- Fonseca, L.; Soares, C. & Vaz, J.M. (2003). *A sexologia. Perspectiva multidisciplinar*. Coimbra: Quarteto.
- Fontaine, O. (1987). *Introdução às terapias comportamentais*. Lisboa/São Paulo: Verbo.
- Fontaine, O. (2001). Modelagem. In R. Doron & F. Parot. *Dicionário de psicologia* (p. 503). Lisboa: CLIMEPSI.
- Fontinha, I. (1989). O meio prostitucional. *Colecção Informar a Mulher*, 13, 49-64.
- Forest, M de la, Duran, D. & Corman, A. (2004). *Fantasma com que sonham as mulheres* (1ª Ed.). Lisboa: Livros do Brasil.
- Fortin, M.-F. (2003). *O processo de investigação da concepção à realização* (3ª ed.). Loures: LUSOCIÊNCIA.
- Fraisse, G. (s.d.). Da destinação ao destino. História filosófica da diferença entre os sexos. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XIX* (Vol IV, pp. 55-95). Porto: Afrontamento.
- França, J.-A. (1987). *História da arte ocidental: 1780-1980*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Francis, R.D. (s.d.). *Ética para psicólogos*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Francastel, P. (1977). Problemas da sociologia da arte. In G. Gurvitch. *Tratado de sociologia* (Vol II, pp. 387-415). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Frederick, D.A., Fessler, D.M.T. & Haselton, M.G. (2004). Do representations of male muscularity differ in men's and women's magazines? [Electronic version]. *Body Image*, 2, 81-86.
- Freedman, J.L. ; Carlsmith, J. M. & Sears, D.O. (1977). *Psicologia social*. São Paulo: Cultrix.
- Freitas-Magalhães, A (2005). Expressão facial: Reconhecimento das emoções básicas em portugueses. (2005, Novembro 3). *Ciência Hoje*. Retrieved February 8, 2009 from <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=1611&op=all>.
- Freitas-Magalhães, A. (2006). *A psicologia do sorriso humano*. Porto: Laboratório de Expressão Facial da Emoção, Universidade Fernando Pessoa.
- Freitas-Magalhães, A (2007). *Expressão facial: a retribuição do sorriso em interação social. Estudo empírico com portugueses*. Retrieved February 8, 2009, from <http://fm.ufp.pt/r2007.swf>.
- Friedman, G. & Tréanton, J.-R. (1977). Vida de trabalho e vida fora do trabalho, indústria e sociedade. In G. Gurvitch. *Tratado de sociologia* (Vol I, pp. 693-712). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Gallop, J. (1988). *Thinking through the body*. New York: Columbia University Press. (Ensaio original publicado entre 1977 e 1986).
- Gagnon, J. (1988). *Pornography in the urban world*. Toronto: Art Metropole
- Garcia-Marques, L. (1993). Influência social. In J. Vala & M.B. Monteiro (Coord.), *Psicologia social* (pp. 201-257). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garcia-Marques, L. & Garcia-Marques, T. (2003). Mal pensa quem não pensa: Introdução ao estudo dos estereótipos sociais numa perspectiva cognitiva. In T.

- Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Os estereótipos e sua influência no processamento da informação* (pp. 11-25). Lisboa: ISPA.
- Garcia-Marques, L. & Garcia-Marques, T. (2004). Quem vê caras, infere corações: Impressões de personalidade e memória das pessoas. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Processando informação sobre os outros I: Formação de impressões de personalidade a representação cognitiva de pessoas* (pp. 11-47). Lisboa: ISPA.
- Garwood, S.G., Cox, L., Kaplan, V., Wasserman, K & Sulzer, J.L. (1980). Beauty is only "Name" deep: The effect of first name on ratings of physical attraction [Electronic version]. *Journal of Applied Social Psychology*, 10 (5), 431-435.
- Gaussin, J. (1982). Novas tecnologias e trabalho feminino: Efeitos físicos e psicológicos na saúde. A higiene e a segurança dos trabalhadores. *Análise Psicológica* 2 (2/3), 225-228.
- Geary, D.C., Vigil, J. & Byrd-Craven, J. (2004). Evolution of human mate choice [Electronic version]. *The Journal of Sex Research*, 41 (1), 27-42.
- Gellman, C. & Tordjman, G. (1989). *O homem e o prazer*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- George, P. (1977). Sociologia geográfica. In G. Gurvitch (Dir.), *Tratado de sociologia* (Vol I, pp. 347-373). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O inquérito* (2ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Gibson, J.J. (1979). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- Gil, A.C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (4ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Gilly, M. (1980). *Maître-Élève. Roles institutionnels et représentations*. Paris: PUF.

- Ginger, S. (2007). *Gestalt: A arte do contacto*. Petrópolis: Vozes.
- Giorgio, M. (1991). O modelo católico. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XIX* (Vol IV, pp. 199-237). Porto: Afrontamento.
- Gleitman, H. (1993). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goldberg, D. & Huxley, P. (1996). *Perturbações mentais comuns* (1ª Ed.). Lisboa: CLIMEPSI.
- Goldhill, S. (2006). *Amor, sexo e tragédia*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Goleman, D. (1995). *Emotional intelligence*. New York: Bantam Books.
- Goleman, D., Boyatzis, R. & Mckee, A. (2007). *Os novos líderes – A inteligência emocional nas organizações* (3ª ed.). Lisboa: : Gradiva.
- Gomes, A.C.A. (1987). Determinantes da identidade sexual - Factores sócio-culturais: Os papéis sexuais. In F.A. Gomes; A. de Albuquerque & J. S. Nunes (Coord.), *Sexologia em Portugal* (pp. 64-71). Lisboa: Texto Editora.
- Gomes, F.A. (2006). *Paixão amor e sexo* (2ª Ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Gonçalves, M..M. (1995). *Auto-conhecimento e acesso introspectivo*. Braga: Serviço de Publicações, Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Gonçalves, R.A. (2005). Stress e vitimação em meio prisional – dos crimes aos castigos. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coord.), *Stress e bem estar* (pp. 135-149). Lisboa: CLIMEPSI.
- Gonzales, C.L. (2008). First impressions: the effect of physical attractiveness and personality on relationships. Retrieved March 25, 2008 from <http://clearinghouse.missouriwestern.edu/manuscripts/197.asp>.
- Goode, W.J. & Hatt, P.K. (1979). *Métodos em pesquisa social* (7ª ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- Gottfredson, M.R. & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Gray, S. (1987). Sharing the shop floor. In Kaufman, M. (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 216-234). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Green, N.L. (1991). A formação da mulher judia. In G. Duby & M. Perrot (Dir.). *História das mulheres. O século XIX* (Vol IV, pp. 257-275). Porto: Afrontamento.
- Greenwald, A.G., Banaji, M.R., Rudman, L.A., Farnham, S.H., Nosek, B.A. & Mellott, D.S. (2002). A unified theory of implicit attitudes, stereotypes, self-esteem, and self-concept [Electronic version]. *Psychological Review*, 109 (1), 3-25.
- Grieco, S.F.M. (1991). O corpo, aparência e sexualidade. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres* (Vol III, pp. 71-119). Porto: Afrontamento.
- Gruen, A. (1996). *A traição do eu. O medo da autonomia no homem e na mulher*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Grummit, J. (s.d.). *Leitura rápida*. Lisboa: Mem Martins-América.
- Guedes, M. G., Lourenço, J.M., Filipe, A.I., Almeida, L. & Moreira, M.A. (2007). *Bolonha – Ensino e aprendizagem por projecto*. V.N. Famalicão: Centro Atlântico.pt.
- Guegen, N. & De Gail, M.-A. (2003). The effect of smiling on helping behavior: Smiling and good samaritan behavior. Retrieved April 8, 2008 from <http://www.questia.com/googleScholar.qst;jsessionid=H7GT124CcVBTGv15vCmJx...>
- Guerra, A. (2001). A mulher em Roma; algumas considerações em torno da sua posição social e estatuto jurídico. In C.M. da Moita, (pp. 105-112).

- Guerra, I.C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – Sentidos e formas de uso* (1ª ed.). Parede: Príncipeia.
- Guinote, P.J.A. (2003). A educação no feminino (1900-2000). In Z.O. de Castro (Dir.) A.F. de Sousa e M. Favinha (Coord.), *Falar de mulheres* (pp. 153-226). Lisboa: Livros Horizonte.
- Guns, N. (1985). *Women on board*. Rijswijk. (Manuscrito não publicado).
- Gurvitch, G. (s.d./1977). Problemas da sociologia geral. In G. Gurvitch (Dir.), *Tratado de sociologia* (Vol I, pp. 219-344). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Hagedorn, J.M. (1988). *People and folks*. Chicago: Lake View Press.
- Hakuta, K. (1986). *Mirror of language*. New York: Basic Books
- Halifax, Nova Scotia Advocacy Group (s.d.). *Learning gender stereotypes*. Retrieved January 2, 2008 from <http://www.webawareness.org/english/resources/educational/lessons/secondary/gende...>
- Hamilton, D.L. & Gifford, R.K. (2003). Correlações ilusórias na percepção interpessoal: Uma base cognitiva para julgamentos estereotípicos. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Estereótipos e cognição - Os estereótipos e sua influência no processamento de informação* (pp. 37-52). Lisboa: ISPA.
- Hamilton, D.L., Katz, L.B. & Leirer, V.O. (2004). Processos organizacionais na formação de impressões. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Processando informação sobre os outros I: Formação de impressões de personalidade a representação cognitiva de pessoas* (pp. 127-159). Lisboa: ISPA.
- Handler, C. (2006). *A minha vida horizontal*. Queluz de Baixo: Editorial Presença.
- Harrison, M.I. (1994). *Diagnosing organizations* (2nd ed.). London: SAGE Publications.
- Hastie, R. & Kumar, P.A. (2004). Memória de pessoas (person memory): Os traços de personalidade enquanto princípios organizadores (organizing principles) da

- memória para comportamentos. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Processando informação sobre os outros I: Formação de impressões de personalidade a representação cognitiva de pessoas* (pp. 161-182). Lisboa: ISPA.
- Hawton, K., Salkovskis, P.M., Kirk, J. & Clark, D.M. (1997). *Terapia cognitivo-comportamental para problemas psiquiátricos – Um guia prático*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hearn, J. (1987). *The gender of oppression: Men, masculinity and the critique of marxisme*. Brighton: Harvester Wheatsheaf.
- Héritier, F. (s.d.). *Masculino feminino: O pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Herz, R. (2008). *O aroma do desejo* (1ª ed.). Cruz Quebrada: Estrela Polar.
- Hess, H. (2007). *Siddhartha* (15ª ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hipólito, J. (2008). Comunicação pessoal, proferida em 1 de Julho de 2008.
- Hite, S. (2004). *O orgulho de ser mulher*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Sextante.
- Holm, J. & Bowker, J. (Coord.) (s.d.). *Ritos de passagem*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Hornell, H. (1956). *Autoconditioning the new way to a successfull life*. Englewood: Prentiss Hall.
- Horney, K. (1981). *La psychologie de la femme*. Paris: Petit Biblioteque Payot.
- Horvath, T. (1979). Correlates of physical peauty [sic] in men and women [Electronic version]. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 7 (2), 145-152.
- Houaiss, A. & Villar, M. de S. (2003). *Dicionário da língua portuguesa* (Vol 1-18). Lisboa: Temas e Debates.

- Houel, A. (2001). *O adultério no feminino e o seu romance*. Porto: Âmbar.
- Howe, M.J.A & Davidson, J.H. (2003). The early progress of able young musicians. In R.J. Sternberg & E.L. Grigorenke (Ed.), *The psychology of abilities, competencies, and expertise* (pp. 186-212). New York: Cambridge University Press.
- Hufton, O. (1991). Mulheres, trabalho e família. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres* (Vol III, pp. 23-69). Porto: Afrontamento.
- Huitt, W. (2004). *Self-concept and self-esteem*. Retrieved August 26, 2005 from <http://chiron.valdosta.edu/whuitt/brilstar/chapters/Brilstarintro.pdf>
- Humphreys, T. (2001). *Auto-estima. A chave para a educação do seu filho*. São Paulo: Editorial Ground.
- Hunt, L. (s.d./1991). Revolução Francesa e vida privada. In P Ariés & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Da Revolução à Grande Guerra* (Vol IV, pp. 21-51). Lisboa: Afrontamento.
- Hurtig, M.-C. & Pichevin, M.-F. (1995). The sex category system: Two asymmetrically processed social categories. In Amâncio, L. & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 13-31). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Hyman, R. (1977). *Natureza da investigação psicológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Ickes, W.J. (2008). Mind-reading superheroes: Fiction and fact. In R.S. Rosenberg (Ed.), *The psychology of superheroes – Un authorized exploration* (pp. 119-134). Dallas: BenBella Books.

- Iriart, J.A.B. & Andrade, T.M. de (2002). Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 18 (5).
- Janson, H.W. (1998). *História da arte* (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jary, D. & Jary, J. (1995). *Dictionary of Sociology* (2º Ed.) Glasgow: Harper Collins Publishers.
- Javeau, C. (1986). *Leçons de sociologie*. Paris: Meridiens Klincksieck.
- Jesuino, J.C. (1979). Determinantes da mentalidade militar. *Análise Psicológica* 2 (3), 361-377.
- Jesus, S.N. (2005). Bem-estar docente. Perspectivas para superar o mal-estar dos professores. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coord.), *Stress e bem estar* (pp. 167-184). Lisboa: CLIMEPSI.
- Jimenez, M. (s.d.). *A psicologia da percepção*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Joaquim, T. (2006). *As causas das mulheres*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Johnson, K.L., Lurye, L.E. & Freeman, J.B. (2008). Gender typically and extremity in popular culture. In R.S. Rosenberg (Ed.), *The psychology of superheroes – Un authorized exploration* (pp. 229-244). Dalas: BenBella Books.
- Jorge, L. (1992). *A última dona*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Josipovici, G. (1996). *Touch*. New Haven and London: Yale University press.
- Jourard, S. (1971). *The transparent self*. New York: D. van Nostrand.
- Junqueiro, G. (s.d.). *Poesias dispersas*. (5ª Ed.). Porto: lello & Irmão – Editores.
- Kabat-Zinn, J. Ph.D. (1991). *Full catastrophe living*. New York: Delta Book.
- Kalat, J.W. & Shiota, M.N. (2007). *Emotion*. Belmont: Thomson Higher Education.

- Katz, J. (1988). *Seductions of crime. A chilling exploration of criminal mind – from juvenile delinquency to cold-blooded murder*. New York: Basic Books, Inc, Publishers
- Kaufman, M. (1987). The construction of masculinity and the Triad of Men's Violence. In M. Kaufman (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 1-29). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Kawakami, K., Dovidio, J.F. & Kamp, S. van. (2004). Kicking the habit: Effects of nonstereotypic association training and correction processes on hiring decisions [Electronic version]. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41, 68-75.
- Kenrick, D.T., Neuberg, S.L., Zlerk, K.L. & Krones, J.M. (1994). Evolution and social cognition: contrast effects as a function of sex, dominance and physical attractiveness [Electronic version]. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20 (2), 210-217.
- Kessel, E.S. van (s.d). Virgens e mães entre o céu e a terra. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres* (Vol III, pp. 181-227). Porto: Afrontamento.
- Kidd, B. Sports and masculinity. In Kaufman, M. (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 250-265). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Kimura, D. (2004). *Sexo e cognição*. (1ª Ed.). Lisboa: Gradiva
- Kitzinger, S. (s.d.). *Mães – um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Editorial presença.
- Klatzky, R.L. (1975). *Human memory: Structures and processes*. San Francisco: W. H. Freeman and Company.
- Klineberg, O. (1972a). *Psicologia social* (Vol 1). Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.

- Klineberg, O. (1972b). *Psicologia social* (Vol 2). Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
- Knibiehler, Y. (s.d.). Corpos e corações. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XIX* (Vol IV, pp. 351-401). Porto: Afrontamento.
- Koff, E. & Benavage, A. (s.d.). Breast size perception and satisfaction, body image, and psychological functioning in Caucasian and Asian American college women. Retrieved April 11, 2008 from <http://www.questia.com/googleScholar.qst;jsessionid=H1jLGrhZqjCG2W6ds3FBVT>.
- Krampe, R.T & Baltes, P.B. (2003). Intelligence as adaptive resource development and resource allocation. In R.J. Sternberg & E.L. Grigorenke (Ed.), *The psychology of abilities, competencies, and expertise* (pp. 31-69). New York: Cambridge University Press.
- Kruger, D.J. & Fisher, M.L. (2005). Alternative male mating strategies are intuitive to women [Electronic version]. *Current Research in Social Psychology*, 11 (4), 39-50.
- Krumbhuber, E., Manstead, A.S.R., Cosker, D., Marshall, D., Rosin, P.L. & Kappas, A. (2007). Facial dynamics as indicators of trustworthiness and cooperative behavior [Electronic version]. *Emotion*, 7 (4), 730-735.
- Kundera, M. (1987). *A brincadeira*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Kurzban, R. & Weeden, J. (2004). Hurry date: Mate preferences in action [Electronic version]. *Evolution and Human Behavior*, 26, 227-244.
- La psicologia moderna de la A a la Z*. (1976). Bilbao: Ediciones Mensajero.
- Labrador, F.J. (s.d.). *Stress*. Lisboa: Edições Temas da Actualidade.
- LaFrance, M. (2007). First impressions and hair impressions study. Retrieved May 5, 2008 from <http://www.lamasbeauty.com/beauty/september03/Impressions.htm>.

- Lakatos, E.M. (1987). *Sociologia geral* (5ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Langlois, J.H., Roggman, L.A. Casey, R.J. & Ritter, J.M. (1987). Infant preferences for attractive faces: Rudiments of a stereotype? [Electronic version]. *Developmental Psychology*, 23, 363-369.
- Langlois, J.H., Roggman, L.A. & Rieser-Danner, L.A. (1990). Infant's differential social responses to attractive and unattractive faces [Electronic version]. *Developmental Psychology*, 26, 153-159.
- Langlois, J.H., Ritter, J.M., Casey, R.J., & Sawin, D.B. (1995). Infant attractiveness predicts maternal behaviors and attitudes [Electronic version]. *Developmental Psychology*, 31, 464-472.
- Langlois, J.H., Ritter, J.M. Roggman, L.A. & Vaughn, L.S. (1991). Facial diversity and infant preferences for attractive faces [Electronic version]. *Developmental Psychology*, 27, 79-84.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1976). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Moraes.
- Laranjeira, A.R. (2004). *Não és homem não és nada: Masculinidade e comportamento de risco*. In L. Amâncio (Org.). *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 51-73). Lisboa: Livros Horizonte.
- Lavrakas, P.J. (1975). Female preferences for male physiques [Electronic version]. *Journal of Research in Personality*, 9(4), 324-334.
- Lawrence, D.H. (1984). *Pornografia e obscenidade*. Lisboa: Produções & etc – Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
- Lazer, D. (1980). As análises da hereditariedade da inteligência: ciência ou numerologia? *Psicologia 1* (1), 83-93.
- Leal, I. (1989). As mulheres criadoras e transmissoras da identidade cultural. *Cadernos Condição Feminina*, 29, 37-45.

- Leal, I. (2005). *Iniciação às psicoterapias*. Lisboa: Fim de Século.
- Leal, I. (2005). *Guia de sentimentos prováveis* (1ª ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Leary, M.R., Rogers, P.A., Canfield, R.W. & Coe, C. (1986). Bored in interpersonal encounters: Antecedents and social implications [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 968-975.
- Lebel, J.-J. (1979). *L'amour et l'argent*. Paris: Éditions Stock.
- Lee, L., Lowenstein, G., Ariely, D., Hong, J. & Young, J. (2008). *Beauty bias: Can people love the one they are compatible with?* Retrieved March 25, 2008 from <http://www.sciencedaily.com/releases/2008/02/080211094943.htm>.
- Lee, P. (2007). *Alugo o meu corpo* (1ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lee, R. & Daly, R. (1987). Man's domination and woman's oppression: The question of origins. In M. Kaufman (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 30-44). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Leedy, P.D. & Ormrod, J.E. (2005). *Practical research – Planning and design* (8th ed.). New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Leplat, J. & Cuny, X. (1983). *Introdução à psicologia do trabalho*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (s.d.). *Investigação qualitativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lessing, D. (2007). *O sonho mais doce* (3ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Levy, S. (1993). *Sexualidade e cérebro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Levi, J.A. (2003). Da igualdade à paridade: Os estudos sobre as mulheres nos Estados Unidos. In Z.O. de Castro (Dir.) A.F. de Sousa e M. Favinha (Coord.), *Falar de mulheres* (pp. 85-98). Lisboa: Livros Horizonte.
- Lévi-Strauss, C. (1980). *Raça e história*. Lisboa: Editorial Presença.

- Lewenhak, S. (1982). *A mulher e o trabalho*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lewis, T.; Amini, F. & Lannon, R. (2002). *Uma teoria geral do amor* (1º ed.). Lisboa: Presença.
- Leyens, J.-P. (1981). *Psicologia social*. Lisboa: Edições 70.
- Leyens, J.P. (1985). *Teorias da personalidade na dinâmica social*. Lisboa: Verbo.
- Leyens, J.-P. & Yzerbit, V. (2004). *Psicologia social*. Lisboa: Edições 70.
- Leyton, H. (1987). *Hunting humans. The rise of the modern multiple murderer*. Toronto: Seal Books.
- Lima, A.M. (1987). *Introdução à sociologia* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Lima, M.L. (2005). Bem-estar e exposição a riscos ambientais. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coord.), *Stress e bem estar* (pp. 85-104). Lisboa: CLIMEPSI.
- Lima, M.L.P. de (1993). Atitudes. In J. Vala & M.B. Monteiro (Coord.), *Psicologia social* (pp. 167-199). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lima, M.M. (1997). Considerações em torno do conceito de estereótipo: Uma dupla abordagem [Electronic version]. *Jornal da Universidade de Aveiro – Letras*, 169-181.
- Lins, R.N. (1999). *Na cabeceira da cama*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Lippa, R.A. (2007). The preferred traits of mates in a cross-national study of heterosexual and homosexual men and women: An examination of biological and cultural influences [Electronic version]. *Arch Sex Behav*, 36, 193-208.
- Lips, H. (2008). *Sex & gender*. New York: McGraw-Hill.
- Lissarrague, F. (1990). A figuração das mulheres. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. A Antiguidade* (Vol I, pp. 203-271). Porto: Afrontamento.

- Lopes, M.A. (1989). *Mulheres, espaço e sociabilidade. A transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lorenz, K. (1979). *A agressão. Uma história natural do mal* (2ª ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2003). A respeito da dominação nas relações entre grupos. In M.L. Lima, P. Castro & M. Garrido (Org.), *Temas e debates em psicologia social* (pp. 93-110). Lisboa: Livros Horizonte.
- Lourenço, E. (1989). O feminino no imaginário português e como imaginário português. *Cadernos Condição Feminina*, 29, 25-36.
- McCroskey, J.C. & McCain, T.A. (2008). *The measurement of interpersonal attraction*. Retrieved July 20, 2008 from <http://jamescmccroskey.com/publications/57.htm>
- Maciel-Guerra, A.T. & Guerra-Júnior, G. (2005). Intersexo: Entre o gene e gênero [sic] [Electronic version]. *Arq Bras Endocrinol Metabol*, 49(1).
- Macrae, C.N., Bodenhausen, G.V., Milne, A.B. & Jetten, J. (2003). Longe da mente... mas por pouco tempo. Estereótipos em ricochete. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Os estereótipos e sua influência no processamento da informação* (pp. 265-287). Lisboa: ISPA.
- Macrae, C.N., Milne, A.B. & Bodenhausen, G.V. (2003). Estereótipos enquanto instrumentos de poupança de energia: Um vislumbre do interior da caixa de ferramentas cognitiva. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (Ed.), *Os estereótipos e sua influência no processamento da informação* (pp. 77-103). Lisboa: ISPA.
- Maisonneuve, J. (s.d.). *Introdução à psicossociologia*. Porto: Rés-Editora.

- Manheim, H. (1984). *Criminologia comparada* (Vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Manheim, H. (1985). *Criminologia comparada* (Vol. 2). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Manual de estilo da APA – Regras básicas*. (2006). Porto Alegre: ARTMED.
- Marascuilo, L.A. & Serlin, R.C. (1988). *Statistical methods for the social and behavioral sciences*. New York: W.H. Freeman.
- Marques, A. (2004). *Mulheres de papel*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, A.M. (2004). Os trabalhos da masculinidade: Culturas ocupacionais sob hegemonia masculina. In L. Amâncio (Org.), *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 29-50). Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, C.A. (1989). Abordagens psicológicas no estudo do trabalho. *Análise Psicológica* 7 (1-2-3), 191-198.
- Marques, J.M. (1988). Categorização social, identidade social e homogeneidade de outgroup: uma análise conceptual. *Análise Psicológica* 6 (3-4), 279-305.
- Marques, M.M. (1988). Alternativas ao desemprego, mobilidade geográfica e integração urbana. *Psicologia* VI (3), 383-398.
- Marquez, G.G. (1995). *Do amor e outros demónios* (2ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Marshall, Dr. W.L. & Barrett, S. (1992). *Criminal neglect. Why sex offenders go free*. Toronto: Seal Books.
- Martin, D. & Boeck, K. (2002). *O que é a inteligência emocional* (2ª ed.). Lisboa: Pergaminho.
- Martinho, T. (2004). Viver jovem, morrer depressa: Masculinidade e condução de risco. In L. Amâncio (Org.), *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 75-90). Lisboa: Livros Horizonte.

- Matlin, M.W. (1999). Bimbos and rambos: The cognitive basis of gender stereotypes. *Psy Chi*, 3, nº 2, 13-14.
- Mayer, R.E. What causes individual differences in cognitive performance? In R.J. Sternberg & E.L. Grigorenko (Ed.), *The psychology of abilities, competences, and expertise* (pp. 263-273). New York: Cambridge University Press.
- Mayeur, F. (s.d.). A educação das raparigas: O modelo laico. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XIX* (Vol. IV, pp. 277-295). Porto: Afrontamento.
- McCroskey, J.C. & McCain, T.A. (2008). *The measurement of interpersonal attraction*. Retrieved July 20, 2008 from <http://jamescmccroskey.com/publications/57.htm>
- McCullough, C. (1983). *Uma obsessão indecente*. Lisboa: DIFEL.
- McCullough, C. (2005). *A casa dos anjos* (2ª ed.). Lisboa: Difel.
- McMahon, F.B. & McMahon, J.W. (1986). *Psychology: The hybrid science* (5th ed.). Chicago: The Dorsey Press.
- Mead, M. (1996). *Male female* (1st ed.). New York: Quill.
- Mednick, S.A. (1973). *Aprendizagem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Mehrabian, A. & Pierce, M. (1993). Affective and personality characteristics inferred from length of first names [Electronic version]. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19 (6), 755-758.
- Melo, G.F. de, Giavoni, A. & Tróccoli, B.T. (2004). *Estereótipos de gênero [sic] aplicados a mulheres atletas*. Retrieved January 2, 2008 from http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-7722004000300006&script=sci_arttext

- Mendras, H. (1977). Sociologia do meio rural. In G. Gurvitch. *Tratado de sociologia* (Vol I, pp. 429 - 450). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Meninos castrados* (2008). Retrived July 6, 2008 from <http://glsplanet.terra.com.br/news/artigo5.htm>
- Michaud, S. (s.d.). Idolatrias: Representações artísticas e literárias. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XIX* (Vol. IV, pp. 145-169). Porto: Afrontamento.
- Michel, A. (1983). *Sociologia da família e do casamento*. Porto: Rés-Editora.
- Michel, M.R. (1976). *A arte e a sexualidade*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor. Michener, H.A., DeLamater, J.D. & Myers, D.J. (2005). *Psicologia social*. (E. Fittipaldi e S. S. M. Cuccio, Trad.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning. (obra original publicada em 2003).
- Michener, H.A., DeLamater, J.D. & Myers, D.J. (2005). *Psicologia social*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Milkman, R. (1987). *Gender at work: the dynamics of Job segregation by sex during World War II*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Miller, E.M. (1986). *Street Woman*. Philadelphia: Temple University Press.
- Miller, H. (1985). *Opus pistorum*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Miller, R.S., Perlman, D. & Brehm, S.S. (2007). *Intimate relationships*. New York: McGraw-Hill.
- Millet, C. (2001). *A vida sexual de Catherine M*. Lisboa: ASA Editores.
- Millet, L. (s.d.). *A agressividade*. Lisboa: Editorial Pórtico.
- Mitchell, J.P., Macrae, C.N. & Banaji, M.R. (2005). Forming impressions of people versus inanimate objects: Social-cognitive processing in the medial prefrontal cortex [Electronic version]. *NeuroImage*, 26, 251-257.

- Monello, P. & Jacobson, V. (1976). *O trabalho social em equipa* (3ª ed.). Lisboa: Moraes.
- Mónico, L. dos S. (2005). Repercussões da autopercepção da beleza física no recurso e percepção de eficácia de estratégias de auto-apresentação em contextos de sedução. *Motriz, Rio Claro*, 11(1), 57-70.
- Monteiro, M.B. (1993). Conflito e cooperação nas relações intergrupais. In J. Vala & M.B. Monteiro (Coord.), *Psicologia social* (pp. 309-352). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Monteiro, M.B., Vala, J., Saraiva, C.C. & Costa, V.P. da (1980). Violência filmada e comportamentos agressivos: I – A investigação experimental e as suas hipóteses. *Psicologia 1* (2), 135-146.
- Montmollin, M. de. (s.d.). *A ergonomia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Montoya, R.M. (2007). Gender similarities and differences in preferences for specific body parts [Electronic version]. *Current Research in Social Psychology*, 13 (1), 133-144.
- Moraes, V. de (1970). *O operário em construção e outros poemas* (7ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Morávia, A. (1986). *Contos eróticos*. Lisboa: Dom Quixote.
- Moreira, C.D. (1994). *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e políticas.
- Moreira, P., Óscar, G. & Beutler, L.E. (2005). *Métodos de selecção de tratamento*. Porto: Porto Editora.
- Morin, E. (s.d.). *O homem e a morte*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Morin, E. (2003). *Introdução ao pensamento complexo* (4ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

- Morin, E. & Silva, F.V. da (1978). O sentimento da complexidade. *Análise Psicológica* 1 (4), 89-99.
- Mosse, G.L. (1994). Masculinity and decadence. In R. Porter & M. Teich (Eds.). *Sexual knowledge, sexual science* (pp. 251-266). Cambridge: Cambridge University Press.
- Moisy, C. (1972). *O complexo militar-industrial americano*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Mueser, K.T., Grau, B.W., Sussman, S. & Rosen, A.J. (1984). You're only as pretty as you feel: Facial expression as a determinant of physical attractiveness [Electronic version]. *Journal of Personality and Social psychology*, 46(2), 469-478.
- Muir, K. (1992). *Arms and the woman*. London: Sinclair-Stevenson Limited.
- Muldorf, B. (1975). *Para uma sociedade erótica*. Lisboa: Arcádia.
- Mulheres e direitos humanos*. (1995). Lisboa: Secção Portuguesa da Amnistia Internacional.
- Murray, E.J. (1968). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Musgrave, P.W. (1984). *Sociologia da educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Myers, D.G. (2005). *Exploring psychology* (6th ed.). New York: Worth Publishers.
- Nahoum-Grappe, V. (1991). A mulher bela. In In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. Do Renascimento à Idade Média* (Vol III, pp. 121-139). Porto: Afrontamento.
- Neruda, P. (1975). *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. (5^a ed.). (F.A. Pacheco, Trad.). Lisboa: Dom Quixote. (Obra original publicada em data não indicada).
- Neruda, P. (1999). *Odes elementares* (1^a ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- Neto, F. (2000). *Psicologia social*. Vol 2. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nicholson, E.A. (s.d.). As mulheres e o teatro. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres* (Vol III, pp. 341-367). Porto: Afrontamento.
- Nicholson, M. (1995). *What did you do in the war, Mummy?* London: Chatto & Windus Limited.
- Nin, A. (1980). *Delta de Vénus*. (L.N. Jorge, Trad.). Lisboa: Bertrand. (Obra original publicada em 1969)
- Nodin, N. (2002). *Sexualidade de A a Z*. Lisboa: Bertrand.
- Noelle-Neumann, E. (1974). The spiral of silence: A theory of public opinion. *Journal of Communication*, 24, 43-51.
- Nogueira, C. (1995). Gender representations and perceptions of managerial success. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 103-111). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Nogueira, C., Paúl, C. & Amâncio, L. (1995). Women in management in Portugal: A demographic overview. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 207-218). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Nossintchouk, R. (1998). *O êxtase e a ferida – Crimes e violências sexuais da Antiguidade aos nossos dias* (1ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Nunes, J.S. (2003). Perturbações da identidade de género. In L. Fonseca; C. Soares & J.M.Vaz (Coord.), *A sexologia. Perspectiva multidisciplinar* (pp. 383-420). Coimbra: Quarteto.
- Oguchi, T. & Kikuchi, H. (1997). Voice and interpersonal attraction. *Japanese Psychological Research*, 39, 56-61.

- Oliveira, A.C.G. (1989). A influência da Segunda Guerra Mundial na promoção sócio-profissional da mulher portuguesa: Contribuição para o seu diagnóstico. *Cadernos Condição Feminina*, 29, 87-95.
- Oliveira, C., Pedrosa, A.A. & Canavarro, M.C. (2005). Gravidez, parentalidade e mudança. Stress e adaptação nos processos de transição para a parentalidade. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coord.), *Stress e bem estar* (pp. 59-83). Lisboa: CLIMEPSI.
- Olson, I.R. & Marshuetz, C. (2005). Facial attractiveness is appraised in a glance [Electronic version]. *Emotion*, 5 (4), 498-502.
- Online Etymology Dictionary (2001). *Stereotype*. Retrieved January 4, 2008 from <http://www.etymonline.com/index.php?term=stereotype>.
- Opitz, C. (1990). O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In G. Duby & M. Perrot (coord.), *História da mulher. – Idade Média* (Vol II, pp. 361-435). Porto: Afrontamento.
- Osborn, D.R. (2006). A biological, cultural, and interactional (BCI) model of physical attractiveness judgements. Retrieved April 14, 2007 from *Electronic Journal of Human Sexuality*, 9. Retrieved April 8, 2008 from <http://www.ejhs.volume9/Osborn.htm>.
- Pacheco, J. (1998). *O tempo e o sexo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pacheco, R. (2007). *O que aprendi com a Bruna Surfistinha. Lições de uma vida nada fácil* (1ª ed.). Queluz de Baixo: Editorial Presença.
- Papadopoulos, L. (2009). *O que os homens dizem. O que as mulheres ouvem* (1ª ed.). (A. C. Santos, Trad.). Lisboa: Guerra e Paz Editores.
- Parrinder, G. (1999). *Sexualidade e moral nas religiões do mundo*. Mem Martins: Europa-América.

- Parry, J. (1976). *Psicologia da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.
- Parsons, T. (1984). *El sistema social* (2ª ed.). Madrid: Alianza Editorial.
- Passerini, L. (1991). Mulheres, consumo e cultura de massas. In G. Duby & M. Perrot. (Dir.), *História das mulheres. O século XX* (Vol V, pp. 381-401). Porto: Afrontamento.
- Patlagean, E. (s.d.). Bizâncio, séculos X-XI. In P. Ariès, & G. Duby. (Dir.) *História da vida privada: Do Império Romano ao ano mil* (Vol II, pp. 531-616). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Paúl, C. (1995). Competing roles along women's life span. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 195-203). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Paulino, M. (2009). *Abusadores sexuais de crianças – A verdade escondida*. Prime Books.
- Paz, O. (1995). *A chama dupla*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pease, A. & Pease, B. (2004). *Porque é que os homens mentem e as mulheres choram* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Pereira, M.E. (2002). *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU.
- Pereira, M. da G. & Monteiro-Ferreira, J. (Coord.). (2003). *Stress traumático* (1ª ed.). Lisboa: CLIMEPSI.
- Pereira, M. M. M. de C. (2006). *Guia de educação sexual e prevenção do abuso*. Coimbra: Pé de Página Editores.
- Perez, R.M. (1995). The myth of the wild woman. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 57-63). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.

- Peristiany, J.G. (1988). Honra e vergonha numa aldeia cipriota de montanha. In J.G. Peristiany (Ed.), *Honra e vergonha. Valores das sociedades mediterrânicas* (pp. 139-153). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Perrett, D. (2008). Face Value. *Science & Nature: Human Body and Mind*. [Homepage]. Retrieved July 20, 2008 from <http://www.bbc.co.uk/science/humanbody/mind/articles/emotions/faceperception1>.
- Perrot, M. (1990a). À margem: celibatários e solitários. In P. Ariès, & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Da revolução à Grande Guerra* (Vol IV, pp. 287-303). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Perrot, M. (1990b). Dramas e conflitos familiares. In P. Ariès e G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Da revolução à Grande Guerra* (Vol IV, pp. 263-285). Lisboa: Afrontamento.
- Perrot, M. (1990c). Personagens e papéis. In P. Ariès & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Da Revolução à Grande Guerra* (Vol IV, pp.121-185). Lisboa: Afrontamento.
- Pessoa, F. (1997). *Mensagem*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Pessoa, F. (s.d.). *Poemas escolhidos*. Lisboa: Editora Ulisseia
- Peyrefitte, A. (1977). *Réponses a la violence*. Paris : Presses Pocket
- Phillips, E.M. & Pugh, D.S. (1998). *Como preparar um mestrado ou doutoramento. Um manual prático para estudantes e seus orientadores*. Lisboa: Lyon Multimédia Edições Lda.
- Physorg.com (2008). *Rethinking what men and women want in a partner*. Retrieved March 25, 2008 from <http://www.physorg.com/news122130119.html>.

- Piaget, J. (1977). Problemas de psicossociologia da infância. In G. Gurvitch. (Dir.), *Tratado de sociologia* (Vol II, pp. 315-351). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Piaton, G. (1979). *Educação e socialização. Elementos de psicossociologia da educação* (1ª ed.). Lisboa: Moraes.
- Piéron, H. (1962). *La psychologie différentielle*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Piéron, K ; Couméto, M ; Durandin, G & Montmollin, G. de (1956). *Le maniement humain*. Paris : PUF
- Pierson, M.-L. (s.d.). *A inteligência relacional*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pinto, A. da C. (1991). Efeitos da idade e sexo na frequência de lapsos de memória. In *Actas I Jornadas de Estudo dos Processos Cognitivos* (pp. 9-19). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Pinto, C.A. (2006). *Notas para o estudo do mecenato de D. Frei Aleixo de Meneses: os recolhimentos da Misericórdia em Goa*. Manuscrito não publicado. Fundação Oriente.
- Pinto, J. M. da S. (1989). Um exemplo da integração das mulheres nas Forças Armadas Portuguesas: As enfermeiras pára-quedistas nas guerras de África. *Cadernos da Condição Feminina*, 32, 189-195.
- Pinto, J. M. da S. (1991). *Violência e prostituição*. Tese de Mestrado não publicada, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- Pinto, J. M. da S. & Marques, A. (2006). Relatório da investigação sobre a prevalência da PTSD na Polícia de Segurança Pública da Cidade de Lisboa. *Anais - Psique*, II, 117-181.

- Pinto, T. (2003). Instrução e feminidade: A pluralidade dos discursos em finais de oitocentos. In Z.O. de Castro (Dir.) A.F. de Sousa e M. Favinha (Coord.), *Falar de mulheres* (pp. 261-278). Lisboa: Livros Horizonte.
- Pitt- Rivers, J. (1965/1988). Honra e posição social. In J.G. Peristiany (Ed.), *Honra e vergonha. Valores das sociedades mediterrânicas* (pp. 11-59). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Poeschl, G., Múrias, C. & Ribeiro, R. (2003). As diferenças entre sexos: mito ou realidade? [Electronic version]. *Análise Psicológica*, 21, 2, 213-228.
- Porter, R. & Teich, M. (1994). *Sexual knowledge, sexual science – The history of attitudes to sexuality*. New York: Cambridge University Press.
- Portnoy, S. (2007). *Insaciável. Confissões eróticas de uma mulher*. Queluz de Baixo: Editorial Presença.
- Portugal – Situação das mulheres*. (1995). Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Prazeres, V. (2004). Tratar da vida, tratar do corpo: Masculinidades e políticas de saúde. In L. Amâncio (Org.). *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 121-141). Lisboa: Livros Horizonte.
- Prost, A. (1991). Fronteiras e espaços do privado. In P. Ariés & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias* (Vol V, pp. 15-113). Lisboa: Afrontamento.
- Provost, M.P., Kormos, C., Kosakoski, G. & Quinsey, V.L. (2006). Sociosexuality in women and preference for facial masculinization and somatotype in men [Electronic version]. *Archives of Sexual Behavior*, 35 (3), 305-312.
- Publication Manual of the American Psychological Association*. (2003). (5th ed., 6th printing). Washington DC: American Psychological Association.

- Quivy, R. & Campenhoudt, L. van. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais* (1ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Ramires, A.C. & Almeida, P.L. (2005). Psicologia do desporto, participação desportiva e treino de competências pessoais: Reflexões sobre um caso. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coords.), *Stress e bem estar* (pp. 185-196). Lisboa: CLIMEPSI.
- Ramos, A.L.M. (2001). Resenha: A paixão perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo. Retrieved April 12, 2008 from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300012.
- Ramos, J.A.M. (2001). A mulher na Bíblia. In C.M. da Moita, *A mulher na história - Actas dos colóquios sobre a temática da mulher 1999/2000*. Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural (pp. 27-44).
- Rasmussen, R., Esgate, A. & Turner, D. (2005). On your marks get stereotyped, go! *Journal of Sport & Social Issues*, 29(4), 426-436.
- Regan, P.C. (1998). *Minimum mate selection standards as a function of perceived mate value, relationship context and gender*. Retrieved March 24, 2008 from <http://www.haworthpress.com/ArticleAbstract.asp?sid=VN82K2FESTQ08JRC>.
- Regan, P.C. (1998). *Minimum mate selection standards as a function of perceived mate value, relationship context and gender*. Retrieved March 24, 2008 from <http://www.haworthpress.com/ArticleAbstract.asp?sid=VN82K2FESTQ08JRC>.
- Regan, P.C. & Berscheid, E. (1997). Gender differences in characteristics desired in potential sexual and marriage partner. [Electronic version]. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 9 (1), 25-37.
- Regan, P.C.. & Sprecher, S. (1995). Gender differences in the value of contributions to intimate relationships: egalitarian relationships are not always perceived to be

- equitable. *A Journal of Research*, 33. Retrieved April 3, 2008 from <http://www.questia.com/googleScholar.qst;jsessionid=Hn1Gchn1K22yXvvCHSv b4Z>.
- Régnier-Bohler, D. (s.d./1990). Ficções. In Ariès, P. & Duby, G. (Dir.), *História da vida privada: Da Europa feudal ao renascimento* (Vol II, pp. 311-392). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Rêgo, M. do C. da C. (2003). Falar de mulheres: Da igualdade à paridade. In Z.O. de Castro (Dir.); A.F. de Sousa e M. Favinha (Coord.), *Falar de mulheres* (pp. 119-130). Lisboa: Livros Horizonte.
- Reis, H.T. & Judd, C.M. (Eds.). (2000). *Handbook of research methods in social and personality psychology*. New York: Cambridge University Press.
- Reis, J. (1988). O analfabetismo em Portugal no século XIX: Algumas reflexões em perspectiva comparada. In *1º Encontro de História da educação em Portugal. Comunicações* (pp. 75-79). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reis, M. de F. dos. (2001). A mulher e o trabalho no espaço urbano nos séculos XVII e XVIII. In C.M. da Moita, *A mulher na história - Actas dos colóquios sobre a temática da mulher 1999/2000* (pp. 203-214). Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural.
- Relvas, A.P. (2005). Família e stress: Das crises normativas às crises inesperadas. Como intervir numa perspectiva sistémica. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coord.), *Stress e bem estar* (pp. 43-58). Lisboa: CLIMEPSI.
- Reskin, B. & Padavic, I. (1994). *Women and Men at work*. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press.
- Restrepo, L.C. (2004). *Ética do amor*. Coimbra: Ariadne.

- Reto, L. & Lopes, A. (1980). Objectividade e ciências sociais – o caso da psicologia. *Análise Psicológica* 2 (1), 185-192.
- Reto, L. & Lopes, A. (1980). Objectividade e ciências sociais – o caso da psicologia. *Análise Psicológica* 2 (1), 185-192.
- Reuchlin, M. (1986). *Métodos na psicologia* (7ª ed.). Lisboa: Editorial Teorema.
- Rey, G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Reyes, M.J.A. (2008). *Nem as mulheres são tão complicadas nem os homens tão simples – Estratégias para melhorar a sua relação*. (1ª ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Ribeiro, P.C.P. (2001). O uso indevido de substâncias: esteróides anabolizantes e energéticos. [Electronic version]. *Adolescência Latinoamericana*, 2 (2).
- Ribeiro, R.B. & Surrador, A.A. (2005). Stress em contexto militar e aeronáutico. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coord.), *Stress e bem estar* (pp. 151-166). Lisboa: CLIMEPSI.
- Rice, J.A. (2006). *Mathematical statistics and data analysis* (3rd ed.). Berkeley: Duxbury Press.
- Richelle, M. (2001a). Modelo. In R. Doron & F. Parot. *Dicionário de psicologia* (pp. 503-504). Lisboa: CLIMEPSI.
- Richelle, M. (2001b). Expectativa. In R. Doron & F. Parot. *Dicionário de psicologia* (pp. 319-320). Lisboa: CLIMEPSI.
- Rico, E. (2007). *Só a água me espera* (1ª ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Rieser-Danner, L.A., Roggman, L.A. & Langlois, J.H. (1987). Infant attractiveness and perceived temperament in the prediction of attachment classifications [Electronic version]. *Infant Mental Health Journal*, 8, 144-155.
- Rita (2006). *Não contem aos nossos filhos* (1ª ed.). Cruz Quebrada: Oficina do Livro.

- Ritter, J.M., Casey, R.J. & Langlois, J.H. (1991). Adults' responses to infants varying in appearance of age and attractiveness [Electronic version]. *Child Development*, 62, 68-82.
- Robinson, W.P. (1977). *Linguagem e comportamento social*. São Paulo: Cultrix.
- Rocha, C. & Ferreira, M. (2006). *As mulheres e a cidadania*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Roche, D. (s.d./1991). Uma cama para dois. In G. Duby (Coord.), *Amor e sexualidade* (pp. 239-249). Lisboa: Terramar.
- Rocher, G. (1989a). *Sociologia geral. A acção social* (Vol. I; 4ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Rocher, G. (1989b). *Sociologia geral. A organização social*. (Vol. II; 4ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Rocher, G. (1989c) *Sociologia geral. Mudança social e acção histórica* (Vol. III; 4ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Rodrigues, A. (1986). *Psicologia social* (11ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Rodrigues, A. Assman, E.M.L. & Jablonski, B. (2002). *Psicologia social* (21ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Rodrigues, D. & Garcia-Marques, T. (2005). Marquemos o encontro ao cimo da escada. O papel da activação fisiológica na atracção interpessoal [Electronic version]. *Análise Psicológica*, 4 (23), 427-436.
- Rodrigues, N.S. (2001). A mulher na Grécia Antiga. In C.M. da Moita, *A mulher na história – Actas dos colóquios sobre a temática da mulher – 1999/2000* (pp. 81-104). Moita: Câmara municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural.
- Rogers, C. R. (s.d.). Tornar-se pessoa. Lisboa: Moraes.
- Rogers, N. (1987). *A mulher emergente. Uma experiência de vida* (4ª ed.). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.

- Rojahn, K.; Fischer, A.H. & Willemsen, T.M. (1995). The relevance of gender for female leadership in different cultural contexts: Poland and the Netherlands compared. In L. Amâncio & C. Nogueira (Ed.), *Gender management and science* (pp. 83-102). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- Rosenthal, R. (Ed.). (1979). *Skill in nonverbal communication: individual differences*. Cambridge: Gunn & Hain.
- Rossi, J.-P. e col. (s.d.). *Os métodos de investigação em psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ruas, A. (1987). Determinantes da identidade sexual - Factores genéticos e endócrinos. In F.A. Gomes; A. de Albuquerque & J. S. Nunes (Coord.), *Sexologia em Portugal* (pp. 60-63). Lisboa: Texto Editora.
- Saino, N., Romano, M. & Innocenti, P. (2006). Length of index and ring fingers differentially influence sexual attractiveness of men's and women's hands [Electronic version]. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 60 (3), 447-454.
- Sampaio, D.; Bouça, D.; Carmo, I. do & Jorge, Z. (1999). Doenças do comportamento alimentar – Manual para o clínico geral. In *Estudo de prevalência da anorexia nervosa em populações portuguesas*. Retrieved August 14, 2007 from <http://www.fcsh.unl.pt/cadeiras/ciberjornalismo/ciber2000anorexia/prev.anorexia.htm>.
- Sanguinetti, G. (1981). *Do terrorismo e do estado. A teoria e a prática do terrorismo divulgados pela primeira vez*. Lisboa: Edições Antígona.
- Santana, F.G. (1988). Fontes para o estudo dos primórdios do ensino do comércio. In *1º Encontro de História da educação em Portugal. Comunicações* (pp. 203-212). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Santos, M.A. dos, Oliveira, E.A. de, Moscheta, M. dos S., Ribeiro, R.P.P. & Santos, J.E. dos (2004). Mulheres plenas de vazío: os aspectos familiares da anorexia nervosa. [Electronic version]. *Vínculo 1* (1).
- Santos, H. (2004). Sexo para o que der e vier: Masculinidade e comportamentos preventivos face à sida. In L. Amâncio (Org.), *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 121-141). Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, M.A. (1992). *A estratégia inteligente* (1ª ed.). Lisboa: Monitor.
- Santos, M. de M. R. & Araújo, T.C.C.F. de (2004). *Intersexo: o desafio da construção da identidade de gênero [sic]* [Electronic version]. *SBPH*, 7(1), 17-28.
- Schifellite, C. (1987). Beyond Tarzan and Jane genes: Toward a critique of biological determinism. In Kaufman, M. (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 45-63). Toronto: Oxford University Press Canada.
- Schultz, D.P. & Schultz, S.E. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Scott, J.W. (s.d./1991). A mulher trabalhadora. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XIX* (Vol IV, pp. 443-475). Porto: Afrontamento.
- Segal, L. (1990). *Slow motion: Changing men, changing masculinities*. London: Virago.
- Selltiz, C., Wrightsman, L.S. & Cook, S.W. (1977). *Les méthodes de recherche en sciences sociales*. Montréal: Les Éditions HRW.
- Serebro, H. (1996). *Stress, spasm, and you*. St Helier: Petiolate Publications Ltd.
- Serra, A.V. (2002). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Autor.
- Serra, A.V. (2003). *O distúrbio de stress pós-traumático* (1ª ed.). Linda-a-Velha: Vale & Vale Editores.

- Serra, A.V. (2005). As múltiplas facetas do stress. In A.M. Pinto & A.L. da Silva (Coord.), *Stress e bem estar* (pp. 17-42). Lisboa: CLIMEPSI.
- Sheldon, K.M. (2007). Gender differences in preferences for single ads that proclaim extrinsic versus intrinsic values [Electronic version]. *Sex Roles*, 57 (1-2), 119-129.
- Sigurtá, R. (1982). Delineamentos psicológicos da moda masculina. In U. Eco, R. Sigurtá, M. Livolsi, F. Alberoni, G. Dorfles & G. Lomazzi. *Psicologia do vestir*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Silva, A. da (1988). *Entrevista à RTP*. Lisboa. 6 de Agosto.
- Silva, A.S. & Pinto, J.M. (Orgs). (1986). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, C.G. da. (2001). O rosto feminino dos judeus e muçulmanos na Idade Média. In C.M. da Moita, *A mulher na história - Actas dos colóquios sobre a temática da mulher 1999/2000* (pp. 151-180). Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural.
- Silva, M. (2003). As mulheres face aos desafios da globalização. In Z.O. de Castro (Dir.) A.F. de Sousa e M. Favinha (Coord.), *Falar de mulheres* (pp. 99-106). Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, M.S. (2001). As mulheres cristãs nas cidades da Idade Média. In C.M. da Moita, *A mulher na história - Actas dos colóquios sobre a temática da mulher 1999/2000* (pp.143-150). Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural.
- Simpson, J.A. & Gangestad, S.W. (1992). Sociosexuality and romantic partner choice [Electronic version]. *Journal of Personality* 60 (1), 31-51.
- Singh, D. (s.d.). *An evolutionary theory of female physical attractiveness*. Retrieved April 11, 2008 from http://www.psichi.org/pubs/articles/article_548.asp.

- Sissa, G. (s.d.) Filosofias do género: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. A Antiguidade* (Vol I, pp. 79-125). Porto: Afrontamento.
- Skrzypczak, J.-F. (s.d.). *O inato e o adquirido – Desigualdades “naturais”. Desigualdades sociais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Skyzner, R. & Cleese, J. (s.d.). *Famílias e como (sobre) viver com elas*. Porto: Afrontamento.
- Smith, C.J. (1988). *Public problems*. New York: The Guilford Press.
- Smith, D.E. (1990). *The conceptual practices of power*. Toronto: University of Toronto Press.
- Soczka, L. (1988). Ecologia social do risco psicológico em meio urbano. *Psicologia* 6 (3), 307-346.
- Soczka, L. (1993). Para uma perspectiva ecológica em psicologia social. In J. Vala & M.B. Monteiro (Ed.), *Psicologia social* (pp. 385-415). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soczka, L. & Vieira, A.B. (1981). Agressão e contra-agressão – para uma leitura etológica dos caminhos da violência. *Psicologia* 2 (4), 285-317.
- Soriano, R.R. (2004). *Manual de pesquisa social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Sousa, A. de (2000). *Diálogos com Agostinho da Silva. O Império acabou. E agora?* Lisboa: Editorial Notícias.
- Sousa, E. (1993). Atribuição: Da inferência à estratégia de comportamento. In J. Vala & M.B. Monteiro (Coord.), *Psicologia social* (pp. 141-165). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Souza, F.C. de. (s.d.). *A prática pedagógica na escola: Reprodução de estereótipos sexuais*. Retrieved September 19, 2007 from www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0712p.PDF.
- Sprecher, S., Regan, P.C., McKinney, K., Maxwell, K. & Wazienski, R. (1997). *Preferred level of sexual experience in a date or mate: The merger of two methodologies*. Retrieved March 24, 2008 from <http://www.questia.com/googleScholar.qst?docId=5001522266>.
- Stephan, C.W., & Langlois, J.H. (1984). Baby beautiful: Adult attributions of infant competence as a function of infant attractiveness. [Electronic version]. *Child Development*, 55, 576-585.
- Sternberg, R.J. (2000). *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre : ARTMED.
- Sternberg, R.J. (2003a). *The psychologists companion – A guide to scientific writing for students and researchers* (4th ed.). New York: Cambridge University Press.
- Sternberg, R.J. (2003b). Biological intelligence. In R.J. Sternberg & E.L. Grigorenko (Ed.), *The psychology of abilities, competences, and expertise* (pp. 240-262). New York: Cambridge University Press.
- Sternberg, R.J. & Grigorenko, E.L. (2003). *Inteligência plena – Ensinando e incentivando a aprendizagem e a realização dos alunos*. (M.A.V. Veronese, Trad.). São Paulo: ARTMED.
- Surfistinha, B. (2007). *O doce veneno do escorpião. O diário íntimo de uma garota de programa brasileira* (6^a ed.). Queluz de Baixo: Editorial Presença.
- Swami, V. & Tovée, M.J. (2005). Male physical attractiveness in Britain and Malaysia: A cross-cultural study. *Body Image*, 2 (4), 383-393.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Vol I. Lisboa: Livros Horizonte.

- Tan, D.T.Y. (1995). Attitudes and attraction: A developmental study of the similarity-Attraction and dissimilarity-repulsion hypotheses [Electronic version]. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21 (9), 975-986.
- Tannen, D. (1990). *You just don't understand: Women and men in conversation*. New York: Ballantine.
- Tap, P. (s.d.). *A sociedade Pigmalião – Integração social e realização da pessoa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tap, P. (2008). Comunicação pessoal, proferida em 13 de Março de 2008.
- Tasso, V. (2007). *Paris à noite* (1ª ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Tate, C. (2008). An appetite for destruction: Agression and the Batman. In R.S. Rosenberg (Ed.), *The psychology of superheroes – Un authorized exploration* (pp. 135-145). Dalas: BenBella Books.
- Tavares, J. & Alarcão, I (1992). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem* (1ª ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- Tavares, M. (2003). A partilha do político – A paridade. In Z.O. de Castro (Dir.); A.F. de Sousa e M. Favinha (Coord.), *Falar de mulheres* (pp. 107-118). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tawil, M. (2005). *Mundo fashion*. São Paulo: Celebris.
- The Presidential Commission on the Assignment of Women in the Armed Forces (1993). *Women in Combat. Report to the President*. McLean, CA: Brassey's.
- Thébaud, F. (s.d.). Introdução. In G. Duby & M. Perrot. (Dir.), *História das mulheres. O século XX* (Vol V, pp. 9-23). Porto: Afrontamento.
- Thébaud, F. (s.d.). A Grande Guerra. In G. Duby & M. Perrot. (Dir.), *História das mulheres. O século XX* (Vol V, pp. 31-93). Porto: Afrontamento.

- Thines, G. & Lempereur, A. (Dir.). (1984). *Dicionário geral das ciências humanas*. Lisboa: Edições 70.
- Thomas, Y. (s.d.). A divisão dos sexos no direito romano. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. A Antiguidade* (Vol I, pp. 127-199). Porto: Afrontamento.
- Thornhill, R. & Gangestad, S.W. (2007). Human facial beauty [Electronic version]. *Human Nature*, 4 (3), 237-269.
- Tijus, C. (2003). *Introdução à psicologia cognitiva*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Tordjman, G. (1988). *A mulher e o prazer*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Touraine, A. (1982). *Pela psicologia* (1ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.
- Touraine, A. (2007). *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes.
- Townsend, C. (2008). *De cama em cama*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Townsend, J.M. (1995). Sex without emotional involvement: An evolutionary interpretation of sex differences [Electronic version]. *Archives of Sexual Behavior*, 24, 2, 173-206.
- Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Editora Atlas.
- Tubre, K.R. (s.d.). *First impresions: The effect of attractiveness and personality on pursuing dating relationships and friendships*. Retrieved May 30, 2008 from <http://clearinghouse.missouriwestern.edu/manuscripts/195.asp>.
- Turner, B.S. (1989). *Status*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Tvnet (2007). *Indústria da moda quer combater anorexia*. Retrieved August 14, 2007 from <http://www.tvnet.pt/noticias/detalhes.php?id=1122>.
- Urbaniak, G.C. & Kilmann, P.R. (2003). *Physical attractiveness and the “nice guy paradox”*: Do nice guys really finish last? Retrieved March 24, 2008 from

http://goliath.ecnext.com/coms2/gi_0199-1166475/Physical-attractiveness-and.the-nice-guy-paradox.

- Ussel, J.v. (1975). *História da repressão sexual*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Vala, J. (1993). Representações sociais – Para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M.B. Monteiro (Coor.), *Psicologia social* (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valabrègue, C. (1972). *L'éducation sexuelle à l'étranger*. Tournai : Casterman.
- Vaquinhas, I. (2005). *Nem gatas nem borralheiras, nem bonecas de luxo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vecchio, S. (1990). A boa esposa. In G. Duby & M. Perrot (coord.), *História da mulher – Idade Média* (Vol II, pp. 143-183). Porto: Afrontamento.
- Veil, C. (1968). *Handicap et société*. Paris: Flammarion, Éditeur.
- Velho, G. (1985a). O estudo do comportamento desviante: A contribuição da antropologia social. In G. Velho (Org.), *Desvio e divergência. Uma crítica da patologia social* (pp. 11-28). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Velho, G. (1985b). Estigma e comportamento desviante em Copacabana. In G. Velho (Org.), *Desvio e divergência. Uma crítica da patologia social* (pp. 116-124). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Velho, O.G. (Org.). *O fenômeno [sic] urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Vernon, M.D. (1973). *Motivação humana*. Petrópolis: Vozes
- Veyne, P. (s.d./1989). O Império Romano. In P. Ariès & G. Duby (Dir.), *História da vida privada: Do Império Romano ao ano 1000* (Vol I, pp. 19-224). Lisboa: Edições Afrontamento.

- Vicente, A.B. (2001). A mulher na ruralidade medieval. In C.M. da Moita, *A mulher na história - Actas dos colóquios sobre a temática da mulher 1999/2000* (pp. 125-141). Moita: Câmara Municipal da Moita/Departamento de Acção Sócio-Cultural.
- Vieira, C.M.C. (2006). *É menino ou menina?* Coimbra: Edições Almedina.
- Vincent, G. (1991). Uma história do segredo? In P. Ariès & G. Duby. (Dir.). *História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias* (Vol V, pp. 155-389). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Vincent, J.-D. (s.d.). *Biologia das paixões*. Mem Martins: Europa-América.
- Virton, P. (1979). *Os dinamismos sociais. Iniciação à sociologia* (3ª ed.). Lisboa: Moraes.
- Voland, E. (s.d.). *Elementos de sociobiologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Walkovitz, J.R. (1991/s.d.). Sexualidades perigosas. In G. Duby & M. Perrot (Dir.), *História das mulheres. O século XIX* (Vol IV, pp. 403-441). Porto: Afrontamento.
- Walster, E., Aronson, V., Abrahams, D. & Rottman, L. (1966). The importance of physical attractiveness in dating behavior [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 508-516.
- Webster's new world dictionary of the american language*. (1979). New York: Simon & Schuster
- Weil, P. (1976). *Mística do sexo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.
- Wells, A. & Matthews, G. (2001). *Atenção e emoção. Uma visão clínica*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Wernick, A. (1987). From voyeur to narcissist: A imagem do homem na publicidade contemporânea. In M. Kaufman (Ed.), *Beyond patriarchy. Essays by men on pleasure, power, and change* (pp. 277-297). Toronto: Oxford University Press Canada.

- Whitman, W. (1992). *Canto de mim mesmo*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Williams, J.H. (1983). The emergence of gender differences. In W. Damon. (Ed.), *Social and personality development – Essays on the growth of the child* (pp. 335-353.). New York: W. W. Norton & Company.
- Williams, J.M.G, Watts, F.N., McLeod, C. & Mathews, A. (2000). *Psicologia cognitiva e perturbações emocionais*. Lisboa: CLIMEPSI.
- Wirth, L. (1938). O urbanismo como modo de vida. In O.G. Velho (Org.), *O fenômeno [sic] urbano* (pp. 90-113). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Wittenbrink, B., Judd, C.M. & Park, B. (2001). Evaluative versus conceptual judgments in automatic stereotyping and prejudice [Electronic version]. *Journal os Experimental Social Psychology*, 37, 244-252.
- Wolf, T. (1992). *A fogueira das vaidades*. Lisboa: Dom Quixote.
- Wright, P.H. (1982). Men's friendships, women's friendships and the alleged inferiority of the latter. *Sex Roles*, 8, 1-20.
- Yourcenar, M. (s.d.). *Testemunha do sonho*. Lisboa: Distri Editora – Círculo de Leitores.
- Zeitlin, I.M. & Brym, R.J. (1991). *The social condition of humanity*. Toronto: Oxford University Press.
- Zunich, M. (1964). Children's reactions to failure. *Journal of Genetic Psychology* 104, 19-24.